

Carolina Giordano Bergmann

A relação do idoso com o aprendizado musical

São Paulo

Junho/2012

Carolina Giordano Bergmann

A relação do idoso com o aprendizado musical

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para obter o título de Mestre em Música junto ao Programa de Pós-Graduação em Música.

Orientadora:

Profa. Dra. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” (UNESP)
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

São Paulo

Junho/2012

**Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e
Documentação do Instituto de Artes da UNESP**

(Fabiana Colares – CRB 8/7779)

Bergmann, Carolina Giordano, 1980-

B493r A relação do idoso com o aprendizado musical / Carolina Giordano

Bergmann – São Paulo, 2012.

249 f.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada.

Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Artes, 2012.

1. Música – Instrução e estudo – Idosos. 2. Educação musical – Idosos.
3. Idosos. 4. Gerontologia. I. Fonterrada, Marisa Trench de Oliveira. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD – 780.7

A relação do idoso com o aprendizado musical

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, para obtenção do Título de Mestre, defendida por Carolina Giordano Bergmann e aprovada em 25 de junho de 2012, em São Paulo-SP, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada
Presidente – Orientadora
Instituto de Artes/Unesp

Profa. Dra. Maria Helena Villas Boas Concone
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Sônia Regina Albano de Lima
Instituto de Artes/Unesp

Dedico este trabalho aos meus avós Vito Giordano e Zoldan Bergmann, que sempre me mostraram o quanto a alegria é importante para se viver feliz!

Agradecimentos

À minha orientadora Marisa, pela amizade, paciência, aprendizado, incentivo, dedicação, mas, principalmente, por acreditar em mim. Não há palavras que possam descrever o quanto você me fez crescer.

À Profa. Dra. Sônia Albano e Profa. Dra. Maria Helena Villas Boas Concone pelas orientações e contribuições no exame de Qualificação e pelo carinho com que olharam para este trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UNESP e seus funcionários, pelo profissionalismo e cordialidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, pelo acesso a disciplinas que contribuíram para a construção desta pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

À Arquidiocese de Campinas e ao CEMULC, especialmente aos seus coordenadores, professores e alunos, pela atenção e cordialidade com que me receberam e por aceitar fazerem parte deste trabalho.

Aos idosos entrevistados: Nivaldo, Maria Helena, Alice e Edson. Agradeço pela confiança depositada em mim, pelo tempo que me dedicaram e por suas vozes que compartilharam experiências e histórias tão ricas. Vocês **são** este trabalho.

Agradeço aos amigos do GEPEM pela amizade, apoio e companheirismo.

À amiga Leila Vertamatti pelas “hospedagens”, mas principalmente, pela amizade e carinho nas horas em que mais precisei.

À Noris, amiga e professora de piano, pelo carinho, paciência e dedicação durante todos estes anos. Você me ensinou a amar a música.

À amiga Diva Martinelli e sua família, pela torcida e apoio mesmo estando longe. Sou feliz e grata por ter amigos como vocês.

À minha tia, Cristina Bergmann, que sempre manteve as portas de sua casa abertas para me receber e por ser a minha família em São Paulo, tornando meu período longe de casa mais agradável.

Ao meu irmão Alex, por me mostrar o quanto é importante amar aquilo que se faz.

Agradeço aos meus pais, pelo exemplo, amor incondicional e apoio que sempre deram as minhas decisões e sonhos. O que sou hoje, devo à vocês.

Ao Rafael, meu amor, meu companheiro e melhor amigo. Só posso dizer que sem você, eu não teria conseguido. Muito obrigada pela sua paciência, seu amor e apoio incondicionais.

A todos que, de alguma forma, colaboraram com este trabalho.

“Qualquer discussão a respeito de música e educação será uma tentativa de responder a quatro perguntas básicas: por que ensinar música? O que deve ser ensinado? Como deve ser ensinado? Quem deve ensinar?”

R. Murray Schafer

Resumo

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Campinas-SP, com idosos que frequentavam aulas de música do Curso de Extensão em Música Litúrgica da Arquidiocese de Campinas – CEMULC. O objetivo inicial da pesquisa foi saber qual a influência da educação musical na memória, concentração, coordenação motora, socialização e disposição, colhendo opiniões dos idosos que participaram das aulas. Buscou-se ainda compreender suas percepções e representações simbólicas acerca da música e do fazer musical, conhecer seus gostos e preferências e entender suas relações com a música. A pesquisa foi de caráter qualitativo, adotando-se a metodologia de estudo de caso. Usou-se a observação direta não participante e a realização de entrevista semiestruturada, com quatro idosos de diferentes turmas do curso, para a coleta de dados. O referencial teórico utilizado para a análise dos dados e a fundamentação da pesquisa se baseou em Ecléa Bosi, para tratar das questões referentes à memória e lembranças; Simone de Beauvoir, que contribuiu com suas análises sociais e históricas a respeito do envelhecimento e da velhice; e no *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, compêndio de artigos abordando diversos temas relacionados ao envelhecer. Na área de Educação Musical, buscou-se apoio em John Paynter e Murray Schafer, educadores musicais da segunda geração, que trabalham com a proposta de um ensino de música baseado na criatividade, no fazer musical e na escuta. A análise dos dados destacou alguns aspectos interessantes a respeito da educação musical e dos idosos, como a busca das aulas de música para a satisfação de um desejo ou necessidade, como se fosse a realização de um sonho que não pôde ser vivido anteriormente; a importância do apoio familiar para iniciar e dar continuidade aos estudos; a constatação de que os idosos têm capacidade de aprender coisas novas; e a contribuição da música para a melhoria da qualidade de vida quando promove a integração e a socialização, o preenchimento do tempo livre e a utilização dos recursos intelectuais e emocionais.

Palavras-chave: Educação Musical, Idoso, Gerontologia.

Abstract

This research was held in Campinas-SP, with elderly who attended music classes in the Extension Course in Liturgical Music of the Roman Catholic Archdiocese of Campinas – CEMULC. The initial goal of the research was to know the influence of musical education in memory, concentration, motor coordination, socialization and provision, reaping reviews of seniors who participated in lessons. Also, it tried to understand their symbolic representations and perceptions about music and making music, to know their tastes and preferences, and to understand their relationship with music. The research was qualitative, adopting the methodology of case study. It was used the direct non-participant observation and semistructured interviews, with four elderly of different classes of the course, to collect data. The theoretical reference used for data analysis and research basis was based on Ecléa Bosi, for issues relating to memory and recollections; on Simone de Beauvoir, who contributed with her social and historical analyses regarding aging and old age; and on *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, compendium of articles addressing various issues related to aging. In the field of music education, we sought support in John Paynter and Murray Schafer, second-generation musical educators who worked with the proposal of music education based on creativity, making music and listening. Data analysis has highlighted some interesting aspects about musical education and elderly, as the pursuit of music lessons for satisfying a desire or need, as if it was a dream that could not be lived previously; the importance of family support for starting and continuing studies; the fact that the elderly have the capacity to learn new things; and the music's contribution to improve quality of life when promoting integration and socialization, filling out free time and the use of intellectual and emotional capabilities.

Keywords: Music Education, Elderly, Gerontology.

Sumário

Introdução	p. 1
1 O envelhecimento	p. 13
1.1 O envelhecimento populacional	p. 13
1.2 As teorias gerontológicas	p. 15
1.3 Envelhecimento ativo	p. 18
1.4 O papel do idoso	p. 21
1.5 O aprendizado na velhice	p. 23
2 O CEMULC	p. 29
2.1 A origem	p. 29
2.2 Sua estrutura	p. 30
2.3 O período de observação	p. 32
2.3.1 Técnica Vocal I	p. 33
2.3.2 Percepção Musical I	p. 36
2.3.3 Canto Gregoriano I	p. 43
2.3.4 Canto Coral I	p. 49
2.3.5 Intervalos de aulas	p. 52
2.3.6 Teclado – Optativa	p. 54
3 As entrevistas	p. 61
3.1 Os entrevistados	p. 65
3.1.1 Nivaldo Monteiro Filho	p. 65

3.1.2	Maria Helena Garcia de Sales	p. 66
3.1.3	Alice Maria Marques	p. 68
3.1.4	Edson Flávio Mariano	p. 70
3.2	Os temas	p. 72
3.2.1	Memórias sonoras	p. 72
3.2.2	A paisagem sonora contemporânea	p. 75
3.2.3	Lembranças de uma antiga paisagem sonora	p. 77
3.2.4	As pedras no caminho: dificuldades no aprendizado de música	p. 79
3.2.5	A música e sua influência em aspectos físicos, sociais e sentimentais	p. 86
3.2.6	Por que estudar música?	p. 91
3.2.7	Lembranças e fatos, atuais e passados, relacionados à música	p. 95
3.2.8	Variações de temas	p. 98
4	O que falam as entrevistas	p. 105
4.1	Discutindo as memórias sonoras	p. 105
4.2	A respeito da paisagem sonora contemporânea	p. 109
4.3	A paisagem sonora do passado	p. 111
4.4	Transpondo as pedras no caminho	p. 113
4.5	A música e sua influência em aspectos físicos, sociais e sentimentais	p. 119
4.6	E afinal, por que estudar música?	p. 124
4.7	Lembranças e fatos, atuais e passados, relacionados à música	p. 128
4.8	Discutindo as variações de temas	p. 129
	Considerações Finais	p. 133
	Referências Bibliográficas	p. 139
	Bibliografia Consultada	p. 145

Anexo A – Calendário escolar 2011 do CEMULC	p. 149
Anexo B – Quadro de horários do I semestre do CEMULC	p. 153
Anexo C – Letras dos cantos da missa de Corpus Christi	p. 155
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	p. 161
Apêndice B – Roteiro das entrevistas	p. 163
Apêndice C – Entrevistas na íntegra	p. 167
C.1 Nivaldo Monteiro Filho	p. 167
C.2 Maria Helena Garcia de Sales	p. 179
C.3 Alice Maria Marques	p. 197
C.4 Edson Flávio Mariano	p. 207
Apêndice D – Fotos da Missa de Corpus Christi realizada em 25/6/2011	p. 223

Lista de Figuras

1	Pirâmide da população mundial em 2002 e em 2025.	p. 15
2	Comam do pão, bebam do cálice.	p. 40
3	Eu sei que vou te amar.	p. 40
4	Oração de São Francisco.	p. 41
5	Neumas dos séculos XI e XII.	p. 44
6	Partitura em Gregoriano de <i>Victimae Paschali Laudes</i>	p. 45
7	Partitura em notação moderna de <i>Victimae Paschali Laudes</i>	p. 46
8	Modos Eclesiásticos	p. 48
9	Endecagrama	p. 55

Lista de Tabelas

1	Disciplinas Observadas.	p. 33
2	Dificuldades relatadas pelos entrevistados.	p. 115
3	Tipos de dificuldades.	p. 115
4	Preferências musicais.	p. 118
5	Sentimentos que motivam a prática musical.	p. 121
6	Sentimentos que surgem durante a prática musical.	p. 121
7	Sentimentos que surgem na sala de aula.	p. 121
8	Importância das aulas.	p. 122
9	Influência das aulas em aspectos físicos e sociais.	p. 122
10	Influência das aulas na percepção.	p. 123
11	Motivos para não ter estudado música formalmente.	p. 124
12	Onde ocorreu o contato com música antes do CEMULC.	p. 125
13	Motivos para estudar música no CEMULC.	p. 126

Introdução

A presente pesquisa trata da relação de alguns idosos com a música e com as emoções e sentimentos que ela desperta, os problemas enfrentados nessa relação, como é possível enfrentar esses problemas e que estratégias podem ser utilizadas para que essas pessoas tenham uma velhice confortável e positiva. Entende-se que conhecer a potencialidade dos idosos e considerar que esta pode ser trabalhada através da prática da música pode levá-los a preservar e desenvolver suas habilidades e capacidades específicas e a manter sua alegria e conexão com a vida. A afirmação de que a prática da música atua positivamente no ser humano e, portanto, nas pessoas idosas tem sido reconhecida em inúmeros estudos. Neles vemos a música relacionada com a melhora da autoestima, da autoconfiança e da autoexpressão (LUZ, 2008; ARAÚJO, 2006; PINTO, 2002; LODOVICI NETO, 2006; CORONAGO, 2009), com o desenvolvimento da criatividade (ARAÚJO, 2006), a música como forma de evitar a depressão e ganhar entusiasmo (FERREIRA, 2011; LODOVICI NETO, 2009), uma auxiliar para os cuidados com idosos (BURLÁ; PY; SCHARFSTEIN, 2010) e como motivadora para o aprendizado (LOPES, 2008).

De acordo com o Estatuto do Idoso elaborado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2003), idoso é a pessoa com idade igual ou superior a sessenta anos. Segundo o IBGE (2008, p. 51) “[...] em 2008, enquanto as crianças de 0 a 14 anos de idade correspondiam a 26,47% da população total, o contingente com 65 anos ou mais de idade representava 6,53%. Em 2050, o primeiro grupo representará 13,15%, ao passo que a população idosa ultrapassará os 22,71% da população total [...]”

Observa-se, dessa forma, um aumento da proporção de idosos na população que não ocorre apenas no Brasil, mas em outras partes do mundo. O IBGE, em 2002, lançou um documento em que afirma a importância do debate no que se refere à capacidade de adaptação da sociedade, diante da taxa de participação de idosos, que vem crescendo nos últimos anos.

Com uma previsão de aumento em tal proporção, resta-nos saber se a sociedade está preparada para lidar com essa população. As informações do IBGE nos servem de alerta para começarmos a pensar não apenas em políticas para o idoso mas em práticas adequadas a ele.

Por ser essa uma condição nova, os trabalhos dedicados a esse tema ajudam a esclarecer diversos aspectos, possibilitando que a sociedade se instrumentalize de modo adequado para

lidar com ela. A observação dos profissionais que trabalham com idosos talvez auxilie na compreensão das formas e métodos de ensino mais adequados para esse grupo, contribuindo para a formação dos profissionais na área da Educação Musical e trazendo novas informações a respeito do processo de educação musical e suas consequências.

A esse respeito, lembre-se que o recurso de nomear a população idosa com cognomes carinhosos ou depreciativos indicam claramente a dificuldade da sociedade em lidar com essa população. Essa situação é trazida por Neri e Freire (2000, p. 14), quando afirmam:

A adoção de designações-fantasia para tratar do que pertence ao domínio dos anos mais tardios da vida é um sinal da existência de preconceitos. Sejam eles negativos ou positivos, as palavras que os denunciam são ilusórias do ponto de vista do que ocorre na realidade social. Por esses motivos, é melhor utilizar as palavras “velho” ou “idoso” para designar pessoas idosas, “velhice” para falar da última fase do ciclo vital, e “envelhecimento” para tratar do processo de mudanças físicas, psicológicas e sociais que se acentuam e se tornam mais perceptíveis mais ou menos a partir dos 45 anos.

A opinião acima é corroborada por Cachione e Palma (2006, p. 1462), quando afirmam: “Ao empregar termos eufemísticos e metáforas para se referir à velhice, tanto o indivíduo como a sociedade expõem seus preconceitos em relação a essa fase da existência.” A mudança de nomes não altera a realidade e a situação vivida pelos idosos na sociedade. Para tratar o tema de forma clara e direta, sem mascarar a realidade, optou-se, neste trabalho, por utilizar os termos *idoso*, *velhice* e *envelhecimento*, conforme sugestão desses autores.

Um dos motivos para esse despreparo da sociedade em lidar com o crescente segmento da população idosa, cujos indícios se mostram, entre outros, nos títulos de fantasia que designam esse segmento – com termos como “melhor idade”, por exemplo –, é o fato de essa situação ser ainda recente na vida do país e não se ter, muitas vezes, procedimentos considerados adequados e pertinentes em relação aos indivíduos dessa faixa etária. Mas, independentemente da maneira como se nomeiam os velhos, o fato é que a velhice e a presença de velhos não é uma novidade. O que talvez esteja acontecendo é que a quantidade de idosos aumentou proporcionalmente ao total da população nos últimos anos, ganhou visibilidade por causa da mídia e das políticas públicas implementadas e tem deixado a sociedade confusa a respeito da melhor maneira de lidar com ela e com a velhice.

De acordo com dados do IBGE (2008, p. 44),

[...] em 1940, a vida média do brasileiro mal atingia os 50 anos de idade (45,50 anos). Os avanços da medicina e as melhorias nas condições gerais de vida da população repercutiram no sentido de elevar a expectativa de vida ao nascer, tanto que, 68 anos mais tarde, este indicador elevou-se em 27,28 anos

(72,78 anos, em 2008). A barreira dos 70 anos de vida média foi rompida por volta do ano 2000, quando se observou uma esperança de vida ao nascimento de 70,40 anos. Segundo a projeção, o Brasil continuará galgando anos na vida média de sua população, alcançando, em 2050, o patamar de 81,29 anos [...].

O envelhecimento da população está exigindo e continuará a exigir adaptação dos vários segmentos da sociedade. Desde o acesso aos estabelecimentos até a oferta de serviços, muito terá que ser repensado e adequado para atender a esse *novo* público.

Ainda de acordo com o IBGE (2008, p. 66),

[...] as rápidas transformações no perfil demográfico do Brasil em direção a uma população bastante envelhecida devem ser acompanhadas por medidas que promovam o bem-estar da sociedade, que logo estará frente a situações pouco comuns até um passado recente [...]. Face a este novo cenário, o mobiliário urbano, as edificações públicas, privadas e para fins de moradia, os meios de transporte público, os conteúdos das disciplinas associadas à área médica, o próprio mercado de trabalho, os sistemas público e privado de saúde, bem como a previdência e a assistência social deverão passar por reestruturações para assegurar a inclusão, na família, na cidade e na sociedade de modo geral, de um contingente a cada dia mais volumoso de idosos.

Por conta dessa série de circunstâncias, pesquisas sobre o envelhecimento e o idoso são mais do que necessárias, visto ser uma preocupação cada vez maior compreender essa fase da vida humana. Nesse sentido, acredita-se que a área de Artes, especialmente a música, talvez possa desempenhar um papel relevante, como preciosa auxiliar nessa compreensão.

De fato, a sociedade começa a despertar para o potencial da música e para os estudos que têm sido feitos para verificar se ela exerce ou não alguma influência na vida das pessoas, especialmente dos idosos¹. Observa-se que a música é bastante utilizada em projetos sociais voltados para crianças e adolescentes e muito já foi dito e estudado a respeito da educação musical dirigida especialmente a esse público. Essa tendência, nos últimos anos, vem sendo modificada, pois os adultos, e em especial os idosos, vêm despertando o interesse de educadores e pesquisadores, o que abre um campo de pesquisa interessante e atual nas áreas de Gerontologia e Educação Musical.

As diversas atividades musicais existentes colocam os participantes nas posições de ouvinte, intérprete e compositor, proporcionando interação com a música das mais diversas formas. Cabe ao educador musical encontrar a melhor forma de promover essas interações, o que talvez exija, no caso do idoso, uma adequação das atividades e metodologias existentes a esse público-alvo. Porém, conforme afirma Marcelo Caires Luz (2008, p. 17), educador musical, “a concretização

¹Para alguns exemplos veja Luz (2008), Zampronha (2007), Pinto (2002) e Lodovici Neto (2006; 2009).

dessas propostas destinadas ao público idoso defronta-se com inúmeras dificuldades, entre as quais o fato de não existirem profissionais devidamente qualificados para planejá-las e executá-las.”

Essa afirmação não deixa de ser um tanto radical, pois embora a área ainda esteja buscando maneiras de lidar com a música na população idosa, tem-se conhecimento de trabalhos que fazem essa união e aplicam atividades de música a essa faixa etária.

A pesquisa de mestrado de Alzira Araújo (2006), que envolveu a musicalização de um grupo de idosos participantes do coral da Primeira Igreja Batista de Vitória-ES durante sete meses, é um exemplo. Alguns dos resultados do trabalho foram o “desprendimento em fazer exercícios orais e coragem para criação de células rítmicas que foram repetidas pelo grupo.” (ARAÚJO, 2006, p. 85). Além disso, ao final da pesquisa muitos idosos já conseguiam reconhecer e compreender grande parte dos símbolos presentes nas partituras.

Outro exemplo é a pesquisa de Pedro Lodovici Neto (2006), que entrevistou idosos com Doença de Parkinson que participavam do coral da Associação Brasil Parkinson. O pesquisador constatou, por meio dos depoimentos dos idosos e dos profissionais que os atendiam², que mesmo a música se mostrou um excelente meio de melhorar a convivência deles com a doença. Se, em ambos os casos, as atividades não fossem propostas de forma adequada, por profissionais competentes e preparados, talvez não tivéssemos esses resultados.

A ideia inicial desta pesquisa era de que o aprendizado musical seria possível nas diversas etapas da vida, desde que o aprendiz encontrasse um ambiente favorável, professores capacitados e tivesse força de vontade e desejo de aprender. É muito categórico afirmar que idosos não aprendem ou que não há professores qualificados para trabalhar com este público. Se as condições acima citadas forem seguidas o aprendizado acontece, como as pesquisas de Araújo e Lodovici Neto demonstram.

Outra dificuldade, além da falta de profissionais habilitados a trabalhar música com idosos, é romper com alguns mitos referentes à idade e à música. São eles: o mito de o idoso não ter condições de aprender nada novo e o mito de a música só ser aprendida por aqueles que possuem alguma característica específica ou dom especial.

Com relação ao primeiro, Beauvoir (1990, p. 284) afirma: “o que é difícil para as pessoas idosas [...] é iniciar-se em tarefas novas.” Luz (2008, p. 45) contrapõe que “[...] o processo de Educação Musical é amplamente acessível na maturidade, [...] e que, no geral, a dificuldade pode não estar na incapacidade de aprendizagem musical do idoso, mas sim, no desempenho do

²Musicoterapeutas, fonoaudiólogos, fisioterapeutas.

educador quando se encontra despreparado para trabalhar com técnicas pedagógicas adequadas [...]”

Pode-se considerar que os idosos tenham mais dificuldade para aprender algo novo, entretanto isso não exclui definitivamente a possibilidade de aprendizagem nesse período da vida. O que o último autor ressalta é que essa dificuldade pode ser minimizada se o educador estiver preparado para lidar com esse público. Dessa forma, esta pesquisa pode ajudar a revelar alguns pontos sobre essa questão, quando trata das dificuldades enfrentadas pelos idosos no decorrer das aulas. Um exemplo são os resultados que Luz (2008, p. 137) observou das suas práticas aplicadas a idosos:

[...] notou-se que a aprendizagem da música levou os alunos idosos ao desenvolvimento de habilidades de memória, pensamento lógico-matemático e capacidade de análise e síntese, o que lhes possibilitou a assimilação da notação musical, do ritmo e da melodia, tendo chegado a decodificar a linguagem sonora a partir das estruturas sensoriais e simbólicas que constituem o alfabeto musical.

Virgínia Coronago (2009, p. 110), em sua pesquisa com idosos portadores de Doença de Parkinson, também aponta a existência desse mito quando reflete a respeito do seu tema de estudo:

[...] não podemos ser ingênuos ao ponto de não identificar que no ditado popular – “Papagaio véio não aprende a falá!?” – há um preconceito que está arraigado na nossa cultura. Precisamos dizer não aos mitos da improdutividade, da incapacidade, da doença que exclui e isola, e sim para a capacidade de ser cidadão – sujeito que reivindica a efetiva participação – e abrir espaços para as práticas que promovam não só a melhoria das condições de saúde mas também que proporcione aos idosos reconhecerem que têm voz, e que são sujeitos de aprendizagem e vida.

O segundo mito – que diz ser o aprendizado da música dependente da exigência de um “dom” inato – deixa de sê-lo para grande parte daqueles que trabalham com educação musical. Em geral, muitos educadores musicais sabem que não é necessário “dom especial” para aprender música; no entanto, essa ideia está, de certa forma, arraigada ao senso comum e ainda pode ser encontrada nas propostas pedagógicas de muitas escolas de música. Para estimular alguém ao aprendizado musical, muitas vezes é necessário romper com esse mito e fazê-lo perceber que tem condições de aprender.

Gainza (1988, p. 22-23) afirma que “a música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferente qualidade e grau.” Pode-se questionar qual a utilidade disso

para um idoso. Qual a finalidade de estimular ações e condutas diferentes em alguém que já se encontra no final da vida? Na verdade, o importante talvez não seja o tempo que resta a viver, mas como esse tempo será vivido. A esse respeito, veja-se o que diz Beauvoir (1990, p. 603): “A liberdade e a lucidez não servem para grande coisa, se nenhum objetivo nos solicita mais: elas têm um grande valor se ainda somos habitados por projetos. A maior sorte do velho, mais do que gozar de uma boa saúde, é sentir que, para ele, o mundo está ainda povoado de fins.” A música pode ser esse projeto, esse objetivo, esse fim.

Esse projeto pode ter dois enfoques diferentes: ser *do* idoso ou *para* o idoso. Quando se fala em projeto do idoso, considera-se a situação em que os idosos procuram aulas de música nos mais variados espaços e ambientes, por vontade própria. Os entrevistados desta pesquisa e o curso que frequentam se encaixam nesta situação. Um projeto de música para o idoso seria aquele pensado e desenvolvido especialmente para esse público-alvo, visando objetivos que podem não ser os mesmos buscados espontaneamente pelos participantes. Nesta proposta, os participantes podem ser voluntários e procurar as atividades por livre escolha ou, então, frequentá-las por ser essa sua única opção. Alguns exemplos deste último caso seriam as oficinas e cursos desenvolvidos em instituições de atendimento a idosos dirigidos especificamente para esse público.

Pode-se questionar a relevância da preocupação em oferecer educação musical para idosos. Luz (2008, p. 39) afirma que a aprendizagem na velhice é um desafio que esbarra em preconceitos com relação às capacidades dos idosos, que são frequentemente medidas e comparadas com as capacidades dos mais jovens. Virgínia Coronago (2009, p. 15) considera que nossa cultura do envelhecer tem “uma visão limitadora, preconceituosa, que vem sendo transformada lentamente, mas que carece de mais reflexão e de novos investimentos.”

Gainza (1988, p. 88) também afirma que “a educação e, portanto, a educação musical, deve ser considerada como uma contribuição sistemática ao processo de desenvolvimento integral (biopsicosocial) do ser humano.” Para que isso ocorra, os profissionais devem estar preparados para lidar com esse tipo de público. Quanto mais pesquisas nessa área, mais subsídios terá o profissional para se preparar.

Beauvoir (1990, p. 333), considera que “para se defender de uma inércia em todos os sentidos nefasta, é necessário que o velho conserve atividades; seja qual for a natureza dessas atividades. Elas trazem uma melhoria ao conjunto de suas funções.” Essa situação nos leva a refletir a respeito da importância de nos perguntarmos se as atividades musicais desenvolvidas atualmente para esse grupo específico atendem às suas necessidades, se efetivamente proporcionam o aprendizado e se acarretam melhorias em alguns aspectos da vida dos participantes,

como: concentração, memória, coordenação motora, socialização e disposição. Além disso, podemos nos questionar qual seria a relação desses idosos com a música, qual o papel que ela ocupa e o seu significado em suas vidas.

Mas não é apenas a música, enquanto linguagem artística, que provoca efeitos específicos no ser humano. Eppler (1996, p. 78), quando aborda a questão do efeito psicológico do infrassom em seu artigo *Problemas sonoros estatísticos e psicológicos da música eletrônica*, observa que “os sons ou as vibrações sonoras, conseqüentemente, geram um efeito psicofísico mesmo que se situem fora da área perceptiva sonora.” Quando se constata que mesmo os sons que não conseguimos escutar nos influenciam, podemos perguntar: que efeitos as atividades musicais podem produzir?

Para que essas questões sejam respondidas, é preciso que um profissional da área da educação musical, ligado à questão do idoso e da música, pesquise a literatura dedicada a essa temática na área de gerontologia.

Pode-se questionar, por exemplo, se o profissional que trabalhará música com os idosos está devidamente preparado e se os métodos que existem atualmente conseguem atender às especificidades desse grupo. Luz (2008, p. 46) afirma que “a Educação Musical e, especificamente, sua prática com grupos de terceira idade, coloca em questão a necessidade da preparação profissional deste músico que é, ao mesmo tempo, educador.”

As questões apontadas direcionaram a proposta da presente pesquisa, que se fundamenta em pesquisa de campo realizada na cidade de Campinas-SP, durante o primeiro semestre de 2011, com idosos que frequentavam aulas de música do Curso de Extensão em Música Litúrgica³ da Arquidiocese de Campinas – CEMULC. De acordo com a situação apresentada, esta pesquisa se desenvolveu na perspectiva de uma educação musical *do* idoso, e não *para* o idoso, visto que em nenhum momento o curso se propõe a desenvolver atividades específicas para alunos dessa faixa etária, mas foram os próprios idosos que se adequaram a ele. Porém, as questões e observações levantadas neste trabalho poderão contribuir também para os projetos que se desenvolvem seguindo a linha de um projeto de educação musical *para* o idoso.

A questão inicial foi descobrir se, para a população estudada, a música teria, realmente, a função apontada, de contribuir para seu desenvolvimento e bem-estar. O objetivo inicial da pesquisa, portanto, foi procurar saber qual era a influência da educação musical na memória, concentração, coordenação motora, socialização e disposição dessa população. Esse objetivo foi procurado na opinião dos idosos que participavam das aulas e, até o momento das entrevistas era considerado como o objetivo principal do trabalho.

³Liturgia católica.

Nesta investigação visou-se compreender, também, suas percepções e representações simbólicas acerca da música e do fazer musical, conhecer seus gostos e preferências e entender a relação que eles têm com a música. Por meio da análise de suas respostas aos questionamentos das entrevistas realizadas durante a pesquisa esperava-se descobrir qual era o significado dessa atividade artística em suas vidas. Sabe-se da importância da memória na relação homem-música, portanto uma das ações realizadas com os idosos por meio das entrevistas foi o resgate de sua memória enquanto retentora de eventos musicais importantes para cada um deles. Esses dois aspectos, tidos como objetivos secundários, mostraram-se, no decorrer das falas, mais relevantes do que o objetivo principal e foram temas de que os idosos trataram com maior prazer e atenção. A questão da influência da música em aspectos da saúde, psicológicos, cognitivos e sociais não foi abordada com tanta ênfase pelos entrevistados e por isso foi necessário fazer uma alteração na priorização dos objetivos do trabalho, para que a pesquisa se alinhasse à realidade encontrada. Nesse remanejamento de prioridades, os objetivos continuaram os mesmos, mas a ênfase da análise recaiu sobre os objetivos até então secundários, que passaram a ser vistos como principais.

Na condução dos procedimentos necessários à consecução da pesquisa, foi necessário estabelecer um roteiro a ser seguido, a fim de atingir os objetivos já apontados. Os procedimentos assentaram-se na tradição da pesquisa qualitativa, adotando-se, como metodologia, o estudo de caso. No que se refere à coleta de dados, os procedimentos metodológicos foram de observação direta – observação não participante – e de realização de entrevista em duas etapas.

Segundo Lüdke e André (1986), o estudo de caso de caráter qualitativo tem grande potencial como auxiliar na compreensão de problemas escolares. Embora este projeto não se refira especificamente à escola e a dificuldades ligadas às instituições educativas do sistema de ensino brasileiro, a metodologia pareceu adequada para a investigação em tela, uma vez que permitiu um olhar sobre a instituição que abriga os idosos, os profissionais que desenvolvem o trabalho de ensino de música naquela instituição e o próprio público-alvo, que foi observado e entrevistado no decorrer do processo de pesquisa.

Durante a primeira etapa do trabalho, a pesquisadora procurou identificar uma instituição que oferecesse aulas de música e tivesse alunos idosos em suas turmas. Por indicação de um colega que cursava com a pesquisadora disciplina ligada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, chegou-se ao CEMULC, onde vários idosos frequentavam regularmente os cursos de música, assistindo a aulas tanto teóricas quanto práticas.

Na segunda etapa do trabalho, durante os meses de março a junho, foram realizadas visi-

tas à instituição, para observação direta das atividades desenvolvidas. Pretendia-se, com essa aproximação, entender o funcionamento do curso de música e, ao mesmo tempo, aproximar-se dos idosos e procurar os que se sentissem à vontade para serem entrevistados pela pesquisadora. Desde o primeiro dia na instituição explicou-se o porquê da sua presença e esclareceram-se para eles os objetivos da pesquisa.

Para colher dados dos idosos, foram feitas entrevistas semiestruturadas, pois essa técnica dá maior liberdade ao pesquisador – que pode trazer informações não inicialmente contidas nas questões propostas – e, conseqüentemente, mostra-se mais rica do que a entrevista estruturada. Nesta pesquisa, havia um roteiro básico que servia de guia, mas, em sua realização, o entrevistado não ficava restrito a ele, o que lhe permitia, caso o desejasse, avançar em outras explicações e considerações.

Também buscou-se compreender, pelas entrevistas, as percepções que os idosos entrevistados mostravam em relação à música e ao fazer musical, bem como conhecer seus gostos e preferências, entender a relação estabelecida entre eles e a música e verificar o espaço que ela ocupa em suas vidas. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34) “a grande vantagem da entrevista [...] é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.”

No total foram entrevistados quatro idosos: dois homens e duas mulheres. Um dos critérios para a escolha dos entrevistados foi que eles estivessem em diferentes turmas. Os quatro idosos entrevistados perfaziam esse quesito: um estava no primeiro ano, outro no terceiro e dois frequentavam o quarto ano. Além disso, dois deles haviam se colocado espontaneamente à disposição para participarem da pesquisa, assim que ficaram sabendo que haveria entrevistas, logo no primeiro dia da observação. Os outros dois entrevistados aceitaram participar após convite direto da pesquisadora.

O registro dos dados foi feito sob a forma de anotações, registros fotográficos e fonográficos, tomados durante o período de observação. As entrevistas foram gravadas e, durante essa atividade, a pesquisadora complementou as informações fornecidas pelos entrevistados com o registro escrito de dados julgados relevantes.

Todas as entrevistas foram transcritas para análise das respostas obtidas, o que possibilitou a comparação das opiniões. A análise qualitativa se deu a partir das respostas coletadas e das observações feitas pela pesquisadora. A avaliação dos resultados utilizou procedimentos descritivos e analíticos, comparativos e dedutivos.

Para fundamentar este trabalho, buscaram-se diferentes referenciais teóricos, para os diver-

tos temas abordados. Para as questões da gerontologia, buscou-se em Ecléa Bosi o material a respeito da memória e da importância do ato de lembrar. Simone de Beauvoir contribuiu com suas análises sociais e históricas do envelhecimento e da velhice. Como o tema “Gerontologia” era novo para a pesquisadora, sentiu-se necessidade de buscar autores que pudessem ajudar a compreender as teorias gerontológicas, bem como as questões referentes à educação nessa faixa etária. Para isso, foi necessário o apoio não apenas de autores específicos mas também de uma obra básica da área, que trazia uma coletânea de artigos dos mais variados temas e assuntos, todos relacionados com envelhecimento, velhice e idosos: o *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, em suas primeira e segunda edições (FREITAS, 2002 e 2006). Dessa forma, com estas obras e os autores anteriormente citados, foi possível estabelecer o referencial teórico gerontológico desta pesquisa.

As questões a respeito da educação musical tiveram como base a obra dos educadores musicais Murray Schafer, canadense, e John Paynter, inglês, que trabalham com as questões da criatividade, da escuta atenta dos sons, da percepção do ambiente sonoro e com a ideia de que a música é para todos e pode ser feita por todos – propostas em acordo com as situações e exemplos encontrados neste trabalho.

A presente Dissertação está dividida da seguinte forma:

O Capítulo 1 aborda o tema “envelhecimento”, tanto na população mundial quanto na brasileira. Mostra os desafios e dificuldades que essa população apresenta, as teorias gerontológicas que tentam explicar o processo de envelhecimento e a importância do envelhecimento ativo, além de discutir o papel do idoso na sociedade atual e alguns aspectos característicos do aprendizado na velhice.

O Capítulo 2 descreve o ambiente em que foi realizada a pesquisa – o CEMULC, focalizando, em especial, seu funcionamento e estrutura. O período de observação realizado pela pesquisadora também é tratado nesta parte do trabalho, por meio da descrição dos fatos ali observados.

O Capítulo 3 apresenta os entrevistados, dá-lhes rosto e personalidade e traz suas opiniões a respeito da importância da música em suas vidas e na dos idosos em geral. Além do foco em suas falas e opiniões, destacam-se, neste Capítulo, o discurso dos entrevistados e as questões que afloraram, consideradas relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

No Capítulo 4 dá-se a discussão dos dados levantados, pela qual se constata a contribuição das aulas de música para um envelhecimento ativo, por proporcionar um aumento da autoconfiança e autoestima dos idosos.

Nas Considerações Finais, faz-se a síntese da proposta, dos dados colhidos e dos resultados alcançados, e tecem-se comentários acerca dos resultados obtidos.

No Apêndice é possível encontrar o roteiro e a transcrição completa das entrevistas.

1 O envelhecimento

1.1 O envelhecimento populacional

O envelhecimento da população mundial é um fato que vem chamando a atenção de pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Apesar do aumento na expectativa de vida ser um dos maiores triunfos da humanidade e uma prova de sua evolução científica e tecnológica, novos desafios surgem a partir dessa nova configuração populacional.

Novos remédios, tecnologias médicas avançadas, desenvolvimento tecnológico, avanços em áreas sociais e da legislação, como estatutos e leis de proteção ao idoso e benefícios sociais, são alguns dos fatores que contribuem para o envelhecimento da população.

Para Neri (2001, p. 27),

Biologicamente falando, o envelhecimento compreende os processos de transformação do organismo que ocorrem após a maturação sexual e que implicam a diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência. Esses processos são de natureza interacional, iniciam-se em diferentes épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diversas partes e funções do organismo.

Já para a psicologia, conceituar o envelhecimento como um processo de adaptação é uma boa alternativa: quanto melhor a adaptação, melhor o envelhecimento.

Esse envelhecimento populacional contribuiu para o surgimento da Gerontologia¹, um campo de pesquisa multi e interdisciplinar, que tem como objetivo estudar o processo desse fenômeno e as características dos idosos e das experiências de velhice e do ato de envelhecer. Além do interesse manifestado por profissionais e acadêmicos interessados, o poder público vem acompanhando a situação decorrente da longevidade, por meio de projetos, planos, propostas e leis instituídas que tentam melhorar a qualidade de vida dos idosos. Neste trabalho adotaremos a definição da Organização Mundial de Saúde – OMS, que estabelece qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valo-

¹O termo é de origem grega e significa: *gero* = velho; *logia* = estudo. (NERI, 2005, p. 95)

res nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHO, 1998 apud MACIEL, 2009, p. 229).

Rodrigues (2001, p. 149), em seu artigo, faz uma retrospectiva histórica das políticas nacionais que dão amparo ao idoso, mostrando que foi a partir da década de 1970 que muitas ações nessa área começaram a surgir de forma mais evidente.

A implantação no Brasil de uma política nacional para as pessoas idosas, [sic] é recente, pois data de 1994. O que houve antes, em termos de proteção a esse segmento populacional, consta em alguns artigos do Código Civil (1916), do Código Penal (1940), do Código Eleitoral (1965) e de inúmeros decretos, leis, portarias [...]. Entretanto, devo salientar dois que merecem destaque: a Lei nº 6.179 de 1974, que cria a Renda Mensal Vitalícia, através do então Instituto Nacional de Previdência Social – INPS – e o segundo documento, de extrema importância, é a Constituição Federal, promulgada em 1988, que contempla as pessoas idosas em seus artigos 14, 40, 201, 203, 229 e 230.

Além das leis mencionadas, ressalte-se que, em 4 de janeiro de 1994 foi promulgada a Lei 8.842 que dispõe sobre a política nacional do idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso (BRASIL, 1994). A regulamentação dessa lei foi dada pelo Decreto 1.948, de 3 de julho de 1996. Seu objetivo é o de “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.” (BRASIL, 1996). Em 1º de outubro de 2003 foi assinada a Lei 1.041, instituindo o Estatuto do Idoso, que estabelece o seguinte no artigo 2:

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (BRASIL, 2003)

De acordo com dados do IBGE (2008, p. 44), “[...] o Brasil continuará galgando anos na vida média de sua população, alcançando, em 2050, o patamar de 81,29 anos [...]”. Se no passado o Brasil podia ser considerado um país de jovens, hoje esta configuração mudou: somos um país maduro, caminhando para o envelhecer. Segundo a OMS (WHO, 2005, p. 3), até 2025 o Brasil será o “sexto país do mundo em número de idosos.”

Figura 1: Pirâmide da população mundial em 2002 e em 2025.

Fonte: (WHO, 2005, p. 9).



Nos países desenvolvidos, o processo de envelhecimento da população foi gradual, o que deu condições para que essas nações se desenvolvessem economicamente e se preparassem melhor para lidar com esse segmento proporcionalmente crescente. Nos países em desenvolvimento esse processo está ocorrendo de forma rápida, há cerca de duas ou três décadas. “[...] enquanto os países desenvolvidos tornaram-se ricos antes de envelhecerem, os países em desenvolvimento estão envelhecendo antes de obterem um aumento substancial em sua riqueza”. (KALACHE; KELLER, 2000 apud WHO, 2005, p. 12)

Observamos que “[...] a velhice e o envelhecimento são temas que parecem estar cada vez mais na ordem do dia para um número crescente de indivíduos de todas as idades, incluindo naturalmente os maiores interessados – os idosos.” (NERI; FREIRE, 2000, p. 15). Entendê-los, bem como ao envelhecimento, é fundamental para que se possa promover uma recuperação de sua cidadania ativa e proporcionar qualidade de vida por meio de serviços e políticas sociais adequadas e que contemplem suas necessidades e desejos. Ignorar esses fatores pode contribuir para a exclusão desse grupo.

1.2 As teorias gerontológicas

Na gerontologia há algumas teorias que visam explicar o processo de envelhecimento. Elas são classificadas em três grandes grupos: teorias biológicas, psicológicas e sociológicas. De acordo com Beauvoir (1990, p. 32), “a gerontologia desenvolveu-se em três planos: biológico, psicológico e social. Em todos esses domínios ela é fiel a um mesmo posicionamento positivista; não se trata de explicar por que os fenômenos se produzem, mas de descrever sinteticamente, com a maior exatidão possível, suas manifestações.” Para esse trabalho, são as teorias socioló-

gicas, sistematizadas na década de 1960, que ajudam a melhor compreender o envelhecimento e “respaldar as propostas práticas de intervenção que, cada vez mais, demandam a atuação das diversas profissões [...]” (SIQUEIRA, 2002, p. 47).

As teorias sociológicas são classificadas por um critério de gerações, cada uma abrangendo um período e diferentes formas de visão e análise. Na primeira geração, estão as teorias elaboradas no período de 1949 a 1969, que concentram sua análise no sujeito e nos papéis sociais desempenhados por ele. Elas “propunham modelos de aplicação universal, não dependentes do contexto e dos fatores sociais, tidos então como dados inquestionáveis da realidade.” (SIQUEIRA, 2002, p. 47). As teorias dessa geração consideram os idosos como uma categoria única e os vê como um grupo homogêneo.

As teorias da segunda geração, elaboradas entre 1970 e 1985, analisam como as condições sociais influenciam o processo de envelhecimento. Hierarquia social, aspectos políticos e de organização da sociedade são determinantes para desvendar de que modo as pessoas envelhecem. O olhar deixa de estar centrado somente no grupo dos idosos e passa a considerar também o contexto em que eles estão inseridos.

A terceira geração abrange as teorias surgidas recentemente, que elaboram a síntese e crítica das teorias anteriores; a maior contribuição delas é propor o envelhecimento como um processo que integra aspectos individuais, mas que também é influenciado por condições externas, ou seja, envelhecer seria “um processo vivencial que não ocorre isoladamente, sendo amplamente influenciado pelas condições circundantes.” (DANNEFER; UHLENBERG, 1999 apud SIQUEIRA, 2002, p. 48).

Sueli Freire (2000, p. 24), psicóloga e especialista em gerontologia, afirma que “[...] os indivíduos envelhecem de forma muito diferenciada, dependendo de como organizaram suas vidas, das circunstâncias históricas e culturais em que vivem e viveram, da ocorrência de doenças durante o envelhecimento e da interação entre fatores genéticos e ambientais”, visão que está de acordo com as teorias da terceira geração. Porém, a autora menciona somente as doenças que ocorrem durante o envelhecimento, esquecendo-se de considerar as doenças que nos acometem durante outros momentos da vida, que também influenciam o envelhecimento.

A teoria que mais se adéqua a este estudo é a Teoria da Atividade, que faz parte da primeira geração. Ela foi elaborada em 1968, por Havighurst, e sua principal proposição é que o declínio das atividades físicas e mentais “é fator determinante das doenças psicológicas e do retraimento social do idoso.” (SIQUEIRA, 2002, p. 49). Para essa teoria, a manutenção dos níveis de atividade também na velhice contribuiria para o envelhecimento bem-sucedido. Seria importante o idoso substituir os papéis sociais perdidos por conta do envelhecimento por novos papéis, “de

modo que o bem-estar na velhice seria o resultado do incremento de atividades relacionadas a esses novos papéis sociais.” (SIQUEIRA, 2002, p. 49).

A Teoria da Atividade é bastante influente ainda hoje, visto que muitos dos programas específicos para idosos, inclusive na área da educação não formal, baseiam-se na ideia de que mantê-los ativos e com novas ocupações e responsabilidades ajudaria a proporcionar-lhes uma velhice ativa, saudável e bem-sucedida. Ao envelhecer o idoso perde alguns de seus papéis sociais – por exemplo, o de trabalhador –, mas suas necessidades psicológicas e sociais permanecem as mesmas. Isso o faz procurar por atividades e interações sociais que substituam os papéis perdidos.

De acordo com Siqueira (2002, p. 49), “a pessoa que envelhece em boas condições é aquela que permanece ativa e consegue resistir ao desengajamento social.” Porém essa teoria traz algumas limitações importantes. A primeira delas é que o idoso nem sempre está no controle das atividades propostas: a exclusão social, a pobreza e as limitações mentais muitas vezes impedem que ele faça uma escolha livre e o constroem a participar de determinadas atividades, mas não de outras, que poderiam ser de sua preferência.

Por exemplo, idosos que vivem em Instituições de Longa Permanência podem ser constrangidos a participar de certas atividades por serem elas a sua única opção. Há casos em que os idosos participam de atividades que não são inteiramente do seu agrado, como, por exemplo, quando apresentam dificuldades de locomoção – seja por questões físicas/motoras ou financeiras –, pelo fato de serem oferecidas em locais próximos de sua residência.

A segunda limitação é que essa teoria coloca todos os idosos numa mesma categoria: para ter uma velhice bem-sucedida o idoso deve ser ativo. Seguindo essa linha de pensamento, seria sempre melhor ser ativo do que inativo, porém nem todas as pessoas têm esse perfil. Se, durante toda a sua vida, um idoso não cultivou muitos relacionamentos sociais, ou então não foi uma pessoa muito ativa, por que, na velhice, ele mudaria seu comportamento? Se participar de atividades não o torna feliz e satisfeito, qual a necessidade de mudar? Essa mudança traria satisfação a esse perfil de idoso?

Ainda outra questão: “A proposição básica da teoria – de que o ‘bom envelhecimento’ é estar ativo [...] – pode hoje ser considerada como uma perspectiva ‘antienvelhecimento’. Além disso, a preocupação com a morte nunca é considerada em seus enunciados [...]” (SIQUEIRA, 2002, p. 49), o que acaba sendo uma terceira limitação da Teoria da Atividade: envelhecer seria um processo ruim, que deve ser evitado a todo custo.

Apesar dessas limitações, essa teoria fornece fundamentação para diversos programas e

intervenções relacionados aos idosos e continua “sendo considerada como uma das mais adequadas perspectivas no campo da Gerontologia Social.” (SIQUEIRA, 2002, p. 50). Beauvoir (1990, p. 661) também considera a Teoria da Atividade, quando coloca que só há uma solução para termos uma velhice satisfatória – “continuar a perseguir fins que deem um sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, a coletividades, a causas, trabalho social ou político, intelectual, criador.” Como a proposta desta pesquisa está focalizada no ensino de música para idosos e nos significados dessas atividades para os participantes, essa teoria seria a mais adequada para ajudar na compreensão de todos esses processos, malgrado as limitações acima expostas.

1.3 Envelhecimento ativo

Para Beauvoir (1990, p. 32), “a medicina moderna não pretende mais atribuir uma causa ao envelhecimento biológico: ela o considera inerente ao processo da vida, do mesmo modo que o nascimento, o crescimento, a reprodução, a morte.” Por conta dessa mudança na análise das causas do envelhecimento, atualmente se procura desvincular dele a ideia de que essa fase da vida seria marcada por doenças, afastamentos e perdas. Conforme afirma Capitanini (2000, p. 69): “[...] o envelhecer não precisa necessariamente ser acompanhado de perdas, nem de doenças ou afastamento social.”

Hoje trabalha-se com o conceito de que o envelhecimento seria resultado de vários fatores e não apenas de determinantes genéticos. “[...] pode-se considerar que o envelhecimento humano é um processo individual e diferenciado em relação às variáveis mentais, comportamentais e sociais.” (FREIRE, 2000, p. 24). O envelhecimento seria, então, o resultado de um processo construído ao longo de toda a vida, influenciado pela genética e resultante das escolhas feitas pelos indivíduos e das oportunidades e situações a eles apresentadas no decorrer de sua vida:

Diversos fatores determinantes da saúde no processo de envelhecimento foram relacionados ao estilo de vida ativo no envelhecimento – como cultura, gênero, promoção da saúde e prevenção de doenças, saúde mental, fatores psicológicos, hábitos de vida saudáveis, genética, fatores ambientais, apoio social, educação, fatores econômicos e trabalho. (RIBEIRO et al., 2009).

Dessa forma, apoiando-se na Teoria da Atividade, muitos profissionais que atuam com idosos procuram incentivar que estes vivam de forma a ter um envelhecimento ativo. Segundo Joial, Ruiz e Donalisio (2007), “a literatura conceitua de maneira semelhante os termos envelhecimento bem-sucedido, envelhecimento ativo e qualidade de vida na velhice, sob o foco da satisfação com a vida”, porém neste trabalho adotar-se-á o conceito estabelecido pela OMS,

que define envelhecimento ativo como sendo “o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas.” (WHO, 2005, p. 13). É importante ressaltar que as atividades não se referem e restringem apenas às atividades físicas mas também às atividades intelectuais e sensíveis, como as que são feitas pelos idosos entrevistados neste trabalho – cantar e tocar um instrumento musical são atividades pertencentes a todas essas categorias: físicas, intelectuais e sensíveis.

Neste tripé proposto pela OMS – saúde, participação, segurança – as atividades educativas, inclusive a educação musical, estariam relacionadas com a participação, por serem uma forma de promover a integração, o contato social e a atuação na comunidade. Elas possibilitam o envolvimento do idoso em propostas e ações sociais e culturais, que podem despertar nele o sentimento de pertencimento a um grupo social, além de resgatar sua autoestima por meio de sua inclusão em atos valorizados pela sociedade, tais como apresentações culturais, por exemplo. Santos e Sá (2000, p. 93) afirmam que “é necessário que os programas voltados para os idosos estejam preocupados em fornecer subsídios para que os alunos conquistem novos espaços sociais, reivindicando e discutindo formas de melhorar a qualidade de suas vidas.” Neste caso, o autor está enfatizando as atividades *para* idosos, isto é, aquelas que são feitas e pensadas para atender esse público específico. A atividade do CEMULC, porém, não está de acordo com essa característica porque não foi pensada exclusivamente para indivíduos dessa faixa etária.

Assim, atividades de música na velhice poderiam contribuir para que o idoso tivesse uma velhice ativa ou bem-sucedida, já que elas promovem, pelo menos em primeira instância, a integração e a socialização com outros idosos. Erbolato (2006, p. 1324) considera que “embora na velhice já tenham sido aprendidas muitas das habilidades necessárias ao bem viver, o contato social continua relevante, pois também nessa fase os outros representam uma potencial fonte de segurança, de amor, de sentimentos de pertencimento, além de parâmetro para o indivíduo avaliar a adequação de seus comportamentos, sentimentos e aprendizagens.”

Este contato com pessoas de idade semelhante permite que os idosos façam comparações – um dos mecanismos de autorregulação do *self*. A autorregulação seria o monitoramento, a avaliação e o controle do seu próprio comportamento, exercidos pelo indivíduo, em favor de objetivos pessoais. Ela é uma importante ferramenta para auxiliar o envelhecimento ativo, pois tem como funções a motivação, o crescimento pessoal e a restauração do senso positivo de si em situações de insucesso, perdas, desvantagens e divergências de opiniões.

Os mecanismos de autorregulação são aprendidos socialmente, muitas vezes pela observa-

ção do comportamento de outras pessoas. Além disso, podem ser modificados ao longo de toda a vida, inclusive na velhice, mostrando que o idoso tem condições de aprender coisas novas, pois continua fazendo planos de longo e curto prazo e se esforçando para cumpri-los.

Os processos de comparação não são todos iguais; são realizados durante todo o curso da vida e cada um deles tem uma função específica. Erbolato (2006, p. 1325) considera que “comparações com outras pessoas em situação e idade assemelhadas são bastante úteis [...], confirmando a importância de parceiros sociais selecionados.”

Podemos dividi-las da seguinte forma:

- **Comparação Social Lateral:** o foco principal é o autoconhecimento, pois a ideia é que o idoso observe outra pessoa (com a mesma idade, *status* e condições) que aja de um jeito que se mostrou bem-sucedido e o copie. O pensamento que está por trás deste comportamento é “se ele pode, eu também posso”. Este processo é útil para as pessoas se conhecerem e se julgarem.
- **Comparação Social *Para Cima*:** o foco está na motivação e no aperfeiçoamento. O idoso observa alguém que ele julga estar em melhores condições e estabelece aquela condição como meta. Um dos problemas deste tipo de comparação é que se a meta for inatingível, a pessoa pode se frustrar. Por isso, é importante escolher metas possíveis. No caso da educação musical, por exemplo, é importante que o professor esteja atento a essa questão da comparação, e não exija mais do que a capacidade dos alunos permite. Se podemos usar a música para tentar motivar os alunos e auxiliá-los a melhorar suas habilidades e conhecimentos, também é possível frustrá-los por exigir deles algo que esteja além de suas reais condições.
- **Comparação Social *Para Baixo*:** neste tipo de comparação, o objetivo maior está em preservar a autoestima. O idoso observa alguém que considera estar em uma situação/posição inferior à sua e percebe que a sua não está tão ruim quanto considerava. Além de sentir alívio e orgulho por não estar na mesma situação que o outro e poder favorecer a compaixão, esta comparação ajuda no desenvolvimento da resignação em relação às dificuldades enfrentadas por ele e que não podem ser modificadas ou remediadas.

Esse mecanismo de comparação não é acionado racionalmente, mas é um processo não consciente e uma ferramenta para a adaptação e enfrentamento das dificuldades e situações provocativas que surgem no decorrer da vida. Muitas vezes, é por meio da comparação que os idosos conseguem estabelecer novas metas – e cumpri-las –, resolver problemas e resignar-se

com as dificuldades que não podem ser resolvidas, como uma doença incurável, por exemplo. A comparação, então, pode ser uma das atitudes que auxiliam na melhora da qualidade de vida.

Outro fator importante para o envelhecimento ativo é gostar do que se faz e sentir prazer nas atividades. Por isso que mais importante do que oferecer atividades para o idoso ser ativo é saber o que ele gosta de fazer. Se a música for essa atividade, poderá contribuir de forma positiva para a melhoria da qualidade de vida desse idoso. Se não for, apesar de ter a propriedade de despertar emoções e sentimentos – tanto positivos quanto negativos –, ela será um transtorno e fonte de infelicidade para aquele que se vê obrigado a se envolver com a educação musical.

1.4 O papel do idoso

“Para compreender a realidade e a significação da velhice é, portanto, indispensável examinar o lugar que é destinado aos velhos, que representação se faz deles em diferentes tempos, em diferentes lugares.” (BEAUVOIR, 1990, p. 48).

Em nossa sociedade, o idoso não costuma ser alvo de atenções. Seu papel é, em geral, secundário; seu tempo já passou e hoje ele faz parte da massa improdutiva da população. Muitas vezes, é desta forma que ele é visto: como um ser não produtivo, totalmente dispensável e desatualizado. E se ele apresentar algum tipo de dificuldade ou necessidade, a situação se agrava ainda mais, pois passa a ser um peso para a mesma sociedade que ele ajudou a construir. “[...] o prestígio da velhice diminuiu muito, pelo descrédito da noção de experiência. A sociedade tecnocrática de hoje não crê que, com o passar dos anos, o saber se acumula, mas sim que acaba perecendo. A idade acarreta uma desqualificação. São os valores associados à juventude que são apreciados.” (BEAUVOIR, 1990, p. 257).

De qualquer forma, um papel é sempre destinado ao idoso: o de “guardião da memória”. O idoso é aquele responsável por manter as tradições, guardá-las e retransmiti-las, além de ser o portador de determinados conhecimentos históricos. “[...] os idosos podem ser úteis não somente repassando seus conhecimentos específicos, [...] mas de modo amplo, na condição de agentes de preservação e transmissão da memória cultural.” (FERRIGNO, 2009, p. 279). Hoje, com a sociedade informatizada, com os Centros de Memória, bibliotecas e arquivos documentais, esse papel fica um pouco reduzido, mas ainda encontramos idosos desempenhando essa atribuição. Bosi (1979, p. 24) também fala a respeito deste papel do idoso quando afirma que

Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem. [...] O que se poderia, no entanto, verificar, na sociedade em que vivemos é a hipótese mais geral de que o homem ativo (independentemente da sua

idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado.

Como exemplo, podemos citar o papel desempenhado pelo velho nas sociedades orais e em certas culturas orientais. É o caso de alguns povos indígenas e o exemplo trazido por Jeannette Armstrong, uma índia canadense, quando aborda o método *en'owkin* do povo Okanagan, do Canadá, na costa Oeste daquele país: “[...] quando a comunidade [...] está diante de uma decisão, cada um dos seus membros é responsável por articular as questões vitais de uma das quatro perspectivas da sociedade – ‘Jovens’, ‘Anciões’, ‘Mães’ e ‘Pais’.” (CAPRA, 2006, p. 33)

Estas designações, que são simbólicas, não se referem à idade cronológica, mas ao papel que cada um deles exerce dentro da comunidade. Papéis sociais são comportamentos definidos pelo grupo social no qual a pessoa está inserida. Aqueles que são escolhidos para ser os anciões não necessariamente são velhos, mas detêm a responsabilidade de apresentar a “perspectiva voltada para a preservação dos modos de vida tradicionais que estão ameaçados pelos assim-chamados progresso e desenvolvimento.” (CAPRA, 2006, p. 33). Dessa forma, para o povo Okanagan, o idoso desempenha o papel de guardião da história, da memória e das tradições. “A comunidade busca a visão espiritual dos anciões como uma força diretriz.” (ARMSTRONG, 2006, p. 43).

Para Erbolato (2006, p. 1327), outra função destinada aos idosos é a de fornecer informações a respeito de familiares e amigos a outros parentes. Eles acabam concentrando as informações, mantendo a família informada e servindo como ponto de convergência e de encontro dessa mesma família; é deles o papel de unir os familiares.

Por conta da entrada da mulher no mercado de trabalho, muitos avós assumiram o papel de educadores e cuidadores dos netos. São eles que ficam com as crianças enquanto os pais trabalham. O aumento dos casos de divórcio também contribuiu para essa situação, visto que muitos filhos voltaram a morar com os pais depois da separação, trazendo consigo os netos. Assim, o idoso muitas vezes volta a assumir o papel de provedor da família, pois é o salário/aposentadoria dele que ajudará a sustentar a casa, agora com filhos e netos.

Apesar de todas essas transformações nas estruturas sociais, ainda hoje o idoso é parte de uma minoria, na maior parte das vezes não considerada e, muito menos, respeitada. Em contraste com essa situação, assinala-se que, para o povo Okanagan, a “voz da minoria é a voz mais importante a ser considerada, porque é ela que mais provavelmente vai nos dizer que erros estamos cometendo [...]” (ARMSTRONG, 2006, p. 44). Em nossa democracia, a voz da minoria nunca é ouvida, já que as decisões são tomadas com base na opinião das majorias.

“[...] através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus velhos, ela desvela sem equívoco a verdade – muitas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins.” (BEAUVOIR, 1990, p. 108).

Erbolato (2006, p. 1324) aponta que os papéis sociais determinam comportamentos, limites, capacidades e obrigações. A consequência disso é que para cada idade há uma norma de ação, uma conduta considerada aceitável. Como o envelhecimento da população é um processo recente, não há uma definição clara do papel do idoso; por isso, muitos estereótipos surgem: o idoso seria assexuado, não teria capacidade de aprendizagem, seria mau humorado e viveria preso ao passado, por exemplo.

Para que haja, realmente, essa redefinição de papéis, um problema é a faixa etária do idoso. Usualmente chamamos de idoso aqueles com idade igual ou superior a sessenta anos. Porém, se essa mesma pessoa viver até os noventa, seu envelhecimento terá durado trinta anos, sem que as peculiaridades relacionadas à faixa etária deles sejam levadas em consideração. Todos os outros períodos da vida são mais especificamente definidos, como a infância, a pré-adolescência, a adolescência, a fase adulta e a maturidade. Cada um deles tem suas características e particularidades. Ao contrário, como destaca Erbolato (2006, p. 1325), a velhice abrange, sob um mesmo rótulo, sexagenários e centenários.

Como essa faixa de tempo é muito longa, “a literatura gerontológica mais recente tem mencionado ‘períodos de velhice’ [...]” (NERI, 2001 apud ERBOLATO, 2006, p. 1325), o que talvez seja mais adequado para tratar das particularidades dos idosos em diferentes momentos do envelhecimento do que a usual classificação genérica de “idoso”, a partir dos 60 anos.

1.5 O aprendizado na velhice

Um dos grandes mitos que cercam a velhice é o de que o idoso não teria condições de aprender algo novo. Beauvoir (1990, p. 44) afirma que, nas pessoas idosas, “suas possibilidades de aprendizagem encontram-se [...] muito reduzidas.” Já Cemin (2002, p. 99 apud VILLANI, 2009, p. 196) “aponta que se uma pessoa tem o desejo de aprender, ela terá condições de fazê-lo independentemente de onde e de quando isso ocorra.” As entrevistas com os idosos confirmaram este ponto: apesar das dificuldades que enfrentaram, sejam elas cognitivas, mnemônicas ou relacionadas à prática musical, todos eles estão conseguindo acompanhar o curso e aprender música. Coronago (2009, p. 118), na conclusão do seu trabalho, afirma que “cada um tem um olhar diferenciado para as coisas da vida, mas o que de fato move o homem e produz resultados é a busca contínua e interessada das respostas que se deseja conseguir.” Talvez esse desejo de

aprender seja o que estimule esses idosos a seguir em frente com seus objetivos.

Lapassade (1975, apud FERRIGNO, 2009, p. 277) chama de *mito da perfeição do adulto* a ideia do senso comum – e que também é compartilhada por pessoas ligadas às ciências e por profissionais formados – que considera o idoso incapaz de aprender. O autor, ao contrário do que é veiculado pelo senso comum, “insiste que o ser humano jamais estará pronto, mas em constante processo de construção, de aprendizagem, até seu último suspiro.” De acordo com ele, até o final da vida estamos aptos a desenvolver novas habilidades, independentemente da idade. “O fato de a pessoa ter atingido a idade da velhice não significa que o processo de educação deva ser interrompido.” (MACIEL, 2009, p. 241). O processo de aprendizagem depende da vontade que o idoso tem para aprender e também da competência do educador em procurar formas de tornar esse processo de aprendizagem adequado à competência e às necessidades do aluno.

Tendo como premissa que o homem é um ser inacabado, há necessidade de trabalhar com a perspectiva da educação permanente, processo que prevê o aprendizado ao longo de toda a vida, colaborando para uma construção contínua do conhecimento.

A ideia de que a educação e aprendizagem só ocorrem no período escolar, de que na fase adulta se colocam em prática os conhecimentos aprendidos e na aposentadoria só se descansa não se aplica mais à sociedade atual, que vem exigindo de todos nós a capacidade constante de aprender novos conceitos e uma rápida competência de se adaptar às mudanças. O importante é que “uma proposta educacional para o adulto maduro e o idoso deve estar fundamentada no reconhecimento da heterogeneidade desse segmento etário” (CACHIONE; PALMA, 2006, p. 1457), já que o idoso de sessenta anos é diferente do idoso de oitenta nas questões biológicas, psicológicas, sociais e culturais, como já se mencionou anteriormente.

Muitos idosos mudam alguns aspectos do seu comportamento nessa fase da vida. Uma dessas mudanças pode ser a busca pela “restauração de desejos e necessidades que não puderam ser satisfeitos.” (NOVAES, 1997, p. 21 apud MACIEL, 2009, p. 229). Trata-se daqueles idosos que procuram frequentar determinada atividade porque sempre tiveram vontade e desejo, porém foram impedidos por fatores externos: a falta de condições financeiras, a proibição dos pais ou cônjuges, a necessidade de trabalhar e de cuidar dos filhos, etc.

O aumento na expectativa de vida, a aposentadoria e a melhoria das condições financeiras, sociais e de saúde fazem com que os idosos tenham mais tempo livre para se dedicarem a outras tarefas, e por isso cada vez mais busquem atividades ligadas à educação. “Em alguns países, como a Suécia e o Japão, as taxas de participação da população na educação de adultos e idosos situam-se por volta de 50%.” (CACHIONE; PALMA, 2006, p. 1457).

Nas últimas décadas observou-se um grande aumento de universidades e outras instituições que oferecem cursos para idosos, abrangendo os mais variados assuntos. “O aumento do número de longevos no Brasil impulsionou a implementação de novas diretrizes voltadas para estas pessoas” (MACIEL, 2009, p. 277), e dentre essas diretrizes está a educação. A educação do idoso é tema recente e que exigirá o desenvolvimento de propostas e programas que atendam às demandas dessa população, isso porque a “[...] educação deve, pois, adaptar-se constantemente às transformações da sociedade [...]” (CACHIONE; PALMA, 2006, p. 1457).

Todos os programas pensados e desenvolvidos para idosos se baseiam em alguma ideologia e demonstram como a sociedade enxerga esse segmento da população. Cachione e Palma (2006) abordam alguns paradigmas com relação à educação do idoso. O primeiro deles é o modelo de rejeição, que enxerga a educação na velhice como algo inútil, visto que esse grupo etário seria improdutivo, dependente e estaria no final da vida.

O segundo modelo é o de serviços sociais, que une a ideia de educação à de justiça social; neste modelo, a educação é vista como um remédio para os idosos. Para os seguidores deste paradigma, a velhice é considerada algo negativo, mas o idoso deve ser protegido pelo Estado, por meio de pensões, asilos e serviços de atendimento, dentre outros.

No terceiro modelo, a educação se baseia em conceitos de atividade e participação; ela seria um meio de iniciar, manter, renovar, retomar e revitalizar as habilidades e experiências dos idosos para que eles possam interagir, intervir e participar de ações existentes na comunidade em que estão inseridos.

O quarto modelo baseia-se na autorrealização e na educação permanente; neste caso, o papel da educação não é o de, simplesmente, divertir o idoso – como é o caso do segundo modelo –, mas o de auxiliá-lo a manter sua autonomia e os níveis de desenvolvimento compatíveis com sua idade, nível mental, situação social e outros fatores.

Talvez os dois últimos modelos sejam os mais adequados a nortear as propostas educacionais, se o desejo for o de proporcionar um envelhecimento ativo, participativo, responsável e independente.

Dos diversos cursos e atividades oferecidos aos idosos, muitos não são institucionalizados – como os oferecidos pelas Universidades Abertas para a Terceira Idade² – isto é, não são cursos oficialmente normatizados, ao contrário do que acontece na educação formal. Eles ocorrem na forma de Educação Não Formal, que é aquela que acontece “fora das escolas, mediante um processo interativo intencional.” (MACIEL, 2009, p. 240). São “atividades ou programas

²UNATI.

organizados fora do sistema regular de ensino, com objetivos educacionais bem definidos.” (INEP³, 2001a apud FERRIGNO, 2009, p. 271) .

Os cursos no âmbito da Educação Não Formal até podem ser oferecidos por uma instituição regular de ensino, como escolas e universidades. De acordo com Cachione e Palma (2006, p. 1461), são as instituições de ensino superior particulares que mais investem nessa área, mas elas não têm a certificação que os cursos da educação formal oferecem. Aliás, a certificação, nestes casos, é o que menos importa; nessa perspectiva, mais importante que o certificado é o processo educacional que pode ser oferecido a pessoas de todas as idades.

Cachione e Palma (2006) destacam três princípios que devem nortear as propostas de educação para idosos e que se baseiam na Teoria da Atividade. O primeiro é o Princípio da Atividade, que tem no processo educativo uma forma de manter o idoso ativo, incrementando sua autonomia e autorrealização. O segundo é o Princípio da Independência, que tem na educação uma ferramenta para manter a autonomia e independência do idoso. Neste caso, o idoso é estimulado a tomar um papel ativo nas atividades, inclusive participando de seu planejamento e organização. Já o terceiro princípio, o da Participação, vê o idoso com um ser social, em que sua participação social deve ser incentivada e respeitada.

Além desses princípios, é muito importante que os programas educacionais considerem que “os conhecimentos e experiências dos idosos devem ser respeitados” (CACHIONE; PALMA, 2006, p. 1461). Por terem uma considerável trajetória de vida, suas experiências e conhecimentos não podem ser negados. Um dos papéis do idoso é manter viva a memória e a cultura, além de compartilhar suas experiências com as gerações mais novas. Estas possuem o direito ao acesso à memória que não está oficialmente registrada, mas que pode ser transmitida, se se der essa oportunidade aos idosos.

Cabe ressaltar também que “os pressupostos e requisitos utilizados para pensar a educação de adultos maduros e idosos não podem ser os mesmos que se utilizam na educação infantil e juvenil” (CACHIONE; PALMA, 2006, p. 1464), já que cada grupo etário tem características, necessidades e interesses específicos. Por exemplo, a grande marca do envelhecimento é a perda da velocidade. Dessa forma, os exercícios e atividades musicais propostos para os idosos podem ter os mesmos princípios dos exercícios desenvolvidos com crianças, mas devem ser adaptados de forma a atender a essa característica.

Um dos principais benefícios da educação na velhice é a questão da socialização e da convivência: “assim como os adolescentes têm sua turma, os idosos também sentem esta necessidade e têm este direito.” (FERRIGNO, 2009, p. 275). Ainda segundo o mesmo autor, as ações edu-

³Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

cativas para os idosos têm outros objetivos: “[...] atualização de conhecimentos, desenvolvimento de novas habilidades, reflexão sobre o processo de envelhecimento, cuidados preventivos com a saúde física e mental, discussão e elaboração de novos projetos de vida e integração às demais gerações.” (FERRIGNO, 2009, p. 276). Se bem conduzidas, as atividades de educação musical, além de fazerem os idosos se apropriarem do conhecimento musical, farão com que eles, por meio do fazer musical, da fruição e reflexão sobre as obras e da contemplação da beleza, tenham uma experiência estética significativa que poderá contribuir para que tenham um envelhecimento tranquilo e consciente.

O envelhecimento não é um processo apenas de perdas, mas uma educação voltada ao idoso deve considerar que muitos deles não entram numa sala de aula há anos. Beauvoir (1990, p. 285) alerta que “[...] nos períodos de aprendizagem, as pessoas idosas têm que vencer certas deficiências. Seu nervosismo e sua ansiedade acarretam lapsos de memória; isso se agrava quando entram em competição com jovens.” Muitas vezes a dificuldade no aprendizado não se deve ao fator idade, mas ao nervosismo, à ansiedade e ao medo que esta situação provoca no idoso. “Por medo de cometer erros, as pessoas idosas crispam-se numa atitude negativa.” (BEAUVOIR, 1990, p. 285).

Essa atitude negativa leva o idoso a se autocensurar e a não confiar na sua capacidade. Aos poucos, quando ele percebe que é capaz de aprender, que está progredindo, sua atitude muda: a educação contribui para o resgate de sua autoestima. Nesse caso, esse processo dependerá muito do trabalho realizado pelo profissional responsável por desenvolver e aplicar as propostas educativas.

O envelhecimento da população exige que a sociedade se organize para atender às demandas dos idosos. Temos a tendência de achar que as coisas sempre acontecem com os outros, que são apenas os outros que envelhecem. Porém, desde o dia em que nascemos, caminhamos rumo ao envelhecimento. Como essa caminhada será e em que situação chegaremos ao final dela, dependerá de vários fatores, já enumerados: genética, acesso aos recursos e serviços de saúde, educação, condição financeira, grupo social a que se pertence, interesses, etc. A consciência e compreensão desse processo nos dá mais condições de trabalhar para que ele ocorra da melhor forma possível, proporcionando um envelhecimento bem-sucedido para a sociedade.

2 *O CEMULC*

2.1 A origem

A Arquidiocese¹ de Campinas, preocupada com a questão da música litúrgica em suas paróquias, a partir de 2004 começou a ministrar vários cursos de formação litúrgico-musical:

- Curso de formação com assessoria do Padre Osmar Bezutte (assessor de música litúrgica da CNBB²) – 2004 e 2005.
- Curso de formação com assessoria do Frei Joaquim Fonseca (assessor de música litúrgica da CNBB) – 2006.
- Curso de Canto Pastoral e Liturgia – Irmã Míria Kolling.
- Curso de Preparação para o Ciclo Pascal.
- Curso de Preparação para o Ciclo do Natal.

Nestes cursos, os participantes passaram a cobrar da Arquidiocese mais atividades de formação na área musical. Em reuniões que a instituição organizava com os coordenadores paroquiais de música litúrgica, estes apontavam melhorias e trabalhos que deveriam ser realizados no campo da música litúrgica.

Foram enviados questionários a respeito do tema às paróquias e os resultados confirmaram dois problemas principais com relação à música litúrgica: repertório reduzido e necessidade de formação. Em resposta a essas dificuldades apontadas, foram criados dois projetos: o Hínario Litúrgico da Arquidiocese de Campinas e o Curso de Extensão em Música Litúrgica – CEMULC.

¹Arquidiocese engloba todas as dioceses de uma região, sendo presidida pelo bispo mais importante: o *Metropolitano*. As dioceses, por sua vez, são um conjunto de paróquias, dirigida por um bispo (SANTOS, 2002).

²Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

2.2 Sua estrutura

O CEMULC é chamado curso de extensão, pois está ligado à Escola de Formação Teológico-Pastoral “Imaculada Conceição”. Foi criado em 2007, como uma resposta do Setor de Música Litúrgica da Comissão Arquidiocesana de Liturgia às comunidades e paróquias, que já haviam demonstrado interesse por cursos de formação. Atualmente, o CEMULC conta com 340 alunos inscritos³, de diversas paróquias da Arquidiocese de Campinas e de dioceses vizinhas.

O curso tem por objetivo oferecer uma formação litúrgico-musical teórica e prática para os agentes de pastoral, a fim de que possam, em suas paróquias e comunidades, desempenhar o seu ministério em conformidade com os princípios teológicos, litúrgicos, pastorais, musicais e estéticos que justificam a Música Litúrgica.

O público-alvo do curso são compositores, letristas, presidentes das assembleias litúrgicas, animadores de canto, salmistas, regentes, cantores e instrumentistas que participam ativamente nas ações litúrgico-musicais e que possam disseminar o conhecimento adquirido em suas comunidades.

Para participar é necessário preencher alguns pré-requisitos: ter idade mínima de dezesseis anos, ensino fundamental completo, participar da pastoral da música litúrgica da comunidade e ter uma carta de apresentação do padre responsável.

O curso é realizado em 10 módulos, sendo um por semestre, durante 5 anos, que são divididos da seguinte forma:

- Nível básico – três anos de duração, com seis módulos.
- Nível intermediário – dois anos de duração, com quatro módulos.

Um projeto futuro é elaborar o curso avançado de nível técnico, que teria três anos de duração. Atualmente a grade curricular é composta pelas seguintes disciplinas, que têm uma carga-horária de 15 horas:

Curso Básico

- | | |
|----------------------|--------------------------|
| • Apreciação Musical | • Canto Coral III |
| • Canto Coral I | • Canto Coral IV |
| • Canto Coral II | • Estruturação Musical I |

³Dados obtidos em 23/3/2012.

- Estruturação Musical II
- Estruturação Musical III
- Estruturação Musical IV
- Estruturação Musical V
- Estruturação Musical VI
- História da Música I
- História da Música II
- História da Música na Liturgia
- Liturgia I
- Liturgia II
- Liturgia III
- Liturgia IV
- Liturgia V
- Liturgia VI
- Pastoral da Música Litúrgica I
- Pastoral da Música Litúrgica II
- Técnica Vocal I
- Técnica Vocal II

Curso Intermediário

- Canto Gregoriano
- Harmonia e Análise Musical I
- Harmonia e Análise Musical II
- Harmonia e Análise Musical III
- Harmonia e Análise Musical IV
- Laboratório de Prática Musical
- Pedagogia e Didática Musical
- Percepção Musical I
- Percepção Musical II
- Percepção Musical III
- Percepção Musical IV
- Religiosidade Popular e Liturgia
- Salmos e Cânticos Bíblicos
- Tópicos Especiais em Liturgia
- Tópicos Especiais em Pastoral da Música Litúrgica I

A partir do segundo módulo os alunos podem cursar as disciplinas optativas que o curso oferece:

- Canto
- Flauta transversal
- Teclado
- Composição
- Órgão
- Violão
- Flauta doce
- Regência
- Violino

Apesar de dispor de uma grande variedade de instrumentos, dois fatores acabam contribuindo para que nem todos os alunos se inscrevam nessas disciplinas: elas não estão incluídas

no valor do curso, sendo cobradas à parte, e são ministradas apenas durante a semana, não havendo aulas aos sábados.

Na época da observação, o corpo docente contava com 14 professores. Desse número, dois eram padres – um bacharel em Teologia e outro mestre em Liturgia. Eles são os únicos não formados pela UNICAMP. Todos os outros professores são bacharéis em Música ou, então, mestrandos e doutorandos da referida instituição.

As aulas são semanais e ministradas nos seguintes horários – podendo o aluno optar pelo horário que for mais conveniente: terças ou quartas-feiras das 19h às 22h20, ou aos sábados, das 8h30 às 11h50. As disciplinas optativas – canto ou instrumentos – são ministradas durante a semana, no período vespertino e noturno. As aulas são dadas, em geral, no Colégio de Aplicação PIO XII⁴. Em alguns sábados, quando a escola está ocupada com atividades, as aulas do CEMULC são transferidas para a PUC Campinas⁵, no campus Central.

Os alunos contam com uma boa estrutura, pois o curso possui material audiovisual para as aulas, instrumentos musicais diversos⁶ e uma biblioteca com livros, CDs e DVDs sobre liturgia, música, rituais, história da música e música litúrgica, além de partituras para liturgia.

2.3 O período de observação

O período de observação foi a segunda etapa do trabalho realizado durante esta pesquisa e deu-se entre 12 de março e 04 de junho de 2011. O propósito dessa observação era entender o funcionamento da instituição e do curso e estabelecer uma aproximação com os alunos e, em especial, com os idosos, pela temática da pesquisa. Essa aproximação tinha como meta fazer com que eles se sentissem à vontade no momento da entrevista, devido ao fato de já conhecerem a pesquisadora.

Para ampliar a gama de perfis de entrevistados, foi necessário assistir aulas em turmas diferentes. Foram observadas aulas nas turmas do nível básico, composto pelos primeiros, segundos e terceiros anos, e em uma turma do nível intermediário, do quarto ano. A maior parte das disciplinas era dada aos sábados pela manhã, mas as aulas de Teclado (uma das disciplinas optativas do curso) eram ministradas às segundas-feiras à tarde e frequentadas pelas alunas do terceiro ano. O critério adotado para a escolha das disciplinas a serem observadas foi que elas fossem mais práticas do que teóricas. A Tabela 1 resume essas informações.

⁴Rua Boaventura do Amaral, 354. Bosque. Campinas-SP.

⁵Rua Marechal Deodoro, 1099. Centro. Campinas-SP.

⁶Incluindo um órgão litúrgico italiano *Viscount*.

Tabela 1: Disciplinas Observadas.

DISCIPLINA	TURMA	NÍVEL	MÓDULO	HORÁRIO
Técnica Vocal I	1º Ano B	Básico	I	Sábado 8h30 às 9h15
Coral I	2º Ano C	Básico	III	Sábado 10h15 às 11h05
Teclado – Optativa	3º Ano	Básico	V	Segunda-feira 17h às 18h
Percepção Musical I	4º Ano A	Intermediário	I	Sábado 9h15 às 10h
Canto Gregoriano I	4º Ano A	Intermediário	I	Sábado 11h05 às 11h50

Para entrar em sala de aula, os professores dessas disciplinas foram consultados e autorizaram a participação da pesquisadora. Todos eles foram receptivos e mostraram-se disponíveis para tirar dúvidas e fornecer explicações a respeito das disciplinas de sua responsabilidade. Além disso, muitos colaboraram diretamente com a pesquisa, como, por exemplo, a professora de Teclado. Ao saber da temática da pesquisa, ela sugeriu minha visita à turma, composta apenas por idosas. Isso acabou contribuindo para a realização da pesquisa, porque um dos entrevistados era dessa turma.

O material usado no curso é formado por apostilas produzidas pelos professores das disciplinas. Cada um deles é responsável por montar a parte da apostila que contém o conteúdo da disciplina que ministra; dessa forma, cada turma recebe uma apostila que contém todas as matérias a serem cursadas no semestre. Além de material de leitura e exercícios, todas as disciplinas apresentam um Plano de Curso⁷ em que constam suas respectivas ementas e os objetivos gerais, além de conteúdo programático, metodologia, estratégias de avaliação e recuperação e bibliografia.

2.3.1 Técnica Vocal I

Por ser a primeira na grade de horários de sábado⁸ e por ter um caráter mais prático que teórico, a disciplina Técnica Vocal I foi a primeira a ser visitada. Seu plano de curso define:

- Ementa: estudos iniciais sobre técnica vocal básica, aquecimento vocal, higiene vocal, aspectos anatômicos da voz, vocalizações com aplicações técnicas e prática de repertório.
- Objetivos gerais: apresentar aos alunos os estudos iniciais sobre técnica vocal com o objetivo de melhorar a produção vocal dos cantores, animadores de canto, salmistas, presidentes das assembleias e regentes nas celebrações litúrgicas.

⁷Os planos de curso das disciplinas também podem ser encontrados no site <http://www.cemulc.org.br/curso2011.htm>

⁸O quadro de horários do I semestre de 2011 encontra-se no Anexo B.

- Conteúdo programático: conceituação e importância da Técnica Vocal, higiene vocal, aquecimento, anátomo-fisiologia da voz, postura, respiração, vocalização, repertório.
- Metodologia participativa: exposição dialogada quando o conteúdo abordado for teórico; leituras; aulas práticas com exercícios posturais, de respiração, vocalizes e canções litúrgicas para o desenvolvimento da técnica vocal; apreciação, análise e discussão de material fonográfico.
- Estratégias de avaliação e recuperação: participação em sala de aula, avaliação do repertório, avaliação escrita. (CEMULC, 2011e).

De todas as turmas observadas, esta era a que tinha o maior número de alunos, com 54 integrantes, formando um grupo bem variado, com pessoas de diversas idades. Eram tantos alunos que, em todos os dias de observação, vários deles tiveram que buscar carteiras em outras salas porque não havia em número suficiente para todos. Os mais velhos costumam sentar-se nas filas da frente e fazem anotações na apostila, à medida que o professor explica a matéria. É interessante notar que alguns deles interagem e participam da aula com acenos de cabeça, fazendo observações para complementar alguma explicação ou questionando a respeito de algum assunto que não foi compreendido. Porém, no geral há pouca participação da turma.

12/3/2011 – O tema da aula neste dia era “higienização e cuidados com a voz”. Em determinado momento, o professor mencionou cantores antigos da época dos programas de rádio. Os mais velhos lembraram e conheciam alguns dos nomes, enquanto que os estudantes mais jovens não os conheciam.

19/3/2011 – A aula foi ministrada para todas as turmas em conjunto, porque neste dia todos iriam assistir ao ensaio aberto do concerto da Orquestra Sinfônica de Campinas, que seria realizado no Centro de Convivência. No programa constavam as seguintes obras:

- *Cidade de Campinas*
Compositor: José Antônio Rezende de Almeida Prado
- *Carnaval dos animais*
Compositor: Camille Saint-Saëns
- *Sherazade*
Compositor: Nikolay Rimsky-Korsakov

O professor discorreu um pouco a respeito de cada compositor e obra. Observou-se que, durante as explicações, a classe estava dispersa. No final da aula, os alunos foram dispensados para assistir ao ensaio, mas muitos foram embora.

26/3/2011 – Logo no início da aula, o professor convidou os alunos para assistirem a um concerto que se realizaria no dia 09/4/2011, às 20h, no Mosteiro de São Bento em São Paulo.

Depois de feito o convite, ele retomou o assunto da aula anterior: o que faz bem e mal para a voz. A sala não estava tão cheia como no primeiro dia da minha observação, mas ainda assim havia muitos alunos.

O próximo assunto da aula foi postura. Observou-se que, no momento em que o professor mencionou essa palavra os alunos, automaticamente, se ajeitaram nas carteiras. Ele mostrou, na frente da sala, as posições mais adequadas para cantar em pé e sentado e, em seguida, falou a respeito dos tipos de respiração: torácica – alta; e abdominal – baixa. Para os alunos perceberem como a respiração torácica é imprópria para o canto, o professor pediu para que eles inspirassem e tentassem engolir a saliva. Isso mostrou que esse tipo de respiração trava a garganta. Abordando a respiração abdominal, ele explicou o funcionamento do diafragma e ensinou o exercício de respirar e soltar o ar em “s”, com a finalidade de trabalhar a musculatura envolvida no canto. Os alunos ficaram em pé para fazer esse exercício e o professor pediu que fizessem o mesmo exercício respiratório em casa, todos os dias, por um minuto. Na aula seguinte teriam início os exercícios práticos e vocalizes.

02/4/2011 – Como havia sido anunciado na aula anterior, o tema abordado nesta aula foi “vocalizes/aquecimento vocal”. O professor discorreu acerca da importância dessas duas atividades e os alunos praticaram respiração para o canto e vários vocalizes. Os alunos gostam muito quando têm alguma atividade prática durante a aula, apesar de ficarem um pouco tímidos. Porém todos fazem os exercícios e participam com interesse dessa parte da aula.

09/4/2011 – Os alunos iniciaram a aula fazendo exercícios de relaxamento corporal para cantarem posteriormente. Depois, trabalharam, novamente, a respiração.

16/4/2011 – Neste dia, enquanto o professor arrumava o teclado, solicitou aos alunos que se dividissem em naipes – sopranos e tenores de um lado, contraltos e baixos do outro. Logo os alunos começaram a se alongar e a cuidar da postura. Em seguida, fizeram vocalizes; às vezes, o professor interrompia o que estava tocando, para dar explicações ou corrigir alguma coisa. Depois desse aquecimento inicial, o professor escreveu a letra de uma música no quadro sem partitura – e falou que os alunos não precisavam anotar. Mesmo assim, alguns alunos anotaram a letra em seus cadernos – a maior parte deles, os mais velhos. Cantaram todos em uníssono e o professor explicou que essa música era um cânone⁹.

Em seguida eles ensaiaram dessa forma, praticando a canção com várias entradas consecutivas. Alguns tiveram dificuldade em cantar e taparam os ouvidos para não ouvir o que os

⁹Cânone é a forma musical de imitação contrapontística em que uma voz ou instrumento começa a cantar uma linha melódica enquanto outras vozes vão entrando em seguida, sempre imitando o que a primeira voz cantou. Dessa forma, várias vozes cantam juntas a mesma melodia, mas cada uma está em uma etapa diferente da linha melódica.

colegas cantavam e não se perderem. Além disto, o professor teve que ajudar os homens, que tiveram mais dificuldades em cantar a várias vozes, em relação às mulheres. Nos sopranos, uma das alunas mais velhas teve a iniciativa de pedir às colegas de naípe que se agrupassem para, assim, se ouvirem melhor.

Essa atividade motivou muito os alunos, que ficaram maravilhados por estarem cantando a quatro vozes.

30/4/2011 – Não houve observação.

07/5/2011 – O professor começou a aula recordando os assuntos trabalhados em aula que cairiam na prova – postura, higiene vocal e respiração para o canto. A prova era individual e tinha questões objetivas. Em seguida, foram feitos exercícios práticos de postura e respiração, vocalizes e, depois, ensaiou-se a música *Onde reina o amor*.

14 e 21/5/2011 – Nesses dias o horário das aulas foi trocado e a turma teve a disciplina Liturgia I em vez de Técnica Vocal I. Isso aconteceu para que, no horário de Liturgia I, se pudesse reunir o primeiro e o segundo anos, com o objetivo de ensaiar a missa de Corpus Christi.

28/5/2011 – Avaliação da disciplina. Não houve observação desta atividade.

25/6/2011 – Neste dia realizou-se a Missa de Corpus Christi¹⁰, quando todas as turmas do CEMULC se apresentaram em conjunto. Em Campinas, todas as paróquias da cidade se reúnem nesse dia, para fazer uma única celebração. Por isso é formado um único coral, que conta com vários participantes, dentre eles os alunos do CEMULC.

2.3.2 Percepção Musical I

Outra disciplina observada foi Percepção Musical I, cuja programação é apresentada a seguir, conforme consta no plano de curso.

- Ementa: o trabalho se dará através do treinamento auditivo proporcionado pelo ditado rítmico e melódico, iniciando-se por pequenos fragmentos musicais até se chegar a frases significativas; pela prática constante da leitura musical, sem ajuda de um instrumento, através de diversos exemplos extraídos do repertório erudito e litúrgico.
- Objetivos: devido ao caráter dessa disciplina ser totalmente prático, os alunos exercitarão todas as informações que aprenderam no curso Básico, de forma a serem capazes, cada vez mais, de tomar contato com uma partitura musical e acessarem seu conteúdo sonoro sem a ajuda de

¹⁰No Apêndice D estão as fotos desta apresentação.

um instrumento. Isso possibilitará um melhor desempenho na utilização desses recursos no seu dia a dia, seja na leitura de partitura no coral, nas aulas de instrumento ou na aplicação em trabalho paroquial.

- Conteúdo programático: ditado rítmico e melódico, leitura melódica em diversas tonalidades e claves, percepção auditiva dos intervalos através de ditado e entonação.
- Metodologia: treinamento para o ditado rítmico e melódico, através de pequenas células musicais, feito em sala de aula, sob orientação do professor; prática constante do solfejo, através de diversos exercícios constantes do material didático; entonação de intervalos, cânones e trechos de repertório coral a vezes.
- Estratégias de avaliação e recuperação: presença comprovada, provas escritas e práticas. (CEMULC, 2011c).

Esta era a turma com o menor número de alunos e muitos deles eram mais velhos. O que chamou a atenção nesse grupo foi o fato de os alunos serem muito interessados, questionarem bastante os professores e colaborarem com opiniões e exemplos. A maior parte dos alunos mais velhos sentava-se à frente da sala, e um deles ainda colocava um gravador pendurado no quadro, para gravar todas as aulas.

Foi nessa turma, ao final do primeiro dia de observação, que dois alunos – Edson e Nivaldo – vieram conversar para saber mais sobre a pesquisa e se colocarem à disposição para participar.

A aula de Percepção vinha em seguida à aula de Harmonia e Análise Musical I e ambas eram ministradas pelo mesmo professor. Por esse motivo, muitas vezes a aula de harmonia se estendia, tomando parte da aula de percepção; ou então o professor trocava os horários. Esse fato contribuiu para que nem sempre fosse possível observar a disciplina Percepção.

12/3/2012 – A proposta da disciplina era trabalhar com atividades teóricas e práticas. Quando entrei na sala, peguei o final da aula sobre intervalos e assisti a uma aula inteira de harmonia, com o assunto “escalas menores” (os três tipos). No final da aula de intervalos foram feitos alguns exercícios de percepção – os alunos tinham que ouvir os intervalos tocados e perceber a diferença entre eles. Além disso, o professor pediu para que fizessem em casa alguns exercícios¹¹ da apostila. A maior parte dos alunos achou difícil diferenciar os intervalos, mas o professor os tranquilizou, dizendo que durante o semestre eles iriam praticar bastante e adquirir mais experiência.

Durante a aula de harmonia os alunos fizeram muitas perguntas e o professor também passou alguns exercícios para eles fazerem em casa – o professor escreveu o nome de algumas escalas menores e pediu para eles descobrirem a escala maior relativa. Os estudantes mais

¹¹Todos os exercícios e atividades estão na apostila. Para as atividades de percepção há um CD com todos os exercícios gravados.

velhos prestam bastante atenção, anotam o que professor fala e fazem muitas perguntas.

19/3/2011 – Concerto da Orquestra Sinfônica de Campinas.

26/3/2011 – Quando entrei na sala, dois alunos idosos estavam fazendo perguntas a respeito do assunto que estava sendo abordado – as escalas e seus acidentes. Para respondê-las, o professor pegou exemplos do hinário dos alunos para mostrar como usar o bequadro para alterar uma escala menor natural em harmônica. Edson fez uma pergunta – considerada por ele próprio uma pergunta idiota – e pediu para o professor desconsiderar o assunto que haviam tratado na aula anterior, pois ele já não se lembrava mais. A pergunta era como saber se uma música está na escala maior ou menor, apenas analisando a partitura, sem escutar a peça. À vista da pergunta, o professor o elogiou, dizendo ser a pergunta mais inteligente do dia, a “pergunta que não queria calar”. Ele usou dois exemplos do hinário, um na tonalidade maior e outro na menor, para tentar responder e exemplificar teoricamente. Quando os alunos escutaram o professor tocando as peças e comparando-as, conseguiram identificar as tonalidades de cada uma por causa das sensações que a escala maior e menor provocam. Porém, como os alunos ainda não haviam aprendido os acordes e o significado das cifras, o assunto não ficou muito claro e a explicação teórica ficou um pouco prejudicada.

Em seguida passaram para a aula de percepção, continuando com o assunto a respeito dos intervalos. Enquanto o professor se organizava, uma das idosas leu para a classe uma poesia que havia escrito sobre a Quaresma. Ele começou a aula corrigindo os exercícios que tinha pedido para os alunos fazerem em casa.

Após a correção, o professor começou a falar a respeito dos intervalos maiores e menores e orientou os alunos a pensarem no teclado do piano para verificarem se um intervalo é maior ou menor. Neste momento um aluno mostrou para a turma uma folha impressa com a imagem de um teclado. O professor considerou esse apoio na imagem uma ótima ideia e sugeriu aos outros alunos que tirassem cópia do material.

A percepção, quando trabalhada por meio da observação auditiva, possibilita ao ouvinte se familiarizar com o som, perceber as diferenças sonoras entre os intervalos e compará-los. Esta diferenciação também pode ser feita teoricamente por meio da observação das notas na partitura e dos intervalos que elas formam entre si. Esse é um procedimento importante para a sistematização e fixação da leitura musical, mas não é musical. Talvez, nesse caso, fosse mais apropriado chamar de *análise*, em vez de *percepção*, porque não há escuta e apenas envolve aspectos visuais e mentais.

No caso dessa atividade, o professor estava trabalhando com a identificação dos intervalos

na partitura. Como este é um dos exercícios cobrados nas avaliações, a análise visual precisa ser abordada pelo professor, e muitas vezes, nas aulas observadas, deu-se mais ênfase e destaque à informação teórica do que à percepção auditiva.

Observei que a aula poderia ser mais rápida, mas o professor ia devagar, para os alunos entenderem bem, visto que muitos apresentavam dificuldades. No final da aula os alunos cantaram alguns intervalos, começando com um intervalo de segunda maior tocado em diferentes oitavas, passando para os intervalos de segunda menor, terça maior e terça menor. A maior parte dos alunos cantou num volume bem baixo.

Talvez isso aconteça porque os alunos se sintam inseguros em relação aos intervalos. Eles conseguem identificá-los na partitura, mas, quando precisam usar apenas a audição, a identificação torna-se mais difícil. O professor, durante as aulas, fez alguns exercícios auditivos para eles compararem diferentes intervalos – segunda maior e terça maior, por exemplo. Muitos conseguiam perceber que havia diferença no som, mas não conseguiam dizer qual intervalo era uma segunda e qual era uma terça. Quando o professor comparava auditivamente intervalos maiores e menores, a identificação era mais fácil.

02/4/2011 – Quando entrei na sala, os alunos ainda estavam trabalhando a questão dos intervalos. O aluno que na aula anterior havia trazido a folha com a imagem de um teclado impressa trouxe uma cópia para cada um dos colegas. O professor trabalhou intervalos de segunda maior e menor e terça maior e menor, cantando e tocando com os alunos, para eles terem percepção das diferenças auditivas entre eles.

Nessa aula ele optou por trabalhar com recursos auditivos, deixando de lado a análise visual. Os alunos tiveram a oportunidade de ouvir os intervalos e perceber as diferenças entre eles. Como é uma disciplina de percepção musical, isto é, percepção dos sons, usar a escuta faz mais sentido que trabalhar com a visão. Como tarefa, o professor solicitou que os alunos procurassem por músicas de missas que comesçassem com esses intervalos. Dessa forma, ele conseguiu relacionar o conteúdo da aula com a prática musical dos alunos – identificar os intervalos nas músicas que eles praticam é uma forma de mostrar que o conteúdo não está distante da realidade, mas é algo que está presente no cotidiano deles.

09/4/2011 – O professor começou a aula ainda abordando a questão dos intervalos e perguntou aos alunos se haviam feito a tarefa dada na semana anterior. Os alunos sugeriram algumas músicas que começavam com os intervalos propostos, mas nem todas eram músicas litúrgicas e algumas também não constavam no hinário do curso. O professor tocava no teclado cada uma das músicas que era sugerida para que os alunos ouvissem o intervalo e verificassem se o exemplo estava correto. As sugestões foram:

- Segunda menor – *Ave Maria*, de Charles Gounod.
- Segunda maior – *Parabéns pra você; Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso; *Comam do pão, bebam do cálice* – a parte das sopranos.
- Terça menor – *Imaculada Maria de Deus*.
- Terça maior – *Marcha Nupcial*, de Felix Mendelssohn-Bartholdy; *Eu sei que vou te amar*, de Vinícius de Moraes e Tom Jobim; *Antes da morte e ressurreição*, de Dom Carlos Alberto Navarro e Waldeci Farias.

Figura 2: Comam do pão, bebam do cálice.

Fonte: (LITURGIAS DAS CELEBRAÇÕES DO XXIV CONCÍLIO DA IGREJA, 2004).

2 maior

Co-mam do pão, be-bam do cá-li-ce. Quem a mim vem não te - rá fo - me.

Co-mam do pão, be-bam do cá-li-ce. Quem em mim crê não te - rá se - de.

Figura 3: Eu sei que vou te amar.

Fonte: (JOBIM; MORAES, 2010).

3 maior
Moderato

Eu sei que vou te_a - mar Por to - da_a mi - nha vi - da_eu vou te_a - mar

Em seguida, o professor iniciou um novo assunto: intervalos de quarta e quinta. Ele fez um exercício auditivo para treinar a escuta desses dois intervalos e, em seguida, fez as seguintes observações:

- Para os intervalos de quarta justa, pode-se lembrar de duas músicas que começam com ele – *Hino Nacional Brasileiro* e *Cantemos ao amor*.

- Para os intervalos de quinta justa, o professor sugeriu a *Oração de São Francisco e Pão de vida nova* – parte das sopranos.

Figura 4: Oração de São Francisco.

Fonte: (ORAÇÃO..., 2011).

5 justa

S
Se - nhor fa - zei-me ins-tru-men-to de Vos-sa paz. On-de hou-ver ó - dí-o que eu le-ve o a-

A
Se - nhor fa - zei-me ins-tru-men-to de Vos-sa paz. On-de hou-ver ó - dí-o que eu le-ve o a-

B
Se - nhor fa - zei-me ins-tru-men-to de Vos-sa paz. on-de hou-ver ó - dí-o que eu le-ve o a-

Edson comentou, enquanto faziam essa atividade de percepção, que para ele todos os intervalos pareciam iguais e que seria necessário limpar o ouvido para conseguir perceber a diferença.

Os alunos participaram ativamente dessa atividade e prestaram muita atenção na comparação dos intervalos, porém percebi que o professor precisava ir devagar com a matéria porque nem todos conseguiam acompanhar. As explicações e exemplos foram repetidos várias vezes, para que todos conseguissem entender e os alunos idosos demonstraram ter um pouco de dificuldade.

Para introduzir o assunto seguinte – ditado rítmico –, o professor pediu que alunos fizessem em casa os exercícios que ele já havia passado acerca desse tema e fez alguns exemplos em sala para os alunos entenderem, começando com semínimas e pausas.

Aqui novamente o professor retomou a metodologia de começar a atividade de percepção com informações teóricas e mentais, quando o mais adequado seria começar pela escuta: ouvir os sons, o silêncio, e identificar a duração de cada um deles – longos e curtos. O professor poderia acrescentar, aos poucos, outros elementos, como a expressão corporal com palmas e pés, para que os alunos fossem sentindo os ritmos. Depois dessa aproximação, a identificação na partitura acaba se tornando parte do processo, e não algo completamente novo e estranho.

16/4/2011 – O professor começou a aula cantando alguns intervalos com os alunos. Nivaldo acertou os intervalos de segunda maior e menor, cantando, apenas lembrando-se das músicas que foram dadas como referência nas aulas anteriores. Depois de trabalhar os intervalos de segunda, o professor seguiu com os intervalos de terça, quarta e quinta. Quem sempre conseguia

acertar o tom e puxar o resto da turma no exercício era uma das idosas. Depois, descobri que ela tinha experiência em canto por causa dos corais de que participava. Um assunto novo foi introduzido – sextas maior e menor. O professor pediu sugestões de músicas que começassem com sexta maior e Nivaldo sugeriu uma música litúrgica, achando que ela começasse com sexta, mas, na verdade, ela começava com uma quarta e só depois é que ia para o intervalo de sexta. Os alunos conseguiram achar uma música em que a sexta maior estava no refrão, porém Edson observou que o início dessa música sugerida também começava com o intervalo desejado.

As intervenções dos alunos demonstram que eles já estavam começando a se apropriar do assunto intervalo. Talvez a associação com músicas litúrgicas e outras bem conhecidas de seus repertórios tenha auxiliado na compreensão desse conteúdo e dado sentido ao aprendizado. A proposta do professor também pode ter colaborado para a ativação da memória, já que os alunos tiveram que se lembrar das músicas de seu repertório, do intervalo inicial de cada uma delas, dos intervalos trabalhados pelo professor e associá-los entre si.

Para a sexta menor o professor sugeriu a música *Amigo*, de Roberto Carlos. Ele perguntou se os alunos tinham feito a tarefa de percepção e, ao ouvir algumas negativas, pediu para todos fazerem a tarefa, porque pretendia corrigi-la na aula seguinte. Em seguida, propôs fazer um ditado rítmico aos alunos.

Identificar os sinais gráficos presentes nas partituras é uma das etapas no aprendizado da leitura musical. Os ditados rítmicos servem para os alunos trabalharem com os processos de codificação e decodificação desses sinais, relacionando-os com as sonoridades musicais. No caso do ditado rítmico, as sonoridades referem-se à duração do som – alternância entre sons longos e curtos e entre som e silêncio. Por ser uma atividade muito importante para o aprendizado da leitura musical, é fundamental que o professor esteja atento aos procedimentos adotados e cuide para que ela seja uma atividade divertida, prazerosa e que efetivamente contribua para a apropriação desse conhecimento, não tornando-a uma experiência traumática ao aluno.

30/4/2011 – Não houve observação.

07/5/2011 – Os alunos começaram a aula fazendo alongamento do corpo e um breve aquecimento vocal, como preparação para o canto. Depois se dividiram em naipes, para ensaiar as músicas da missa de Corpus Christi.

14/5/2011 – No início da aula, o professor comunicou que uma aluna havia desistido do curso, por ter feito uma cirurgia de coluna, apresentando, no pós-operatório, dificuldades na recuperação. Em seguida, o professor deu aula de Harmonia e Análise Musical, em vez de Percepção, retomando o assunto da aula anterior: escalas maiores e suas relativas menores,

seus acidentes e maneiras de grafá-los na partitura.

21/5/2011 – Esta também foi uma aula de Harmonia e Análise Musical e o professor aproveitou para tirar dúvidas dos alunos com relação à tarefa da aula anterior: escrever as escalas menores com seus respectivos acidentes. O professor recolheu os papéis em que os alunos fizeram essa atividade, mas antes passou em cada uma das carteiras para tirar dúvidas. Os alunos corrigiram os exercícios, fizeram perguntas e anotaram o que o professor colocava no quadro. Depois dessa atividade ele trabalhou com os alunos alguns exemplos de exercícios que poderiam cair na prova.

28/5/2011 – Não houve observação.

11/6/2011 – Avaliação da disciplina. Não houve observação dessa atividade.

25/6/2011 – Missa de Corpus Christi.

2.3.3 Canto Gregoriano I

Canto Gregoriano I foi outra disciplina observada e seu plano de curso é apresentado a seguir.

- Ementa: esta disciplina oferece informações para o aprendizado e prática do Canto Gregoriano nas liturgias.
- Objetivos gerais: conhecimento da história da restauração do Canto Gregoriano, leitura de partituras em seus elementos fundamentais, neumas e seus desenvolvimentos, solfejo, prática coral, características do repertório e emprego na liturgia após o Concílio Vaticano II, as diferentes escolas.
- Conteúdo programático: história do Canto Gregoriano; a grafia nos livros atuais – claves, neumas e ritmo; técnica vocal para o Canto Gregoriano; desenvolvimento de repertório.
- Metodologia: explicações e discussões em classe, audição de exemplos musicais, leituras de textos complementares e prática de solfejo e canto coral do repertório gregoriano.
- Estratégias de avaliação e recuperação: presença comprovada em sala de aula, trabalho final – preparação de cantos para uma celebração. (CE-MULC, 2011b).

Esta disciplina era ministrada por dois professores, sendo um deles o responsável e o outro o auxiliar, que tinha a função de tocar teclado quando necessário. A turma é a mesma da disciplina Percepção Musical I.

12/3/2011 – Aula a respeito dos neumas, seus tipos e nomenclaturas. Os neumas são elementos do sistema de notação musical usados na pauta do canto gregoriano, que é constituída

por quatro linhas, e não cinco, como a pauta tradicional. Conforme consta no Dicionário Musical Online (NEUME, 2011), cada neuma – ou grupo de neumas – corresponde a uma sílaba do texto da música. No canto gregoriano o ritmo está ligado ao texto e este é sempre em latim, abordando temas religiosos. Não há divisão da peça em compassos e os neumas não indicam o ritmo, apenas a direção da melodia, não de forma precisa. As duas claves usadas são a de dó e a de fá. A seguir há um quadro com os tipos de neumas, suas respectivas nomenclaturas, como eles eram representados graficamente em diferentes regiões e suas respectivas representações na notação moderna.

Figura 5: Neumas dos séculos XI e XII.¹²

Fonte: (BENT et al.,).

name	modern	square (Paris)	(West) German	Messine-German	Esztergom	Prague	Wroclaw
virga							
punctum							
pes							
clivis (flexa)							
torculus							
porrectus							
scandicus							
climacus							
epiphonus							
cephalicus							

Os alunos participaram fazendo muitas perguntas. A aula tem uma parte prática, mas a deste dia foi apenas teórica: na próxima semana os alunos começarão a cantar.

19/3/2011 – Concerto da Orquestra Sinfônica de Campinas.

26/3/2011 – O professor iniciou a aula com um exercício: transcrever os neumas de uma das missas da apostila em gregoriano para o pentagrama – grafia moderna. Como o formato das

¹²Os neumas adotados no curso são os da terceira coluna – square (Paris).

notas mudou e a pauta aumentou de quatro para cinco linhas, a transcrição da escrita neumática é importante para auxiliar os alunos a se localizarem. Para fazer a transcrição, primeiramente, os alunos precisam observar em que clave está o canto gregoriano. A partir daí, eles conseguem definir as notas na partitura e transcrevê-las para o pentagrama, procurando ficar na altura da oitava 3¹³. O professor também explicou que esse exercício é importante porque os ajudará quando cantarem as obras, visto que poderão relacionar a escrita neumática, que não dominam, com a escrita tradicional, já conhecida. As Figuras 6 e 7 mostram um exemplo de partitura gregoriana e sua transcrição.

Figura 6: Partitura em Gregoriano de *Victimæ Paschali Laudes*.
Fonte: (SEQUÊNCIA..., 2012).

Victimæ paschali laudes

Victimæ paschá-li laudes immo-lent Christi-á-ni.

Agnus re-démit oves: Christus inno-cens Patri re-conci-
li-ávit pecca-tóres. Mors et vi-ta du-él-lo confi-xé-re mi-rán-
do: dux vi-tæ mórtu-us, regnat vivus. Dic no-bis Ma-ri-a,
quid vi-distí in vi-a? Sepúlcrum Christi vi-véntis, et gló-
ri-am vi-dí re-surgéntis: Angé-li-cos testes, sudá-ri-um,
et vestes. Surré-xit Christus spes me-a; præcédet su-os in
Ga-li-læ-am. Scimus Christum surrexisse a mórtu-is ve-re:
tu no-bis, victor Rex, mi-se-ré-re.

À vítima paschal, os cristãos oferecem os sacrifícios de seus louvores.

O Cordeiro redimiu as ovelhas: Cristo inocente, com o Pai, reconciliou os pecadores.

A morte e a vida se bateram num duelo admirável, o Rei da vida, morto, reina vivo.

Dizei-nos, Maria, o que visteis pelo caminho?

Vi o sepulcro de Cristo, que vive, e a glória da ressurreição.

Vi as testemunhas angélicas, o sudário e as vestes.

Ressuscitou Cristo, a minha esperança, e vos precederá na Galileia.

Sabemos que Cristo ressuscitou dos mortos verdadeiramente.

Vós, ó Rei vitorioso, tende misericórdia de nós!

¹³É a oitava que começa no dó central do piano. Usando a clave de sol como exemplo, na pauta ele fica na primeira linha suplementar inferior.

Figura 7: Partitura em notação moderna de *Victimae Paschali Laudes*.
 Fonte: (COSTA, 2011).

SEQUENZA.

1. (re - la)

VÍ-cti-mae pascháli lau-des * ím-mo-lent Christiá-ni. A-gnus redé-mít o-ves: Chri-stus ín-no-cens Pa-tri re-con-ci-li-á-vit pec-ca-tó-res. Mors et vi-ta du-él-lo con-fli-xé-re mi-rán-do: dux vi-tae mórtu-us, re-gnat vi-vus. Dic no-bis Mari-a, quid vi-dí-sti in vi-a? Se-púl-crum Chri-sti vi-vén-tis, et gló-ri-am vi-di re-sur-gén-tis: An-gé-li-cos te-stes, su-dá-ri-um, et ve-stes. Sur-ré-xit Christus spes me - a: prae-cé-det su-os in Ga-li-laé-am. Sci-mus Chri-stum sur-re-xís-se a mórtu-is ve-re: tu no-bis, vi-ctor Rex, mi-se-ré - re. A - men. Al-le-lú - ia.

Ambos os professores andaram pela sala tirando individualmente as dúvidas dos alunos. Depois do exercício feito, os alunos cantaram uma das músicas da apostila e, para tanto, o professor ensinou a pronúncia correta das palavras em latim e que os neumas sobrepostos – os *pes*¹⁴ – devem ser lidos sempre da nota mais grave para a mais aguda.

02/4/2011 – O professor recordou o nome de alguns neumas e falou a respeito do ritmo no Canto Gregoriano. Não há barras de compasso e nem fórmula de compasso na partitura, pois o ritmo da música é estabelecido pelo texto. O professor enfatizou que cada neuma, ou grupo de neumas, é ligado a uma sílaba do texto e que é isso que define o ritmo. Ele explicou também que eles dão a orientação melódica da peça, indicando se a melodia vai para o grave ou agudo. Os alunos cantaram uma das músicas da apostila.

09/4/2011 – O professor fez uma recapitulação da última aula e explicou o significado da palavra *Kyrie*¹⁵. Ele poderia trabalhar mais conteúdos novos em cada aula, porém procurava repetir e reforçar os assuntos já abordados, porque os alunos tinham muita dúvida e faziam muitos questionamentos. Adotando essa postura, ele demonstrou perceber a dificuldade dos alunos e ter sensibilidade para trabalhar os conteúdos de forma que fossem bem compreendidos. A repetição, tão enfatizada pelo professor, é fundamental para os alunos fixarem o assunto novo.

16/4/2011 – No início da aula o professor fez uma revisão de todo o assunto já tratado até aqui. Os alunos mais velhos eram os que faziam mais perguntas e pareciam se interessar bastante pela aula. Os alunos mais novos também prestam atenção e se mostram interessados, mas interagem menos com o professor e não fazem tantos questionamentos. Depois da revisão os alunos cantaram. A pesquisadora tem observado que a prática musical é a parte mais apreciada da aula.

30/4/2011 – Não houve observação.

07/5/2011 – No início da aula o professor perguntou para cada aluno o nome de um dos neumas presentes em uma das músicas da apostila. O restante da aula foi para iniciar a explicação a respeito dos modos eclesiásticos. De acordo com Grove e Sadie (1994, p. 612), *modo*, em música, “significa a escala ou a seleção de notas usada como base para uma composição; essa seleção tem implicações a respeito de onde as melodias deverão terminar, das formas que podem assumir e – segundo a teoria antiga – do caráter expressivo de uma peça.” Os modos eclesiásticos foram organizados pelo Papa Gregório I e são também conhecidos como modos Gregorianos ou Litúrgicos. Esse sistema, formado por oito modos divididos em quatro autênticos e quatro plagais, ficou conhecido como *Oktōēchos*. Os modos autênticos eram os que

¹⁴Ver Figura 5.

¹⁵*Kyrie Eleison* significa “Senhor, piedade”.

iniciavam com a fundamental e os plagais com uma quarta abaixo da fundamental. A Figura 8 mostra os modos eclesiásticos com suas notas iniciais e os respectivos nomes gregos com os quais foram rebatizados entre os séculos IX e X.

Figura 8: Modos Eclesiásticos.

Fonte: (VISCONTI, 2010).

Oktoechos

Primeiro modo - *Protus*, posteriormente Dórico

Segundo modo - *Protus plagal*, posteriormente hipodórico

Terceiro modo - *Deuterus*, posteriormente Frígio

Quarto modo - *Deuterus plagal*, posteriormente hipofrígio

Quinto modo - *tritus*, posteriormente Lídio

Sexto modo - *tritus plagal*, posteriormente hipolídio

Sétimo modo - *Tetradius*, posteriormente Mixolídio

Oitavo modo - *Tetradius plagal*, posteriormente hipomixolídio

14/5/2011 – O professor começou a aula explicando o que iria cair na prova: os alunos teriam que transcrever em notação contemporânea dois trechos de canto gregoriano, um em clave de dó e outro em clave de fá. Eles também precisariam identificar os neumas – nomenclatura – e mostrar como funciona sua leitura, que vai do grave para o agudo. O professor novamente colocou no quadro um exemplo de como fazer a transcrição.

Em seguida, ele pediu para os alunos trabalharem com a questão da transposição de um sistema de notação a outro: escolheu alguns cantos na apostila e pediu para os alunos transcreverem em notação contemporânea. Ambos os professores circularam pela sala para auxiliar os alunos e muitos tiraram suas dúvidas. Para terminar a aula, eles cantaram.

21/5/2011 – Por causa da troca de horários das turmas do primeiro e segundo anos, esta aula foi transferida para o primeiro horário. Sempre no início da primeira aula é feita uma oração. Neste dia, o professor substituto perguntou se alguém gostaria de colocar alguma “intenção” na oração. Uma das alunas, que estava com dificuldade para transcrever o canto gregoriano, falou

que gostaria de pedir para que conseguisse entender melhor os conteúdos. O professor tirou dúvidas dos alunos durante a aula e em seguida escolheu um canto gregoriano para os alunos nomearem os neumas e cantarem.

28/5/2011 – Avaliação da disciplina. Não houve observação desta atividade.

25/6/2011 – Missa de Corpus Christi.

2.3.4 Canto Coral I

Disciplina da turma do segundo ano que tem o seguinte plano de curso:

- Ementa: desenvolvimento musical através da prática coral. Execução de repertório coral para a liturgia. Aplicações práticas do ministério litúrgico do coral.
- Objetivos gerais: a partir da função ministerial do coral na liturgia, executar peças do repertório coral, visando o desenvolvimento litúrgico-musical dos alunos.
- Conteúdo programático: programa de Aquecimento e Desaquecimento vocal; revisão da classificação vocal dos coralistas; revisão e fixação dos conceitos básicos de técnica vocal – postura, respiração, vocalização e dicção; dicas de higiene vocal; estudo prático da partitura musical – ritmo, métrica, altura, intensidade, timbre, articulação e fraseado; realização de repertório sacro em várias texturas – peças em uníssono, peças a duas vozes, peças a três vozes, peças a quatro vozes, peças com solo e coro, falso bordão e polifonia.
- Metodologia: aquecimento vocal procurando revisar os conceitos básicos de técnica vocal com dicas de higiene vocal, ensaio de naipes, ensaios gerais e realização de audição final.
- Estratégias de avaliação e recuperação: presença comprovada em sala de aula; avaliação escrita sobre os vários conceitos trabalhados durante o semestre; avaliação do repertório através de apresentação pública (Missa de Corpus Christi). (CEMULC, 2011a).

Esta disciplina é ministrada por dois professores e, em cada aula, a turma é dividida, ficando contraltos e baixos com o professor A, e sopranos e tenores com o professor B. Esta é uma turma pequena, com poucos homens e poucos idosos. Durante o período de observação, algumas das aulas foram ministradas em conjunto com outras turmas do curso. Os alunos gostam muito desta disciplina, pois ela é, em sua maior parte, prática. Essa preferência por atividades práticas corrobora a ideia de que a melhor maneira para aprender música é pela escuta e pela prática. Experimentar e vivenciar a música são o primeiro passo para se apropriar dos seus conceitos. Os conteúdos teóricos, que exigem a utilização dos aspectos visuais e mentais, são importantes e precisam ser considerados, porém têm pouco a ver com a experiência da música, que é o que deveria vir primeiro.

12/3/2011 – Somente um dos professores estava presente nesse dia, por isso a aula foi com toda a turma reunida e teve como base um arquivo preparado pelo professor, a ser projetado para a turma. Porém, como o arquivo apresentou problemas e impossibilitou a realização da atividade, o professor resolveu ministrar a disciplina de Estruturação Musical III. Como primeira atividade, pediu para os alunos corrigirem o exercício dado na aula anterior, antes de o entregarem para ele – era uma atividade avaliativa. Foi necessário explicar novamente o assunto porque os alunos estavam com muitas dúvidas. Eles perguntaram, responderam e participaram bastante da aula. Neste ponto da disciplina, estão aprendendo a ler partitura. Os alunos idosos tiveram mais dificuldade do que os mais novos em fazer a atividade de solfejar e bater os pés na pulsação. Depois de repetir algumas vezes o exercício, substituíram os nomes das notas pela letra da música e, então, tudo ficou muito mais fácil.

19/3/2011 – Concerto da Orquestra Sinfônica de Campinas.

26/3/2011 – A aula foi com toda a turma e ministrada apenas por um dos professores, que trabalhou um texto da apostila a respeito do tema “O que é um coro ou coral”. O professor explicou as funções do coro na liturgia e falou sobre a música gospel. Os alunos riram muito porque o professor era engraçado, fazia piadas e imitava alguns cantores de música gospel. Ele também pediu a opinião dos alunos a respeito do assunto, perguntando se eles gostavam desse estilo de música e de sua utilização na igreja católica. Parte da turma não vê problemas com a música gospel, mas acha que a igreja deve manter seu estilo musical. Eles prestaram muita atenção durante toda a aula e anotaram tudo o que o professor escreveu no quadro. Os ensaios começarão na aula seguinte.

02/4/2011 – A turma foi dividida para ensaiar as músicas que seriam apresentadas na missa de Corpus Christi – o Bispo sempre pede para que os alunos cantem. Fiquei com o professor A, que ensaiou várias músicas. Esta disciplina é bastante apreciada pelos alunos por causa do seu caráter prático – a maioria deles gosta muito de cantar.

09/4/2011 – Neste dia, o ensaio foi com a turma toda, porque não havia sala disponível para dividir as turmas. Uma das idosas que era contralto estava cantando muito grave; os professores identificaram e pediram para ela cantar num tom mais agudo. Depois de exemplificarem algumas vezes, ela conseguiu atingir o tom desejado. Essa atividade acabou ajudando outras alunas do mesmo naipe que também estavam com dificuldade. Percebi que, no geral, é difícil para os alunos se ouvirem e o professor sempre precisava lembrá-los disto: várias vezes ele pedia para que os alunos se escutassem, se aproximassem um dos outros para conseguirem se ouvir melhor. Alguns deles desafinavam e a postura do professor era sempre a de corrigir. Na maior parte das vezes, porém, ele não fazia isso chamando a atenção da pessoa diretamente,

mas procurava ensaiar o naipe em que essa pessoa estava, repassando e repetindo o trecho em que ela tinha dificuldade, e pedia para eles se ouvirem. Somente quando esses procedimentos não davam resultado é que o professor se dirigia à pessoa, procurando ajudá-la a superar a dificuldade.

Na hora de ensaiar o refrão de uma das músicas, o professor pediu para os alunos solfejam. Essa é uma atividade em que eles apresentam bastante dificuldade, pois ainda se apoiam muito na letra da música e não nas notas musicais; alguns deles ficaram um pouco perdidos. Um dos professores, para servir de apoio e prestar auxílio, começou a solfejar junto com o grupo. Com essa ajuda, os alunos conseguiram ter um desempenho melhor na atividade.

16/4/2011 – A turma foi dividida e observei a aula do professor B. A aula começou com aquecimento vocal e continuou com o ensaio das músicas da apostila, por meio do solfejo e sem cantar as letras das músicas. Como já mencionado, os alunos tinham muita dificuldade nessa atividade porque se apoiavam no texto. Alguns ainda tinham pouco domínio das notas, o que os deixava inseguros na hora de realizar a atividade. Era muito comum, nesses momentos, o grupo cantar num volume baixo. Como a leitura musical com os nomes das notas faz parte do trabalho de ensino e aprendizagem de música, o professor insistia com a atividade. Algumas vezes, para tentar facilitar o processo, ele pedia para os alunos lerem as notas falando a mesma sílaba para cada uma delas – lá, ná, pá, etc. Isso os ajudava a gravar o ritmo da música e, após essa automatização, o solfejo ficava um pouco mais fácil. Sopranos e tenores estavam perdidos por causa do solfejo, pois quando é para cantar com a letra eles não se perdem. No final da aula o professor solicitou que os alunos ouvissem o CD¹⁶ em casa para virem preparados no próximo ensaio.

30/4/2011 – Não houve observação.

07/5/2011 – A aula foi ministrada com toda a turma, somente pelo professor A, que começou com alongamentos, exercícios e vocalizes. Em seguida, deu início ao ensaio da missa.

14 e 21/5 – Ensaio para a missa de Corpus Christi com os alunos do primeiro e segundo anos.

28/5/2011 – Avaliação da disciplina. Não houve observação desta atividade.

25/6/2011 – Missa de Corpus Christi.

¹⁶Cada aluno recebe um CD com a sua parte das músicas gravadas. Há um CD para cada naipe do coral.

2.3.5 Intervalos de aulas

Os intervalos das aulas e os períodos em que a pesquisadora chegava mais cedo à escola foram importantes para conhecer os alunos, suas histórias, gostos e preferências, além de também conhecer o curso e a opinião dos alunos a respeito dele.

12/3/2011 – Na hora do intervalo, depois de me apresentar e falar a respeito da pesquisa e de seus objetivos, algumas pessoas se ofereceram para participar da entrevista; algumas delas tinham menos de sessenta anos. Um dos alunos falou que as aulas são boas para trabalhar a mente, principalmente a dos idosos – ele tinha 59 anos –, evitando a demência. Falou também que muitas pessoas ingressam no curso, mas desistem ao longo do tempo e que, por serem aulas ministradas apenas uma vez por semana, fica mais fácil frequentar o curso, pois é necessário se deslocar para a escola apenas uma vez na semana. Além disso, mencionou que há muito incentivo da paróquia para os alunos frequentarem as aulas, inclusive pagando os custos do curso para aqueles que não têm condições de arcar sozinhos com as despesas.

19/3/2011 – Concerto da Orquestra Sinfônica de Campinas.

26/3/2011 – Neste dia, como cheguei cedo ao colégio, pude conversar com Maria Helena, uma das entrevistadas, que encontrei no corredor. Ela é aluna do primeiro ano do curso e trabalha como babá de segunda a sexta-feira, cuidando de gêmeos que, àquela época, tinham por volta de 42 dias. Ela adora o curso, gosta muito das aulas e disse que esperava poder continuar a frequentá-lo. Ela cantava no coral da igreja; descobriu a existência do CEMULC num panfleto e resolveu se inscrever, contando com o apoio das filhas¹⁷. Ela quase fez vestibular para Pedagogia, mas suspendeu todas as suas atividades para cuidar do marido doente que, no fim da vida, estava numa cadeira de rodas. Depois da sua morte, há cerca de 10 meses, ela resolveu retomar o que vinha fazendo anteriormente, e se inscreveu no curso. Considera o curso muito bom para aprender técnicas e saber o que está fazendo no momento do canto. Falou que o regente do coral da Igreja onde cantava havia sido aluno de música no curso de Graduação da Unicamp. Ele cobrava uma mensalidade de dez reais por pessoa; Maria Helena achava certo pagar, mas outros participantes não o apoiavam e ele acabou saindo do grupo, por ter conseguido uma bolsa de estudos no exterior.

No intervalo da aula, tive oportunidade de conversar a respeito do concerto com Edson e Nivaldo, alunos do quarto ano e que também, participaram da pesquisa. Perguntei se eles tinham assistido, e Edson disse que não, por ter se esquecido dessa atividade. Ele ficou mal-humorado ao chegar na escola e perceber que todos os seus colegas haviam ido. Nivaldo também não foi,

¹⁷São quatro filhas professoras, que estudaram na UNICAMP.

mas por outro motivo: ele achou difícil, porque teria que se deslocar da PUC – onde nesse dia, as aulas do CEMULC foram ministradas – até o Centro de Convivência.

02/4/2011 – Antes da aula, conversei com uma aluna do quarto ano, que comentou que as aulas estão difíceis de acompanhar e um pouco complicadas, mas que até o ano anterior estava indo bem. Ela havia faltado na última aula porque estava viajando; mostrou fotos da viagem e o bolo que havia trazido para comemorar o aniversário dos professores e funcionários aniversariantes do mês. No intervalo, todas as turmas se reuniram para a comemoração.

09/4/2011 – Edson me perguntou quando começarão as entrevistas e afirmou que eu poderia contar com ele. Também perguntou se eu já tinha concluído alguma coisa a partir de minhas observações.

16/4/2011 – No intervalo, conversei novamente com Maria Helena, que me contou a respeito da apresentação que o grupo vocal do qual participa fez na missa da última sexta-feira.

30/4/2011 – Não houve observação.

07/5/2011 – Durante o intervalo conversei com Edson e Nivaldo e anotei seus contatos para fazer uma entrevista com eles.

14/5/2011 – Neste dia, anotei os dados da Maria Helena, que aceitou participar da pesquisa.

21/5/2011 – Cheguei à escola muito cedo e não fiquei no corredor, vagando; logo entrei na sala da turma do quarto ano, primeira turma que observei. Aproveitei para combinar com Nivaldo o dia de sua entrevista. Os alunos estavam estudando a transposição do canto gregoriano para a notação atual, porque na semana seguinte teriam prova. Uma idosa estava com dificuldade em fazer a transposição das claves de dó e fá para a clave de sol. Outra idosa foi explicar a matéria para ela e estranhou o caderno pautado da colega, pois as pautas não estavam no padrão, no tamanho usual dos cadernos pautados. Esta explicou que a filha havia reimprimido as folhas com as pautas maiores do que o padrão, para ela poder enxergar melhor.

Achei esta adaptação extremamente interessante, porque a perda da acuidade visual pode desestimular os idosos a continuar com suas atividades. Com o passar do tempo há aqueles que deixam de ler, apesar de apreciarem a atividade. Este é um ponto a ser considerado pelo educador musical que trabalha com alunos dessa faixa etária: as partituras conseguem ser lidas facilmente? Há algum idoso no grupo que apresenta alguma dificuldade visual?

A tecnologia é uma importante ferramenta a ser usada tanto pelo professor quanto pelos idosos, possibilitando a ampliação dos textos e partituras e facilitando sua visualização. Dessa forma, o professor consegue incluir todos os alunos nas atividades e aquele aluno com dificul-

dade não se sente excluído e desestimulado. No caso dessa turma do CEMULC, a idosa usou um recurso tecnológico para conseguir acompanhar as atividades com mais facilidade. Mesmo não dominando o uso do computador, ela pediu que a filha a ajudasse, demonstrando iniciativa e persistência.

Durante as aulas é possível perceber que muitos alunos têm dificuldade na leitura, e talvez isso aconteça por causa do tamanho das pautas e das notas. As duas ficaram conversando e a aluna que estava com dificuldade terminou entendendo a matéria por causa das explicações de sua colega.

Outra aluna sentou-se atrás de mim e começamos a conversar a respeito da prova de canto gregoriano que estava marcada para a semana seguinte. Ela falou que já havia estudado, transcrevendo dois cantos gregorianos e que fez uns esquemas no caderno para ajudá-la a decorar os nomes dos neumas. Disse também que, em sua opinião, não se pode deixar o estudo para a última hora, porque senão não se consegue gravar os conteúdos. Antes ela era capaz de reter o aprendido na memória, mas hoje sente dificuldade.

28/5/2011 – Não houve observação.

25/6/2011 – Missa de Corpus Christi.

2.3.6 Teclado – Optativa

Disciplina optativa, que tem o plano de curso a seguir:

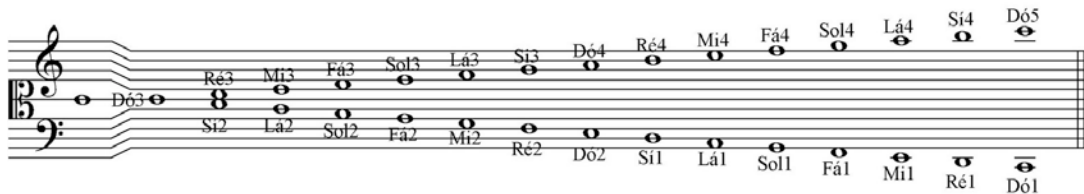
- Ementa: estudo ordenado e progressivo do instrumento.
- Conteúdo programático:
 - O instrumento e suas características: acessórios (suporte, fonte de alimentação, fone de ouvido); extensão, recursos, sensibilidade, timbres, acompanhamento eletrônico, pedal.
 - Exercícios de alongamento e noções posturais: alinhamento corporal ideal frente ao instrumento.
 - Exercícios para relaxamento e alongamento como preparação para posição da arcada de mão.
 - Identificação das regiões do instrumento e sua correlação com a leitura: o endecagrama¹⁸ com claves de sol e fá.
 - Numeração do dedilhado e posição de dó central.
 - Exercícios técnicos com articulações *Non legato* e *Legato*.
 - Repertório – adaptações de repertório litúrgico.

¹⁸Pauta com 11 linhas, sendo cinco para clave de sol, cinco para a clave de fá e uma linha com a clave de dó entre as duas. Ver Figura 9.

- Exercícios de concentração: cada aluno executará um compasso em sequência do outro, de forma a ouvirmos como uma única pessoa. Acrescentar gradativamente para dois e três compassos.
- Metodologia: explicações e discussões em classe; execuções práticas dos exercícios e das músicas fornecidos.
- Estratégias de avaliação e recuperação: avaliação prática, como um pequeno recital em sala de aula. O aluno deverá apresentar um exercício e uma peça de livre escolha, de memória. A composição da nota se dará em três quesitos: postura, posição de mão e interpretação. Partindo de 10 pontos em cada quesito, a nota final será definida a partir da avaliação do professor, dos colegas e do próprio aluno. (CEMULC, 2011d).

Figura 9: Endecagrama.

Fonte: (GOMES, 2010).



Esta aula tem apenas quatro alunas e todas são idosas. Cada uma delas leva seu teclado e todas sentam-se nas fileiras da frente, na sala. Em todas as aulas a que assisti, a professora trabalhou com atividades teóricas e práticas. Por ser uma turma pequena, as alunas participam bastante, fazem muitas perguntas e, em geral, pedem esclarecimentos a respeito do que a professora ensina, quando têm dúvidas nas explicações.

04/4/2011 – A professora apresentou o livro *Harmonia funcional*¹⁹, de Carlos Almada, que seria a principal referência teórica da aula. As alunas fizeram alguns exercícios propostos no livro e, ao final da aula, a professora pediu para cada uma tocar no teclado a música que tinham harmonizado e arranjado, tarefa dada na aula anterior. No final da aula a professora deixou um exercício para as alunas fazerem em casa.

11/4/2011 – Ao chegar à sala, uma das alunas perguntou-me se eu iria revelar o motivo de estar ali. Na aula anterior, eu havia me apresentado e falado a respeito dos meus objetivos com a observação das aulas e a pesquisa. Expliquei novamente o meu objetivo e falei que estava visitando várias turmas, para conhecer as pessoas e verificar quem gostaria de participar da pesquisa. Informei, também, que trabalhava com um público específico: pessoas com idade acima de 60 anos. Quando expliquei brevemente o objetivo da pesquisa – saber por que as pessoas resolvem aprender música –, uma das alunas respondeu: “É para passar o tempo. Velho aprendendo música é para ocupar o tempo”. Ao que outra aluna completou: “Passar o tempo de

¹⁹ALMADA, C. *Harmonia funcional*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2009.

forma *agradável*". A professora iniciou a aula corrigindo o exercício que deixara como tarefa, mas só uma das alunas havia feito – neste dia, havia apenas três alunas em sala. O exercício envolvia a construção dos acordes de uma tonalidade e, após a correção, a professora solicitou que todas tocassem cada um dos acordes ao teclado, para perceberem a diferença de sonoridade entre eles. Elas tocaram todos os acordes com a mão esquerda; em seguida, fizeram o mesmo com a direita e, por último, com as duas mãos juntas.

25/4/2011 – A aula deste dia teve como tema as tétrades e a professora continuou trabalhando com os exercícios do livro. Novamente, a aluna que havia faltado na aula anterior não veio. A professora tocou todos os acordes construídos no exercício para as alunas ouvirem e, em seguida, propôs analisarem harmonicamente uma música do repertório da missa de Corpus Christi. Depois da análise, as alunas tocaram os quatro primeiros compassos da peça.

Uma das alunas, que já havia estudado piano em outro momento de sua vida, perguntou se não era mais fácil colocar as notas, em vez de ler a música por meio das cifras e a professora explicou que era uma questão de prática e hábito.

As alunas eram muito interessadas, faziam muitas perguntas, participavam das atividades e sempre solicitavam mais explicações da professora, quando não entendiam algum assunto. Ao final da aula, a professora pediu para que elas fizessem, em casa, a análise funcional do trecho analisado em sala e estudassem a peça. Ela explicou o que é análise funcional, deu exemplos e deixou os oito minutos finais da aula para as alunas começarem a tarefa e tirarem dúvidas.

02/5/2011 – As alunas tocaram juntas a música que haviam preparado em casa. Neste dia, todas elas estavam presentes, mas uma não trouxe teclado, porque estava com muita dor para carregá-lo. A professora corrigiu a tarefa, colocando a análise funcional da peça. As alunas fizeram muitas perguntas e se mostraram muito atentas à aula.

Surgiram dúvidas quando a professora explicou a respeito da harmonia funcional e da grafia usada, quando se quer indicar que há uma terça ou uma quinta no baixo, e não a nota fundamental. Na harmonia funcional já se explicita a função do acorde em questão, informando se ele é uma tônica, dominante, subdominante e assim por diante. Neste caso, a professora estava usando a escala de sol maior como exemplo, com as seguintes grafias:

- T₃, indicando que o acorde da tônica (T) sol tinha a nota si no baixo, e não a fundamental, que seria novamente o sol.
- T₅, indicando que o acorde da tônica tinha, no baixo, a nota ré.

A professora teve que repetir a explicação algumas vezes para todas entenderem. Para a

aula seguinte, a tarefa seria preparar outra música do repertório da missa e fazer sua análise funcional.

09/5/2011 – A professora começou a aula querendo escutar a música preparada pelas alunas em casa. Em seguida, começou a corrigir a análise funcional feita como tarefa e as alunas fizeram muitas perguntas. Elas estavam perdidas na partitura e não conseguiam encontrar as notas e acordes a respeito dos quais a professora estava falando. Por isso ela passou de mesa em mesa, para auxiliar as alunas. Elas estavam com dificuldade para entender as explicações da professora, que resolveu recapitular o assunto abordado na aula anterior e explicou tudo novamente, devagar.

A professora demonstrou ter sensibilidade para perceber os momentos em que as alunas estavam com dificuldade e sempre procurava adequar o andamento da aula para que elas conseguissem acompanhar e, estando sensível a isso, também conseguia dosar o conteúdo das aulas. Para Schafer (1991, p. 282), “o que é ensinado provavelmente importa menos que o espírito com que é comunicado e recebido.” Pelas perguntas e comentários feitos pelas alunas durante essa aula, a professora percebeu que o assunto não estava sendo compreendido.

Uma das estratégias usadas pela professora durante a explicação desse assunto – e também de outros – era tocar exemplos para que as alunas escutassem e percebessem as diferenças. Nesta aula de análise funcional, a professora tocou diversos acordes, pedindo para que as alunas identificassem em que posição estavam as terças e quintas. A cada novo acorde a professora mudava a terça/quinta de voz, ora colocando no baixo ou em alguma das outras vozes. Esse exercício auditivo fez com que as alunas sentissem a harmonia, ficando mais fácil entender a teoria.

O que percebo é que esta disciplina e a de Percepção Musical I, por serem de caráter prático, proporcionavam mais momentos de audição do que as outras disciplinas observadas. Os professores procuravam aliar alguma vivência musical – ouvir ou tocar/cantar – a suas explicações teóricas. Porém, apesar desse esforço, como na maior parte dos cursos de música formais – ou que procuram ter este caráter – o enfoque ainda era bastante teórico, mental.

Depois dessa parte da aula, a professora quis ouvir cada aluna tocar individualmente, para identificar as dificuldades técnicas e os problemas da performance. Ela ainda analisou a forma como as alunas definiram os acordes do arranjo que fizeram, a distribuição das notas desses acordes e passou um exercício de distribuição das notas do acorde para as elas fazerem em casa. Uma das alunas terminou o exercício ainda em sala e tocou para a turma.

16/5/2011 – A aula começou com a professora corrigindo o exercício dado como tarefa.

Ela falou a respeito da sensação de repouso na música, explicando que essa sensação, para nós, é diferente da sensação que alguém do século dezoito tinha. Além disso, abordou um pouco a respeito das características da música do século XX. Em seguida, colocou a harmonização que cada aluna fez no quadro, pediu para todas tocarem cada arranjo e fez comentários a respeito da distribuição das notas e do dedilhado utilizado. As alunas prestaram muita atenção, fizeram muitas perguntas e anotações, demonstrando grande interesse pela aula. Para a aula seguinte, a professora pediu que as alunas preparassem mais uma música do repertório da missa.

23/5/2011 – A professora quis ouvir as alunas tocando juntas a música que haviam preparado como tarefa de casa. Em seguida, cada aluna explicou como fez a distribuição das notas dos acordes usados no acompanhamento. A professora colocou todos os arranjos no quadro para fazer uma análise compasso por compasso e as alunas fizeram muitas perguntas. Depois dessa atividade, a professora deu início ao assunto da aula – “dominante da dominante”. As alunas ficaram um pouco confusas e, percebendo essa situação, ela repetiu diversas vezes a explicação, procurando tornar o assunto mais compreensível. Além da explicação teórica, a professora tocou alguns acordes de dominante e outros de “dominante da dominante” para as alunas ouvirem a diferença.

30/5/2011 – Avaliação da disciplina. Como as alunas ficam bastante nervosas, não houve observação desta atividade para não prejudicar o desempenho delas. O nervosismo por ter que tocar e ter sua performance avaliada era muito comum entre os alunos, o que às vezes poderia prejudicar suas avaliações. A professora dessa disciplina procurava sempre tranquilizar as alunas, dizendo que não considerava apenas a apresentação final em sua avaliação, mas tudo o que fora produzido em sala durante o curso. Ela demonstrava estar interessada no processo de aprendizagem das alunas e no progresso individual de cada uma delas, e não apenas nos resultados finais, pois este pode ser prejudicado pelo nervosismo causado pela responsabilidade na hora da atuação.

A questão do nervosismo nas avaliações acompanha alunos de todos os cursos, e um desempenho não satisfatório nesse momento não significa que eles não tenham aprendido o conteúdo. Por isso considero que todo o processo de ensino-aprendizagem deva ser levado em conta no momento da avaliação. Uma forma de tentar fazer com que os alunos produzam sem pressão é tirar o grande peso colocado nas avaliações e seu caráter definitivo, visto que o resultado produzido não pode ser modificado.

Uma alternativa seria propor atividades práticas para tocar, compor e cantar durante todo o curso. Os alunos seriam avisados no início de que toda essa produção em sala será avaliada pelo professor, por eles – autocrítica – e pelos colegas. Dessa forma, a avaliação final teria

como base toda a produção feita no decorrer do curso, bem como os seus posicionamentos a respeito do trabalho dos colegas e seus progressos individuais. Isso exigiria que o professor estivesse atento a tudo e considerasse, em sua análise, toda a caminhada e progresso de cada aluno no decorrer do curso. Um trabalho final poderia ser apresentado, mas seu peso não seria maior que o das outras atividades feitas. Essa proposta de avaliação processual talvez ajudasse os alunos a produzirem sem nervosismo, porque a avaliação se tornaria parte do processo de ensino-aprendizagem, e não um fato isolado.

Nessa fase foi possível entender o funcionamento do curso e estabelecer contato com os futuros entrevistados. No próximo capítulo, apresentaremos cada um deles e suas respectivas entrevistas.

3 *As entrevistadas*

No primeiro dia de observação das aulas no CEMULC fui convidada a explicar para cada uma das turmas as razões de estar ali assistindo aula com eles. Falei sobre a pesquisa e seus objetivos e que seria fundamental entrevistar algumas pessoas que se encaixassem no seguinte perfil: com idade igual ou superior a sessenta anos.

A intenção inicial era entrevistar pessoas que tivessem se voluntariado para participar da pesquisa. Para conhecer mais alunos e ampliar a gama de perfis de possíveis entrevistados, assisti aulas em diferentes turmas. Logo no primeiro dia, após as explicações iniciais sobre a pesquisa, algumas pessoas já se colocaram à disposição para participar, sendo que algumas nem estavam na faixa etária solicitada, mas mesmo assim estavam disponíveis, caso fosse necessário.

Para esta pesquisa foram selecionados quatro idosos: dois homens – que se voluntariaram – e duas mulheres – que foram convidadas, todos com diferentes idades e em diferentes turmas do curso. Dois estavam no quarto ano e eram colegas de sala, uma estava no primeiro e a outra no terceiro, o que possibilitou ter opiniões diversificadas.

Maria Helena foi convidada por causa da sua espontaneidade: um sábado, antes de iniciarem as aulas, ela estava no corredor da escola e veio conversar sobre sua vida e seu cotidiano. Como se mostrasse muito comunicativa e talvez propiciasse uma entrevista interessante, foi convidada para participar e aceitou prontamente.

A participação de Alice também se deu por meio de convite. O contato com esta aluna foi feito na aula de Teclado, que acontecia às segundas-feiras no final da tarde. Ela foi convidada a participar por causa do seu perfil: durante as aulas se mostrava sempre atenta e fazia muitas perguntas, principalmente quando não entendia algum assunto.

Para que os entrevistados se sentissem mais à vontade durante a entrevista, seria importante estabelecer um vínculo: era necessário que eles conhecessem a pesquisadora. Como contar fatos da sua vida particular ou expressar opiniões para um completo desconhecido? Esse foi um dos motivos para frequentar as aulas durante três meses. Dessa forma, além de entender melhor o funcionamento do curso, seria mais fácil conhecer as pessoas, aproximar-se delas e fazer-se

conhecida. Assim, no momento da entrevista eu não seria uma completa estranha. Esse período de observação foi fundamental: alguns dos entrevistados, conforme o próprio relato deles, só aceitaram participar e autorizaram a divulgação de seus dados porque já me conheciam e sabiam que o CEMULC não deixaria um estranho frequentar as aulas se o motivo não fosse sério.

O horário e local das entrevistas foram escolhidos pelos próprios entrevistados para que se sentissem mais à vontade. A única exigência feita é que o local não poderia ser barulhento, pois a entrevista seria gravada e os ruídos poderiam prejudicar a gravação. Dois entrevistados quiseram fazer a entrevista em suas casas, um preferiu fazer na escola e outro escolheu fazer no escritório da filha, que ficava em um edifício próximo ao Colégio Pio XII. É importante destacar que, mesmo com a solicitação de um local silencioso, quase todas as entrevistas sofreram interferência de ruídos, a ponto de dificultar a compreensão da gravação. Somente a entrevista feita na escola é que não teve tanta interferência. Todas as outras foram abafadas por barulhos de carros de propaganda, obras e trânsito. Isso mostra que os entrevistados não estavam conscientes do ambiente sonoro no qual estão inseridos: na opinião deles, o local onde a entrevista foi realizada era silencioso – apenas um deles percebeu os ruídos no decorrer da entrevista, quando mencionou o trânsito e me pediu para escutar o som que estava sendo produzido naquele momento, o de um caminhão. Além disso, quando questionados sobre o ambiente sonoro das cidades e quais sons os agradavam e desagradavam, muitos paravam para pensar e tiveram dificuldade em encontrar uma resposta.

Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento para participar da entrevista¹ e concordaram que ela fosse gravada. Com relação à identificação e divulgação do nome, apenas um dos entrevistados quis manter seus dados em sigilo.

Neste Capítulo apresentamos a análise e discussão dos pontos mais interessantes das quatro entrevistas, divididos por temas. A transcrição completa dos diálogos encontra-se no Apêndice deste trabalho e nela procuramos manter o texto em forma de diálogo para que a leitura não ficasse tão cansativa. Os diálogos sofreram algumas interferências na hora da transcrição: para que o texto ficasse fluente e atendesse à norma culta da língua portuguesa, foi necessário corrigir erros gramaticais, bem como vícios de linguagem, além de adequar as falas para o texto escrito, pois a estrutura da fala difere da estrutura da comunicação escrita. Além disso, todas as entrevistas transcritas foram submetidas, na íntegra, aos entrevistados para que manifestem sua aprovação.

Neste Capítulo é feita também uma breve apresentação dos entrevistados. Essas informações auxiliam a traçar o perfil de cada um e ajudam a entender melhor a entrevista e os temas

¹O modelo encontra-se no Apêndice deste trabalho.

abordados.

Algumas das perguntas do roteiro não ficaram claras para os entrevistados, por isso foi necessário explicar e, em alguns casos, exemplificar. Quando se perguntava em quais situações o entrevistado costumava tocar/cantar, o objetivo era saber que sentimentos o levavam a isto. Em todas as entrevistas foi necessário dar exemplos para tornar a questão compreensível. A pergunta “que sentimentos surgem quando está fazendo aulas?” também não foi bem compreendida; foi preciso usar exemplos para conseguir respostas.

Questionados sobre os possíveis benefícios das aulas de música, os entrevistados ficavam em dúvida sobre qual resposta seria correta. Por isso foi necessário estabelecer alguns itens a serem avaliados, como: memória, coordenação motora, concentração, disposição e socialização.

A pergunta que versava sobre mudanças na percepção dos sentidos e da sensibilidade também foi difícil de ser compreendida. Foi necessário explicar melhor o objetivo da pergunta para que os entrevistados conseguissem respondê-la. Todas essas perguntas tinham por objetivo descobrir que tipo de percepção e de sentimentos aflorava em contato com a música, o que deixava os entrevistados pensativos, mas sem resposta. Daí a necessidade de explicar e exemplificar.

Quando questionados a respeito dos sons da infância e dos que não são mais escutados hoje, muitos entrevistados acharam que se estava perguntando sobre música. Precisei esclarecer que eu estava falando de sons em geral. No caso dos sons que não percebemos mais, usei o som do bonde como exemplo. A dificuldade em responder a essas questões talvez não se deva à falta de compreensão, mas ao fato de os entrevistados nunca terem pensado sobre o assunto.

O mesmo aconteceu quando eles foram questionados acerca do ambiente sonoro das cidades e dos sons que mais os agradavam e desagradavam. Os entrevistados tiveram que pensar por alguns instantes e, mesmo assim, a maior parte deles não percebeu nem os sons que estavam acontecendo no momento da entrevista. Como uma *entrevista teste* não foi realizada, não se tem certeza se essa dificuldade de compreensão se deva ao fato de as questões não terem sido formuladas de forma clara, ou ao fato de esse ser um assunto nunca abordado anteriormente com os entrevistados.

Para finalizar a entrevista, pediu-se para cada um registrar um pensamento acerca do tema “envelhecer aprendendo música”. Este pensamento foi colocado na apresentação deles, mostrando a visão de cada um sobre o tema.

O roteiro da entrevista apresenta trinta e quatro perguntas, divididas da seguinte forma:

- o curso
- fatos presentes
- fatos passados
- preferências e gostos
- percepções

A ordem das perguntas foi estruturada de forma a facilitar as lembranças de fatos passados. Por isso, optei por começar a conversa partindo das situações mais atuais, como as questões referentes ao CEMULC e preferências e gostos pessoais. Algumas perguntas a respeito do passado do entrevistado aparecem durante a entrevista, mas propositadamente elas se intensificam no final da conversa. Como a memória muitas vezes é ativada por fatos recentes, essa estratégia foi usada para auxiliar os entrevistados a relembrem seu passado, pois, como fala Bosi (1979, p. 17), “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.”

3.1 Os entrevistados

3.1.1 Nivaldo Monteiro Filho

Idade: 64 anos

Estado civil: Casado

Local de nascimento: Ubiraçaba-BA

Escolaridade: Ensino Técnico em Eletrotécnica

Profissão: Eletrotécnico



*Envelhecer estudando música é
cantar o grandioso amor universal!*

Nivaldo foi a primeira pessoa que se colocou à disposição para participar da entrevista. Como desde o primeiro dia de observação até o momento das entrevistas se passaram cerca de três meses, perguntei se ele continuava disposto a participar, ao que ele respondeu afirmativamente. Desse modo, marcamos a entrevista na sua residência, numa tarde de terça-feira, dia 31 de maio de 2011.

Na sua casa moram também a esposa, que conheci no dia da entrevista, e o neto. A nossa conversa foi tranquila e sem maiores contratemplos. Apenas em alguns momentos senti necessidade de explicar melhor algumas perguntas ou de exemplificá-las para que o entrevistado pudesse responder.

3.1.2 Maria Helena Garcia de Sales

Idade: 60 anos

Estado civil: Viúva

Local de nascimento: São José do Rio Pardo-SP

Escolaridade: Ensino Médio

Profissão: Babá



*A música para mim é tudo, pois não sei
se conseguiria viver sem ela.*

Maria Helena é aluna do primeiro ano do curso e foi muito solícita quando convidada a participar da pesquisa. O convite foi feito pelo fato de ela ter-se mostrado muito comunicativa em nosso primeiro contato: num sábado de manhã, logo ao chegar à escola, encontrei-me com ela no corredor e logo começamos a conversar. Ela contou que trabalha como babá, de segunda a sexta-feira, no período da tarde, cuidando de um casal de gêmeos, que, à época, tinham apenas quarenta e dois dias.

Ela quase fez vestibular para Pedagogia, mas teve de interromper seus planos para cuidar do marido doente que, no fim da vida, estava numa cadeira de rodas. Depois de sua morte, há cerca de 10 meses, resolveu retomar sua vida ativa e fazer o curso. Ela diz que o curso é muito bom para aprender as técnicas e saber o que se está fazendo quando está cantando.

A entrevistada ficou muito feliz com o convite e nossa conversa deu-se na sua casa, no dia primeiro de junho de 2011, pela manhã. Atualmente ela mora com duas filhas e uma neta. Conheci todas no dia da entrevista; durante sua realização, algumas vezes, a entrevistada recorria a elas, para que a ajudassem a se lembrar de algum fato ou informação. Ao chegar à sua casa, reparei que na cerca havia alguns pedaços de frutas espetados na grade. Isso chamou minha atenção e a entrevistada esclareceu posteriormente que era para atrair passarinhos. Maria Helena se mostrou uma pessoa comunicativa, alegre, ativa e com uma história de vida interessante.

Na gravação é possível escutar, diversas vezes, o ruído de carros e ônibus que transitavam na rua em frente a casa, mas esses ruídos não foram percebidos pela entrevistada no momento da entrevista.

3.1.3 Alice Maria Marques

Idade: 71 anos

Estado civil: Casada

Local de nascimento: Ourinhos-SP

Escolaridade: Ensino Fundamental

Profissão: Bancária



Envelhecer aprendendo música é um envelhecer mais suave, mais leve. Senão, envelhecer fica tão pesado... “Nossa, eu já tenho quantos anos, o cabelo está caindo, o meu olho já não está enxergando direito, eu estou com joanete, eu estou com tireoide, osteoporose e não sei mais o que, depressão...” É um caminhar de coisas. A gente pode conviver com isso porque existe remédio. E, para conviver com isso, um pouco de música também ajuda bastante. No fim, torna tudo mais suave.

Alice é aluna do terceiro ano do CEMULC e a conheci nas aulas de Teclado, às segundas-feiras, no final da tarde. Como ela se mostrou muito atenta e interessada nas aulas, resolvi convidá-la para participar da pesquisa.

Quando a convidei, ela ficou em dúvida se sua participação contribuiria para a pesquisa e se saberia responder às perguntas que seriam feitas. Semanalmente, cada vez que nos encontrávamos, ela me perguntava se já tinha feito o roteiro da entrevista, pois gostaria de ver as perguntas com antecedência, para se preparar. Todas as vezes eu lhe explicava que eram perguntas pessoais e não relacionadas a conhecimentos e informações sobre teoria musical. Essa ansiedade

só passou quando lhe antecipei algumas das questões que havia preparado. Nesse momento ela percebeu que meu interesse não era nos seus conhecimentos musicais, mas nos seus gostos, percepções e opiniões a respeito da música e seu estudo, e ficou mais tranquila.

Alice foi a única entrevistada que não quis se identificar: como ela critica a formação pianística que teve e, por consequência, sua professora, preferiu usar um pseudônimo escolhido por ela. E, como ainda é amiga da professora, preferiu manter-se no anonimato para evitar constrangimentos. No lugar da foto colocamos uma imagem significativa para ela.

Alice é casada, tem duas filhas e mora com o marido. A entrevista deu-se no dia primeiro de junho de 2011, no período da tarde, no escritório de uma de suas filhas. Ela escolheu esse local por ser perto do Colégio Pio XII e, assim, de fácil acesso. Encontramo-nos na frente do colégio e fomos juntas, de carro, até o escritório. Em vários momentos da entrevista o barulho do trânsito foi bastante intenso; a entrevistada foi a única que percebeu essa interferência no momento da entrevista e mencionou o fato em uma de suas respostas.

3.1.4 Edson Flávio Mariano

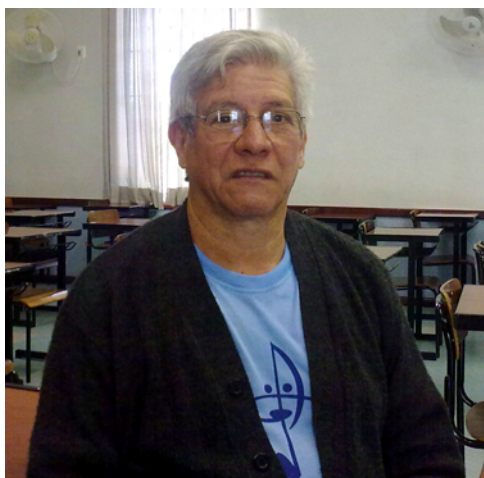
Idade: 60 anos

Estado civil: Solteiro

Local de nascimento: Mogi Mirim-SP

Escolaridade: Superior – Pedagogia e Filosofia

Profissão: Bancário



Ao fim do mundo iria eu em busca de almas para salvar”. Esta frase, dita pela Irmã Cândida², me impulsiona a caminhar. “Ah, mas eu desafino, errei esta questão na prova porque não consigo gravar o som”, mas não tem importância. Eu me inspiro nela, nesta sua atitude!

Edson também é aluno do quarto ano, colega de turma do Nivaldo e se colocou à disposição para participar da pesquisa logo no primeiro dia em que estive no colégio. Como ele mora em Mogi Mirim, marcamos a entrevista para um sábado, dia quatro de junho de 2011, durante o intervalo das aulas. Porém, como o tempo do intervalo era curto, ocupamos o horário das duas aulas seguintes.

O entrevistado interagiu muito durante as aulas e mostrava-se sempre bastante interessado; ele costuma gravar todas as aulas: no início da manhã coloca um gravador digital pendurado no quadro negro, próximo ao professor, e só o retira quando a aula termina. De todas as entrevistas, esta foi a que teve menos interferência de ruídos: somente as vozes dos alunos durante o

²Madre Cândida Maria de Jesus (1845-1912): era analfabeta e fundou a Congregação Filhas de Jesus, hoje presente nos cinco continentes, com o objetivo de ensinar as pessoas a ler e a escrever.

intervalo das aulas e o ensaio do coral – com todos os alunos – para a apresentação na missa de Corpus Christi, que se deu no horário da aula após o intervalo.

3.2 Os temas

3.2.1 Memórias sonoras

Apesar de não se perceber conscientemente, os sons fazem parte da vida e das memórias de cada um – desde antes do nascimento. Um dos temas abordados na entrevista foi a lembrança dos sons presentes na infância dos entrevistados. Com um pouco de esforço, eles conseguiram resgatar alguns deles, que acabaram trazendo lembranças e, com elas, as sensações daquela época.

Maria Helena, quando se lembra dos sons de sua infância, relata uma experiência bastante rica e marcante: *“Sabe qual era um som que ficou muito na minha cabeça? Hoje não são as mesmas pessoas da minha época, mas é um trabalho que teve continuidade desde aquele tempo: um grupo folclórico chamado Caiapós. Eles fazem um trabalho do qual me lembro bem porque marcou muito a minha infância. Naquela época, era um grupo folclórico de negros, mas agora, quando eles estiveram na UNICAMP³, havia brancos também. [...] Era um som de instrumentos de percussão. Quando entrei na Pastoral Afro⁴ reparei que eles faziam um som parecido, de tambor. Além disso, no Caiapós eles cantavam e também tinha viola. Era um grupo parecido com os de Folia de Reis. [...] Eles saíam pelo local onde eu morava, uma vila lá em São José do Rio Pardo. [...] Eu era criança e tinha medo, pavor porque eles usavam aquelas roupas com capim e faziam barulho. Eu morria de medo daquilo lá, mas eles tinham a viola e o tambor que tocavam. [...] A Folia de Reis, o Caiapós são coisas de que eu me lembro daquela época. [...] Eu não participava, tinha medo, mas me lembro daquilo.”*

Nivaldo relata que, na sua infância, por morar no campo, os sons dos pássaros sempre estiveram muito presentes. Até hoje, esse som é muito valorizado por ele: *“No campo tinha o canto dos pássaros. [...] Eu tenho um pequeno sítio em Caconde⁵ e, de vez em quando, vou para lá. Lá tem seriema, tem tucano, canário-da-terra e, com certeza, ouço todos com muito gosto.”*

Além disso, Nivaldo conta um fato marcante da sua infância, do qual nunca se esqueceu, por causa dos sons que ouviu: *“Tem uns sons que eu ouvi na época, numa fazenda vizinha, num determinado dia, mas nada recomendável para reproduzir para você. Já faz uns cinquenta e cinco anos que isso aconteceu. Sons que eu ouvi naquela época.”* O entrevistado pediu que essa

³Como Maria Helena sempre falou muito deste grupo para as filhas, uma delas, aluna da UNICAMP, lembrou-se de convidá-la quando o grupo se apresentou na Universidade.

⁴A Pastoral Afro-brasileira foi criada em 1998 por Dom Gilio Felício, o primeiro negro a chegar ao episcopado na arquidiocese de Salvador.

⁵Município do estado de São Paulo, a cerca de 200 quilômetros de Campinas.

parte da entrevista não fosse gravada.

Edson lembra que em sua infância não havia televisão, mas o rádio estava sempre presente. Talvez este seja um dos motivos que o levam a ficar com o rádio sempre ligado quando está em casa: *“O rádio. Na minha infância não existia televisão, mas na pré-adolescência ela veio. Minha mãe ouvia muito rádio. Ela gostava de novela e o rádio tinha a TV Globo da época, que era a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Ela ficava com o rádio ligado: levantava às oito horas, ligava o rádio e só desligava às seis da tarde. Eu conservo isso até hoje. Ela ouvia todas as novelas do dia e em alguns dias da semana havia uns programas de auditório. Era na quinta, no sábado e no domingo e participavam aquelas cantoras antigas: Marlene, Emilinha Borba, Linda Batista, Dalva de Oliveira. Esse pessoal cantava nesses programas e minha mãe era fã. Talvez isso tenha desenvolvido, também, um pouco o meu gosto pela música. [...] Aí vinha meu pai e mudava: colocava nas músicas caipiras. Eu ficava com raiva e peguei ojeriza da música caipira. Hoje eu gosto dela, mas não da sertaneja.”*

Nivaldo recorda-se do violão que ganhou do pai quando tinha oito anos de idade e da chegada do rádio e da vitrola em sua comunidade, por meio de um vizinho: *“[...] meu interesse por música deve ter surgido antes dos oito anos. Foi o que motivou meu pai a me dar um violãozinho, apesar da dificuldade dele. Naquela época – 1955 –, na zona rural, praticamente ninguém tinha rádio. A música era algo quase que ausente naquele local, naquela época. Aos poucos foi chegando o rádio. Eu me lembro da primeira vitrola que um vizinho trouxe: era de manivela e se dava corda para rodar um disco de 78 rotações [...]. O som daquilo era esquisito. Eu acho que a modulação que a ranhura tinha era ampliada por um cone e aí saía uma voz. Para a época era razoavelmente boa. Isso começou a trazer música. Já havia discos e na época eu ouvia muito os do Luiz Gonzaga, do Nordeste. Nos anos sessenta apareceram os rádios de pilha e a partir daí a música começou a chegar mais ao campo.”*

Ele ainda relata o contato com duas pessoas que o marcaram profundamente: *“Nessa época dos anos sessenta, eu me lembro de duas pessoas. Eles eram pernambucanos e tocavam muito bem violão. Um deles também tocava acordeão; ambos tocavam muito bem. Aquelas eram as pessoas próximas que eu admirava como músicos. Atribuo isso como fato importante: ter conhecido essas pessoas naquela época e ter visto de perto eles tocarem. Eles não eram músicos; ganhavam a vida trabalhando na zona rural e eu não sei por que razão tocavam muito bem. Moravam perto da minha casa e nos eventos musicais daquela pobre comunidade eram eles que animavam, que tocavam. [...] Eram o destaque da música naquela comunidade [...].”*

Alice fala de uma menina que tocava piano enquanto ela trabalhava: *“Meu interesse por música surgiu quando eu já tinha perto dos 18 anos. Trabalhei como ajudante de costura para*

uma senhora do bairro vizinho da minha casa, lá em São Paulo. A filha dela tocava piano e estudava todo dia. Então todo dia a gente ouvia a menina tocando e isso despertou meu interesse. Eu falava: ‘tenho que aprender um pouco de música’. Era um anseio muito grande.”

Maria Helena diz que desde pequena sempre gostou de música e considera que esse gosto foi desenvolvido pela escola e pelo convívio com a família de seu pai: *“Eu vim a saber, há muitos anos, que quando minha mãe me teve ela era solteira. [...] Com nove anos fui trabalhar numa família onde fiquei por cerca de dez anos [...]. Quando estava na adolescência descobri que essa família tinha amizade com a família do meu pai, com minha avó paterna e eles eram de igreja, cantavam. Essa minha avó tocava órgão e meu avô cantava. Eu ia, participava de tudo e falava que estava na veia, estava no sangue esse negócio de cantar. [...] Eu sempre gostei de música, sempre gostei. Na escola mesmo, lá em São José do Rio Pardo, quando eu estava no quarto ano, participava das festas, cantando. Tinha um menino bem mais velho que me acompanhava tocando bongô.”* A experiência é tão viva para a entrevistada que ela mostra com o corpo como o menino segurava o instrumento.

Ela lembra que *“[...] cantava muito na escola. Tudo quanto era festa eu cantava [...], fazia homenagem para a professora.”* Nivaldo de lembra de uma canção que aprendeu na escola e canta: *“Canta soldado, cabeça de papel, se não cantar direito vai preso no quartel”*⁶. Edson conta que na escola *“aprendeu muitos hinos pátrios. Quando eu entrei no Grupo Escolar tinha uma coisa que até hoje eu sinto quando vejo meu sobrinho indo para a escola: naquele tempo a gente entrava e a aula começava ao meio-dia e trinta. [...] Tocava o sinal, a gente ficava em pé, [...] cada professora ficava na frente da sua turma e a cada dia uma classe começava a cantar um hino ou uma canção, sempre patrióticas. As turmas subiam depois que acabavam de cantar. [...] Esse ritual acontecia na hora da entrada na escola e após o recreio. Para aprendermos a cantar e puxar o canto quando chegasse a nossa vez, a professora tinha que ensinar, mas com o tempo isso se perdeu. [...] Nos feriados, como 7 de Setembro, 15 de Novembro, você não ficava em casa, tinha que ir à escola, pois havia comemoração daquela data. A gente ia lá, cantava o Hino Nacional e aqueles cantos que tínhamos ensaiado.”*

Muitas das canções lembradas pelos entrevistados foram aprendidas na escola. Alice lembra de cantar *“[...] os hinos pátrios, músicas de Natal [...]. Eu sabia tudo de música infantil, música de ciranda, coisa de criança e ainda lembro de muita coisa. Agora não mais, porque as netas estão grandes, mas eu brincava com elas de ‘Ciranda, cirandinha’, ‘Senhora Viúva’, ‘Atirei o pau no gato’.* Depois, na juventude, eu ouvia bastante rádio. Hoje, não suporto mais ficar escutando rádio porque tem muita repetição [...] e, às vezes, tem algumas letras que

⁶Na canção folclórica original consta o verbo marchar, e não cantar.

não interessam nem um pouco. [...] Da época de jovem o que a gente lembra é muita música de carnaval. Vira e mexe vem uma à memória e de música popular, a gente acaba lembrando de uma coisa ou outra. Tinha a Isaurinha Garcia, aquele povo da antiga. Tem muita música antiga que a gente lembra [...]”

Maria Helena também recorda canções que aprendeu na infância, porém suas memórias estão relacionadas à igreja: *“Minha avó era muito católica, então ela cantava muito música de igreja. Aquelas músicas antigas que nem se cantam mais. [...] Eu me lembro dessas musiquinhas que se cantava na Semana Santa, porque o pessoal no interior era muito devoto e eles guardavam essa prática. No dia de Nossa Senhora Aparecida, também cantavam. [...] Eu me lembro de que era pequena e ia para as procissões com a minha avó. A gente ficava dormindo na igreja, mas tinha que ir.”*

Nas memórias dos entrevistados, música, família, escola e igreja estão fortemente relacionados. Muitas vezes era neste espaço que eles tinham oportunidade de aprender e de ter contato com diferentes tipos de experiências sonoras. Há também, algumas lembranças negativas, marcantes por causa do trauma que causaram⁷.

3.2.2 A paisagem sonora contemporânea

Quando os entrevistados foram questionados a respeito dos sons agradáveis e desagradáveis que ouviam no seu cotidiano, todos tiveram que refletir sobre a pergunta. Conforme Fonterrada e Canelós (2011, p. 128), “[...] os sons estão tão arraigados à nossa vida que mal nos damos conta deles. Não lhes dispensamos muita atenção [...]”, fato este que foi constatado.

Alguns entrevistados mencionaram os carros com músicas em volumes altíssimos como sons que os perturbam e incomodam. Maria Helena comenta: *“Buzina, os sons altos de carro que o pessoal adapta. [...] Tem finais de semana que a gente não consegue descansar, não se consegue ouvir uma TV. E umas músicas que não são dessas que eu falei para você que gosto, que nós gostamos. [...] Tem hora que passam uns carros que me irritam.”*

Edson menciona a mesma situação: *“Quando passam os carros com som alto [...] você sente tremer o peito, o vidro da janela... Como eu gosto muito de ficção científica, falei que queria ter uma arma de raio gama para queimar o aparelho de som desse rapaz e ele aprenderia a não fazer mais isso. [...] Isso aí me irrita [...]”.*

Alice também aponta este fato nos seus comentários quando fala do ambiente sonoro da

⁷Este assunto será discutido quando tratarmos das dificuldades que os idosos encontraram na aprendizagem musical.

cidade atualmente: *“É poluído: é ônibus, é carro, às vezes carro com som alto.”*

Essa percepção dos sons que incomodam é fundamental para tentar, quando possível, evitá-los ou reduzi-los. Maria Helena relata algumas dificuldades que enfrenta ao entrar em contato com a paisagem sonora do centro da cidade de Campinas: *“Eu sou assim: às vezes vou para o centro da cidade e me sinto mal. [...] No centro tem aquele pessoal andando, aquele barulho e tudo aquilo me faz mal. A poluição sonora me irrita, é ensurdecador.”*

As falas acima relatam uma das características mais percebidas dos sons desagradáveis: o volume. O tipo de música ouvido foi abordado somente pela Maria Helena, que afirmou não gostar das músicas que os carros com som em alto volume tocam. No momento em que tratávamos desse assunto, durante a entrevista, uma de suas filhas estava na sala e fez o seguinte comentário: *“música boa ninguém ouve alto.”*

Outra característica destacada nas entrevistas foi a constância do som como um fator de desagrado; para eles, se for constante, mesmo que em baixo volume, pode ser desagradável. Alice comenta sobre o tema: *“outra coisa que incomoda é barulho de ar-condicionado e de ventilador. Às vezes a gente passa um calorão para não ligar o ventilador porque aquele ‘brrrr, brrrr’ direto na cabeça não dá. O ar-condicionado, se você tiver ele na sua casa, ainda é suportável, mas o do vizinho grudado na parede do seu quarto é terrível.”*

Ter uma real percepção do mundo é fundamental para que se perceba aquilo que não está bom e que precisa melhorar. Nivaldo opina, de forma clara, sobre o ambiente sonoro da cidade: *“os ruídos são inevitáveis porque eu, com certeza, produzo os meus e tenho necessidade de produzi-los. Todas as pessoas têm essa mesma necessidade. A somatória desses ruídos não é saudável e se a gente pudesse eliminar, todo mundo iria assinar embaixo. Em alguns aspectos, em alguns momentos eles incomodam.”*

O entrevistado demonstra lucidez ao discutir o tema: não adianta acharmos que é possível eliminar todo tipo de ruído, o que não deixa de ser uma postura ingênua. Porém, pode-se fazer uma análise crítica do que se está ouvindo, para que se escolha aqueles sons que podem e precisam ser eliminados, aqueles que podem ser reduzidos e aqueles com os quais teremos que conviver de qualquer forma, e diante dos quais só resta procurar formas para amenizar essa convivência.

Verificar como é a paisagem sonora do local onde se vive, ouvi-la, criticá-la, propor melhorias, tentar compor uma nova paisagem são tarefas desafiadoras e interessantes, mas ainda pouco exploradas. O educador musical e estudioso da paisagem sonora Raymond Murray Schaffer (2001, p. 162) afirma que “se há um problema de poluição sonora no mundo de hoje, isso

se deve, com certeza, parcialmente e talvez mesmo extensamente, ao fato de os educadores musicais não terem conseguido dar ao público uma educação total no que se refere à consciência da paisagem sonora [...]” Se o músico e o educador musical não estiverem atentos para isso, como esperar o mesmo das outras pessoas?

O primeiro passo para que isso aconteça é tornar as pessoas conscientes da paisagem sonora que habitam e ajudam a construir. Uma forma de começar é perguntando quais sons da paisagem sonora são agradáveis e quais são desagradáveis. Durante as entrevistas, verificou-se que, diante de questões que apontavam para o ambiente sonoro, mesmo sendo perguntas extremamente simples, os entrevistados tiveram muita dificuldade para respondê-las.

Edson considerou essa uma pergunta muito difícil de ser respondida e não conseguiu relatar nenhum som que considerasse agradável na sua paisagem sonora. Já Alice destacou como desagradável o trânsito, os latidos de cachorro e o papagaio do vizinho, e como agradáveis os sons “[...] da fala, de uma conversa, o som da música, do aparelho elétrico, desde que colocado num volume suportável. [...] O som da música tocada, de uma orquestra, tudo isso agrada.”

Por sua vez, Maria Helena considera os latidos como sons agradáveis, o que novamente nos mostra como o gosto é pessoal; o som que é desagradável para um é agradável para o outro: “Adoro miado de gato, um cachorrinho latindo, um pássaro. [...] Como aqui em casa nós somos franciscanos, gostamos muito da natureza e dos animais. [...] Mesmo o pássaro da vizinha, que eu acho que é uma calopsita, não me incomoda. Tem gente que não gosta. [...] Você quer ver eu ficar contente é ouvir os passarinhos [...]. Gosto também de som de bebê chorando, bebê ‘fazendo angu’⁸. [...] E do som das minhas filhas quando estão em casa, falando.”

Para Schafer (1991, p. 24) “ouvir música é uma experiência profundamente pessoal [...]” e este é um dos desafios da composição de uma paisagem sonora: como ela é composta por várias pessoas com gostos diferentes e que compartilham o mesmo espaço, qual a maneira de harmonizá-la para que se torne agradável aos ouvidos de todos? Seria isso possível?

3.2.3 Lembranças de uma antiga paisagem sonora

Com o progresso e o advento da revolução industrial e tecnológica, os sons que compunham as diversas paisagens sonoras do mundo foram se modificando. Essa afirmação pode ser constatada quando se pergunta para os idosos como era o ambiente sonoro em que viviam quando

⁸Bagunça.

jovens.

Alice, quando se recorda dos sons de sua infância, faz referência a um som característico de sua região: “[...] *Em Ourinhos, onde nasci e morei, acho que ainda tem uma cerâmica que não era muito longe de casa. A gente sempre ouvia aquele apito dos horários. Isso daí eu tenho bem na minha memória e de vez em quando vem aquele apito na minha cabeça.*”

Na entrevista, uma das perguntas fazia referência aos sons do passado, que hoje não são mais ouvidos. Maria Helena lembra-se dos sons do bonde e do trem: “*No interior não tinha bonde, mas quando eu vim para Campinas, em 1969, ainda existiam algumas linhas. [...] E tinha o trem: quanto que eu andei de trem, de Campinas até São José do Rio Pardo. Hoje não tem mais nada disso. [...] O som do trem era um som que a gente ouvia.*” Alice também traz recordações desses dois meios de transporte: “*O bonde é um exemplo para mim. [...] O trem também é uma coisa que quase a gente não ouve mais, mas era um som que eu tinha muito na infância.*”

Edson lembra-se do sino da igreja: “*Na infância da gente quase não existia som. Não tinham esses carros que fazem propaganda na rua, os carros eram muito poucos. O que quase não ouço mais, que naquele tempo ouvia mesmo, era o trem. Eu não morava perto, mas a uma distância pequena e, como não havia outros barulhos, conseguia ouvir o trem, [...] quando ele descia, subia, também o seu apito. Outra coisa que eu escutava era o sino da Igreja que tocava. Ele continua tocando hoje, mas a gente não ouve porque o resto o cobre.*”

O interessante na fala do Edson é que ele considera sua infância quase sem som, porque compara a paisagem sonora daquela época com a de hoje, que é extremamente mais intensa e conturbada. Em outro momento da entrevista, ele fala do sinal da escola, mas se esquece de considerá-lo um som presente na sua infância. Nivaldo também faz o mesmo, quando diz que não consegue se lembrar de nenhum som que ouvia na infância e que hoje já não escuta mais. Porém ele relata como experiência marcante o fato de ter conhecido uma dupla de violeiros que tocava muito bem e que animava as festas da comunidade onde morava.

Além dos sons tecnológicos, Maria Helena relata os sons que escutava em casa, durante a rotina das atividades domésticas: “*Lembro-me da minha avó amassando pão, do forno de barro, [...] do fogão de lenha e daquele barulhinho de brasa. Sabe, essas coisinhas de infância, como a roupa lavada e batida na pedra. [...] Eu ia para o mato com a minha avó, que tinha fogão a lenha, para pegar lenha e gravetos. Lembro-me daquele barulho de quebrar o gravetinho para levar para casa. [...] Hoje não tem nada disso, tudo está tão moderno [...].*”

3.2.4 As pedras no caminho: dificuldades no aprendizado de música

As dificuldades no processo de ensino e aprendizagem de música podem ocorrer por diversos motivos, dentre os quais o despreparo dos profissionais da área para lidar com a pessoa idosa, a falta de motivação desses profissionais e dos alunos para um desafio dessa natureza, além das costumeiras dificuldades cognitivas e financeiras. Porém, quando se trabalha com idosos, o fator físico ganha destaque.

Dois entrevistados relataram o incômodo sentido por eles em relação a partituras mal formatadas, e é interessante perceber que, em ambos os casos, eles tiveram uma postura ativa, procurando resolver a situação.

Nivaldo relata que não sabe “*receber uma partitura sem reescrevê-la se ela estiver suja, se estiver difícil de ler. Eu faço no computador. Como não sou músico, não sei ler a partitura*⁹, então eu aproveito para passar a limpo e, ao mesmo tempo, o computador vai poder tocar com precisão pra mim. Uso o Sibelius. Estava usando o Encore, mas depois a professora das disciplinas de Estruturação Musical e Teclado falou que o Sibelius é muito melhor e aí eu fui atrás.”

O *Sibelius* e o *Encore* são programas para edição de partituras que oferecem o recurso da escuta. Ao transcrever a partitura para o computador, o programa sonoriza a grafia musical informando a respeito do som que ela traz potencialmente em sua escrita. Dessa forma, o entrevistado consegue suprir sua deficiência.

Edson conta sua experiência, de quando começou a participar dos ensaios do coral: “*Fui participar dos ensaios. Chegava lá, ficava os ouvindo cantar [sic]; comecei a ver que materiais eles tinham. [...] As partituras estavam todas estragadas. Eu comecei a levar para casa, passava a limpo ou procurava uma partitura daquela música em condições melhores. Quando havia partes pequenas, eu ampliava. Eles começaram a gostar do trabalho e passaram esse serviço para mim. [...] Comecei a cuidar do arquivo e ensaiava com eles, com o material que recuperava [...].*”

Esse incômodo com o aspecto visual das partituras acabou contribuindo para que Nivaldo desenvolvesse uma nova habilidade – a de trabalhar com *softwares* de edição de partituras – e para que Edson conseguisse um novo papel social: arquivista do coral. Com o envelhecimento as pessoas substituem os papéis sociais que vinham desempenhando por novos.

Outros entrevistados também relataram essa experiência de substituição de papéis sociais.

⁹Ele está se referindo ao solfejo.

Maria Helena faz parte de um grupo vocal na comunidade que frequenta e, quando questionada a respeito do tipo de música que gosta de cantar, ela deu a seguinte resposta: *“Eu gosto mesmo é de MPB, mas ultimamente o que tenho cantado muito na igreja são os salmos. [...] Na comunidade, nesse grupo, sou a salmista oficial, então eu canto o salmo. Adoro. [...] Fico a semana toda cantando, vendo a melodia, o que mais encaixa na letra...”*

Nivaldo fala sobre o trabalho que desenvolve em sua comunidade: *“As igrejas, em geral, sofrem muito por não contarem com assistência técnica de um sonoplasta e, aqui na minha comunidade, eu presto esse serviço. Eu conserto equipamento; quando não está na minha alçada, mando consertar, compro, opero, ensino alguém a operar.”*

A perda da capacidade auditiva também é mencionada por Nivaldo. Quando perguntou-se a respeito dos sons que havia em sua infância e que hoje não eram mais ouvidos, o entrevistado não conseguiu relacionar nada ligado à paisagem sonora daquela época, mas lembrou-se de aspectos técnicos e fisiológicos:

“No início dos anos setenta eu comecei a consertar televisão. Nela existe uma frequência que é audível para os ouvidos que têm certa acuidade, certa precisão no ouvir e que, como a curva auditiva cai com os anos, sei que não ouço mais. Recentemente, comprei um instrumento para afugentar morcegos para colocar na casinha do sítio¹⁰. Ele gera uma frequência de, aproximadamente, uns trinta quilo-hertz, que o nosso ouvido não ouve. Ouvido bom consegue ouvir até próximo dos vinte. Um dia meu neto e uma amiguinha dele foram para lá, junto com os pais. O meu neto perguntou o que era ‘esse negócio que estava fazendo barulho’ e todos ficaram sem entender. Eu sabia do que ele estava falando, afinal o ouvido dele é jovem. Falei para ele desligar o aparelho da tomada e [...] expliquei que [...] só os dois estavam ouvindo porque os adultos não conseguiam. Eu consigo falar de algo do ponto de vista técnico, mas do ponto de vista sentimental, vou ficar lhe devendo.”

Os entrevistados mencionaram dificuldades com relação ao processo de aprendizagem e conseguiram dividi-las em: dificuldades referentes a aspectos cognitivos, mnemônicos e teóricos e dificuldades que dizem respeito ao fazer musical, que, em geral, se referem ao aspecto prático das aulas.

Nivaldo comenta sua experiência: *“É claro que a gente tem algumas dificuldades, mas elas nunca se estenderam muito. Elas existem, depois vão diminuindo e aí a gente entende a matéria. Isso não quer dizer que elas sumam de uma vez por todas só porque você compreendeu. [...] Ao fazer exercícios, se prestar bem atenção, você faz tudo certinho, mas se não tomar cuidado,*

¹⁰Como mencionado anteriormente, o entrevistado tem um pequeno sítio no município de Caconde, a cerca de 200 quilômetros de Campinas.

erra.”

Alice também se refere a dificuldades com a memória: *“A dificuldade é que não tenho mais aquela facilidade que eu tinha para entender. Entender a gente até entende, mas, na hora de fazer uma prova, só o entender não é suficiente. Você tem que lembrar de alguma coisa e eu tenho dificuldade para decorar.”*

Maria Helena fala de suas dificuldades e de como o apoio das filhas é importante para que continue com as aulas. Dentre os entrevistados, ela é a única que continua trabalhando, o que passa a ser uma dificuldade a mais: *“A gente tem dificuldade? Tem [...]. Quando a pessoa se propõe a fazer uma coisa, ela tem que se dedicar. É difícil, para mim não é fácil. Você trabalha a semana toda e se eu quero pegar a apostila, abrir, dar uma olhada, não dá tempo. Então eu procuro prestar atenção na aula, para ver se capto alguma coisa nesta cabecinha. Estou gostando, estou indo. [...] Tenho dificuldade na aula do padre¹¹ porque você tem que ler, decorar, guardar muita coisa. [...] O primeiro trabalho que tivemos que fazer foi para a disciplina dele. Eu estava com dificuldade para resumir o trabalho [...] e pedi para minha menina me ajudar um pouco [...]. Ela me explicou como eu deveria fazer o trabalho e foi grifando o texto que eu deveria resumir. [...] A gente já não é mais adolescente e é puxado mesmo, não é qualquer cursinho de música, não. É uma faculdade de música, se for levar em conta o nível das aulas que eles dão. Não teve vestibular, mas não deixa de ser. É um curso sério, [...] não é cursinho de final de semana.”*

Quando questionada a respeito de se a dificuldade que tinha era em acompanhar o conteúdo, Maria Helena respondeu que sim: *“acompanhar o conteúdo pesa um pouquinho. É como eu falei para você: procuro prestar atenção na aula porque é importante. Porque se for para ler, aí eu não consigo.”* Além disso, a entrevistada fala a respeito de sua dedicação e esforço para não perder aulas e atrasar o conteúdo: *“Eu procuro não faltar também, mas às vezes não dá para ir no sábado, então vou na terça-feira. Procuro estar com tudo em dia, tudo atualizado, porque acho que uma aula, um sábado que você deixa de ir, faz muita falta. Por isso procuro não faltar, só em último caso. Mas, é muito legal, é bom demais! Muita coisa na cabeça.”*

Edson foi o único a mencionar a dificuldade em aprender e aceitar conhecimentos novos, quando conta sua experiência em um curso de atualização em Liturgia, que acontecia todo ano, no mês de janeiro, em São Paulo: *“o curso tem duração de dois meses – dois janeiros – e eu imaginava que veria coisas que já sabia, mas era tudo diferente. Nesse curso conheci um negócio chamado Ofício Divino das Comunidades, que é diferente do Ofício Divino da versão popular. Olha, eu fui tão resistente, mas tão resistente... Sabe aquela pessoa birrenta? Quando*

¹¹Professor da disciplina de Liturgia.

terminou a primeira etapa, a segunda etapa seria no ano seguinte, eu vim para casa, passei um ano ruminando aquilo, fui digerindo e quando voltei no ano seguinte, já tinha mudado. Por que isso? Porque durante cinquenta anos me foi ensinado que era assim, de determinado jeito. Cheguei nesse curso, em trinta dias tiraram tudo aquilo da minha cabeça. Eu tive que renunciar a uma vida de conhecimento, de formação, para uma coisa nova. Não é fácil, sabe? Então tive que brigar muito comigo para mudar e ainda brigo por causa de certas coisas. [...] Não é fácil abrir mão daquilo que você tem como certo há tantos anos. Eu passei por isso e ainda passo. Não significa que estou aberto a tudo. Tem coisa que vem e ainda fico ‘meio assim’ em aceitar.”

Ele também foi o único entrevistado a colocar a questão financeira como dificuldade. Como ele mora em outra cidade, tem gastos com transporte: *“Há dificuldade financeira, pois o curso, para mim, encarece um pouco já que meus gastos não ficam apenas nos sessenta reais mensais. Esse foi um dos motivos pelos quais parei com as aulas de instrumento¹²; eu teria que vir duas vezes na semana ao invés de uma.”*

Os outros entrevistados não se esqueceram do aspecto financeiro, mas o relacionaram com a justificativa de terem escolhido fazer aulas no CEMULC. Interessante notar que todos consideram a relação custo *versus* benefício muito boa, destacando que o valor é muito baixo para a qualidade do curso que é oferecido. Edson lembra-se de quando conheceu o curso: *“Quando eles apresentaram o programa pensei ‘meu Deus, é o que estou precisando’. E o preço? Esse curso é praticamente de graça: a mensalidade é sessenta reais. Para o que você recebe aqui, isso é de graça!”*

Maria Helena conta que optou pelo CEMULC *“por causa do custo. Com tudo isso que eles oferecem, acho o custo ótimo. E que qualquer pessoa, independentemente da classe social, tem condições de fazer.”* Nivaldo também usa a mesma justificativa, mas ressalta a questão litúrgica: *“Eu escolhi o CEMULC porque era mais acessível. A escola de música eu acho que seria mais cara. [...] Foram dois fatores muito importantes: o custo e a ligação com a Igreja, que foi determinante.”*

Com relação ao fazer musical, os entrevistados destacam a dificuldade com a prática musical. A única que não notou diferença foi Maria Helena. A entrevistada destacou que o curso a tem ajudado muito, e que não sente nenhuma diferença ocasionada pelo envelhecimento, no ato de cantar.

Nivaldo dá um depoimento muito interessante: *“A grande dificuldade da música não é a*

¹²Edson fazia as aulas regulares aos sábados, porém as aulas de instrumentos acontecem durante a semana, no período noturno.

teoria. Entender a teoria musical é simples. A grande dificuldade da música é fazer a música. É colocar todas as notas, todas as pausas em seus devidos lugares, e isso significa dentro do seu tempo. E só se consegue fazer música se você treinar bastante. Essa dificuldade eu tenho e muita: pego a partitura, tenho que prestar muita atenção para errar o mínimo e erro bastante.”

Alice, que já havia estudado piano quando moça, também relata algumas dificuldades: *“Eu tenho uns enroscos, não tenho muita facilidade, não. Não sei dizer que dificuldade tenho, se é na leitura ou no movimento dos dedos ou no dedilhado, mas tenho dificuldade.”*

No CEMULC ela faz aulas de teclado e tem percebido diferença entre os instrumentos. Quando perguntada se ela costumava tocar sozinha ou em grupo, respondeu que sempre tocou sozinha e que apenas no CEMULC toca em grupo:

“[...] Eu fico perdida se tiver alguém para acompanhar. [...] Quando aprendi piano era assim: você errou, pode parar e retomar. No teclado estou vendo que não é assim. A proposta é acompanhar uma missa, um cantor. Se você por acaso errar, deve seguir em frente; mas eu não tenho esse hábito. Isso daí me atrapalha. É uma coisa que vou ter que acostumar a fazer. Por mais simples que seja, terei que vencer a timidez, o nervosismo e, se por acaso enganchou alguma coisa, seguir em frente. Eu não tenho esse aprendizado.”

Edson destacou as dificuldades que tem com o canto: *“[...] Houve uma época em que fiquei meio desanimado, não soltava a voz porque estava bloqueado. Porém o professor de Percepção Musical I me ajudou muito. [...] Hoje, por exemplo, como eu ainda não me considero afinado, tenho dificuldade. Demoro um pouco para pegar as músicas: pegar no sentido de ‘vamos cantar’. Tenho um pouco de dificuldade em relação a todo o processo e ainda tem alguma coisa que está me segurando.”*

O fato de se achar desafinado acompanha Edson desde a infância e essa impressão se deve ao episódio narrado a seguir: *“Eu sempre gostei de música. Sou do tempo em que música, no ginásio, era matéria obrigatória e coisa séria. [...] A professora ensinava notas, pauta e a gente aprendia toda essa parte de teoria musical. [...] Essa foi a base, mas eu sempre gostei de música, mesmo sendo muito desafinado. E ainda sou. Todo ano a professora iniciava as aulas com a classificação¹³ para cantar no orfeão. [...] Quando chegava na minha vez, ela falava: ‘você não precisa, você pode ir embora’. Eu era ruim mesmo, mas sempre gostei de cantar. Por que eu sempre gostei? Não sei. É um gosto, mas tinha essa frustração: chegava lá e a professora me liberava. Acho que isso foi me marcando.”*

Além disso, o entrevistado narra um episódio que contribuiu para sua crença de que era

¹³Classificação vocal.

desafinado. Edson conta que, quando ingressou pela primeira vez no coral, “*havia poucos homens e a regente¹⁴ colocava todos para cantarem em quarta voz. Eu não conseguia e não sabia por quê. Começava a cantar e não conseguia acompanhá-los, escorregava para a primeira voz¹⁵. [...] Eu pensei ‘continuo desafinado, não está dando certo’. [...] Passado um tempo, a regente ficou muito doente, se afastou e a prima dela, também professora de Música, assumiu temporariamente. Ela quis classificar as vozes, disse que eu era tenor e me ensaiou como tenor, juntamente com outro rapaz. Aí foi uma maravilha e eu descobri por que não me encaixava: estava cantando a voz errada.*” Neste caso, uma atitude na infância causou traumas e reflexos sentidos na velhice: até hoje o entrevistado se acha desafinado, mesmo tendo sua classificação vocal corrigida. Em vários momentos da entrevista ele afirma que é desafinado.

Alice conta as dificuldades pelas quais passou quando começou com as aulas de piano, aos dezoito anos: “*Mal e mal cheguei ao quinto ano e tem uma coisa que acho importante mencionar: como eu era boa aluna, fazia tudo direitinho, a professora falava ‘que maravilha’ e pulava umas partes importantes. E eu, como não sabia do que se tratava, fui indo. Só que esse ‘vou indo, vou indo’ fez que eu, em determinado momento, empacasse. Fiquei sem base e, aí, empaquei na música. [...] Faltou técnica, faltou muita coisa, faltou estudar, mesmo. O Bach, por exemplo: não se pode pegar um método qualquer sem ter feito aquele primeiro, a duas vozes, bem feito, para você entender bem. Eu sofri essa consequência.*”

Nivaldo lembra-se de uma experiência relacionada com o despreparo do profissional para trabalhar com idosos: “*uma vez eu vi aqui na vizinhança uma placa grande que dizia assim: aulas de canto. Isso foi há cinco anos e eu me lembro porque falei para o cidadão que minha idade era cinquenta e nove. Ele me respondeu que não, com cinquenta e nove não dava e me dispensou. Ele não falou nesses termos, mas deu a entender que com cinquenta e nove anos a gente não serve mais, não canta mais, não dá para aprender, não tem condição. [...] Quando o CEMULC abriu essa possibilidade eu peguei. Selecionei canto em detrimento do violão e teclado porque canto era mais difícil.*”

Questionei se ele concordava com a postura do professor e ele me deu a seguinte resposta: “*Não [...] A resposta dele não me abateu. [...] Ele era alguém pretensioso [...]*”.

A adequação do repertório também foi tema lembrado, mesmo que de forma indireta. Nivaldo conta que o coral do qual participa no CEMULC “*toma muito tempo. A gente pega um material bastante complexo [...]. Nós sofremos porque somos amadores, mas somos beneficiados porque estamos lidando com um profissional de competência¹⁶. Só que para ganhar esse*

¹⁴A regente deste Coral era a professora que, na escola, o considerava desafinado.

¹⁵Soprano.

¹⁶Refere-se ao regente do coral do CEMULC.

benefício, perdemos um tempo muito grande. É por isso que, às vezes, penso em parar [...]. Mas, se parar, vou perder todo esse tempo que já investi.”

Uma maneira de manter a motivação dos idosos é trabalhar com músicas que sejam conhecidas e de sua preferência. Essa busca por conhecer seus gostos pode ajudar o próprio educador musical a ampliar seu repertório. Nivaldo gosta *“de todos os estilos de música. Desde a música de raiz, de viola, até música clássica. Cantor eu diria alguns: Roberto Carlos, o falecido Altemar Dutra, Ataulfo Alves, Vicente Celestino, os antigos. E compositor seria o Tom Jobim.”*

Maria Helena gosta, desde a sua adolescência, do Jair Rodrigues – seu cantor preferido: *“Eu sou mais assim, do lado MPB: Elis Regina, Caetano, Gil, essas coisas. Isso não quer dizer que não goste dos internacionais, mas o meu estilo é MPB. Lógico, às vezes eu aprecio um sertanejo de raiz. [...] Assisto muito a Inezita Barroso¹⁷ [...] e Rolando Boldrin¹⁸, também. [...] No programa dele vem aquele pessoal que eu não vejo há muito tempo e daí fico viajando.”*

Alice gosta *“de música romântica, mas também de alguma música agitada. Aqui no Brasil a gente ouve muito samba, então é familiar. [...] Porém, meu gosto é pela música mais suave, mais lenta. [...] De compositor eu gosto do Roberto Carlos, do Chico Buarque e outros aí. Na música clássica, gosto muito de Chopin. Estudei alguma coisa do Bach, também, o suficiente para começar a entender alguma coisa, mas tocar uma música inteira dele não foi possível. Compositor brasileiro tem o Francisco Mignone. Eu toquei uma pecinha dele, chamada ‘Minha Valsinha’.”*

Quando questionado sobre qual tipo de música apreciava, Edson me perguntou se eu não iria rir, porque ele considerava seus gostos “estranhos”. Paynter (1992, p. 124) afirma que *“ninguém deveria se envergonhar por ter suas preferências; a música nos toca individualmente e por muitas razões diferentes”¹⁹*. Edson contou que gosta de *“samba-enredo. Adoro carnaval, adoro ver escola de samba e adoro samba-enredo. Tem duas cantoras populares que gosto: a Beth Carvalho e a Clara Nunes. São a mesma coisa, só que um pouquinho diferente. O resto, nem ouço. Ligo o rádio em casa para fazer barulho porque estou sozinho. Gosto muito de música folclórica e música oriental. Sou apaixonado pela música japonesa: cantada ou instrumental. [...] Música folclórica, para mim, é o boi-bumbá, por exemplo. [...] Em relação à música japonesa, tem o min’yō²⁰. Ela parece que está desafinada, mas não está. E*

¹⁷Programa “Viola, minha viola”, transmitido pela TV Cultura de São Paulo.

¹⁸Programa “Sr.Brasil”, transmitido pela TV Cultura de São Paulo.

¹⁹“No one should be ashamed of having preferences; music appeals to us individually and for a multitude of different reasons.” Tradução da autora.

²⁰O *min’yō* é música de tradição oral, cantada pelo povo, mas há também as versões modernas, que misturam ao estilo oriental o ocidental e a tecnologia. Pode ser somente instrumental ou usado para acompanhar danças, rituais

eu gosto daquilo lá. Ela é mais ritmada quando é acompanhada do bailado. Gosto da música romântica que os japoneses chamam de enka²¹ e gosto da música clássica, também, [...] de Tchaikovsky por ser mais alegre. Os compositores que parecem alegres me agradam mais.”

Esse depoimento de Edson faz recordar uma frase de Murray Schafer (1991, p. 24) sobre preferências musicais: “Ouvir música é uma experiência profundamente pessoal, e hoje, com a sociedade caminhando para o convencional e uniforme, é realmente corajoso descobrir que você é um indivíduo com uma mente e gostos individuais em arte.”

3.2.5 A música e sua influência em aspectos físicos, sociais e sentimentais

Essa foi a principal questão de pesquisa deste trabalho até o término das entrevistas. Porém, após transcrevê-las e analisá-las, percebeu-se que os idosos não valorizavam tanto essa temática quanto a pesquisadora. Alguns deles não conseguiram relatar, por exemplo, suas percepções a respeito da influência da educação musical em aspectos físicos – memória, concentração, coordenação motora e disposição.

As influências sociais, sentimentais e sensoriais, porém, foram mais percebidas e facilmente relatadas. Por conta da situação apresentada, essa temática deixou de ser o objetivo geral da pesquisa, passando a fazer parte dos objetivos específicos. A relação dos idosos com a música, seus gostos e preferências, suas experiências, lembranças e recordações foram mais relatados e valorizados por eles do que os aspectos físicos.

Com relação aos sentimentos despertados pelas atividades relacionadas à música, surgiram muitos depoimentos interessantes. Quando, por exemplo, questionados a respeito dos momentos e situações em que costumavam cantar ou tocar algum instrumento, alguns dos entrevistados fizeram associação com questões práticas, como a necessidade de prática e a vontade de se expressar.

Nivaldo, por exemplo, diz que não são sentimentos como alegria ou tristeza que o levam a tocar violão: *“Eu não consigo associar nenhuma destas coisas e apontá-las como motivadoras. Acho o violão um instrumento que, dependendo da maneira como você toca, é um grande tradutor da sua condição emocional. Às vezes, pensando assim, eu me aproximo dele e começo a estudar. É uma forma de expressão.”* Alice considera que sua motivação para tocar piano é *“o desejo de estudar, de tocar alguma coisa. Não está ligado à tristeza, nem alegria, nem nada.”*

religiosos e festivais.

²¹O *enka* é uma canção de balada que mistura sons tradicionais japoneses com melodias ocidentais e é considerado como música popular japonesa. Originou-se como uma forma de ativismo político, pois os discursos eram cantados, mas hoje ele não tem mais essa função.

Já Maria Helena associa a alegria ao canto, dizendo que canta “[...] *quando estou alegre. Esse negócio de tristeza... [...] Acho que quando você vai para o trabalho, para sua faculdade ou para o seu grupo de canto, você tem que deixar seus problemas em casa. Ninguém é obrigado a ficar com mau humor.*”

Porém, todos os entrevistados relataram algum tipo de emoção ou sentimento que são despertados durante a prática musical. Nivaldo recorda-se de uma fala de um dos professores do curso, que disse “*é muito gostoso a gente se assemelhar aos querubins e poder cantar a pleno pulmão ‘Santo, Santo é o Senhor’.*” E, em seguida, complementou sua fala: “*Talvez pela minha condição de pecador é que eu não consegui falar com você sem chorar*²².”

Maria Helena lembra-se de suas experiências em dois espaços diferentes: o grupo vocal da igreja que frequenta e o coral do CEMULC: “*Eu me emociono tanto! Principalmente agora que estamos ensaiando para Corpus Christi. Você está viajando com a música e acho que é por causa da técnica, você sente muito isso na técnica. Lógico que eu me emociono cantando no grupo da sexta-feira*²³, *mas com técnica é outra coisa. Você vê a diferença do instrumento e das vozes quando elas se dividem: contralto, baixo, tenor, soprano! Parece que vai dar tudo errado, mas depois dá tudo certo, dá uma harmonia das vozes e é muito bonito! Essas músicas me emocionam, eu fico me segurando.*”

Alice fala de “[...] *um sentimento bom. Será que é um sentimento de paz? Um sentimento de bem-estar e de felicidade*” e Edson fala de sua satisfação quando está cantando: “*principalmente nas apresentações, eu sinto que venci.*”

Quando questionados a respeito dos sentimentos que sentem quando estão em sala de aula, as respostas foram bem diversas, mas todas com um caráter positivo e otimista. Edson fala a respeito de suas dificuldades e do seu sentimento de superação: “*fico realmente contente. [...] tenho algumas coisas na vida que foram difíceis para mim. Primeiro: queria aprender a andar de bicicleta. Eu não sabia e aí fui aprender. Aprendi e depois não andei mais. Tinha pavor de água, de nadar. Aprendi a nadar e de vez em quando vou à piscina. E cantar era a minha frustração porque eu gostava, mas a professora falava que eu não cantava porque era desafinado. Então, decidi que tinha que vencer isso. Fazer o curso, aprender cantar é vencer mais um degrau de uma dificuldade muito grande que eu tinha. Hoje falo para os outros irem, principalmente os que se acham desafinados. Falo que também não sou afinado, mas que aprendi. [...] Tem gente simples, que tem dificuldade, mas está caminhando. Então olho para*

²² O entrevistado se emocionou neste momento da entrevista.

²³ A entrevistada participa de um grupo vocal em uma igreja, às sextas-feiras. Ela considera que o coral do CEMULC canta com técnica por estar ligado ao curso. Já o grupo vocal da igreja, de acordo com sua concepção, não cantaria com técnica.

eles e vou sentindo força para caminhar, apesar de encontrar dificuldades.”

Alice também segue essa linha de raciocínio: *“Eu sempre tenho muito interesse e sinto que é um desafio. Fico contente porque, além de ter o interesse, estou conseguindo entender o que está acontecendo. E quando não entendo, fico massacrando²⁴ a professora”*.

Nivaldo fala de como sente a sala de aula como seu local correto: *“frustrado eu não me sinto, jamais. Graças a Deus sempre tive uma saúde suficiente para acompanhar todas as explicações em sala ou ter um controle para aguardar o momento certo de entender determinada coisa que eu tenha mais dificuldade. Enfim, isso eu tenho administrado muito bem. Triste dentro da sala de aula, nunca, porque o que eu poderia fazer de melhor do que estar lá? Não sei, talvez nada. Então lá na sala de aula eu sempre me senti no lugar correto, num lugar onde estou fazendo aquilo que gosto de fazer. Eu acho que, naquele momento, não teria nada melhor pra fazer.”*

A questão da realização de um sonho surge na fala de Maria Helena: *“eu me sinto realizando um sonho, me sinto superbem. Valorizo muito os professores e acho que esse dom deles é fora de série: de eles poderem passar tudo isso para nós. Então, me sinto superbem.”*

Algumas das questões da entrevista versavam sobre a importância da música e das aulas na vida dos entrevistados. Nivaldo considera a música muito importante *“porque na música você está rezando duas vezes. Caiu minha ficha: quando alguém diz que ‘cantar é rezar duas vezes’, então isso significa que cantar é duas vezes mais importante do que rezar. Eu posso resumir tudo isso que estou pensando em: a música penetra o nosso ser e nos modifica. Daí vem a sua importância.”*

Maria Helena fala a respeito das memórias que a música desperta. Ela considera a música *“muito importante. Eu acho que através dela você viaja, volta ao passado. Dependendo da música, da época, você volta lá para trás.”* Alice fala do poder que a música tem em sensibilizar as pessoas. Ela acha a música importantíssima e enobrecedora: *“no meu tempo, quando fiz até a oitava série, da quinta à oitava tinha o orfeão: a gente cantava. Hoje não tem mais curso de música nas escolas, então tenho a impressão de que quem fez ou faz música fica com maior sensibilidade. Enobrece e dá mais sensibilidade, além do benefício que gera no sentido de alegrar, acalmar, de agitar. Enfim, conforme a música você tem um sentimento relativo a ela. Você escolhe o que gosta, ouve sempre aquele estilo, mas abre o leque. Eu acho que a música enobrece e sensibiliza.”*

Edson também considera a música importante e justifica resgatando uma fala de sua profes-

²⁴A entrevistada quer dizer que questiona e pede mais explicações para a professora sempre que não entende algum assunto.

sora: *“como dizia a professora que substituiu a regente do coral: a música é uma arte que não admite erros. Eu fiz desenho e pintura também. Quando você pinta ou desenha, se errou é só apagar, consertar. Você está pintando e se não gostou, raspa a tinta. A mulher está costurando. Errou? Ela conserta. O escultor errou, ele modifica. O construtor errou, ele vai lá e acerta. A música, se você errou não tem jeito de voltar, ela é perfeita. Ou você faz certo ou, se erra, ela fica errada. Não tem jeito. Então, eu acho que ela é perfeita, ela exige de você a perfeição, além de trazer um bem-estar muito grande, pois acho gostoso e bonito cantar.”*

Para os entrevistados, as aulas no CEMULC são muito importantes e estão relacionadas com a qualidade de vida e de saúde, além de ser uma forma de interação social. Edson conta que fica esperando *“a semana inteira passar para vir aqui²⁵. É um encontro muito bom, fiz várias amizades, criei uma nova família, um novo grupo de relacionamento. Um grupo seleta, embora a maioria seja muito simples. E isso eu vejo quando ponho o DVD da nossa formatura, da celebração: vejo aquele povo todo cantando, aquela coisa bonita. [...] Então a música e o curso proporcionam uma autoestima muito grande.”* Quando questionado sobre como seria sua vida sem as aulas, o entrevistado respondeu: *“estou pensando como é que vai ser quando terminar o curso e não tiver mais. É uma coisa que estou pensando. Às vezes eu falo para o coordenador do curso – ‘vocês não vão ficar livres de mim muito cedo, não. Enquanto puder vir aqui, eu virei’.”*

Nivaldo comenta que com as aulas de música ele *“[...] já tem dificuldade. A gente sofre a ação do mundo e isso cria, de certa forma, algum atrito – que pode ser traduzido como estresse. Eu acho que se não estivesse ligado à música, o estresse seria grande, o quadro poderia ser totalmente outro, talvez até doenças.”*

Maria Helena fala que as aulas são muito importantes e acha que não conseguiria viver sem elas. *“Como falei para você: só vou interromper se acontecer alguma coisa ‘meio assim²⁶’. Eu não consigo me ver fora do CEMULC, não consigo.”*

Alice traz à tona a discussão a respeito da superação. É isso que as aulas representam para ela: *“[...] um recomeçar, uma nova esperança. Uma esperança de recomeço e, nesse recomeço, uma esperança de vencer as minhas barreiras e conquistar alguma coisa, por mais simples que seja, mas com tranquilidade e com firmeza. Eu espero isso.”* Ela ainda afirma que sem as aulas talvez sua vida fosse muito “chocha”, diferente. *“Com as aulas está bom. Sem elas talvez estivesse bom também, mas estaria faltando alguma coisa.”*

Um dos objetivos da pesquisa é verificar a influência das aulas de música em aspectos

²⁵Ele está se referindo ao CEMULC.

²⁶Com este termo ela quis dizer “alguma coisa grave”, como quando seu marido ficou doente.

físicos e sociais do idoso, de acordo com a sua percepção do fenômeno. A pergunta feita foi se as aulas de música tinham proporcionado algum benefício na questão da memória, coordenação motora, socialização, concentração e disposição.

Nivaldo relata que “[...] do ponto de vista físico, de saúde, fez um bem muito grande. Do ponto de vista social também. Porque, por exemplo, ainda hoje alguém me telefonou pedindo para eu participar de uma vigília no próximo sábado, orando e cantando com instrumento. Quer dizer, alguém sabe que eu faço isso e estou incluso na sociedade para fazer esse tipo de coisa. Então, tanto físico como social, com certeza gerou um bem muito grande.”

Alice também compartilha da ideia de que as aulas ajudaram em alguns aspectos, quando faz a seguinte consideração: “piorar, não piorou. Com relação a melhorar, a gente melhora em todos os aspectos. Porque a gente, fazendo uma coisa que gosta [sic], isso acaba repercutindo na nossa vida. Agora, se repercutiu na coordenação motora, eu não sei dizer. Memória está ‘no vício’, acho que ela até melhorou um pouco. Na disposição, socialização, concentração também ajudou e tem ajudado.” Falando a respeito das atividades das quais participa, como cursos de idiomas e aulas de música, Alice destaca seus benefícios para a memória: “a gente começa a ficar esquecido, distraído, desligado das coisas. Muita coisa eu não vejo, não lembro porque não estava prestando atenção ou porque não interessa. Mas como é que aquilo que me interessa eu lembro? Se me interessa, eu lembro. Outro dia, falei: ‘nossa, estou ruim da memória’. Não sabia onde havia deixado o celular e depois lembrei que ele estava no móvel. Como é que isso vem à cabeça e outra coisa não vem de jeito nenhum? Meu marido tem memória melhor, mas ele diz que também já está fracassando. A gente faz essas atividades para ativar a memória, para ficar funcionando com alguma coisa.”

Edson resgata o papel do curso na socialização, considerando que ele trouxe mudanças “principalmente na socialização.” Mudanças referentes a outros aspectos ele não soube identificar: “como já faz três anos que o curso está acontecendo, nós estamos no quarto ano, as coisas podem até ter mudado e talvez eu não tenha percebido.”

Outra entrevistada que relata a importância das aulas na socialização é Maria Helena: “até então, eu estava sem atividade nenhuma. A minha atividade era cuidar do meu marido, ir ao médico, fazer todas estas coisas com ele, voltar, dar remédio, dar banho e ir para a comunidade quando eu tinha tempo.” Ela também contou que não sente nenhuma mudança causada pela idade na hora de cantar. Já a memória e a concentração, segundo a entrevistada, “melhoraram, estão melhorando e parece que a cabeça está clareando mais.”

A percepção musical dos alunos também foi tema da entrevista e todos relataram que, após iniciarem as aulas, a forma de escutar os sons, a música e o mundo ao seu redor mudaram.

Maria Helena comenta que está mais confiante nos seus conhecimentos e “[...] *mais atenta. Por exemplo, vou ao ensaio e a menina²⁷ passa uma música. Às vezes, apesar de saber, eu achava que a música era estranha. Agora não.*”

Edson conta que, após iniciar o curso, “[...] *as celebrações²⁸ passaram a ter outro sentido. [...] A música na celebração, por exemplo, não é um enfeite como a gente pensa.*” Essa mudança de concepção acontece por causa da disciplina Liturgia, que em seu plano de ensino aborda a questão da utilização da música nas atividades religiosas.

Abordando essa temática com Alice, a entrevistada levanta novamente a questão dos sentimentos que a música desperta e a contribuição das atividades para o desenvolvimento da memória e da socialização, relatando que sua percepção mudou: “*é como eu falei, a música em si já inspira, sem a gente saber do que se trata, um sentimento. Então isso daí já é um ponto favorável. Quando a gente sabe do que se trata e se familiariza com a música, acaba gostando muito mais, né? [...] Minha memória está mais ativa, assim como a socialização.*”

Nivaldo fala de aspectos teóricos da escuta musical: “[...] *hoje posso ouvir as músicas de uma forma diferente de como eu ouvia. Alguém que não conhece, quando ouve uma peça, não percebe que há uma organização de notas e pausas e que está dentro de um tom, de uma altura. Quer dizer, com o pouco que a gente aprendeu, já conseguimos saber que determinada peça está dentro de um contexto e escala; outra está numa diferente. São coisas que a gente já consegue ouvir e saber que existe dessa forma.*” Além disso, ele relata que as aulas “[...] *devem ter tido influência até para ouvir o canto dos pássaros, afinal também é um canto. Não está escrito nas partituras a forma como eles devem cantar, mas é algo da mesma natureza. Eu diria que até nesse aspecto as aulas devem ter me influenciado, só que eu não sei qual a nuance de interferência.*”

3.2.6 Por que estudar música?

Com o aumento da oferta de cursos para idosos, dos mais variados temas, oferecidos por programas do governo e por outras instituições como as UNATIS, por exemplo, um dos objetivos da pesquisa era identificar as razões de o entrevistado ter escolhido a música como atividade. O que leva esses idosos a se interessarem por música, a ponto de dedicarem algumas horas do seu tempo a ela?

Alice fala que seu interesse por música começou quando, aos dezoito anos, trabalhava como

²⁷A responsável pelo grupo vocal da igreja, do qual a entrevistada participa como salmista.

²⁸Celebrações são as missas.

ajudante de costura para uma senhora e a filha dela tocava piano. Conta que optou pela música porque já tinha tido contato com esse tipo de atividade anteriormente: *“é o que dá mais certo para mim. Primeiro, porque gosto e segundo, porque já tenho um começo, mas não sei tudo.”* A entrevistada resolveu fazer o curso porque *“[...] tinha interesse em saber um pouco mais sobre liturgia e também em saber um pouco sobre música.”* Quando fala sobre as razões de ter escolhido o curso de música do CEMULC, a entrevistada relata que tinha *“[...] a impressão de que na música litúrgica, que é mais suave, geralmente mais lenta, eu ia me adaptar melhor com o pouco que sabia, com a bagagem que trouxe lá do fim do mundo”²⁹. [...] Achei que esse curso daria certo para mim, seria mais ‘maneiro’ no aprendizado, não seria tão difícil. Num conservatório é sempre mais puxado. Eu não queria recomeçar³⁰ o curso do início e também não tenho condição de terminar. Entendeu como é que é a história? Peguei outra linha de música que espero que dê certo.”*

Edson relaciona a escolha da música e do curso com o destino: *“escolhi música porque chegou a hora. [...] Escolhi o curso porque ele foi apresentado³¹ e estava de acordo com aquilo que eu esperava. [...] Não é que eu optei, é que as coisas foram acontecendo. Se tivesse sabido do curso no ano anterior eu não poderia ter feito porque seria justamente no ano em que minha mãe ficou doente, internada no Hospital das Clínicas por três meses. Nesse período eu ia todo dia para São Paulo e não poderia fazer o curso.”*

Nivaldo se lembra do violão que ganhou dos pais quando tinha cerca de oito anos e considera que seu interesse por música deva ter começado nesse período: *“Meu primeiro violão ganhei quando tinha uns oito anos e foi meu pai que trouxe. Há uns vinte anos eu me aproximei da Igreja e de sua música. E, apesar de ter um violão, de vez em quando eu parava, passava anos sem pegar e depois voltava a tocar. Embora eu não tenha sido um executante de violão, eu tinha vontade de fazer o curso para aprender liturgia e aprender um pouco mais de música também.”* Nivaldo conta que sua *“[...] escolha pela música, feita talvez até pelo subconsciente, que estava buscando uma resposta completa, se deva ao fato de ela, quando penetra em nosso ser, causar benfeitorias, causar o bem.”*

Ele ainda conta seus motivos para nunca ter feito aula de música anteriormente, apesar do seu interesse pelo violão: *“Acho que por uma questão de prioridade. Vim para Campinas já casado, tinha vinte anos e uma filha. Eu tinha só o curso primário – quatro anos do fundamental – e tive que lutar com a vida, buscar aprender um pouco mais profissionalmente. Depois que consegui fazer o nível técnico junto com o curso profissionalizante de eletrotécnica, ainda tinha*

²⁹Ela estava se referindo às aulas de piano que fez quando era mais jovem.

³⁰A entrevistada já tinha estudado música anteriormente.

³¹O entrevistado tomou conhecimento do curso durante um encontro de Canto Pastoral, organizado pela igreja.

necessidade de ganhar mais recursos. Eu cometi um erro porque não fui fazer faculdade, fui dar aulas em escola profissionalizante para profissões voltadas à indústria, como curso de eletrônica industrial e de eletricidade industrial. Fui ensinar os outros e deixei de fazer o meu curso superior. E, enquanto isso, não sobrava espaço para a música.”

Maria Helena decidiu fazer o curso porque viu o fôlder de divulgação do CEMULC: “[...] até então, eu não conhecia, não tinha nem noção do que se tratava. Eu me interessei e trouxe para casa e pensei ‘puxa, isso daí está parecendo comigo, está meio familiar’. Mostrei para as meninas³², falei que havia me interessado e me inscrevi. Eu acho legal fazer parte de uma comunidade, ter oportunidade de fazer um curso como esse!”

A entrevistada conta ainda que foi seu interesse por música que a motivou a se inscrever no curso: “eu tinha feito parte de um coral há 5 anos e o regente era formado em música pela UNICAMP. Porém, ele ganhou uma bolsa de estudos e saiu do Brasil. [...] Eu continuei a participar do grupo, mas ficou sendo, como diz o professor de Técnica Vocal I, cantar por cantar, sem técnica, sem ter preparo vocal, postura, todas essas coisas.” Em outro momento da conversa, Maria Helena comenta novamente a descoberta de seu interesse por música: “eu acho que desde pequena, como já falei para você. Lá em mil novecentos e bolinha, na escola. Eu sempre gostei, desde a infância.”

Maria Helena também faz um relato de seu contato com os cursos oferecidos pelas UNATIS, quando questionada sobre o porquê de ter optado pela música como atividade: “Eu queria retomar os meus estudos e até tinha pensado em tentar novamente o cursinho. [...] Eu fiz cursinho, mas era aquela dificuldade, pois nesse período o meu marido estava doente. Aí larguei. Optei pela música porque descobri o CEMULC. Resolvi fazer, não tentar mais nada, apenas o CEMULC, e avisei minhas filhas. Eu tinha ido procurar a faculdade da Terceira Idade numa instituição de Campinas, mas não me interessei porque lá era mais passeio, culinária³³... [...] Eu queria voltar a estudar, ir para a sala de aula, ter trabalho para fazer em casa, ver professor passando matéria, fazer trabalho em grupo, essas coisas. [...] Porém, quando decidi voltar a estudar, achei que estava muito desgastada para esse tipo de atividade, para entrar numa sala de aula assim. Hoje, estou em sala de aula, mas é completamente diferente. Não que as aulas de música não sejam puxadas, mas quando eu decidi o que iria estudar, pensei em ir para a música e ver o resultado.”

Todos os entrevistados tiveram contato com música em outros momentos de suas vidas. Alguns relataram suas experiências nas aulas de música das escolas regulares, como Edson;

³²Suas filhas.

³³Hoje o perfil das UNATIS está mudando e os cursos oferecidos são variados, buscando alcançar diferentes perfis e enfocando não apenas o aspecto recreativo e socializador, mas também o ensino e aprendizagem.

outros participaram de projetos públicos, como Maria Helena e as aulas de violão oferecidas pela prefeitura: *“o Centro Comunitário da Padre Anchieta oferecia curso de violão – era um projeto da Prefeitura – há um bom tempo, uns 4 anos, e eu e minha neta íamos para estas aulas gratuitas. [...] Infelizmente terminou o curso e eu parei.”*

Nivaldo fala do curso de violão a distância e Alice lembra das aulas de piano na época de sua juventude. Porém, quando questionados a respeito de já haverem feito aula de música anteriormente, a maior parte deles respondeu que não, por não considerarem essas experiências “oficiais”, isto é, elas não ocorreram em espaços formais de ensino de música, como os oferecidos por conservatórios ou escolas de música. O entrevistado lembra-se de não ter estudado música, que *“[...] só tinha estudado sozinho; na escola, não. Eu estudava, fiz até curso de violão por correspondência. Tem toda sequência de apostilas e eu as tenho guardadas.”*

Maria Helena também diz que não havia estudado música antes do CEMULC e não considera as aulas de violão em sua resposta: *“Não. Estudar música, não. Eu tinha tido oportunidade de fazer esse trabalho da técnica vocal no coral, mas estudar partitura e instrumento, não.”* Em outro momento da entrevista ela comenta: *“quando era mais jovem, não tive oportunidade de fazer um curso de música. Eu falo ‘poxa, se tivesse feito um curso...’”* e o custo foi o motivo relatado pela entrevistada para não ter feito tais aulas anteriormente.

Edson conta que estudou música apenas *“[...] no ginásio, na época da escola, que foi a minha base. Eu não havia estudado música porque até começar a trabalhar aos 20 anos, dependia do meu pai. Aí você pode considerar a questão financeira. Meu pai era um operário, ganhava um salário mínimo que mal dava para pôr comida dentro de casa. Toda a minha formação, o que eu sou hoje, saiu do tanque de lavar roupa da minha mãe.”* Ele também fala que não estudou nenhum instrumento musical *“[...] pelo mesmo motivo. Acho que, com o tempo, essa coisa foi despertando. Eu tinha muita admiração por piano, achava muito bonito tocar esse instrumento. Depois que fui ver que a Irmã regente do coral tocava órgão lá na nossa Igreja. E órgão é órgão, não é teclado. Eu a via tocando e nos ensaios do coral que aconteciam em sua casa ela tocava piano. Esses instrumentos sempre me atraíram. Tanto é que eu comprei uma coleção de discos daquele pianista francês, Richard Clayderman. [...] Comprei a coleção dele para ficar ouvindo, mas o piano, o teclado, sempre me atraíram. Porém, só agora surgiu a oportunidade e eu pretendo continuar, mas não farei as aulas aqui no CEMULC³⁴ porque é muito complicado. Devo fazer lá em Mogi mesmo.*

Alice também compartilha dessa paixão pelo piano: *“Ah, uma paixão. Eu adoro piano. Quando vou assistir alguma orquestra ou algum intérprete, mesmo pianista, não me conformo*

³⁴O entrevistado se refere às aulas optativas de instrumento.

de ficar lá longe. Eu quero ver! Aliás, em termos de orquestra, pode ser violão, eu quero ver o artista tocando, fazendo, quero ver! Parece que vibro também de ver ele mexer nas cordas, nas teclas. É que eu gosto muito de piano, viu? Gosto muito.” Além do piano, Alice fez algumas aulas de violão: “[...] tentei violão também, há uns anos, mas vi que aquilo não era minha praia. Então, não aprendi nada, porque falei ‘ah, não, isso não é para mim’. O que eu sei de música é por conta do que estudei de piano.”

A entrevistada conta o porquê de ter parado de estudar o instrumento: *“Parei porque casei com 23 anos. Casei em abril e fiz 23 anos em maio, e aí a vida começa a modificar. Não demorou muito eu tive minha primeira filha, morava longe e não tinha muito tempo para estudar, então não adiantava. O piano ou você estuda ou você não estuda. Eu fui levando conforme dava. Na verdade eu precisaria ter feito um estudo de piano que pegasse mais suave. Coisa que eu pudesse tocar, mas também um pouco de técnica para poder acompanhar. E deveria tocar músicas que fossem mais simples, mas possíveis de serem interpretadas. Isso estimularia, já que faltava muito estímulo.”*

3.2.7 Lembranças e fatos, atuais e passados, relacionados à música

Muitas lembranças e recordações já foram compartilhadas nos tópicos anteriores, porém aqui estão registradas as memórias mais significativas que os idosos resgataram ao serem perguntados sobre fatos de suas vidas que estavam relacionados com a música.

Edson se lembra de quando começou a cantar no coral da igreja: *“Comecei a frequentar essa missa³⁵, apesar de ter implicância com o Coral. Eu via eles cantarem em celebrações e não gostava. Mas comecei a participar daquela celebração e os ouvi cantar. Lá no meu lugar, humildemente, eu cantava ‘para dentro’³⁶. Um dia eu perguntei para uma das participantes – não falei com a regente porque ela era sisuda, passava a ideia de ser uma pessoa brava – onde eles ensaiavam. Ela respondeu que os ensaios aconteciam na casa dela e na casa da regente. Perguntei se poderia participar, prometendo que não iria atrapalhar e nem abrir a boca. Expliquei que só queria ouvi-los cantar. A aversão que eu tinha a coral começou a mudar exatamente para o sentido contrário. Expliquei que o meu desejo era participar do ensaio para ouvir, e talvez assim eu conseguisse aprender alguma coisa. Avisei que não iria abrir a boca porque sou desafinado. Ela consultou a regente, perguntou se eu poderia participar e ela autorizou.”*

³⁵Ele se refere à missa que acontecia aos sábados à noite, e não mais a que ele estava acostumado a frequentar, que acontecia aos domingos pela manhã.

³⁶O entrevistado quer dizer que ele cantava baixinho, junto com o coral.

Além dessa lembrança, quando questionado sobre um fato recente da sua vida que tinha relação com a música, ele fala de uma situação vivida em 2010: *“Um fato importante que aconteceu comigo, relacionado com a música, foi no ano passado. Nos dois anos anteriores, primeiro e segundo anos do curso, não participei da missa de Corpus Christi. No ano passado eu resolvi participar e convidei umas colegas de Mogi para assistir. Elas aceitaram e nós viemos. A missa foi na estação da Fepasa porque o Centro de Convivência³⁷ estava decorado por causa da Copa do Mundo e não poderia ser lá. As minhas colegas vieram participar e tiveram a oportunidade de conhecer o grupo e de ver a minha professora de canto cantar. Elas ficaram apaixonadas pelo trabalho e gostaram do resultado, que foi ver o grupo cantar na missa. Isso, para mim, foi muito importante. Eu falei ‘puxa vida, o pessoal gosta mesmo disso que a gente faz’. Eu me senti importante.”*

Nivaldo comenta a respeito dos motivos que levaram seus pais a lhe dar um violão: *“[...] os recursos dos meus pais eram muito pequenos. A gente sempre teve dificuldade na luta e meu pai, apesar disso, me deu um violãozinho simples, aquele que não tinha nem engrenagem³⁸. As chaves eram de madeira e quando acabava de afinar ele voltava sozinho. Foi o instrumento que eles tiveram condição de fazer uma aquisição mais barata [sic]. [...] Devo ter pedido porque senão eu acho que eles não teriam dado. Eu não lembro, mas acho que devo ter pedido.”*

Outro fato importante relatado por ele foi a quando sua esposa o viu cantar pela primeira vez: *“Neste último domingo nós fomos para Piracicaba e eu acho que foi a primeira vez que ela saiu para ver o coral de perto. Ela participou da missa e ouviu o coral.”*

O fato mais recente de sua vida relacionado com a música é o reconhecimento por sua participação no coral: *“[...] como participo do coral, apesar de sentir que os trabalhos tomam muito tempo, sinto uma satisfação muito grande. Eu não sei se isso é uma falha, porque todos nós temos um pouco de vaidade – receber aplausos causa uma satisfação muito grande e isso tem ocorrido em várias apresentações. Sentir que o público fica de pé para aplaudir você é o máximo.”*

Maria Helena também tem diversas recordações musicais. Uma delas está relacionada à família *“[...] uma das minhas meninas é fanática pela Elis. Ela tem uns CDs e, além disso, também tem um pouco a linha musical, esse gosto pela música. Começou a aprender violão e começou a fazer um trabalho na área de música – se apresentava em barzinhos, mas agora ela não tem mais tempo. [...] Ela fazia apresentações em barzinhos, na escola e no cursinho onde dava aula. [...] Ela ia para o barzinho e a família ia também. Era só a família, mas a gente*

³⁷A missa de Corpus Christi deste ano foi realizada no Centro de Convivência de Campinas.

³⁸Ele está se referindo às tarraxa ou cravelhas, usadas para afinar o instrumento.

ia! Sobrinhos, irmãs, cunhados. Foi uma época boa, super legal!”

A entrevistada também relata quando teve a oportunidade de conhecer seu cantor preferido: *“Cantor que eu amo de paixão desde a minha adolescência é o Jair Rodrigues [...]. Como eu gosto! Eu já tive oportunidade de conhecê-lo na livraria FNAC. Fui também para uma outra apresentação dele na praça de alimentação e em outra no teatro, ambas no Shopping Dom Pedro. Além disso, ele participou de uma peça. Como as meninas também gostam, elas me levaram e nós conversamos com ele, pedimos autógrafo, tiramos fotos [...].”*

Maria Helena cita dois fatos importantes relacionados com a música, sendo um mais antigo e outro recente. Primeiro ela fala de suas vivências no trabalho como babá: *“Eu canto muito porque a minha vida toda trabalhei de babá. Cantava com as crianças lá em São José do Rio Pardo e com a Ana³⁹, que hoje está com onze anos. Quando fui trabalhar na casa dela, ela era bem pequena e a gente cantava muito, contava historinha, cantava para dormir e brincava de roda com as músicas de ciranda. Foi sempre assim, só que começou há muitos anos.”* Depois ela relembra a *“[...] apresentação da Orquestra Sinfônica que a gente foi assistir no Centro de Convivência. Antes do curso eu já tinha tido oportunidade de, lá mesmo, no Centro de Convivência, assistir com as minhas filhas, que me incentivavam muito, um concerto de três solistas. Não me lembro agora o nome deles, mas eu amei.”* Ela diz que o concerto *“foi importante porque eu pude ver como funcionam os instrumentos. [...] A Orquestra Sinfônica de Campinas se apresentava nos bairros e também ao ar livre, na Concha Acústica da Lagoa do Taquaral⁴⁰. Lá foi a primeira vez que vi uma orquestra e também assistíamos a peças de teatro e teatro musical infantil quando as minhas filhas eram pequenas. [...] Mas nesse último concerto que a gente foi com o pessoal do curso deu para diferenciar bem quando tocava cada instrumento e qual era a importância dele porque o professor explicou antes, para toda a turma, as peças que seriam apresentadas. [...] Ele também falou um pouco sobre os compositores campineiros e eu achei muito legal porque você vai tendo uma noção do que é importante e quais são os instrumentos mais tocados em cada momento. Na aula seguinte o professor perguntou o que mais chamou a nossa atenção. Para mim, foi a harpa porque eu nunca tinha visto uma assim de perto. Os pianistas⁴¹ também chamaram minha atenção, foi uma coisa de louco.”*

Alice se recorda de uma peça que tocou quando fazia aulas de piano: *“Estudei uma peça de Villa-Lobos chamada A lenda do caboclo. Eu achava aquilo uma penitência. Só que a professora um dia me perguntou se eu sabia o que era A lenda do caboclo e me explicou que a*

³⁹Nome fictício de uma das crianças que ela cuidou.

⁴⁰Parque da cidade de Campinas.

⁴¹Havia dois pianos de cauda no palco e dois pianistas tocaram ao mesmo tempo.

peça era sobre um lugar indígena onde eles tinham a crença de que um espírito vinha aparecer. A professora ainda falou que esse ‘tã-tã-tã-tã-tã’ é como se fosse o barulho da onda do mar batendo nas pedras. Aí eu comecei a gostar e pensei ‘é isso mesmo, é isso aí’, você começa a ouvir o barulho da onda. Se explicarem o significado de outra peça, o que o compositor queria com aquilo, a gente começa a apreciar mais.”

E assim como Maria Helena e Nivaldo, Alice também tem lembranças que relacionam família e música: “[...] *minhas filhas – as duas estudaram piano. A mais velha até se formou... Elas participavam das audições e era muito gostoso de ver. A mais velha foi progredindo até se formar, então ela sempre se apresentou. Todo ano tinha audição e ela sempre se dava muito bem. A mais nova tocou aquelas musiquinhas bem infantis e depois não quis saber mais. [...]* Mas eram momentos muito bonitos e que me marcaram.”

3.2.8 Variações de temas

O aprendizado

Em alguns momentos das entrevistas, os entrevistados se remetem aos conhecimentos e conceitos aprendidos no CEMULC, valorizando-os na sua fala. Maria Helena, algumas vezes, fala a respeito da importância da técnica vocal, sendo esta uma preocupação antes mesmo de ingressar no CEMULC: *“Cheguei até a fazer técnica vocal, um trabalho de fonoaudiologia na UNICAMP, porque estava em três grupos de canto na comunidade e estava forçando a voz, não estava tendo postura e isso estava me prejudicando. Aí eu consegui uma vaga na fonoaudiologia da Unicamp e comecei a fazer. Foi o que melhorou um pouco, mas lá é só a parte de fono, o que já ajudou bastante.”*

Além disso, quando fala a respeito das suas experiências nos grupos vocais da comunidade, ela comenta: *“canto com outras pessoas que não entendem muito. Porque é como o professor de Técnica Vocal I fala: cantar, todo mundo canta, mas com postura de voz e com técnica, poucas pessoas cantam. Eu não sou formada em música ainda, mas tenho, mais ou menos, uma noção da música. Fica claro, e você percebe, se está cantando a melodia certa, se está desafinando. Muitas vezes, no grupo de sexta-feira, vejo que a melodia não está certa e falo para a coordenadora que não é assim.”*

Alice cita a contribuição do curso para a melhora e desenvolvimento da apreciação musical: *“o CEMULC também contribui para a gente começar a apreciar. No primeiro e no segundo anos um dos nossos professores mandava a gente ir ao Centro de Convivência duas, três vezes por ano, para ouvir concertos, para assistir alguma coisa e escrever sobre o que a gente ouviu.”*

Depois ele ‘caía em cima’. Falava ‘não, isso aqui não é assim, não’. A gente tinha que colocar as impressões e às vezes a impressão da gente era só ‘gostei, estava bonito...’. Porém ele queria mais explicações. Quando se conhece o conteúdo, aí é diferente, entende? A gente aprecia muito mais a música.”

Os conhecimentos obtidos no curso são colocados em prática por Nivaldo, conforme seu relato: *“Aqui na Igreja tem três grupos. Não pertencço a nenhum deles, mas canto com os três. Só que não me aproximo do microfone deles – eu fico próximo e canto sem microfone. Aprendi no CEMULC que o microfone não é muito saudável porque, enquanto a minha musculatura deveria estar se exercitando, eu divido essa atividade com o microfone. Quer dizer que estou levando prejuízo. Eu prefiro não usar, ficar mais longe e usar um pouco mais a musculatura para me exercitar.”*

Em outro momento da entrevista, quando questionado se as pessoas em sua casa costumam ouvi-lo cantar, Nivaldo comenta que *“não, aqui em casa esse tipo de coisa praticamente não existe porque, na escola, conversando com o professor de Técnica Vocal, que tem muita competência, aprendi o seguinte: que, dependendo do tipo de música, dependendo do tipo de interpretação ou de estudo que está fazendo, você pode incomodar o vizinho. O canto nem tanto, porque não é um negócio muito forte. Mas o ideal seria que não deixasse vazar o som através das paredes da casa para não incomodar ninguém. Aqui em casa eu tenho um porão que fica embaixo desta sala onde estamos, sem janela e apenas com um tubo para a saída de água. Então eu faço meu barulho lá para ninguém ouvir, para não incomodar os outros.”*

A família

Ao se decidir por fazer uma atividade, o idoso tem vários pontos a considerar:

- Condições financeiras: como pagar pela atividade escolhida e, se necessário, pelos materiais que ela solicita?
- Condições de locomoção e acesso: é fácil chegar ao local? Há transporte público que atenda aos horários da atividade?
- Estrutura física do local: a instituição está adequada às suas necessidades físicas?
- Tempo e disposição: tenho tempo e disposição para assumir esse compromisso?

Além desses questionamentos, um fator que pode ser fundamental para incentivar o idoso a participar de uma atividade ou continuar nela é o apoio da família.

Alice fala a respeito do apoio de seu marido para que ela continue no curso: ele se interessa por música, “[...] gosta e me incentiva bastante. No CEMULC, além desses três anos, tem mais dois de complementar ou intermediário [...]. Outro dia ele me disse ‘você gosta bastante do CEMULC’, e eu respondi que gosto, ‘é uma delícia’. [...] Falei para ele que gostava do CEMULC e aí ele falou ‘é, se você gosta, é bom, faz bem’. Falei que nós teremos mais dois anos de curso e ele respondeu dizendo para eu fazer. Não é legal?”

Quando quis voltar a estudar, Maria Helena contou com o apoio de poucas pessoas, sendo a maior parte delas da sua família: “Uma senhora falou para mim que eu era louca por querer isso. Todo mundo com quem eu conversava falava isso, menos as minhas filhas. Foram poucas pessoas de fora da família que me incentivaram. [...] As minhas filhas, o pessoal aqui de casa foram os que me incentivaram mais.” A entrevistada também comenta que “eles me dão muito apoio. Eu comento muito o que acontece nas aulas.”

Nivaldo relata que o apoio de sua mulher, ao assistir a uma apresentação sua, foi fundamental para ele continuar com suas atividades no coral: “Eu andava um pouco cabisbaixo, já pensando em parar, e a manifestação dela fez crescer meu interesse em continuar. [...] Então eu recebi uma força para continuar no coral por causa da manifestação dela.”

A valorização do curso

Em vários momentos da entrevista os idosos falam sobre a importância de estarem inscritos num curso *oficial*, mesmo que ele aconteça nos moldes da educação não formal. O fato de ser organizado por uma instituição – a Arquidiocese de Campinas –, ministrado por professores graduados na área e seguir a metodologia de cursos tradicionais, com controle de presença e provas, faz com que eles se sintam parte de um curso dotado de credibilidade e, como eles mesmos falam, “oficial”.

Isso fica evidente nas falas de Maria Helena e Nivaldo. A primeira considera que “é um curso sério, não é cursinho de final de semana. Não menosprezando, né? Porque às vezes tem muita coisa que você aprende, muita coisa que eu fiz na comunidade, que aprendi nos finais de semana.” E a entrevistada continua, em outro momento: “Para mim é uma beleza e, quanto mais eu cantar, mais quero me aprofundar no curso. Vou ver agora no final do semestre o que vai dar. Porque para mim isso é uma coisa nova. Até então eu nunca tinha participado de um curso assim, bem puxado, que você tem que se dedicar. As minhas filhas falam que eu tenho que me dedicar, que tenho que procurar fazer as minhas coisas.”

Já Nivaldo, quando trata da importância das aulas de música, comenta que “estudar sozi-

nho, como até pouco tempo eu tinha feito, é bom, a gente aprende. Já as aulas de música na escola, como tenho tido nesses últimos três anos, têm sido excelentes porque elas chegam de uma forma oficial. Você pode dizer para alguém ou você pode sentir ‘eu ouvi alguém falar isso dessa matéria musical’.”

Outro ponto bastante valorizado por eles é a formação e atuação dos professores do curso. Edson fala da ajuda que teve de um dos professores para voltar a cantar, durante um período em que estava desanimado e se sentindo bloqueado: *“eu bati um papo e ele me deu uma força muito grande, um incentivo, e aí soltei mais. Eu vou conseguir eliminar essa dificuldade que surgiu por causa de uma palavra errada que me bloqueou. Ele conseguiu desbloquear.”*

Alice diz que *“os professores são muito bons. Você assiste uma aula com o professor da disciplina Música na Liturgia e não fica sem aprender e sem dar risada, porque ele sai com cada coisa, mas tudo tem relação. Muito bom! O professor de Liturgia, tanto o do ano passado como o deste ano, são bons [sic]. O professor de Apreciação Musical, então, é fora de série. [...] A professora que dá aquela aula da terça-feira, de Estruturação Musical... Ela vai na lousa e esmiúça aquilo lá para você entender. E muita coisa que pensei que soubesse, estou reaprendendo aqui. Eu realmente já vi, mas isso estava morto. Com o ensino dela recuperei bem os conteúdos de tonalidade, escala maior, menor. Eu tenho tocado minhas escalas lá em casa e está saindo.”*

A respeito das aulas e dos professores, Maria Helena considera *“[...] todas as aulas importantes, mas o professor de Apreciação Musical, o que ele nos proporciona... Não que os outros também não proporcionem coisas boas, mas a aula dele é uma viagem. Na aula dele você vai lá no Beethoven, no Bach.”* E completa: *“[...] eu valorizo muito todos os professores.”*

Autocrítica, comparação social e conhecimentos musicais prévios

A comparação social é um dos mecanismos usados para a autorregulação, e durante as entrevistas alguns dos idosos mencionaram a utilização dessa ferramenta com o propósito de motivação pessoal para o enfrentamento das dificuldades do curso.

Edson, quando fala de seu ingresso e de sua experiência no coral Santa Cecília, no início da entrevista, comenta: *“percebi que tinha menos dificuldade do que muita gente que cantava ali no coral, embora continuasse sendo desafinado.”*

Maria Helena usa a comparação como forma de autocrítica sobre sua atuação no coral e conta a respeito da primeira vez que ela e sua turma ensaiaram com as outras turmas do curso: *“O professor de Percepção Musical I pediu para as meninas do terceiro e quarto anos darem*

uma força para as que estavam chegando agora, pois muita gente ficaria perdida. Percebi que havia pessoas que estavam querendo, entre aspas, aparecer, mas não me senti intimidada não. Eu fiquei na minha e pensei ‘vou fazer a minha parte’. Estou começando e, lógico, não sou assim ‘bambambam’, mas eu entendo mais ou menos. Então o que ele passava para nós fazermos, eu fazia direitinho.”

Hoje, ao fazer aulas de teclado no CEMULC, Alice ainda considera que seus estudos não são suficientes. Quando questionada a respeito da frequência com que estuda, a entrevistada responde: *“Ah, é pouca. Se fosse ver, mesmo, precisaria pegar no teclado pelo menos por uma hora, todo dia. Voltar a fazer um pouco de piano, também, para melhorar a leitura, porque a gente perde! Eu leio, razoavelmente bem, clave de fá e clave de sol. Mas não tão rápido, às vezes, como a música exige: com acorde, com mais de uma nota. . . Precisaria estudar todo dia e ir desenvolvendo cada vez mais.”*

Considerações a respeito da velhice e envelhecimento

Na sua entrevista, Maria Helena relata alguns pontos muito interessantes sobre o tema. Quando fala de sua vontade de voltar a estudar, a entrevistada mostra que teve que lidar com o estereótipo de que o velho já está no final da vida e que sua postura deveria ser a de se afastar da sociedade⁴²: *“muita gente falou que era loucura fazer cursinho, que eu era velha e onde já se viu velho fazer isso? Mas, como eu gostava, decidi fazer.”*

Maria Helena demonstra lidar de forma muito positiva com o processo de envelhecimento. No final da entrevista, ela comenta: *“eu estava lendo um livro muito interessante, que nem terminei, chamado ‘Quem tem medo de envelhecer?’. Há muitas pessoas com medo de envelhecer, mas eu não tenho, não. Lógico, temos problemas de saúde e a gente repara, dá para perceber, mas eu não tenho medo, quero envelhecer numa boa.”*

Além disso, a entrevistada fala a respeito da importância de buscar um envelhecimento com qualidade de vida, fazendo atividades que proporcionem bem-estar: *“[. . .] estou muito animada. Eu acho que a gente, depois que passa dos 50, tem que fazer uma coisa que goste [sic], com a qual se identifique, e eu estou amando.”*

Estabelecer planos e metas para o futuro é uma das características daqueles que buscam envelhecer com qualidade de vida. Maria Helena, quando conta suas impressões sobre a apresentação da Orquestra Sinfônica de Campinas e os instrumentos que ouviu, fala a respeito de uma de suas metas: *“não toco nada assim, mas, quem sabe, futuramente. . .”*

⁴²Pensamento fundamentado pela Teoria Gerontológica do Desengajamento.

As entrevistas deram voz aos idosos, que puderam expor suas lembranças, experiências e sentimentos. Os temas abordados pelos entrevistados serão discutidos e analisados no próximo Capítulo, estabelecendo uma relação com as teorias gerontológicas e as propostas em educação musical.

4 *O que falam as entrevistadas*

Lendo os relatos dos idosos, é possível perceber diversas relações com as propostas dos estudos gerontológicos e das teorias em educação musical. Além disso, é possível verificar em algumas falas que as expectativas com as aulas de música são as mesmas de estudantes de outras idades, mas que as dificuldades encontradas por eles são mais específicas e diferentes em alguns aspectos. Um exemplo que podemos citar e que será abordado mais adiante é com relação ao preconceito que alguns professores têm em dar aulas para pessoas idosas por acreditarem que elas não têm condições de aprender. Outra situação relatada e que é mais observável nessa faixa etária é a dificuldade em aceitar conhecimentos novos quando eles se chocam com conhecimentos já estabelecidos e tidos como certos.

4.1 Discutindo as memórias sonoras

Algumas das perguntas feitas na entrevista tinham o propósito de resgatar lembranças e memórias relacionadas à música. Uma das facilidades encontradas ao lidar com idosos é que, por causa do tempo vivido, eles contribuem com muitas histórias e lembranças que podem ser usadas pelo educador musical. Bosi (1979, p. 15) considera que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança.”

Várias situações podem despertar uma memória adormecida: um cheiro, uma imagem ou um som. Essas lembranças que afloram chegam cheias de sensações e sentimentos, não vêm sozinhas. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.” (BOSI, 1979, p. 17).

Em alguns relatos, percebemos que a lembrança de hoje é sentida e analisada por um novo prisma por aquele que lembra. Por isso, o que aflora à consciência é algo diferente daquilo que aflorou no momento em que o fato lembrado aconteceu: a recordação traz novas ideias, novos

aprendizados e conceitos, possibilitando a quem lembra repensar e reconstruir a experiência passada sob novos enfoques e pontos de vista. Para Bosi (1979, p. 17),

Por mais nítida que nos parece a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Isso fica evidente na fala de Maria Helena, por exemplo, que disse ter medo dos grupos de Folia de Reis quando criança. Hoje sua compreensão é outra e ela até consegue relacionar a atividade desenvolvida por esse grupo com outras atividades que também acompanhou naquela época, como a do Grupo Caiapós.

Para Blacking (2000, p. 107-108), a música “[...] pode tornar as pessoas mais conscientes dos sentimentos que têm experimentado [...]”¹. É interessante perceber como uma experiência pode ficar gravada por causa do som relacionado a ela. E esse mesmo som, se escutado novamente em outro contexto, poderá resgatar as lembranças e sensações daquele momento passado. Um exemplo é quando Nivaldo fala a respeito dos sons que ouviu na infância e que o marcaram porque, na época, ficou muito assustado. Hoje, ao recordar o fato, ele não tem mais essa sensação de medo, mas, como não é uma lembrança agradável, pediu para que não fosse reproduzida neste trabalho.

As sensações, prazerosas ou não, que as experiências musicais nos causam podem marcar nossas vidas. No caso de Edson, sua experiência foi importantíssima para estabelecer seu hábito de escutar rádio e definir seu gosto musical – quando ele fala de sua mãe ouvindo as novelas na rádio e seu pai mudando para as estações com música sertaneja. De acordo com Blacking (2000, p. 32-33), “o que pode desestimular um homem, pode estimular outro, não por causa de nenhuma qualidade absoluta da música em si, mas por causa do que a música passou a significar para ele, como membro de uma determinada cultura ou grupo social.”²

Não apenas para Edson, mas também para os outros entrevistados, o convívio social, principalmente na família e na escola, foi de grande importância para o desenvolvimento do interesse pela música e na definição das suas preferências musicais. O pesquisador de Filosofia da Arte, João Francisco Duarte Jr. (1998, p. 89), considera que “todos nós, de uma forma ou outra, educamos nossos sentimentos a partir dos códigos estéticos presentes em nossa época e cultura.

¹ “[...] can make people more aware of feelings that they have experienced [...]”. Tradução da autora.

² “what turn one man off may turn another man on, not because of any absolute quality in the music itself but because of what the music has come to mean to him as a member of a particular culture or social group.” Tradução da autora.

Isto é, aprendemos a ver em determinados estilos de arte os símbolos de nossos sentimentos, e assim nos identificamos com eles.” Quando questionados a respeito de quando surgiu o interesse deles pela música, as respostas sempre se reportam a um grupo social bem definido.

Alice fala a respeito da moça que tocava piano enquanto ela trabalhava e considera esse fato como um dos responsáveis por seu interesse por música e, particularmente, pelo piano. Nivaldo lembra-se de quando ganhou o violão do pai, da chegada do rádio e da vitrola³ em sua comunidade e de uma dupla de violeiros que tocavam em sua cidade – foram fatos que o marcaram. Maria Helena relembra o convívio com a família do pai, que era muito religiosa e cantava nas missas; e de suas atividades na escola, onde cantava nas festas e homenagens.

A escola, depois da família, talvez seja o principal grupo social do qual fazemos parte. Se nossos gostos e preferências são, de certa forma, influenciados pelo meio social em que estamos inseridos, a escola teria, neste caso, um papel fundamental no desenvolvimento da nossa relação com os sons que nos circundam.

O educador musical inglês John Paynter (1992, p. 9) considera que, ao mesmo tempo em que “[...] a música está muito em evidência a nossa volta (poucas pessoas passam o dia sem escutar música em algum lugar), sua contribuição para a educação básica, em termos gerais, tem sido subvalorizada.”⁴ Na escola, por muito tempo a música foi vista como auxiliar para o ensino de outras disciplinas ou ferramenta para preparar apresentações e festas temáticas, e raramente como disciplina de um campo específico de conhecimento.

Num mundo que valoriza o conhecimento técnico, específico e utilitário, muitas vezes a arte é vista como algo inútil, e sua serventia e importância são sempre questionadas. De acordo com Duarte Jr. (1998, p. 55), a arte não tem utilidade “no mundo prático. Não perguntamos nunca para que serve uma obra: ela serve apenas para ser fruída, desfrutada, serve para despertar em nós a consciência e a vivência de aspectos do nosso sentir, com relação ao mundo.”

Essa visão utilitarista vem mudando aos poucos por uma série de circunstâncias sociais, físicas, ambientais e psicológicas da civilização ocidental, mudanças que podem ser percebidas no trabalho de professores de música conscientes da importância e relevância da sua área de estudos e das sociedades que os agregam. Além disso, a aprovação da Lei 11.769, de 18 de agosto de 2008, que dispõe a respeito da obrigatoriedade do ensino de música na educação básica, apesar de ainda não garantir uma educação musical de qualidade, demonstra que os

³Vitrola, ou toca-discos é um aparelho de som utilizado para tocar discos de vinil. Ela tem uma base que acomoda o prato circular onde é colocado o vinil, e esta base gira no sentido horário. Um braço com uma agulha na ponta fazia a leitura do vinil, emitindo o som. (TOCA-DISCOS, 2012)

⁴ “[...] music is so much in evidence around us (few people get through a day without hearing some music somewhere), its contribution to general education has, broadly speaking, been undervalued.” Tradução da autora.

legisladores estão sensíveis aos apelos e pressões dos grupos ligados à área. A lei não é perfeita, mas com sua aprovação os educadores musicais comprometidos conseguiram uma ferramenta para reivindicar e lutar por melhores condições de trabalho.

A escola, por ser um espaço de educação, de convivência e de ampliação de repertório, pode ser um meio de propiciar vivências musicais diversas. A consciência da escola a esse respeito, como um todo, ainda não se mostra plenamente competente, pois a questão do ensino de artes, especialmente da música, nem sempre é abordada ou o é em termos equivocados. Para que ela consiga, realmente, ser o espaço que se propõe a ser, o ensino de artes precisa ser pensado de outra maneira, que seja significativa para os alunos e toda a comunidade escolar; afinal, como diz Duarte Jr. (1998, p. 90), “[...] a experiência estética depende também de um aprendizado.”

Percebemos a importância que a escola tinha nessa relação com a música, pois todos os entrevistados relatam lembranças dessa época. Atualmente, porém, não encontramos mais essa relação. Se futuramente entrevistarmos os estudantes de hoje, é muito provável que eles se lembrem de músicas aprendidas em outros contextos e espaços que não a escola. Edson e Alice lembram-se de ter aprendido os hinos pátrios e músicas relacionadas a datas festivas, como o Natal. As músicas infantis também são lembradas quando Nivaldo recorda que aprendeu, na escola, a cantar *Marcha, soldado*, e Alice, as cirandas.

O relato das memórias dos idosos fornece vasto material de trabalho para o educador musical e condições para ele se aproximar desse mundo sonoro do passado. Os idosos têm um repertório diferente do das pessoas mais jovens, o qual, na maior parte das vezes, não é conhecido porque as músicas que circulam no mundo vão sendo permanentemente substituídas por outras.

A música, e as artes em geral, estiveram e estão relacionadas com o momento histórico e social de cada época. Como elas são produto das pessoas inseridas nesses contextos, não estão descoladas da realidade e estão ligadas às visões de mundo vigentes em cada período e lugar. O jeito de pensar e entender o mundo muda de tempos em tempos, o que também acarreta mudanças nas produções musicais.

Outro motivo para essa mudança é a influência das leis de mercado nos gostos e preferências musicais. De acordo com essa perspectiva, o importante é o aspecto econômico e financeiro, logo o que é divulgado e estimulado para consumo são aquelas músicas que atendem a esses interesses econômicos. Para que o consumo seja sempre crescente, são necessárias novidades que chamem a atenção, o que acaba estimulando a produção musical – nem sempre de qualidade – e a mudança da trilha sonora do mundo ao longo do tempo.

Além disso, a recordação das canções e sons presentes durante a infância e juventude acaba por trazer à tona outras memórias e sentimentos, ajudando a despertar os sentidos adormecidos. Observamos, dessa forma, que “a música pode, pois, servir para a pessoa como uma espécie de elo com suas experiências significativas do passado [...]” (BRÉSCIA, 2003, p. 58). No trabalho com idosos, considerar essas experiências pode ser ferramenta importante para o educador musical conseguir sensibilizá-los, para eles compreenderem melhor o repertório que trazem e cativá-los para se interessarem por novos repertórios.

4.2 A respeito da paisagem sonora contemporânea

Um dos assuntos que deveria fazer parte do repertório e das preocupações do educador musical é o estudo da paisagem sonora: o resultado sonoro dos sons que estão presentes em determinado local ou espaço para seus habitantes. Como cada ambiente é único, as paisagens sonoras nunca são absolutamente iguais e têm suas peculiaridades.

O desenvolvimento da sociedade transformou os sons do ambiente: com o advento das máquinas e tecnologias, novos sons e ruídos foram se incorporando à paisagem e causando um desequilíbrio sonoro em relação à paisagem sonora que havia antes, quando os sons naturais predominavam. Se observarmos a natureza, veremos que os seus sons são equilibrados: os pássaros se contrapõem aos sapos, que se contrapõem aos grilos, e estes, por sua vez, se contrapõem ao som do riacho. Não há níveis de decibéis prejudiciais, e, se prestarmos bastante atenção, conseguiremos ouvir uma bela música composta pela natureza.

Em um ambiente natural, preservado, não há poluição sonora – uma criação do homem. Com o advento do progresso e a inclusão dos sons tecnológicos, esse equilíbrio foi desfeito. Essa mudança tornou-se tão evidente a ponto de despertar a atenção de algumas pessoas, que têm se preocupado com as consequências desses sons na saúde do homem.

Uma destas consequências talvez seja a anestesia na qual se vive hoje. Para não perceber o mundo ao nosso redor, que muitas vezes parece desagradável com seus ruídos, sua violência, poluição e degradação, sufocam-se sentidos e cria-se uma realidade à parte, mais adequada ao gosto de cada um, ou de cada comunidade. Por exemplo: não se vê mais as paisagens como elas são, mas fotos manipuladas, que as deixam mais bonitas. Uma paisagem feia pode ser transformada virtualmente em bonita, mas o problema ocorre quando as pessoas se contentam com isso e não trabalham para transformar o referido lugar no ambiente proposto pela imagem manipulada – são a anestesia e indiferença se mostrando presentes na sociedade. Tampouco procura-se ouvir os sons da natureza que ainda estão presentes; na maior parte das vezes, eles

passam despercebidos.

Por causa dos ruídos das cidades, prefere-se colocar fones de ouvido e criar a própria trilha sonora, muitas vezes em volumes altíssimos e prejudiciais para audição. Resultado: estamos ensurdecendo. Segundo Duarte Jr. (2006, p. 18), “o que se pretende é tornar evidente o quanto o mundo hoje desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos e até promove a sua deseducação, regredindo-os a níveis toscos e grosseiros.”

Nessa busca por criar sua própria trilha sonora, muitos extrapolam a barreira do bom senso e acabam impondo seus gostos musicais a todos que compartilham de seu espaço sonoro, invadindo a privacidade, a tranquilidade e a vontade alheias. Além de ensurdecerem a si mesmos, fazem o mesmo com os que estão a sua volta. Essa anestesia, à qual alguns têm se entregado, não tem produzido bons resultados. Os “anestesiados” precisam de volumes cada vez mais altos para ser sensibilizados e acabam perturbando os que estão a sua volta. Quem sofre com isso são aqueles que ainda têm sua sensibilidade tocada, como alguns entrevistados: Edson, Alice e Maria Helena destacam isso, quando se reportam aos carros que transitam pelas ruas com som em volume altíssimo.

Maria Helena é a única a se posicionar a respeito do tipo de música que esses carros tocam: não é do seu agrado. “[...] a apreciação musical é fundamentalmente subjetiva e intuitiva”⁵ (PAYNTER, 1992, p. 15), além de ser influenciada pela cultura e pelo meio social. Isso significa que podemos compartilhar nossas preferências com os outros, mas não impô-las. Essa questão do respeito ao espaço sonoro do outro também é assunto que pode ser abordado pelo educador musical.

Ela ainda comenta que às vezes se sente mal quando vai para o centro da cidade de Campinas por causa da poluição sonora. Mesmo que não se perceba, os sons podem provocar emoções negativas e danos físicos, como irritação e dor de cabeça, por exemplo. Fonterrada e Carnelós (2011, p. 132) afirmam que “mesmo sem se dar conta de que um determinado som o incomoda, o corpo reage e essas reações são as mais variadas: elevação da pressão arterial, aumento do estresse, cansaço, impaciência, indisposição para o diálogo, insônia, ou mesmo surdez”.

A classificação dos sons de uma paisagem sonora em agradáveis e desagradáveis é um exercício interessante para verificar como as percepções e gostos são diferentes e pessoais. O que uns entrevistados consideraram desagradável – latidos, por exemplo – outros consideraram agradável. Além disso, essa simples atividade pode ajudar a nos tornarmos mais atentos ao ambiente sonoro que nos rodeia e às suas influências.

⁵ “[...] the appreciation of music is fundamentally subjective and intuitive”. Tradução da autora.

Schafer (1991, p. 123) afirma que é papel do educador musical se preocupar com as questões referentes à paisagem sonora:

Observando o sonógrafo do mundo, o novo educador musical incentivará os sons saudáveis à vida humana e se enfurecerá contra aqueles hostis a ela. Será mais importante conhecer a respeito dos limiares da dor que se preocupar se o diabo ainda habita o trítono. Será de maior interesse tornar-se membro da Sociedade Internacional para a Redução do Ruído⁶ que da Associação dos Professores de Música Registrados⁷ local.

E o mesmo autor responsabiliza, em parte, os educadores musicais pela poluição sonora: “se há um problema de poluição sonora no mundo de hoje, isso se deve, com certeza, parcialmente e talvez mesmo extensamente, ao fato de os educadores musicais não terem conseguido dar ao público uma educação total no que se refere à consciência da paisagem sonora [...]” (SCHAFER, 1991, p. 162).

Duarte Jr. (2006, p. 25) considera que “a educação do sensível é, sobretudo e primeiramente, a educação de nossos sentidos perante os estímulos mais corriqueiros e até comezinhos que a realidade do mundo moderno nos oferece em profusão [...]”. E o que seria mais corriqueiro que os sons que nos rodeiam? Por isso é importante ampliar o foco da educação – trabalhar a racionalidade, mas usar também os sentidos, que são as portas que temos para o mundo.

Dessa forma, meio ambiente a arte podem ajudar a perceber os valores que merecem ser resgatados. À nossa volta há muitos estímulos e, para captá-los, é necessário educar e desenvolver os sentidos; afinal, eles são as nossas portas para o mundo. Fechá-la é fechar também a possibilidade de entendermos este mundo e a nós mesmos. A educação musical pode contribuir para o desenvolvimento da percepção se for utilizada de forma criativa, e não apenas da forma tradicional, estendendo seus olhares e ações a outros campos e áreas pouco explorados, como, por exemplo, a paisagem sonora.

4.3 A paisagem sonora do passado

Schafer (1991, p. 214) considera que a paisagem sonora é formada por alguns elementos característicos e os relaciona com a noção de *figura*, que seria o foco de interesse, e de *fundo*, que na mesma acepção seria o cenário/contexto e campo, isto é, o lugar onde a observação ocorreu. A percepção de figura e fundo estaria diretamente ligada ao campo e às relações do observador em relação ao campo. Dessa forma, teríamos a seguinte divisão:

⁶International Society for Noise Abatement.

⁷Registered Music Teachers Association.

- Sons Fundamentais – os sons criados pela geografia e pelo clima, assim como os sons dos animais, da água, do vento, do trânsito contínuo de uma cidade. Estes sons seriam o fundo.
- Sinais Sonoros – “[...] são os sons destacados, ouvidos conscientemente. Nos termos da psicologia, são mais figuras que fundo.” (SCHAFER, 1991, p. 26).
- Marca Sonora – “se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar. [...] é necessário protegê-la, porque as marcas sonoras tornam única a vida acústica da comunidade.” (SCHAFER, 1991, p. 27). Estes sons também seriam figuras.
- Paisagem sonora – seria o campo, o local onde ocorrem todos esses eventos sonoros.

Figura e fundo podem se alternar, mas não podem ser percebidos simultaneamente. O que define o papel que cada som ocupará nesta análise não é o seu volume ou intensidade, mas o interesse, os hábitos e o estado de espírito do ouvinte. Muitos sons que, para uma comunidade agrícola, seriam fundo, para uma pessoa proveniente de um centro urbano poderia ser figura, como o som de uma colheitadeira, por exemplo. Para quem vive no campo, é um som que já faz parte do cotidiano, não desperta atenção e, muitas vezes, já nem é mais ouvido – seria o fundo. O homem da cidade, por sua vez, terá nesse som um evento sonoro único e diferente – a figura.

Uma das características do sinal sonoro é a de marcar o tempo. Esses sinais acabam fornecendo uma orientação temporal para aqueles que o escutam e que integram a mesma paisagem sonora. Alice, ao recordar-se dos sons de sua infância, faz referência a um sinal sonoro quando fala do apito da fábrica de cerâmica, indicando os horários de entrada e saída dos funcionários. Edson também fala de um som que pode ser considerado um sinal sonoro: o sino da igreja perto da sua casa.

Maria Helena fala de uma marca sonora quando menciona os sons que a agradam: o som do verdureiro. Ele pode ser considerado uma marca sonora, pois é característico daquele local e significativo para os que moram na região – a entrevistada, no momento em que ouve o sinal, lembra e pode decidir se precisa comprar alguma coisa: *“Como eu gosto quando as minhas filhas ligam o rádio e tem aquele sonzinho! O som do verdureiro, também? Hoje ele passou, mas eu não precisava de nada.”*

Mesmo de forma não consciente, esses sons presentes na paisagem sonora acabam ajudando no estabelecimento e na organização de rotinas. Se eles deixassem de existir, será que elas continuariam as mesmas?

As paisagens sonoras, por serem compostas, entre outras coisas, pelas pessoas que fazem parte dela e pelos recursos tecnológicos disponíveis no momento, estão sempre em transformação. Os jovens vivem numa determinada paisagem sonora. Se conversarmos com idosos e evocarmos suas lembranças, veremos que a paisagem sonora que eles têm na memória é bem diferente da atual, e, em alguns casos, determinados sons apontados por eles como significativos nem existem mais.

Schafer (1994, p. 115), em seu livro *Hacia una educación sonora*⁸, sugere um exercício que consiste exatamente nisto: conversar com uma pessoa mais velha a respeito dos sons que ela ouvia antigamente. Essa seria uma forma de entrar em contato com sons que já não são mais ouvidos e de resgatar uma antiga paisagem sonora. Como afirma Bosi (1979, p. 366), “ao perdermos uma paisagem sonora⁹ sempre poderemos evocá-la através de sons que subsistem ou na conversa com testemunhas que a viveram.”

No trabalho com idosos, a memória é ferramenta importante, que podemos usar. De acordo com Capra (2002, p. 51), “[...] todos os seres vivos têm uma história. A estrutura viva é sempre um registro dos desenvolvimentos já ocorridos.” Recriar as paisagens sonoras perdidas, típicas de uma época ou de um lugar, pode ser uma atividade extremamente emocionante e significativa para os participantes.

Ao recordar suas experiências e os sons que estavam presentes – o sinal da escola, o sino da igreja que hoje não se ouve mais por causa do trânsito, a sirene da fábrica, o grupo de violeiros que andava pela comunidade – tudo isso ressurgir para o idoso e pode ser aproveitado pelo educador musical. Trabalhar com essa memória requer atenção e sentidos apurados para perceber o que um gesto, um olhar ou um silêncio querem comunicar.

4.4 Transpondo as pedras no caminho

O envelhecimento acarreta mudanças no corpo físico, que podem dificultar o aprendizado musical. Nivaldo e Edson relataram incômodo com partituras que não estejam claras ou estejam impressas em fontes pequenas. Isso os motivou a aprender a mexer em *softwares* de edição de partituras, no caso do primeiro; e a se tornar o responsável pela organização e melhoria do arquivo de partituras do coral de que participava, no caso do segundo. Porém, se o idoso apresentar dificuldades de visão, o que é muito comum, poderá ter dificuldade em ler partituras

⁸Está disponível a tradução deste livro para a língua portuguesa: SCHAFER, R. M. *Educação sonora*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

⁹Eclea Bosi, em seu livro, usa como uma de suas referências o texto de SCHAFER, R. M. O mundo dos sons. *O Correio da Unesco*, ano 4, n. 1, p. 4–8, jan. 1977. É deste material que ela retira o termo *paisagem sonora*.

que não estejam impressas adequadamente.

Todos os entrevistados enfrentaram situações interessantes em suas experiências com aulas de música. Com relação às dificuldades enfrentadas com professores, três dos entrevistados mencionaram esse tema em suas falas. Edson, na época da escola, teve uma professora que o classificou como desafinado e nunca procurou ajudá-lo a superar essa dificuldade. Anos mais tarde, no coral em que participava, a regente – que foi sua professora no colégio – não classificou as vozes, o que acabou dificultando sua performance. Alice contou com uma professora que, no estudo de piano, não lhe deu o suporte técnico de que ela precisava e do qual sente falta até hoje. Nivaldo enfrentou o preconceito de um professor que dizia que pessoas idosas não tinham condições de aprender a cantar.

Essa fala de Nivaldo, juntamente com o depoimento de Maria Helena, – que, como veremos mais adiante, enfrentou preconceito por parte de colegas que consideravam inadequado para uma pessoa da idade dela fazer o curso –, demonstram que a ideia de que idosos não têm condições de aprender ou que seria uma “perda de tempo” ensiná-los está presente em diferentes grupos: entre os próprios idosos e entre professores. Ela, por ser a única que continua trabalhando, também fala da dificuldade em trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Vários estudantes, de diversas idades, enfrentam essa dupla jornada e, numa idade em que parte dos idosos já está aposentada, Maria Helena mostra que estudar música ou fazer qualquer outra atividade não é apenas para ocupar o tempo livre, mas uma questão de gosto e de desejo de aprender.

Nivaldo e Alice mencionam a questão do repertório escolhido nas aulas. Nivaldo considera o repertório do coral do CEMULC um pouco difícil, mas diz que entende as razões que levam o regente a escolher determinadas peças: o regente não deseja perder o contato com partituras mais elaboradas e essa seria uma forma de conseguir manter-se atualizado. Alice sente falta de ter estudado alguns métodos de piano. Como era boa aluna, a professora não seguiu um currículo linear e “pulou” alguns métodos e peças considerados importantes pela entrevistada, como Bach, por exemplo. Ela considera esse um dos motivos por ter ficado sem base e sem técnica, além da sua falta de estudo e dedicação. A Tabela 2 resume as dificuldades relatadas pelos entrevistados:

Tabela 2: Dificuldades relatadas pelos entrevistados.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Mal formatação das partituras		X		X
Preconceito por causa da idade			X	X
Professores	X	X		X
Repertório inadequado	X			X
Aceitar novos conhecimentos		X		
Aspecto financeiro		X		
Trabalhar e estudar			X	

Essas situações relatadas pelos entrevistados mostram que determinadas atitudes podem ficar marcadas na vida das pessoas. Falar que uma pessoa é desafinada ou que ela é velha demais para aprender são comportamentos que demonstram falta de preparo e de conhecimento de educação no geral e, em especial, de educação musical.

Com relação ao aspecto financeiro mencionado por Edson, ele é o único a colocá-lo como dificuldade. Como mora em Mogi Mirim, além do curso tem despesas com transporte. Essa é uma de suas justificativas para ter parado de frequentar as disciplinas optativas: como elas são oferecidas durante a semana e ele estuda aos sábados, teria que fazer uma viagem a mais até Campinas, o que resultaria em mais gastos.

Ele também é o único a relatar sua dificuldade em aceitar novos conhecimentos quando comenta a respeito de sua experiência no curso de atualização em Liturgia. Sua dificuldade não foi em compreender os novos conceitos e informações, mas em aceitá-los. Nesse curso Edson entrou em contato com muitas informações novas que contrariavam aquilo em que acreditava e, por isso, teve que trabalhar muito para vencer essa resistência. A aceitação do novo – e não sua compreensão – talvez seja o desafio para idosos estudantes.

Tabela 3: Tipos de dificuldades.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Aspectos cognitivos	X		X	X
Aspectos mnemônicos e teóricos	X		X	X
Prática musical – tocar, cantar	X	X		X

A Tabela 3 mostra os tipos de dificuldades que os entrevistados relataram. Foi muito comum em suas falas a referência a dificuldades de memorização e compreensão dos conteúdos. Não é possível afirmar, porém, que essas dificuldades ocorram somente por causa da idade avançada.

Observando as aulas no CEMULC, foi possível perceber que em turmas menores os idosos tinham mais oportunidade para interagir e questionar o professor com relação aos assuntos

não compreendidos. Na turma de Alice, por exemplo, eram apenas quatro alunas e todas participavam bastante das aulas, sempre perguntando para a professora os assuntos que não eram bem assimilados. O mesmo acontecia na turma de Edson e Nivaldo, porém, não com tanta frequência, porque a turma era maior.

A turma de Maria Helena era do primeiro ano, e a maior do curso. Isso dificultava um pouco a atuação do professor, que tinha muitos alunos em sala para dar atenção, bem como pra estimular a participação deles, visto que nem todos se sentiam à vontade para manifestar suas dúvidas e opiniões. Nas observações em sala de aula, foi possível perceber que muitas pessoas ficavam um pouco “perdidas” em determinados momentos das aulas, pedindo auxílio para os colegas e, quando possível, para o professor.

Outro ponto a considerar é a questão do caráter das aulas – os conteúdos eram abordados de forma tradicional, focalizados nos aspectos técnicos e teóricos da música. Havia atividades práticas, e tanto professores quanto alunos valorizavam muito esses momentos da aula, porém a ênfase esteve na questão teórica. Maria Helena, Edson e Nivaldo não veem esse aspecto como negativo, porque acreditam que isso dê um “caráter sério” ao curso. Conforme se pode perceber em alguns depoimentos, a técnica e a teoria musical são muito valorizadas por eles, assim como as atividades propostas pelos professores: tarefas, trabalhos e avaliações.

Podemos considerar, então, que talvez esses conteúdos pudessem ser melhor assimilados pelos idosos, caso fossem utilizadas outras metodologias, que não a tradicional, para abordá-los. Para ser educador musical, não basta apenas saber tocar bem um instrumento, dominar a teoria musical, cantar ou reger um coral. Esse educador precisa ter estratégias de ensino que facilitem a aprendizagem. O conhecimento a respeito das pedagogias em educação musical podem ajudar a desenvolver as estratégias mais adequadas para o grupo com o qual se trabalha. Segundo Oliveira (2005),

O educador musical contemporâneo [...] apresenta conteúdos através de jogos, canções, dramatizações, estórias, atividades escritas, recursos visuais e auditivos condizentes com a faixa etária, além de estratégias específicas para estimular e desenvolver habilidades motoras e musicais, a percepção auditiva e visual, a expressão corporal e vocal, a vivência e a criatividade nas diversas atividades.

Como a música é patrimônio do homem, proporcionar formas de ensiná-la a todos os que quiserem aprendê-la é compromisso do educador musical. Porém, ao trabalhar com idosos, alguns pontos devem ser observados, como os instrumentos usados em aula, por exemplo. Souza (2006, p. 1219-1220) considera que “o instrumento deve possuir leveza, ser feito de material o mais natural possível, [...] madeiras leves e acessórios de baixo peso e não cortantes.” A

não observação desses detalhes poderia acarretar fadiga – se o instrumento oferecido for muito pesado – e até mesmo ferimentos, pois a pele do idoso é muito sensível.

Além disso, adequar os instrumentos e as atividades musicais para o perfil etário com o qual se trabalha é fundamental para manter a motivação dos alunos. “[...] é necessário adequar o conteúdo a ser ensinado, seja ele qual for, para a potencialidade dos alunos [...]” (LOURO; ANDRADE, 2009, p. 119). Nivaldo faz comentários a esse respeito, quando se refere ao repertório do seu coral, e o classifica como muito complexo.

A não observação desse detalhe pode desmotivar o idoso. Araújo (2006, p. 84) chama a atenção, por exemplo, para a escolha de repertório no caso dos corais: “por causa da presbiacusia¹⁰, que pode apresentar índices de 62% em pessoas acima de 85 anos, a escolha do repertório deve ser criteriosa quanto à extensão, visto que eles têm pouca tolerância para sons agudos.” Com relação à presbiacusia, Schafer (1991, p. 19) descreve uma situação interessante, que nos faz repensar o quanto o processo de ensurdecimento é natural. O otologista Dr. Samuel Rosen, de Nova Iorque,

[...] fez audiogramas (exame de audição) numa tribo africana Mabaan que vivia em uma área do Sudão não mecanizada e mostrou que estas pessoas, na idade de sessenta anos, tinham a escuta tão boa ou melhor que norte-americanos com vinte e cinco anos. Os sons mais altos que os Maaban já ouviram foram suas próprias vozes cantando e gritando durante danças tribais.¹¹

A preocupação do educador musical com a motivação dos alunos é importante porque, de acordo com Louro e Andrade (2009, p. 127), ela “gera novas possibilidades para o desenvolvimento do ser humano.” Um jeito de cativar o aluno e motivá-lo é conhecer seus gostos e tentar se aproximar deles para que essa aproximação consiga quebrar alguma resistência. Na conversa com os idosos, foi possível identificar algumas de suas preferências musicais, conforme a Tabela 4:

¹⁰Perda de audição relacionada à idade.

¹¹“He gave audiograms (hearing tests) to a tribe of Mabaan Africans living in a non-mechanized area of the Sudan and showed that these people at the age of sixty had hearing as good as or better than North Americans at the age of twenty-five. The loudest sounds the Maaban ever heard were their own voices singing and shouting at tribal dances.” Tradução da autora.

Tabela 4: Preferências musicais.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Samba	X	X	X	
MPB	X		X	
Sertanejo de raiz – música caipira		X	X	X
Samba enredo		X		
Música japonesa		X		
Música folclórica		X		
Música romântica	X			
Música erudita¹²	X	X		X

O gosto musical, além de ser influenciado pelos meios sociais e pela lei de mercado, que procura divulgar e impor aquilo que dá retorno financeiro, também tem nas vivências pessoais e nas emoções e sentimentos que elas provocam uma grande influência. Mesmo que essa relação de gosto e experiência não seja feita de forma consciente pelos entrevistados, percebemos, nos seus depoimentos, que ela ocorre.

Edson e sua ojeriza à música sertaneja por causa do pai é um exemplo. Maria Helena fala da MPB e das boas recordações que tem da época em que sua filha cantava esse tipo de música nos bares. Alice gosta de música erudita e se lembra, com carinho, das apresentações de piano das filhas.

Ao lecionar para idosos, o educador musical precisa estar atento a esse ponto – apesar de todos terem suas preferências musicais, uma de suas tarefas é ampliar o repertório conhecido do aluno. Mesmo que determinado tipo de música não seja objeto de preferência por parte dos alunos, é importante que o professor os coloque em contato com ele, pois isso aumenta suas referências musicais e amplia suas possibilidades de acesso à produção musical, sem limitá-las às primeiras experiências, resultantes de seu pertencimento a um determinado grupo cultural familiar. Não existe música certa ou errada, para velhos ou para jovens, ricos ou pobres, já que, de acordo com Schafer (1991, p. 23), “[...] todas as músicas foram escritas para todas as pessoas” e, rotular o que cada um deve ou pode ouvir é, de certa forma, impor limites para o contato com a arte.

O ensino de qualquer linguagem artística deveria contemplar as seguintes modalidades: o fazer, a contemplação/fruição, a interpretação e a avaliação das obras e a teorização das técnicas. Hoje o aprendizado é caracterizado como um processo que se dá, muitas vezes, por meio do uso do cérebro e do raciocínio, esquecendo-se de que o corpo, as percepções e os sentimentos também são determinantes dessa experiência. Andar de bicicleta, dirigir, dançar e tocar um

¹²Frédéric Chopin, Johann Sebastian Bach, Tchaikovsky e Francisco Mignone foram os compositores citados.

instrumento são exemplos de coisas que aprendemos por meio do corpo. E as artes, para serem fruídas, valem-se das percepções dos órgãos dos sentidos, dos sentimentos e emoções que provocam, e, algumas vezes, dos processos mentais de codificação e decodificação de determinados aspectos da linguagem expressiva em questão. Conhecer é um processo que une corpo, mente e sentimentos. Para Oliveira (2005), a

Música desenvolve [...] a percepção de modo geral, desperta a sensibilidade, revela valores éticos e estéticos, tornando o ser humano mais sensível e criativo e, neste sentido, como meio de expressão e como força geradora de energia é, sem dúvida, um componente fundamental para a formação integral da personalidade humana.

Por isso, uma proposta de educação musical interessante seria aquela que proporcionasse ao aluno a vivência em um ambiente sonoramente estimulante e que favorecesse a prática musical pelo domínio da linguagem e do desenvolvimento de habilidades musicais. É através do contato com as mais diversas manifestações musicais que se aprimoram a linguagem musical e as condições para fazer música.

4.5 A música e sua influência em aspectos físicos, sociais e sentimentais

Analisando as respostas dos entrevistados a respeito dessa temática, percebemos que eles não relacionam direta e conscientemente a motivação para tocar e cantar com aspectos sentimentais, mas com a técnica e a necessidade do treino. Apenas Maria Helena fala em alegria como um motivo para o canto.

Porém, mesmo sem os entrevistados perceberem, em vários momentos das entrevistas esses sentimentos aparecem. Maria Helena menciona a importância do apoio das filhas para fazer o curso e o quanto isso é importante para ela. Alice tem no piano seu instrumento preferido e cita algumas passagens de sua vida em que isso fica evidente: seu primeiro contato com o instrumento no ambiente de trabalho e o incentivo para as filhas também estudarem piano. Além disso, ter tido a oportunidade de assistir a várias apresentações de piano de suas filhas, quando elas eram menores, foi significativo, e ela recorda esses momentos com muita saudade.

Estas lembranças e memórias, que tinham a música como temática, vieram à tona trazendo com elas os mais variados sentimentos, que são novamente revividos no ato de lembrar: superação, alegria, saudades, realização. A respeito dessa capacidade de evocar emoções e sentimentos, Brécia (2003, p. 59) considera, por exemplo, que “para as pessoas idosas, ouvir músicas conhecidas pode ajudá-las a reviver sentimentos passados e isso talvez as ajude a viver melhor

o presente.” Em todas as entrevistas percebemos que a música sempre esteve presente na vida desses idosos das mais variadas formas e, em suas lembranças, sempre será possível encontrá-la fazendo parte de algum momento significativo.

Além disso, a questão das emoções e sentimentos apareceu também quando se discutiu a respeito da escolha da música como atividade. Mais adiante, neste Capítulo, os entrevistados falam desse tema e novamente surgem os valores sentimentais quando destacam o *gostar de música* e o destino como razões para a escolha dessa atividade, sendo este último um modo fatalista e romântico de ver a vida. Neste momento da vida em que não precisam mais dedicar seu tempo e esforços em atividades como cuidar da família ou encontrar formas de subsistência, o tempo livre pode ser investido numa atividade que lhes dê prazer e que seja do seu agrado, contribuindo para um envelhecimento bem-sucedido.

Mesmo não estabelecendo uma relação direta entre sentimentos e a motivação para a prática musical, todos os entrevistados conseguiram identificar emoções durante a execução das atividades musicais, conforme mostram as Tabelas 5 e 6.

É interessante observar que alguns deles relataram sentir satisfação e a sensação de dever cumprido. Talvez isso se deva ao fato de terem encontrado, durante seu caminho, muitas dificuldades, como uma professora que considera o aluno desafinado e não fornece o apoio necessário para a superação dessa dificuldade, por exemplo.

Quando em sala de aula, os entrevistados identificaram a percepção de diferentes sentimentos, conforme mostra a Tabela 7. Destaco a fala de Maria Helena, que se coloca como se estivesse realizando um sonho: a vontade de estudar música é muitas vezes deixada de lado por causa de outros compromissos considerados mais urgentes e primordiais. O sonho de tocar algum instrumento, de cantar e de entender a teoria musical é adiado por causa das necessidades de trabalho e familiares. Quando se aposentam, muitos idosos encontram, nesse momento, a oportunidade de realizar antigos sonhos, visto que não possuem mais os compromissos de trabalho e os gastos para a manutenção da família – os filhos já saíram de casa e são responsáveis por suas próprias vidas.

Schafer (1991, p. 355) menciona essa mudança na sociedade, com o aumento do número de idosos com tempo livre e condições de investir em atividades para ocupá-lo: “grandes mudanças sociais têm trazido essas oportunidades para a vida diária. Em muitos países civilizados, a taxa de nascimento está diminuindo e, desse modo, a média de idade da população está crescendo rapidamente. As pessoas têm maior tempo de vida. Os adultos estão se aposentando mais cedo. Muitos estão voltando para a escola, para desenvolver novos ofícios ou vocações.”

Tabela 5: Sentimentos que motivam a prática musical.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Desejo de expressar-se				X
Vontade de tocar alguma música	X			
Necessidade de treinar	X			
Alegria			X	

Tabela 6: Sentimentos que surgem durante a prática musical.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Sentimento bom		X		X
Emoção			X	
Bem-estar	X	X		
Felicidade	X			
Satisfação		X		
Dever cumprido		X		

Tabela 7: Sentimentos que surgem na sala de aula.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Superação		X		
Desafio	X			
Alegria	X			
Estar no lugar correto				X
Bem-estar			X	
Realização de um sonho			X	

Os entrevistados relataram algumas justificativas para considerarem as aulas de música importantes, conforme a Tabela 8.

Tabela 8: Importância das aulas.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Oportunidade para encontrar pessoas		X		
Fazer parte de um novo grupo social		X		
Aumentar a autoestima		X		
Fazer amizades		X		
Evitar doenças				X
Superação	X			
Recomeço	X			
Dá novas esperanças	X			

As respostas dos entrevistados às questões apresentadas mostram a presença de sentimentos: superação, recomeço, desafio, esperança. A partir dessas expressões, é possível perceber que a educação musical pode ter uma função motivadora para os idosos. Schafer (1991, p. 355) considera que “[...] a música poderia tornar-se um estímulo e uma fonte de vigor na vida de aparentemente incontáveis grupos de pessoas abandonadas, se apenas pudéssemos descobrir a pedagogia certa.”

Para descobrir essa “pedagogia certa” a que o autor se refere, talvez o primeiro passo seja dar voz a esses grupos. Observar a importância e a valorização que os idosos dão aos momentos que passam em sala de aula poderia levar o educador a valorizar sua profissão e prática profissional e a repensar a metodologia que vem utilizando, buscando adequá-la ao grupo em questão, para que se tente manter neles uma constante motivação.

Outro ponto que a entrevista levantou foi a influência das aulas de música em aspectos físicos e sociais dos idosos, de acordo com suas próprias percepções. Muito se fala a respeito da influência da música na saúde e qualidade de vida das pessoas, mas os idosos que fazem aulas percebem essas influências?

Tabela 9: Influência das aulas em aspectos físicos e sociais.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Melhora na saúde				X
Socialização	X	X	X	X
Memória	X		X	
Disposição	X			
Concentração	X		X	

O que se pode destacar na tabela acima é que a questão da socialização foi citada por todos os entrevistados, o que não aconteceu com os outros itens. Todos eles consideraram que as aulas contribuíram para a melhoria da socialização, possibilitaram o convívio com outras pessoas e deram oportunidade para fazer novas amizades. Schafer (1991, p. 373) também resgata esse

poder socializador da música quando afirma que “uma das maiores vantagens da música é que ela pode estimular o bem-estar social. Este não é seu objetivo, mas pode ser um dos seus resultados.”

Nivaldo é o único entrevistado a mencionar a influência da música na saúde, dizendo que sem as aulas talvez seu nível de estresse fosse alto. Alguns autores, como Murray Schafer, defendem que os sons podem influenciar a saúde das pessoas e esse seria um dos motivos para nos preocuparmos com as questões relativas à paisagem sonora. Araújo (2006, p. 84) considera que o foco do aluno nas aulas é uma das razões para a música influenciá-lo positivamente: “o quanto se vai aprender não é o mais importante, a diferença está em querer aprender. Essa atitude viabiliza a preservação de habilidades em declínio, o desenvolvimento da criatividade e, conseqüentemente, a elevação da autoestima.”

O educador musical precisa estar ciente dessas contribuições que as aulas de música podem trazer para os idosos, porém não se considera que esse deva ser o objetivo da sua prática. A música é uma área de conhecimento específico, tem valor por si mesma e não precisa de outros argumentos para se justificar. Porém, ao tomar conhecimento das contribuições positivas que a educação musical pode trazer, o educador pode usar também esses argumentos para embasar sua prática.

Os entrevistados também responderam a respeito da importância da música em suas vidas. Maria Helena destaca as memórias que a música desperta e a capacidade que ela tem de trazer o passado de volta, por meio das lembranças.

A influência das aulas na percepção dos idosos também foi tema da entrevista, e as respostas estão na Tabela 10.

Tabela 10: Influência das aulas na percepção.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Mais confiança nos conhecimentos			X	
Novo significado para as missas		X		
Compreensão das funções da música litúrgica		X		
Percepção de aspectos musicais teóricos – harmonia, escalas e tonalidades				X
Mais atenção aos sons da natureza				X
Inspiração para novos sentimentos	X			

O primeiro item da tabela refere-se ao conhecimento de música que os entrevistados têm e que são postos à prova no dia a dia, em suas atividades. Maria Helena relatou que, com as aulas, ela ficou mais confiante, porque pode encontrar embasamento e argumentos para contestar e discordar de alguns posicionamentos adotados pela regente do coral de que participa.

Indiretamente, isso acaba refletindo positivamente na sua autoestima.

Schafer (1991, p. 294), quando trata das funções da música, considera que ela “[...] pode ajudar a promover, por exemplo, a sociabilidade, a graça, o êxtase, o fervor político ou religioso, ou ainda a sexualidade.” Nivaldo, Alice e Edson, por exemplo, não falam em fervor religioso, mas em diversos momentos da entrevista deixam claro que a liturgia foi muito importante para eles optarem pelo curso do CEMULC. Edson conta que as aulas foram fundamentais para que começasse a prestar atenção na música litúrgica e nas funções que ela exerce nas celebrações. Alice fala que as aulas aumentaram sua compreensão e familiarização com a música, inspirando novos sentimentos.

Nivaldo destaca o fato de conseguir perceber as diferenças de harmonia, tonalidades e escalas depois de frequentar o curso. Ele não sabe dizer o tom ou escala das músicas, mas é capaz de perceber que existe esse tipo de diferença. Além disso, ele comenta que passou a ouvir o canto dos pássaros com mais atenção. Dessa forma, mais uma vez é possível perceber como as aulas podem contribuir para efetuar mudanças cognitivas, psicológicas, sociais e de percepção nos indivíduos que delas participam.

4.6 E afinal, por que estudar música?

Nessa parte da entrevista, buscou-se saber os motivos que levaram os idosos a procurar a música como atividade e, especificamente, o curso oferecido pelo CEMULC. De acordo com Bréscia (2003, p. 61), “diversas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade têm resultado, dentre outras consequências, numa ampliação da expectativa de anos de vida. Sociólogos, médicos, gerontologistas e psicólogos afirmam que as pessoas devem desenvolver interesses não relacionados com sua profissão, para que, na sua maturidade [*sic*], mantenham ativos e saudáveis.” (BRÉSCIA, 2003, p. 61). Com tempo disponível e condições física e financeira estabilizadas, a velhice seria a época ideal para se dedicar a uma atividade que não pode ser desenvolvida em outro período da vida.

Tabela 11: Motivos para não ter estudado música formalmente.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Falta de tempo	X	X	X	X
Condições financeiras		X		X

A Tabela 11 mostra as principais razões que impossibilitaram os entrevistados a se dedicarem à música em outros momentos de suas vidas. Nivaldo foi o único a citar diretamente

a falta de tempo. Era necessário buscar o sustento financeiro e, como a música não era vista como forma de proporcionar esse sustento, outras atividades tiveram prioridade. Nas palavras de Nivaldo, “*não sobrava espaço para a música.*”

Assim como Nivaldo, Maria Helena e Alice também consideram, indiretamente, a falta de tempo como motivo impeditivo para se dedicarem à música. O motivo relatado por elas é a necessidade de cuidar da família. No caso de Maria Helena, a falta de tempo está relacionada com a função de cuidar do marido doente. Alice fala a respeito do casamento e da necessidade de cuidar dos filhos, e essa razão também tem o tempo implicitamente responsabilizado.

Edson recorda-se da responsabilidade em ajudar seus pais com as despesas da casa e, neste caso, seu impedimento é financeiro. Temos, dessa forma, duas razões principais para o adiamento das atividades musicais:

1. Tempo:

- cuidar de pessoa doente
- cuidar da família
- cuidar dos filhos

2. Financeiro

Todos os idosos tiveram algum contato prévio com música antes de ingressar no CEMULC e o ambiente citado por todos eles foi a escola. Todos se remetem, em algum momento de sua fala, a situações vividas nesse ambiente, conforme Tabela 12.

Tabela 12: Onde ocorreu o contato com música antes do CEMULC.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Escola Regular	X	X	X	X
Trabalho	X			
Família			X	X
Igreja		X	X	
Cursos de música não-formais			X	X

A família, a igreja e cursos não formais também são bastante citados. Maria Helena, por exemplo, frequentou cursos de violão oferecidos por um projeto da Prefeitura de Campinas e grupos de canto nas igrejas. Nivaldo também estudou violão, mas por correspondência. Ele acredita que seu interesse pelo instrumento seja antigo, já que ganhou dos pais o seu primeiro violão com apenas oito anos idade. Alice estudou piano na sua juventude estimulada pelo ambiente de trabalho: nesse local havia uma pessoa que tocava o seu instrumento preferido.

Com a mudança nas condições sociais, observou-se que a relação desses espaços com a música também se alterou ao longo do tempo. A escola não contempla ou contempla mal a música: em alguns momentos o enfoque está voltado para as músicas que são divulgadas pela mídia e pela indústria cultural. Ou, então, as atividades musicais são estimuladas para celebrar datas comemorativas.

A Igreja Católica vem perdendo espaço na sociedade brasileira, que assiste ao crescimento das igrejas evangélicas. Estas oferecem, para sua comunidade, coros, grupos de instrumento e orquestra, além de incentivar seus regentes e cantores a fazerem cursos técnicos e superiores. A Igreja Católica também tem buscado iniciativas, como esta do CEMULC, para incentivar e melhorar a prática musical da sua comunidade, o que demonstra sensibilidade com essa questão. Porém essas iniciativas ainda são proporcionalmente tímidas quando comparadas às das igrejas evangélicas.

Os cursos de música oferecidos por órgãos públicos, como o curso de violão citado por Maria Helena, em parte foram absorvidos por Instituições e Organizações Não Governamentais – ONGs. Atualmente essas instituições tomaram para si essa atividade e as administrações públicas oferecem o suporte financeiro com o repasse de verbas. A educação musical, quando acontece nesses espaços, deixa de ser disponibilizada a toda a população, visto que muitas dessas instituições são voltadas para atender grupos específicos e precisam limitar o acesso às atividades. O problema está em o Estado abrir mão dessa responsabilidade e deixá-la a cargo dessas instituições.

Tabela 13: Motivos para estudar música no CEMULC.

	Alice	Edson	M. Helena	Nivaldo
Aprender a respeito de liturgia	X			X
Porque gosta de música	X		X	X
O curso do CEMULC ser mais simples que de um conservatório	X		X	
Destino		X		
Aprender a respeito de música	X		X	X
O custo		X	X	X

Durante as entrevistas os idosos responderam a dois questionamentos diferentes: por que escolheram estudar música e por que decidiram estudar música no CEMULC. A questão do custo foi a principal justificativa para os entrevistados optarem por fazer o curso na instituição. Nivaldo e Maria Helena relacionam a questão financeira à motivação para fazer aulas, visto que o valor do curso seria mais acessível que o de escolas de música e conservatórios.

Alice e Maria Helena concordam que o curso oferecido pelo CEMULC é mais simples que

os das escolas de música tradicionais e conservatórios, e isso também foi citado como fator motivacional para frequentar a instituição. Maria Helena fala a respeito de sua vontade em voltar a estudar e considera que um curso de graduação, sua primeira opção, não atenderia suas expectativas. Os cursos oferecidos pelas UNATIS também não a agradaram, pois tinham um perfil mais recreativo do que formativo. No CEMULC ela encontrou um curso mais adequado ao que buscava, abordando um tema do seu agrado – a música –, e, apesar de considerá-lo “puxado”, tem conseguido acompanhar as atividades e contado sempre com o apoio das filhas.

É interessante perceber, na fala de Maria Helena, que ela quer desafios e atividades estimulantes, mas sabe de suas limitações. Schafer (1991, p. 373) considera que “a música pode ser feita por uma, duas ou trinta pessoas. Podem ser amadores ou profissionais, jovens ou velhos, ricos ou pobres, ou uma mistura de tudo isso”, mas, para que isso aconteça, é necessário que o educador musical leve em conta as especificidades de cada categoria.

No CEMULC isso é um pouco difícil de fazer, conforme mencionado anteriormente, por causa do tamanho das turmas, da grande variedade de perfis dos alunos que frequentam cada uma delas e do tipo de metodologia adotado no curso. Porém os professores se mostram sempre muito atenciosos e dispostos a ajudar. Soares (2009, p. 106), tem opinião semelhante à de Schafer e sugere algumas atividades para estimular o fazer musical, ainda explorado timidamente durante as aulas:

Algumas metodologias existentes na área de educação musical, entre as quais destacam-se as dos educadores C. Orff (1895-1982), E. Willems (1890-1978), J. Dalcroze (1865-1950), Z. Kodály (1882-1967), M. Schafer (1933) e H-J. Koellreutter (1915-2006), reforçam a ideia de que todos podem e devem participar ativamente, tocando, dançando, compondo, criando, improvisando e, o mais importante, discutindo sobre todo o processo de trabalho. Assim, tais propostas [...] estão amplamente relacionadas ao processo de educação inclusiva, cabendo ao professor de música estudá-las e utilizá-las de acordo com suas possibilidades.

Nivaldo e Alice consideram a relação do curso com a igreja também um fator importante para a escolha da instituição. Alice achou que o aprendizado da música litúrgica seria mais simples e que ela teria condições de acompanhar o curso com os conhecimentos musicais que já possuía. Como Maria Helena, a entrevistada também tem clareza de suas limitações. Além disso, os três relatam o desejo que sempre tiveram de aprender música, mas apenas Alice e Nivaldo falam a respeito do interesse pela liturgia, assunto que um curso regular de música não aborda na sua grade de conteúdos.

Os três entrevistados também consideram *gostar de música* um fator importante para optarem pela atividade. Edson não fala em gosto, mas em destino: ele afirma que tomou conhe-

cimento do curso em um momento propício de sua vida e isso foi fundamental para que ele pudesse participar.

Essas questões da entrevista tinham como hipótese que o contato com música na infância e em outros momentos da vida estimularia o interesse dos idosos pela atividade. Todos eles relataram contato com atividades musicais em outros momentos de suas vidas e alguns deles consideraram que esse contato prévio foi o responsável por estimular e desenvolver seus gostos e preferências musicais. Neste momento da vida em que não precisam mais dedicar seu tempo e esforços a atividades como cuidar da família ou encontrar formas de subsistência, o tempo livre pode ser investido numa atividade que lhes dê prazer e que seja do seu agrado, contribuindo para um envelhecimento bem-sucedido.

4.7 Lembranças e fatos, atuais e passados, relacionados à música

Os entrevistados conseguiram lembrar-se de diversas situações em suas vidas que tinham alguma relação com a música. Conforme abordado anteriormente, muitas dessas lembranças estão relacionadas a grupos sociais específicos, como a escola, a igreja e a família. Por isso, de acordo com Bosi (1979, p. 225), o resgate dessas lembranças é uma forma de resgatar também as memórias desses grupos. A autora refere-se a Halbwachs, lembrando que, para esse autor, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo.”

Edson fala do dia em que pediu para assistir aos ensaios do coral da igreja com o objetivo de aprender a cantar. Nivaldo se recorda do violão que ganhou dos pais quando pequeno, e Alice se lembra das aulas de piano e de como as explicações a respeito das peças eram – e ainda são – importantes para que ela conseguisse compreendê-las e apreciá-las. Maria Helena lembra-se da apresentação da filha em barzinhos da cidade e do dia em que conheceu seu cantor preferido – Jair Rodrigues.

Todos os entrevistados conseguiram se lembrar de fatos significativos que estavam relacionados com a música. Edson relata que duas colegas suas assistiram sua participação na apresentação do coral na missa de Corpus Christi e gostaram muito, o que fez o entrevistado sentir-se importante e reconhecido. Nivaldo fala que gosta muito de ser aplaudido após as apresentações e que isso acaba contribuindo para reforçar sua autoestima. Essa resposta positiva da

plateia é um estímulo para continuar com as atividades, dá grande satisfação e faz com que os entrevistados se sintam valorizados. Eis uma função indireta da atividade musical: contribuir para a valorização e a autoestima.

Maria Helena se lembra de dois fatos significativos, um antigo e outro recente. O primeiro está relacionado com o seu trabalho como babá – cantar para as crianças. Neste caso temos o reconhecimento profissional: em alguns momentos da entrevista ela considera que sua profissão foi muito importante para estimular seu interesse pela música. O fato recente que ela considera bastante significativo foi assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica de Campinas com a turma do CEMULC.

Essa atividade foi considerada importante por dois motivos. O primeiro foi porque ela pôde ver e entender como funcionam os instrumentos e qual a função de cada um deles dentro da orquestra. O fato de o professor ter explicado um pouco a respeito das peças e compositores foi muito valorizado pela entrevistada. Ter visto uma harpa e dois pianos tocarem juntos pela primeira vez foi o segundo motivo. Ela percebeu o aumento do próprio conhecimento em relação à música e isso a deixou contente; talvez até tenha aumentado sua autoestima.

4.8 Discutindo as variações de temas

Em todas as conversas com os entrevistados, muitas falas chamaram a atenção, porém não eram temas que pudessem ser agrupados em sessões específicas, como os anteriores. Muitas vezes eram apenas impressões e opiniões comentadas por um dos entrevistados. De qualquer forma, as falas que estão nessa seção do trabalho trazem aspectos bem interessantes e não mereciam ser ignoradas.

Com relação ao aprendizado musical, todos os entrevistados dão muito valor à técnica musical e ao caráter formal do curso, com provas, trabalhos em grupo e tarefas. Essa formalização contribui para dar credibilidade ao curso, segundo a opinião dos idosos, e isso os faz valorizar ainda mais o tempo que dedicam ao CEMULC.

Todos eles falam muito bem dos professores e dão destaque à formação deles – ser graduado em música é algo muito valorizado. Com relação à técnica, Maria Helena, Nivaldo e Edson consideram que sua técnica vocal melhorou. Já Alice notou que sua percepção se desenvolveu – com o curso ela conseguiu mais informações a respeito das obras musicais e isso, na sua opinião, contribui para melhorar esse aspecto.

Tanto Maria Helena quanto Nivaldo disseram colocar em prática algumas coisas que apren-

deram no curso. No coral que frequenta, Nivaldo evita usar o microfone para, dessa forma, exercitar a musculatura, conforme orientação do professor de Técnica Vocal. Ainda seguindo as orientações desse professor, em sua casa ele treina no porão, para não incomodar os outros com seus “ruídos”. Maria Helena diz que o curso a ajudou a se sentir mais segura e confiante no que se refere a seus conhecimentos musicais, e isso contribuiu para ela cantar com mais segurança e expressar com mais confiança suas ideias e opiniões no coral de que participa, pois se sente com embasamento técnico e teórico suficientes para isso.

Percebe-se, nessas falas, o quanto os entrevistados valorizam as informações que recebem no curso e as orientações dadas pelos professores. Isso mostra, também, que pessoas dessa faixa etária têm condições de aprender, assimilar e colocar em prática novos conhecimentos.

Outro ponto interessante é a questão do apoio familiar. Alice diz que conta com o apoio do marido para continuar no curso. Maria Helena tem o suporte das filhas, que sempre a apoiaram na sua decisão de voltar a estudar, além de ajudá-la a organizar e compreender as tarefas e trabalhos das disciplinas do curso. Nivaldo fala do dia em que sua mulher foi vê-lo cantar pela primeira vez. Essa experiência foi muito importante e o fez continuar com suas atividades no coral, visto que, naquele momento, ele estava pensando em desistir.

Dessa forma, o apoio familiar se mostrou muito importante como forma de estimular os entrevistados a continuarem suas atividades. Tendo esse suporte, eles sabem que podem contar com alguém para ajudá-los em suas dificuldades, para compartilhar as experiências e conhecimentos adquiridos e para apreciar as apresentações.

O tema “comparação social” apareceu em algumas das entrevistas, mas não de forma direta, visto que esse mecanismo de autorregulação não é acionado racionalmente. Maria Helena usa a comparação social lateral quando fala a respeito da primeira experiência que teve ao participar do ensaio do coral com todas as turmas do curso. Em vez de sentir-se intimidada pelas pessoas mais experientes, ela se utilizou dos conhecimentos que já tinha para buscar a confiança necessária. Como a comparação lateral tem o foco no autoconhecimento, Maria Helena demonstra ter clareza de suas habilidades, seus conhecimentos e suas capacidades, quando se compara aos colegas.

Edson também usa a comparação, quando relata que decidiu assistir os ensaios do coral de sua igreja para aprender a cantar e melhorar sua afinação. Neste caso, ele fez uso da comparação social *para cima*, em que o foco está colocado na motivação e no aperfeiçoamento – duas coisas que o entrevistado buscava. Esse processo de comparação foi muito positivo, pois o fez perceber que era capaz de cantar e que tinha menos dificuldades do que alguns de seus colegas.

Alice também usa da comparação social *para cima* quando fala de uma colega que é desinibida e o quanto isso é importante para uma boa performance no teclado: *“Essa colega tocou bastante no grupo de oração, e me disse que procurou o CEMULC porque tocava com acompanhamento muito primário e queria colocar algum acorde, alguma coisa mais condizente com a melodia e que ela não sabia. Ela procurou o curso por isso. Mas, como ela tocava no grupo de oração, já é desinibida. E um fator muito importante é estar desinibido, não é?”* A entrevistada também demonstra ter bastante autocrítica quando fala que deveria ter se dedicado mais ao estudo do piano na juventude e que hoje seria necessário estudar teclado com mais frequência.

Maria Helena levantou alguns temas a respeito do envelhecimento em sua fala. Ela foi a única que relatou a questão do estereótipo do velho, que ela própria vivenciou. Quando resolveu voltar a estudar, muitas pessoas não a apoiaram, dizendo que ela já era velha e que esse tipo de atividade não era coisa para idoso. Interessante ressaltar que algumas das pessoas que falaram isso também eram idosas. É possível perceber o quanto a ideia de que os velhos só podem fazer determinados tipos de atividades está presente na sociedade e arraigada no pensamento dos próprios velhos. Talvez essas pessoas acreditem que o idoso não precisa estudar, que é perda de tempo, uma inutilidade, ou ainda que ele não conseguirá aprender.

A entrevistada demonstra plena consciência do processo de envelhecimento e das perdas que ele acarreta quando fala a respeito das doenças e dificuldades que enfrenta, mas tudo isso é encarado de forma positiva por ela, que diz não ter medo de envelhecer. Maria Helena acha muito importante procurar alguma atividade que proporcione bem-estar, buscando, dessa forma, uma velhice ativa e com qualidade de vida. É o que tem procurado fazer ao se dedicar ao curso e ao estabelecer metas – ela deseja, um dia, tocar um instrumento musical tão bem quanto os instrumentistas da orquestra a que assistiu.

Os temas que surgiram durante a conversa com esses quatro idosos possibilitaram compreender um pouco mais do processo de envelhecimento e suas relações com a educação musical. Paisagens sonoras, lembranças musicais, dificuldades com o aprendizado, motivações para estudar, sentimentos e emoções relacionados com a música foram alguns dos temas abordados neste Capítulo. Todas as falas possibilitaram perceber o quanto a música sempre esteve presente na vida desses idosos, o quanto ela contribui para que eles tenham um envelhecimento com qualidade de vida e como a postura dos educadores musicais pode ser fundamental para que o aprendizado aconteça sem traumas e de forma natural e agradável.

Considerações Finais

A intenção da pesquisadora, neste trabalho, foi investigar a relação idoso-música, procurando compreender qual o seu significado para esse público. Além disto, as dificuldades enfrentadas neste processo, suas soluções e a influência da música em aspectos físicos, psicológicos e sociais das pessoas estudadas também foram tema desta pesquisa. Para que fosse possível chegar a alguns resultados, foi necessário percorrer um longo caminho.

Falar a respeito de idosos que fazem aulas de música exigiu um aprofundamento em temas gerontológicos que auxiliassem na compreensão da velhice, do envelhecimento e dos próprios velhos. Para tanto, abordaram-se alguns temas pontuais que ajudaram a fundamentar este trabalho. Falou-se do envelhecimento da população brasileira e mundial, processo que vem ganhando destaque e se tornando um assunto bastante discutido em diferentes áreas do conhecimento. Em seguida tratou-se das teorias gerontológicas, mais especificamente da Teoria da Atividade, que faz parte da primeira geração das teorias sociológicas, por considerar-se a mais apropriada para a discussão do caso estudado na presente pesquisa. O envelhecimento ativo e o papel do idoso também foram assuntos discutidos para ajudar a pensar em como seria possível promover o envelhecimento com qualidade, qual seria o papel da música nesse processo e como o idoso é visto e considerado por indivíduos ou grupos pertencentes a outras faixas etárias. Por último, falou-se a respeito do aprendizado na velhice, dos mitos e dificuldades relacionados a essa atividade e das ideologias que sustentam as propostas educacionais dirigidas a idosos.

Depois de ir a campo e observar algumas aulas e o funcionamento do curso, foi possível dar início às entrevistas com os idosos. Dentre os diversos assuntos que surgiram nessas conversas selecionaram-se aqueles que mais se destacaram, em relação aos objetivos desta pesquisa. Os entrevistados falaram a respeito de suas memórias sonoras, isto é, das lembranças relacionadas à presença da música em suas vidas e que, de alguma forma, eram significativas para eles. Essas experiências se mostraram importantíssimas pelo fato de terem marcado fortemente a vida de algumas destas pessoas, imprimindo-lhes significados e influenciando seus gostos e preferências.

Além da importância desse resgate, é preciso destacar que as memórias dos idosos em sala de aula podem ser usadas pelo educador musical de forma a serem trazidas ao momento

presente, permitindo que com esse ato, também sejam evocados e vivenciados, novamente, os sentimentos e emoções vividos naquelas situações passadas e mantidas na lembrança de cada um.

Ainda no item “memória”, outra lembrança que surgiu recorrentemente foi a dos sons presentes em outras fases de suas vidas como, por exemplo, as paisagens sonoras atuais e passadas. Os idosos relembrou sons da sua infância e descreveram com um certo saudosismo as paisagens sonoras vivenciadas por eles, que consideraram bem diferentes das hoje existentes. Quando mencionaram paisagens sonoras atuais, ganharam destaque os sons indesejados, como os dos carros que transitam pelas ruas e emitem sons fortes, contribuindo para aumentar o barulho do trânsito. Perceber os sons que nos rodeiam não é um exercício feito com frequência, mas é uma excelente forma de se trabalhar com os sentidos, ampliando os canais de percepção do mundo.

Hoje estamos entregues a uma anestesia dos sentidos que não nos permite perceber e sentir o ambiente onde estamos imersos. Para não ouvir os ruídos e sons desagradáveis ao nosso redor, criamos nossa própria trilha sonora que chega por meio dos fones de ouvido em volumes altíssimos, nos ensurdecendo – estamos perdendo a capacidade de ouvir. Esta anestesia tem nos paralisado a ponto de não percebermos mais a realidade do mundo e, por consequência, dificultando qualquer iniciativa para modificar esta situação. Para Duarte Jr. (2006, p. 14), “desenvolver e refinar os sentidos, eis a tarefa, tanto mais urgente quanto mais o mundo contemporâneo parece mergulhar numa crise sem precedentes na história da humanidade.” Um dos papéis do educador musical é contribuir para esse desenvolvimento.

As dificuldades encontradas no processo de aprender música também fizeram parte dos temas discutidos. Algumas dessas dificuldades eram específicas dos idosos, como o preconceito enfrentado por alguns deles quando se mostraram interessados em voltar a estudar. Outras são compartilhadas por estudantes de todas as idades, como a dificuldade da dupla jornada trabalho-estudo e as experiências com professores que não tiveram resultado positivo: a discriminação por causa da idade, no caso de Nivaldo, a falta de auxílio para superar a dificuldade com a afinação, conforme relato de Edson, e o pouco suporte técnico para o estudo de instrumento, nas aulas de piano frequentadas por Alice.

As aulas de música, conforme já se discutiu, podem ter dois enfoques diferentes: ser uma atividade realizada *a partir do* idoso ou *para* idosos. O CEMULC se enquadra no primeiro caso e, como suas atividades não são pensadas e elaboradas especificamente para esse público, os educadores musicais precisam estar atentos para as possíveis dificuldades com as quais podem se deparar, auxiliando os idosos sem prejuízo para o restante do grupo. Isso exigirá deste

educador bastante criatividade e conhecimento técnico para poder ajustar o grupo e lidar com as diferenças. É um grande desafio, mas também pode ser uma experiência bastante enriquecedora. No CEMULC, percebeu-se que os professores são sensíveis a essas questões: muitas vezes, reduzem a velocidade da explicação ou a quantidade de conteúdo a ser passado em determinada aula para dar aos alunos com dificuldades condições para que aprendessem o conteúdo. Às vezes a explicação era repetida diversas vezes e, se ainda não fosse suficiente, o professor conseguia administrar a turma de tal forma que tornava possível atender individualmente alguns alunos.

Inicialmente, o objetivo principal deste trabalho era o de verificar a influência da educação musical na memória, concentração, coordenação motora, socialização e disposição dos idosos. No decorrer das entrevistas, percebeu-se que esse tema não chamava a atenção dos entrevistados e alguns deles não souberam responder se as atividades musicais exerciam influência em aspectos físicos e cognitivos, pois nunca haviam parado para pensar a esse respeito. A socialização foi o único aspecto citado por todos os idosos, que consideraram que as aulas contribuíram muito para melhorar esse item. Coronago (2009, p. 71), em sua pesquisa, observou que “[...] a música atua como recurso resgatador da identidade deste idoso, ou seja, promotora da ressocialização, uma vez que potencializa a força criativa do mesmo, a partir do prazer de cantar, tocar, improvisar, criar, movimentar-se ao som das canções, além do compartilhar de experiências que estabelece um elo com outras pessoas.”

Outro objetivo era compreender a relação dos idosos com a música e o significado dessa atividade em suas vidas. Este item foi o que proporcionou as respostas mais interessantes e foi um tema a respeito do qual os entrevistados gostaram de falar. Outros assuntos discutidos foram os sentimentos que motivam e que surgem na prática musical, os que surgem durante as aulas e a importância das aulas de música nas suas vidas.

Os idosos também falaram a respeito dos motivos que os levaram a não estudar música formalmente antes do CEMULC, justificando essa atitude com base na falta de tempo e de condições financeiras. O contato com a música em outros momentos de suas vidas, fosse na escola, no trabalho, na igreja, ou no meio familiar, foi considerado um dos fatores responsáveis por despertar o interesse pela área, pois, nessa época de suas vidas, eles tinham tempo disponível para dedicar-se a essa atividade. A ligação com a igreja, a possibilidade de aprender a respeito de liturgia e música, o fato de gostarem de música e o valor acessível das mensalidades cobradas no curso foram considerados os principais motivos para terem escolhido estudar no CEMULC, além de a possibilidade de voltar a estudar ser vista como uma oportunidade para satisfazer um desejo ou necessidade, como se fosse a realização de um sonho que não pôde ser vivido

anteriormente.

O apoio da família para iniciar e dar continuidade ao curso foi considerado fundamental pelos idosos. Além disso, com relação ao aprendizado, eles demonstraram valorizar muito as atividades que tinham por foco a técnica musical e o caráter formal do curso, o que, na opinião dos entrevistados, conferia credibilidade ao CEMULC. Outro ponto que surgiu durante as entrevistas foi a valorização da formação dos professores, que, em sua maioria, são bacharéis em Música.

As questões de pesquisa apresentadas na introdução deste trabalho, que questionam tanto a formação e preparo dos professores quanto a necessidade de conhecer a influência da música na vida do idoso em seus vários aspectos, bem como seus gostos e preferências musicais, foram respondidas no decorrer da pesquisa e, agora, ao se chegar ao final deste processo, após as observações e coleta de dados, pode-se fazer as seguintes colocações:

Os professores de música, apesar de não terem formação específica para trabalhar com idosos, têm à sua disposição propostas em educação musical possíveis de ser aplicadas ao grupo. Os educadores John Paynter e Murray Schafer, tomados como referência neste trabalho, utilizam-se de propostas que não são dirigidas especificamente a uma determinada faixa etária. De acordo com eles, qualquer pessoa é capaz de trabalhar com a escuta atenta, criar, compor, tocar, cantar, enfim, fazer música. Tanto Paynter quanto Schafer trabalham com a perspectiva segundo a qual a música é parte da pessoa, e não algo que esteja fora e precise ser absorvido.

Não se quer dizer, contudo, que apenas as propostas desses autores sejam adequadas ao ensino de música para idosos. As metodologias tradicionais também podem ser utilizadas, desde que o educador esteja atento e sensível às limitações e dificuldades que os idosos possam apresentar. Em ambos os casos, é a postura do educador, seu conhecimento técnico, os objetivos que definiu para sua disciplina e sua concepção de educação musical que vão contribuir para que ele seja bem ou malsucedido nessa tarefa.

Esses educadores, Schafer e Paynter, foram tomados como referência por causa de suas propostas abertas e de suas concepções com relação a educação musical que consideram todos os indivíduos capazes de aprender e fazer música, inclusive os idosos. A capacidade de aprendizagem porém, também foi observada no CEMULC, que adota uma metodologia tradicional e que demonstrou agradar os idosos e os fazer se sentirem mais seguros com relação ao aprendizado. Desta forma, duas metodologias diferentes convergiram para o mesmo resultado: o de que é possível ter educação musical na velhice.

Se os idosos encontram um ambiente favorável ao aprendizado da música e professores

adequadamente preparados para essa tarefa, ao que se acrescenta o próprio esforço do aluno, juntamente com sua vontade e seu desejo de aprender, então eles aprendem. Durante o período da pesquisa, teve-se a oportunidade de ver o quanto os entrevistados estavam felizes com o que aprendiam nas aulas, o que é condizente com o que diz Coronago (2009, p. 103) em sua pesquisa: “[...] Percebe-se que a aplicação da música junto aos idosos pode desenvolver suas potencialidades criadoras e favorecer tanto a valorização de suas experiências quanto a promoção de seu bem-estar de forma profunda e integrada.” Durante as aulas observadas pela pesquisadora no CEMULC, os alunos idosos cantavam, tocavam, harmonizavam, entendiam a teoria musical, cada um no seu ritmo, com suas limitações e dificuldades, mas prosseguiram sem desânimo e com alegria, mostrando que o mito de o idoso não ter condições de aprender algo novo é errôneo. Mesmo quando algumas pessoas dessa faixa etária demonstram dificuldade de aprendizagem, isso não pode ser generalizado para todo o grupo. Como com qualquer outra faixa etária, as dificuldades e facilidades são individuais e cada um tem de enfrentar as reais condições que encontra, no processo de aprendizado de música.

Outras questões levantadas na pesquisa estão interligadas. A maior parte dos entrevistados não conseguiu relacionar as aulas de música com melhorias na memória, concentração, coordenação motora e disposição; mas não descartaram essa possibilidade, além de acreditarem que essa influência existe, embora não seja algo fácil de perceber. O único aspecto citado por todos como algo que se manifestou positivamente foi a socialização. Para eles, participar das aulas é uma forma de fazer e manter novas amizades, pertencer a um grupo social, valorizar as próprias experiências e desenvolver novos papéis sociais, o que acaba refletindo na autoestima e na autovalorização, e, por consequência, contribui para a melhoria da qualidade de vida e a conquista de um envelhecimento bem-sucedido.

Quanto às preferências musicais dos entrevistados, constatou-se que são muito variadas, abrigando diversos estilos, épocas e locais. Os idosos manifestaram preferência por samba, sertanejo de raiz (música caipira), MPB, samba-enredo, música japonesa, folclórica e romântica. Apesar dessa grande variedade, todos eles tiveram um ponto em comum: o fato de apreciarem músicas da época em que eram crianças ou jovens e que, hoje são consideradas antigas.

Todos os entrevistados consideram que a música tem grande significado em suas vidas. Ela significa, para eles, o tempo ocupado de forma útil, representa um passado repleto de sons e lembranças e lhes dá a possibilidade de lembrar e reviver o tempo passado de forma prazerosa e sensível. Significa, também, o despertar de sentimentos e emoções esquecidos, o resgate da cidadania ativa, o aumento da autoestima, e se constitui como forma de fazê-los sentir-se valorizados e vivos. “A música atinge as emoções, as faculdades cognitivas, os pensamentos e

as memórias, o ‘self’ do indivíduo para fazer aflorar experiências ora perdidas.” (CORONAGO, 2009, p. 97).

Considera-se que, como todo ser humano tem direito à arte, seja importante a educação musical estar presente em qualquer etapa da vida. A música é uma área de conhecimento específico e, por isso, seu ensino deve ser tão criterioso quanto o de qualquer outra, independentemente do público a que este ensino se destina. Por se tratar de um tema atual e relevante, espera-se que este trabalho contribua para esclarecer muitas das questões da educação musical, em especial quando se refere à sua aplicação a populações de idosos, e que possa dar subsídios para a ampliação das discussões nessa área. Não foi intenção desta pesquisadora esgotar o tema, mas sim instigar questionamentos que possam levar a novos trabalhos.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, A. M. B. *Musicalização na Terceira Idade: experiência inovadora na educação musical*. Vitória: Ed. do Autor, 2006.

ARMSTRONG, J. C. En'owkin: A tomada de decisões que leva em conta a sustentabilidade. In: CAPRA, F. (Org.). *Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BEAUVOIR, S. A. *Velhice*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENT, I. D. et al. Notation, §III, 1: History of western notation: Plainchant. In: ROOT, D. (Ed.). *Grove Music Online*. Oxford Music Online. Disponível em: <<http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/grove/music/20114pg4>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

BLACKING, J. *How musical is man?* 6. ed. Seattle: University of Washington Press, 2000. 117 p.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 1. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. 402 p.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 5 jan. 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm>. Acesso em: 8 jan. 2012.

BRASIL. Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 4 jul. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1948.htm>. Acesso em: 8 jan. 2012.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 3 out. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 8 jan. 2012.

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 10 ago. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008-/Lei/L11769.htm>. Acesso em: 8 jan. 2012.

BRÉSCIA, V. L. P. *Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva*. Campinas, SP: Átomo, 2003.

BURLÁ, C.; PY, L.; SCHARFSTEIN, E. A. Como estão sendo cuidados os idosos no final da vida? In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: Ipea, 2010. p. 279–302.

CACHIONE, M.; PALMA, L. S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: FREITAS, E. V. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1456–1465.

CAPITANINI, M. E. S. Solidão na velhice: realidade ou mito? In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 69–80.

CAPRA, F. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002. 296 p.

CAPRA, F. *Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2006. 312 p.

CORONAGO, V. M. M. O. “*Papagaio véio não aprende a falá!?*”: um ensaio polifônico sobre os significados das vivências musicais em grupo de idosos portadores de doença de Parkinson. Dissertação (Mestrado) — Ciências Sociais/PUC-SP, São Paulo, 2009.

COSTA, A. de A. (Ed.). *Victimae Paschali Laudes: partitura em notação moderna*. Site Canto Gregoriano, 2011. Disponível em: <<http://www.gregoriano.org.br/gregoriano-/Victimae%20paschali.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

CURSO DE EXTENSÃO EM MÚSICA LITÚRGICA DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. *Plano de Curso – Canto Coral I*. Campinas, SP, 2011. Disponível em: <<http://www.cemulc.org.br/planodecurso/Plano2011-Coral-I.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

CURSO DE EXTENSÃO EM MÚSICA LITÚRGICA DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. *Plano de Curso – Canto Gregoriano I*. Campinas, SP, 2011. Disponível em: <<http://www.cemulc.org.br/planodecurso/Plano2011-CantoGregoriano.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

CURSO DE EXTENSÃO EM MÚSICA LITÚRGICA DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. *Plano de Curso – Percepção Musical I*. Campinas, SP, 2011. Disponível em: <<http://www.cemulc.org.br/planodecurso/Plano2011-PercepcaoMusical-I.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

CURSO DE EXTENSÃO EM MÚSICA LITÚRGICA DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. *Plano de Curso – Teclado*. Campinas, SP, 2011. Disponível em: <<http://www.cemulc.org.br/planodecurso/Plano2011-Teclado.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

CURSO DE EXTENSÃO EM MÚSICA LITÚRGICA DA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. *Plano de Curso – Técnica Vocal I*. Campinas, SP, 2011. Disponível em: <<http://www.cemulc.org.br/planodecurso/Plano2011-TecnicaVocal.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

DUARTE JR., J. F. *O que é beleza (Experiência Estética)*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998. 95 p.

DUARTE JR., J. F. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 4. ed. Curitiba: Criar, 2006. 225 p.

- EPPLER, W. M. Problemas sonoros estatísticos e psicológicos da música eletrônica. In: MENEZES, F. (Org.). *Música Eletroacústica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- ERBOLATO, R. M. P. L. Relações sociais na velhice. In: FREITAS, E. V. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1324–1331.
- FERREIRA, H. G. *O envolvimento de idosos em atividades prazerosas: passos iniciais para a adaptação transcultural de um instrumento*. Dissertação (Mestrado) — Psicologia/UFSCAR, São Carlos, 2011.
- FERRIGNO, J. C. Educação para os velhos, educação pelos velhos e a coeducação entre gerações: processos de educação não formal e informal. In: PARK, M. B.; GROppo, L. A. (Org.). *Educação e Velhice*. Holambra, SP: Editora Setembro, 2009. p. 271–287.
- FONTEERRADA, M. T. O.; CARNELÓS, M. O mundo soa. Vamos ouvir? In: RIBEIRO, R. (Org.). *Vida sustentável*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 127–132.
- FREIRE, S. A. Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p. 21–31.
- FREITAS, E. V. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- FREITAS, E. V. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- GAINZA, V. H. *Estudos de psicopedagogia musical*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.
- GOMES, K. A. Escala musical. In: *Coluna Receita Musical*. Site Panela Musical, 2010. Disponível em: <<http://www.panelamusical.com/p/receita-musical-kleves-gomes.html>>. Acesso em: 7 mai. 2012.
- GROVE, G.; SADIE, S. *Dicionário Grove de música*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994. 1048 p.
- IBGE. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil – 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. (Estudos e Pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, v. 9).
- IBGE. *Projeção da População do Brasil por sexo e idade – 1980-2050: revisão 2008*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. (Estudos e Pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, v. 24).
- JOBIM, A. C.; MORAES, V. de. *Eu sei que vou te amar*. Rio de Janeiro: Instituto Antonio Carlos Jobim, 2010. Acervo digital. Disponível em: <<http://www.jobim.org/jobim/bitstream/handle/2010/4805/eu%20sei%20que%20vou%20te%20amar.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2012.
- JOIAL, L. C.; RUIZ, T.; DONALISIO, M. R. Condições associadas ao grau de satisfação com a vida entre a população de idosos. *Rev Saúde Pública*, v. 41, n. 1, p. 131–138, 2007.
- LITURGIAS DAS CELEBRAÇÕES DO XXIV CONCÍLIO DA IGREJA. Comam do pão, bebam do cálice. In: *Celebrações*. São Leopoldo, RS: IECLB, 2004. Disponível em: <http://www.ieclb.org.br/downloads/concilio/caderno_celebracao>. Acesso em: 4 mai. 2012.

LODOVICI NETO, P. *A musicoterapia como tratamento coadjuvante à doença de Parkinson*. 224 p. Dissertação (Mestrado) — Gerontologia/PUC-SP, São Paulo, 2006.

LODOVICI NETO, P. *Velhos musicistas em ação: os efeitos da música em suas vida*. Tese (Doutorado) — Ciências Sociais/PUC-SP, São Paulo, 2009.

LOPES, M. S. *Chorinho: no compasso da longevidade. A longevidade como oportunidade para o desenvolvimento de habilidades musicais em grupos de idosos, na cidade de Vitória (ES)*. Dissertação (Mestrado) — Gerontologia/PUC-SP, São Paulo, 2008.

LOURO, V.; ANDRADE, A. Música e inclusão: uma reflexão a partir da psicomotricidade e plasticidade cerebral. In: DALL'ACQUA, M. J. C.; ZANIOLO, L. O. (Org.). *Educação inclusiva em perspectiva: reflexões para a formação de professores*. Curitiba: Editora CVR, 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, M. C. *Educação musical na maturidade*. São Paulo: Editora Som, 2008.

MACIEL, D. M. B. Educação não formal e terceira idade: em defesa de uma sociedade democraticamente sustentável. In: PARK, M. B.; GROPPPO, L. A. (Org.). *Educação e Velhice*. Holambra, SP: Editora Setembro, 2009. p. 221–244.

NERI, A. L. O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In: NERI, A. L. (Org.). *Maturidade e Velhice: Trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas, SP: Papirus, 2001, (Coleção Vivacidade). p. 11–52.

NERI, A. L. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas, SP: Alínea, 2005.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

NEUME. In: MUSIC Dictionary Online. Surrey, UK: Dolmetsch Online, 2011. Disponível em: <<http://www.dolmetsch.com/defsn.htm>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

OLIVEIRA, G. A. O ensino de música no brasil: fatos e desafio. *Revista da UFG*, v. 7, n. 2, dez. 2005. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/45anos/Y-ensinomusica.html>. Acesso em: 21 mar. 2012.

ORAÇÃO de São Francisco. Arranjo de José Marcos Carvalho Sousa. 2011. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/TDs7bTK7/Partitura_-_Oracao_de_Sao_Fran.html>. Acesso em: 4 mai. 2012.

PAYNTER, J. *Sound and Structure*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PINTO, L. M. L. *Tocando a vida: música e envelhecimento*. Dissertação (Mestrado) — Gerontologia/PUC-SP, 01 dez. 2002.

RIBEIRO, P. C. C. et al. Variabilidade no envelhecimento ativo segundo gênero, idade e saúde. *Psicologia em Estudo*, v. 14, n. 3, p. 501–509, 2009.

RODRIGUES, N. C. Política nacional do idoso – retrospectiva histórica. *Estud. interdiscip. envelhec.*, v. 3, p. 149–158, 2001.

- SANTOS, A. T.; SÁ, M. A. A. S. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 91–100.
- SANTOS, J. O que são Foranias? Vicariatos? Dioceses? Você sabe? *História da Igreja*, 2002. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/30.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- SCHAFER, R. M. *O ouvido pensante*. São Paulo: UNESP, 1991. 399 p.
- SCHAFER, R. M. *Hacia una educacion sonora: 100 ejercicios de audición y producción sonora*. Buenos Aires: PMA - Pedagogías Musicales Abiertas, 1994. 147 p. Traducción Violeta Hemsy de Gainza.
- SCHAFER, R. M. *Afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2001. 381 p.
- SEQUÊNCIA da Missa da Ressurreição: Victimae Paschali Laudes – Partitura, Audio Mp3 e Tradução. *Praecones Latine – Latin Site*, 05 abr. 2012. Disponível em: <<http://latine.blog-arautos.org/2012/04/sequencia-da-ressurreicao-victimae-paschali-laudes-partitura-audio-mp3-e-traducao/>>. Acesso em: 8 mai. 2012.
- SIQUEIRA, M. E. C. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 47–57.
- SOARES, L. O professor de música e a educação inclusiva. In: DALL'ACQUA, M. J. C.; ZANIOLO, L. O. (Org.). *Educação inclusiva em perspectiva: reflexões para a formação de professores*. Curitiba: Editora CVR, 2009.
- SOUZA, M. G. C. Musicoterapia e a clínica do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1216–1226.
- TOCA-DISCOS. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia live. Wikimedia, 2012. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Toca-discos>>. Acesso em: 20 mai. 2012.
- VILLANI, F. L. A busca dos idosos pela formação educacional continuada: uma necessidade do século 21. In: PARK, M. B.; GROppo, L. A. (Org.). *Educação e Velhice*. Holambra, SP: Editora Setembro, 2009. p. 191–219.
- VISCONTI, C. Modos eclesiásticos. *Ciro Visconti's Blog*, 26 jun. 2010. Disponível em: <<http://cirovisconti.wordpress.com/2010/06/26/modos-eclesiasticos/>>. Acesso em: 18 mai. 2012.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60 p.
- ZAMPRONHA, M. L. S. *Da música, seus usos e recursos*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

Bibliografia Consultada

BOZZETTO, A. *Ensino particular de música: práticas e trajetórias de professores de piano*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS/Editora da Fundart, 2004. 112 p.

BRASIL já tem mais de 180 milhões de habitantes. *IBGE – Sala de Imprensa*, Brasília, DF, 30 ago. 2004. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=207>. Acesso em: 21 out. 2011.

BRITO, T. A. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

CAMPOS, D. C. A análise de conteúdo na pesquisa qualitativa. In: BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. (Org.). *Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

CAMPOS, D. C. Um olhar qualitativo sobre a contemporaneidade. In: BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. (Org.). *Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

CÁNDIDA María de Jesús. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia live. Wikimedia, 2012. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/C%C3%A1ndida_Mar%C3%ADa_de_Jes%C3%BAs>. Acesso em: 20 jan. 2012.

CEMULC: curso 2011. In: SITE do Curso de Extensão em Música Litúrgica da Arquidiocese de Campinas. Campinas, SP: Arquidiocese de Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.cemulc.org.br/curso2011.htm>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

DEMO, P. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

ENKA. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia live. Wikimedia, 2012. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Enka>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

ESCALA Musical. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia live. Wikimedia, 2012. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escala_musical>. Acesso em: 20 mar. 2012.

ESTRADA, J. O. D.; SILVA, F. M. *Hino Nacional Brasileiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], l. Acervo digital. Disponível em: <<http://download.baixatudo.globo.com/PartituraHinoNacional.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2012.

FONTEERRADA, M. T. O. A educação musical brasileira e três modelos explicativos de mundo: em busca de significados. *Música Hodie*, 2012. Não publicado.

FREITAS, S. M. P. A pesquisa fenomenológica em psicologia. In: BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. (Org.). *Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

JEFFERY, P. Oktōechos. In: ROOT, D. (Ed.). *Grove Music Online*. Oxford Music Online. Disponível em: <<http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/grove/music/50097>>. Acesso em: 18 mai. 2012.

ISAURINHA Garcia. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia live. Wikimedia, 2012. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Isaurinha_Garcia>. Acesso em: 20 jan. 2012.

LEBRÃO, M. L.; DUARTE, Y. A. O. *SABE – Saúde, Bem-estar e Envelhecimento – O projeto Sabe no município de São Paulo: uma abordagem inicial*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2003. 255 p.

MADRE Cândida Maria de Jesus... um caminho de santidade! Congregação Filhas de Jesus – Província do Brasil, 2011. Disponível em: <http://www.seias.com.br/visualizacao_de_noticias_da_canonizacao/pt-br/ver_noticia/172>. Acesso em: 19 out. 2011.

MIN'YŌ. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia live. Wikimedia, 2012. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Min'y%C5%8D>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

NERI, A. L. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991. 155 p.

PAREYSON, L. *Os problemas da estética*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

POWERS, H. S. et al. Mode, §II: Medieval modal theory. In: ROOT, D. (Ed.). *Grove Music Online*. Oxford Music Online. Disponível em: <<http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/grove/music/43718pg2>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

PRYER, A. notation. In: LATHAM, A. (Ed.). *The Oxford Companion to Music*. Oxford Music Online. Disponível em: <<http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/opr/t114-/e4761>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

SACKS, O. W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Tradução de: An anthropologist on Mars.

PASTORAL Afro-brasileira. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia live. Wikimedia, 2012. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pastoral_Afro-brasileira>. Acesso em: 20 jan. 2012.

RIVERO, C. M. L. A etnometodologia aplicada à pesquisa qualitativa em psicologia e educação. In: BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. (Org.). *Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

SCHAFER, R. M. *The book of noise*. 1. ed. Ontario: Arcana, 1998. 52 p.

SOLER, K. I. S. *A Música na Educação Infantil: um estudo das EMEIS e EEIS da cidade de Indaiatuba-SP*. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2008.

SOUSA, L.; GALANTE, H.; FIGUEIREDO, D. Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. *Rev Saúde Pública*, v. 37, n. 3, p. 364–371, 2003.

SR. Brasil. Fundação Padre Anchieta – TV Cultura, 2011. Disponível em: <<http://www2-tvcultura.com.br/srbrasil/home.asp>>. Acesso em: 6 set. 2011.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

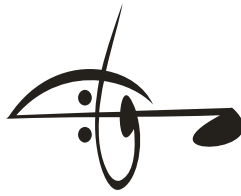
VENDRAMINI, C. M. M. Estatística e delineamentos de pesquisa. In: BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. (Org.). *Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

VIOLA Minha Viola. In: SITE de Inezita Barroso. Inezita Barroso, 2011. Disponível em: <<http://www.inezitabarroso.com.br/viola.html>>. Acesso em: 6 set. 2011.

VIOLA Minha Viola. In: CMais. Fundação Padre Anchieta – TV Cultura, 2011. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/viola>>. Acesso em: 6 set. 2011.

VIOLA Minha Viola. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia live. Wikimedia, 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Viola_Minha_Viola>. Acesso em: 6 set. 2011.

ANEXO A – Calendário escolar 2011 do CEMULC



CEMULC
Arquiocese de Campinas

Calendário – 2011

	Segunda-feira (Instrumentos)	Terça-feira (Curso Básico, Intermediário e Instrumentos)	Quarta-feira (Curso Básico e Instrumentos)	Sábado (Curso Básico, Intermediário e Instrumentos)	
Fevereiro	07	Férias	02	Férias	
	14	1ª aula <i>Início das aulas de instrumentos</i>	09	12	Não haverá atividades.
	21	2ª aula	16	19	1ª aula <i>Inscrição para Teste de Proficiência</i>
	28	3ª aula	23	26	2ª aula <i>Teste de Proficiência</i>
Março	07	Feriado: Carnaval <i>Não haverá atividades.</i>	02	05	Recesso: Carnaval <i>Não haverá atividades.</i>
	14	4ª aula	09	12	3ª aula
	21	5ª aula	16	19	4ª aula – PUC Central
	28	6ª aula	23	26	5ª aula
			30		
Abril	04	7ª aula	06	09	6ª aula
	11	8ª aula	13	16	7ª aula – PUC Central
	18	Recesso: Semana Santa <i>Não haverá atividades.</i>	20	23	Recesso: Páscoa <i>Não haverá atividades.</i>
	25	9ª aula	27	30	9ª aula – PUC Central

		02	10ª aula	03	10ª aula	04	10ª aula	07	10ª aula
		09	11ª aula	10	11ª aula	11	11ª aula	14	11ª aula – PUC Central
		16	12ª aula	17	12ª aula	18	12ª aula	21	12ª aula
		23	13ª aula	24	<i>Avaliação de Liturgia e Tópicos Especiais em Pastoral da Música Litúrgica</i>		<i>Avaliação de Liturgia</i>		<i>Avaliação de Liturgia, Tópicos Especiais em Liturgia</i>
Maio					13ª aula	25	13ª aula	28	13ª aula
					<i>Avaliação de Técnica Vocal, Coral, Canto Gregoriano</i>		<i>Avaliação de Coral</i>		<i>Avaliação de Técnica Vocal, Coral e Canto Gregoriano</i>
		30	14ª aula	31	14ª aula				
					<i>Avaliação de Estruturação Musical e Harmonia e Análise Musical</i>				

						01	14ª aula	04	14ª aula
							<i>Avaliação de Estruturação Musical</i>		<i>Avaliação de Estruturação Musical e Harmonia e Análise Musical</i>
		06	15ª aula	07	15ª aula	08	15ª aula	11	15ª aula – PUC Central
					<i>Avaliação de Apreciação Musical, História da Música, Pastoral da Música Litúrgica e Percepção Musical</i>		<i>Avaliação de História da Música</i>		<i>Avaliação de Apreciação Musical, História da Música e Percepção Musical</i>
		13	16ª aula	14	16ª aula	15	16ª aula	18	16ª aula
					<i>Exames Finais</i>		<i>Exames Finais</i>		<i>Exames Finais</i>
		20	17ª aula	21	Ensaio Pré-Geral para a Missa de Corpus Christi	22	Ensaio Geral para a Missa de Corpus Christi	25	Recesso: Corpus Christi
					<i>Último dia para a Matrícula</i>		<i>Matrículas</i>		<i>Não haverá atividades.</i>
		27	Não haverá atividades.	28	Celebração de Encerramento, Recital de Professores e Confraternização	29	Férias		
Junho									

Corpus Christi: 23 de junho / Último dia para entrega de notas: 20 de junho (via e-mail)

								02	Férias
Julho		04	Férias	05	Férias	06	Férias	09	Férias
		11	Férias	12	Férias	13	Férias	16	Férias
		18	Férias	19	Férias	20	Férias	23	Férias
		25	Férias	26	Férias	27	Férias	30	Férias

						03	1ª aula	06	1ª aula
		01	1ª aula	02	1ª aula		<i>Inscrição para Teste de Proficiência</i>		<i>Inscrição para Teste de Proficiência</i>
		08	2ª aula	09	2ª aula	10	2ª aula	13	2ª aula
					<i>Teste de Proficiência</i>		<i>Teste de Proficiência</i>		<i>Teste de Proficiência</i>
		15	3ª aula	16	3ª aula	17	3ª aula	20	3ª aula – PUC Central
		22	4ª aula	23	4ª aula	24	4ª aula	27	4ª aula
		29	5ª aula	30	5ª aula	31	5ª aula		
Agosto									

Setembro	05	6ª aula	06	6ª aula	07	Feriado: Independência do Brasil Não haverá atividades.	03	5ª aula – PUECC Central
	12	7ª aula	13	7ª aula	14	6ª aula	10	6ª aula
	19	8ª aula	20	8ª aula	21	7ª aula	17	7ª aula – PUECC Central
	26	9ª aula	27	9ª aula	28	8ª aula	24	8ª aula

Outubro	03	10ª aula	04	10ª aula	05	9ª aula	01	9ª aula
	10	11ª aula	11	11ª aula <i>Avaliação de Liturgia e Tópicos Especiais em Pastoral da Música Litúrgica</i>	12	Feriado: Nossa Senhora Aparecida Não haverá atividades.	08	10ª aula – PUECC Central
	17	12ª aula	18	12ª aula <i>Avaliação de Estruturação Musical e Harmonia e Análise Musical</i>	19	10ª aula <i>Avaliação de Estruturação Musical</i>	15	Recesso: Dia do Professor Não haverá atividades.
	24	13ª aula	25	13ª aula <i>Avaliação de História da Música, História da Música na Liturgia, Pastoral da Música Litúrgica e Percepção Musical</i>	26	11ª aula <i>Avaliação de História da Música na Liturgia</i>	22	11ª aula <i>Avaliação de Liturgia e Tópicos Especiais em Liturgia</i>
	31	14ª aula					29	12ª aula – PUECC Central <i>Avaliação de Estruturação Musical e Harmonia e Análise Musical</i> Matrículas

Novembro	07	15ª aula	08	15ª aula <i>Exames Finais</i> Matrículas	09	12ª aula Matrículas	12	13ª aula Recesso: Proclamação da República Não haverá atividades.
	14	Recesso: Proclamação da República Não haverá atividades.	15	Feriado: Proclamação da República Não haverá atividades.	16	13ª aula <i>Exames Finais</i> Matrículas	19	14ª aula <i>Exames Finais</i> Matrículas
	21	<i>Ensaio para Recital</i> Revisão semestral	22	<i>Ensaio para Recital: Técnica Vocal, Coral e Laboratórios Práticos e Instrumentos.</i> Revisão semestral Matrículas Último dia para Matrículas	23	<i>Ensaio para Recital: Coral e Instrumentos</i> Revisão semestral Último dia para Matrículas	26	PUECC Central <i>Ensaio para Recital: Técnica Vocal, Coral e Canto Gregoriano</i> Revisão semestral Último dia para Matrículas
	28	Recital de alunos e Confraternização – <i>Igreja Divino Salvador</i>	29	Missa de Encerramento do Semestre e Formatura da 3ª turma do Curso Básico e 1ª turma do Curso Intermediário <i>Igreja Divino Salvador</i>	30	Férias		

Último dia para entrega de notas: 20 de novembro (via e-mail). As notas dos alunos do 3º e 5º ano devem ser entregues até o dia 15 de novembro (inclusive notas de instrumentos).

***ANEXO B – Quadro de horários do I semestre do
CEMULC***

QUADRO DE HORÁRIOS – 1º Semestre 2011
TERÇA-FEIRA

	1º A	2º A	3º A	5º A (Intermediário II)
19h00 às 19h45	Apreciação Musical <i>Prof. Akira Miyashiro</i>	Estruturação Musical III <i>Prof.ª Paula Petrogelli</i>	Pastoral da Música Litúrgica I <i>Prof. Virgílio Solli</i>	Harmonia e Análise Musical III <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>
19h45 às 20h30	Estruturação Musical I <i>Prof.ª Paula Petrogelli</i>	História da Música II <i>Prof. Akira Miyashiro</i>	Liturgia V <i>Prof. Pe. Marco Amstalden</i>	Percepção Musical III <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>
20h30 às 20h45	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
20h45 às 21h35	Liturgia I <i>Prof. Pe. Marco Amstalden</i>	Coral I <i>Prof. Virgílio Solli</i> <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>	Coral III <i>Prof. Clayton Dias</i> <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>	Pedagogia e Didática Musical <i>Prof.ª Paula Petrogelli</i>
21h35 às 22h20	Técnica Vocal I <i>Prof. Virgílio Solli</i>	Liturgia III <i>Prof. Pe. Marco Amstalden</i>	Estruturação Musical V <i>Prof.ª Paula Petrogelli</i>	Tópicos Especiais em Pastoral da Música Litúrgica <i>Prof. Clayton Dias</i>

QUARTA-FEIRA

	2º B
19h00 às 19h45	História da Música II <i>Prof. Akira Miyashiro</i>
19h45 às 20h30	Estruturação Musical III <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>
20h30 às 20h45	INTERVALO
20h45 às 21h35	Coral I <i>Prof. Virgílio Solli</i> <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>
21h35 às 22h20	Liturgia III <i>Prof. Pe. Marco Amstalden</i>

SÁBADO

	1º B	2º C	4º A (Intermediário I)
08h30 às 09h15	Técnica Vocal I <i>Prof. Virgílio Solli</i>	Liturgia III <i>Prof. Pe. Leonardo Piacente</i>	Harmonia e Análise Musical I <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>
09h15 às 10h00	Liturgia I <i>Prof. Pe. Leonardo Piacente</i>	História da Música II <i>Prof. Akira Miyashiro</i>	Percepção Musical I <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>
10h00 às 10h15	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
10h15 às 11h05	Estruturação Musical I <i>Prof.ª Paula Petrogelli</i>	Coral I <i>Prof. Virgílio Solli</i> <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>	Tópicos Especiais em Liturgia <i>Prof. Pe. Leonardo Piacente</i>
11h05 às 11h50	Apreciação Musical <i>Prof. Akira Miyashiro</i>	Estruturação Musical III <i>Prof. Chiquinbo Costa</i>	Canto Gregoriano I <i>Prof. Virgílio Solli</i> <i>Prof.ª Paula Petrogelli</i>

*ANEXO C – Letras dos cantos da missa de Corpus
Christi*

Arquidiocese de Campinas - Região Pastoral Campinas

CANTOS - SOLENIDADE DE CORPUS CHRISTI 2011

1. Entrada: Hino do XIV CEN - Campinas / SP

R.: Venham, venham todos, para a Ceia do Senhor!
Casa iluminada, mesa preparada, com paz e amor.
Porta sempre aberta, Pai amigo, aguardando,
acolhedor. Vem do alto por Maria, este Pão que vai
nos dar. Pão dos anjos - quem diria! - Nos fará
ressuscitar.

1. Canta a Igreja o Sacrifício que, na Cruz, foi seu início!
E, antes, Jesus quis entregar Corpo e Sangue em
alimento, Precioso Testamento! Como não nos alegrar?!

2. Para a fonte "Eucaristia" vai sedenta a romaria,
volta em missão de transformar cada um e todo o
povo, construindo um mundo novo. Como não nos
alegrar?!

3. Com a solidariedade renovar a sociedade, pela justiça
e paz lutar. Vendo o pão em cada mesa, vida humana
com nobreza! Como não nos alegrar?!

2. Ato Penitencial

Solo: Senhor, verdadeiro corpo nascido de Maria
Virgem, tende piedade de nós, tende piedade de nós!

Coro: Kyrie, Kyrie, eleison!

Todos: Kyrie, Kyrie, eleison!

Solo: Cristo, pão vivo descido do céu
pela salvação do mundo, tende piedade de nós!

Coro: Christe, Christe, eleison!

Todos: Christe, Christe, eleison!

Solo: Senhor, sustento da Igreja peregrina e penhor da
glória futura, tende piedade de nós, tende piedade de
nós!

Coro: Kyrie, Kyrie, eleison!

Todos: Kyrie, Kyrie, eleison!

3. Glória

R.: Glória a Deus nas alturas, e na terra paz aos
homens por Ele amados, por Ele amados.

1. Glória a Deus nas alturas, * e paz na terra aos
homens por Ele amados. Senhor Deus, rei dos céus, *
Deus Pai todo poderoso: nós vos louvamos, nós vos
bendizemos, * nós vos adoramos, nós vos
glorificamos, nós vos damos graças * por vossa
imensa glória.

2. Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito, * Senhor
Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. Vós que
tirais o pecado do mundo, * tende piedade de nós.
Vós que tirais o pecado do mundo, * acolhei a nossa
súplica. Vós que estais à direita do Pai, * tende piedade
de nós.

3. Só vós sois o Santo, só vós, o Senhor, * só vós, o
Altíssimo, Jesus Cristo, com o Espírito Santo, * na
glória de Deus Pai. Amém!

4. Salmo Responsorial - Sl 147

R.: Glorifica o Senhor, Jerusalém; celebra teu Deus, ó
Sião!

5. Sequência

1 **Solo:** Terra, exulta de alegria, louva teu pastor e guia
com teus hinos, tua voz!

2 **Todos:** Tanto possas, tanto ouses,
em louvá-lo não repouses: sempre excede o teu louvor!

3 **Solo:** Hoje a Igreja te convida: ao pão vivo que dá
vida, vem com ela celebrar!

4 **Todos:** Este pão, que o mundo creia,
por Jesus, na santa ceia, foi entregue aos que escolheu.

5 **Solo:** Nosso júbilo cantemos, nosso amor
manifestemos, pois transborda o coração!

6 **Todos:** Quão solene a festa, o dia,
que da santa Eucaristia nos recorda a instituição!

7 **Solo:** Novo Rei e nova mesa, nova Páscoa e realeza,
foi-se a páscoa dos judeus.

8 **Todos:** Era sombra o antigo povo, o que é velho
cede ao novo: foge a noite, chega a luz.

9 **Solo:** O que o Cristo fez na ceia,
manda à Igreja que o rodeia repeti-lo até voltar.

10 **Todos:** Seu preceito conhecemos:
pão e vinho consagremos para a nossa salvação!

6. Aclamação ao Evangelho - Jo 6, 51

R.: // Aleluia, aleluia, aleluia! //

Solo: Eu sou o pão vivo descido do céu;
quem deste pão come, sempre há de viver!

7. Profissão de Fé

R.: Creio, creio. Amém. Creio, creio. Amém.

1 Creio em Deus Pai todo-poderoso,
criador do céu e da terra.

2 E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, *
(*todos se inclinam às palavras seguintes até "Virgem Maria"*)
que foi concebido pelo poder do Espírito Santo;
nasceu da Virgem Maria; / padeceu sob Pôncio Pilatos,
foi crucificado, morto e sepultado. * Desceu à mansão
dos mortos;

3 Ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus; está
sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, * donde
há de vir a julgar os vivos e os mortos.

4 Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja católica; na
comunhão dos santos; * na remissão dos pecados; na
ressurreição da carne; na vida eterna.

8. Oração dos Fiéis

Solo: Rezemos ao Senhor!

Todos: Cristo, ouvi-nos!

9. Preparação das ofertas - Ubi caritas

R.: Onde reina amor, fraterno amor,
onde reina amor, Deus aí está.

1 Congregou-nos num só corpo o amor de Cristo;
exultemos, pois, e nele jubilemos. Ao Deus vivo nós
temamos, mas amemos; e sinceros, uns aos outros, nos
queiramos.

2 Todos juntos, num só corpo congregados, pela mente
não sejamos separados. Cessem lutas, cessem rixas,
dissensões, mas esteja em nosso meio Cristo Deus.

3. Junto um dia com os eleitos, nós vejamos vossa face gloriosa que adoramos. Alegria que é imensa, que enche os céus: ver por toda a eternidade Cristo Deus.

10. Santo

R.: Santo, Santo, Santo, Senhor, Deus do universo!

1. O céu e a terra proclamam, proclamam a vossa glória.
2. Hosana, hosana, hosana, hosana nas alturas!
3. Bendito o que vem em nome, em nome do Senhor!

11. Aclamações da Oração Eucarística II

1. Santificai nossa oferenda, ó Senhor!
2. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda.
3. Recebei, ó Senhor, a nossa oferta!
4. Fazei de nós um só corpo e um só espírito!
5. Lembrai-vos, ó Pai, da vossa Igreja!
6. Lembrai-vos, ó Pai, dos vossos filhos!
7. Concedei-nos o convívio dos eleitos!
8. Amém! Amém! Amém!

12. Cordeiro de Deus

1. *Coro:* Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, *Todos:* tende piedade de nós.
2. *Coro:* Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, *Todos:* tende piedade de nós.
3. *Coro:* Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, *Todos:* dai-nos a paz.

13. Comunhão I – Jo 6, 57 / Sl 22

R.: Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu permaneço nele.

1. O Senhor é o pastor que me conduz; * não me falta coisa alguma. Pelos prados e campinas verdejantes * ele me leva a descansar. Para as águas repousantes me encaminha, * e restaura as minhas forças.
2. Ele me guia no caminho mais seguro, * pela honra do seu nome. Mesmo que eu passe pelo vale tenebroso, * nenhum mal eu temerei; estais comigo com bastão e com cajado; * eles me dão a segurança!
3. Preparais à minha frente uma mesa, * bem à vista do inimigo, e com óleo vós ungis minha cabeça; * o meu cálice transborda.
4. Felicidade e todo bem hão de seguir-me * por toda a minha vida; e, na casa do Senhor, habitarei * pelos tempos infinitos.

15. Comunhão II – Jo 6

1. Eu sou o pão da vida, o que vem a mim não terá fome, o que crê em mim não terá sede. Ninguém vem a mim se meu Pai não o atrair.

R.: Eu o ressuscitarei, eu o ressuscitarei, eu o ressuscitarei no dia final.

2. Eu sou o pão da vida, que se prova e não se sente fome. O que sempre beber do meu sangue, viverá em mim e terá a vida eterna.
3. O pão que eu darei é meu corpo, vida para o mundo. O que sempre comer da minha carne viverá em mim como eu vivo no Pai.

16. Comunhão III – Jo 6

Comam do pão, bebam do cálice, quem a mim vem não terá fome. Comam do pão, bebam do cálice, quem em mim crê não terá sede.

17. Pós-Comunhão

R.: Alma de Cristo, santificai-me. Corpo de Cristo, salvai-me. Sangue de Cristo, inebriai-me. Água do lado de Cristo, lavai-me.

1. Paixão de Cristo, confortai-me. Ó bom Jesus, ouvi-me. Dentro de vossas chagas escondi-me, escondi-me.
2. Não permitais que me separe de vós. Do espírito maligno, defendei-me. Na hora da morte, chamai-me.
3. E mandai-me ir para vós, para que com vossos Santos vos louve por todos os séculos dos séculos. Amém.

18. Adoração

1. Deus de amor, nós te adoramos neste sacramento, Corpo e Sangue que fizeste nosso alimento. És o Deus escondido, vivo e vencedor. A teus pés depositamos todo o nosso amor.
2. Meus pecados redimiste sobre a tua cruz, com teu Corpo e com teu Sangue ó Senhor Jesus! Sobre os nossos altares, vítima sem par, teu divino sacrifício, queres renovar.
3. No Calvário se escondia tua divindade, mas aqui também se esconde tua humanidade: creio em ambas e peço como o bom ladrão, no teu reino, eternamente, tua salvação.
4. Creio em ti, ressuscitado, mais que São Tomé, mas aumenta na minh'alma o poder da fé. Guarda a minha esperança, cresce o meu amor. Creio em ti ressuscitado, meu Deus e Senhor!
5. Ó Jesus que nesta vida pela fé eu vejo, realiza, eu te suplico, este meu Desejo: ver-te enfim face a face, meu divino amigo. Lá no céu, eternamente, ser feliz contigo.

19. Saída da Procissão

1. Cantemos ao amor dos amores, cantemos ao Senhor! Deus está aqui, oh vinde adoradores, adoremos a Cristo redentor.

R.: Glória a Cristo Jesus! Céus e terra bendizei ao Senhor! Louvor e glória a Ti, Rei da glória! Amor pra sempre a Ti, Deus de amor!

2. Unamos nossa voz à dos cantares do coro celestial! Deus está aqui! Ao Deus destes altares, exultemos com gozo angelical.
3. Oh rara caridade e real fineza, oh, doce memorial! Deus está aqui! Com celestial riqueza, com seu corpo e sangue divinal.
4. Acende em nosso ser a viva chama do mais fervente amor! Deus está aqui! Está porque nos ama, como Pai, como amigo e benfeitor!
5. A nossa voz ergamos a Jesus pedindo proteção! Ele está aqui dando consolo e luz para a nossa sublime salvação.
6. Pelo Brasil também, a pátria amada, oremos a Jesus! Ele está aqui na hóstia consagrada, protegendo a Terra da Santa Cruz!

20. O POVO DE DEUS

^{1.} O povo de Deus no deserto andava, mas à sua frente, alguém caminhava. O povo de Deus era rico de nada, só tinha esperança e o pó da estrada. Também sou teu povo Senhor, e estou nesta estrada. Somente a tua Graça, me basta e mais nada.

^{2.} O povo de Deus, também vacilava, às vezes custava a crer no amor. O povo de Deus, chorando rezava, pedia perdão e recomeçava. Também sou teu povo, Senhor e estou nesta estrada. Perdoa se às vezes não creio em mais nada.

^{3.} O povo de Deus, ao longe avistou a terra querida que o amor preparou. O povo de Deus sorria e cantava, e nos seus louvores seu amor proclamava. Também sou teu povo, Senhor, estou nesta estrada. Cada dia mais perto da terra esperada.

21. VENHAM, VENHAM TODOS

Venham, venham todos, para a Ceia do Senhor! Casa iluminada, mesa preparada, com paz e amor. Porta sempre aberta, Pai amigo, aguardando, acolhedor. Vem do alto por Maria, este Pão que vai nos dar. Pão dos anjos – quem diria! – Nos fará ressuscitar.

22. BEM-VINDOS À MESA DO PAI

^{1.} Bem-vindos à mesa do Pai, onde o Filho se faz fraternal refeição. É Cristo a forte comida, o pão que dá vida com amor comunhão.

//: Vinde ó irmãos adorar. Vinde adorar o Senhor! A Eucaristia nos faz Igreja, comunidade de amor!://

^{2.} Partimos o único pão, no altar, refeição, ó mistério de amor! Nós somos sinais da unidade na fé, na verdade convosco, ó Senhor!

^{3.} Há gente morrendo de fome, sofrendo e sem nome, sem terra e sem lar. Não é a vontade de Deus, pois Jesus, Filho seu, quis por nós se doar.

^{4.} Queremos servir a Igreja, na plena certeza de nossa missão. Vivendo na Eucaristia, o pão da alegria e da libertação.

23. EU VIM PARA QUE TODOS TENHAM VIDA

//: Eu vim para que todos tenham vida. E todos tenham vida plenamente.://

^{1.} Reconstruí a tua vida em comunhão com teu Senhor; reconstruí a tua vida em comunhão com teu irmão. Onde está o teu irmão, Eu estou presente nele.

^{2.} Quem comer o Pão da vida viverá eternamente. Tenho pena deste povo que não tem o que comer. Onde está um irmão com fome, Eu estou com fome nele.

^{3.} Eu passei fazendo o bem, eu curei todos os males. Hoje és minha presença junto a todo sofredor. Onde sofre teu irmão, Eu estou sofrendo nele.

^{4.} Entreguei a minha vida pela salvação de todos. Reconstruí, protege a vida de indefesos e inocentes. Onde morre teu irmão, Eu estou morrendo nele.

24. OLHA, MEU POVO

^{1.} Olha meu povo este planeta terra. Das criaturas todas, a mais linda! Eu a plasmei com todo amor materno, pra ser um berço de aconchego e vida.

Nossa mãe terra, Senhor, geme de dor noite e dia. Será de parto essa dor? Ou simplesmente agonia? Vai depender só de nós!

^{2.} A terra é mãe, é criatura viva. Também respira, se alimenta e sofre. É de respeito que ela mais precisa. Sem teu cuidado ela agoniza e morre.

^{3.} Vê nesta terra, os teus irmãos. São tantos. Que a fome mata e a miséria humilha. Eu sonho ver um mundo mais humano sem tanto lucro e muito mais partilha.

25. IMACULADA

Imaculada Maria de Deus, coração pobre acolhendo Jesus! Imaculada Maria do Povo, mãe dos aflitos que estão junto à cruz!

^{1.} Um coração que era Sim para a vida, um coração que era Sim para o irmão. Um coração que era Sim para Deus: Reino de Deus renovando este chão!

^{2.} Olhos abertos pra sede do povo, passo bem firme que o medo desterra, mãos estendidas que os tronos renegam: Reino de Deus que renova esta terra!

26. ME CHAMASTE PARA CAMINHAR

^{1.} Me chamaste para caminhar na vida contigo. Decidi para sempre seguir-te e não voltar atrás. Me puseste uma brasa no peito e uma flecha na alma. É difícil agora viver sem lembrar-me de ti!

//: Te amarei Senhor! Te amarei Senhor. Eu só encontro a paz e alegria bem perto de ti!

^{2.} Eu pensei muitas vezes calar e não dar nem resposta; eu pensei na fuga esconder-me, ir longe de ti. Mas tua força venceu e ao final eu fiquei seduzido: É difícil agora viver sem saudade de ti!

^{3.} Ó Jesus, não me deixes jamais caminhar solitário, pois conheces a minha fraqueza e o meu coração. Vem, ensina-me a viver a vida na tua presença, no Amor dos irmãos, na alegria, na paz, na união!

27. BENDITO, LOUVADO SEJA

^{1.} **//: Bendito, louvado seja ://
//: O Santíssimo Sacramento://**

^{2.} Os anjos, todos os anjos.
Louvem a Deus para sempre Amem.

^{3.} Os santos, todos os santos.
Louvem a Deus para sempre Amem.

^{4.} Os povos, todos os povos.
Louvem a Deus para sempre Amem.

28. GLÓRIA A JESUS

¹ Glória a Jesus na Hóstia Santa que se consagra sobre o altar. E os nossos olhos se levantam para o Brasil abençoar.

Que o Santo Sacramento, que é o próprio Cristo Jesus, //: Seja adorado e seja amado nesta terra de Santa Cruz.://

² Glória a Jesus, prisioneiro do nosso amor a esperar, lá no sacrário o dia inteiro, que O vamos todos procurar.

³ Glória a Jesus, Deus escondido, que vindo a nós na comunhão. Purificado, enriquecido, deixa-nos sempre o coração.

29. FICA CONOSCO, SENHOR

Fica conosco, Senhor, porque a tarde cai!
Fica conosco, Senhor. A noite não custa a chegar.

Pelas estradas do dia nossos caminhos cruzaram;
Com tua Palavra de Vida
Nossas sombras dissiparam.

Depois, sentados à mesa, ardeu-nos o coração.
Reconhecendo-te, ó Cristo ao partir do Pão!

Sol.: Chegando a tarde da vida –

Todos: Fica conosco, Senhor

Sol.: Vendo as trevas da guerra –

Todos: Fica conosco, Senhor

Que tua palavra, ouvida –

Todos: Fica conosco, Senhor

Possa trazer paz à terra –

Todos: Fica conosco, Senhor

Ouve este povo a teus pés –

Todos: Fica conosco, Senhor

Dando-te graça infinita –

Todos: Fica conosco, Senhor

Com teus Pastores fiéis –

Todos: Fica conosco, Senhor

Toda tua Igreja suplica –

Todos: Fica conosco, Senhor

30. TÃO SUBLIME SACRAMENTO

Tão sublime Sacramento, adoremos neste altar.
Pois o Antigo Testamento deu ao Novo seu lugar.
Venha a fé, por suplemento os sentidos completar.

Ao eterno Pai canteremos / E a Jesus o Salvador.
Ao Espírito exaltemos, / Na Trindade eterno amor.
Ao Deus Uno e Trino demos / A alegria do louvor.
Amém. Amém.

31. EU TE EXALTAREI

Eu te exaltarei, meu Deus e rei por todas as gerações. És o meu Senhor, Pai que me quer no amor!

**Entoai ação de graças.
E cantai um canto novo
Aclamai ao Senhor Deus
Aclamai com amor e fé!**

Eu vou reunir Jerusalém prá te louvar, oh Senhor
Te glorificar ao dar-me a Tua paz!

Ao me revelar a tua Lei as tuas mãos eu senti
Sim, te louvarei enquanto eu existir

- Coral do Curso de Extensão em Música Litúrgica da Arquidiocese de Campinas (CEMULC)
- Coral da Paróquia N. Sra. das Dores
- Coral da Sé



ORAÇÃO DO XIV CONGRESSO EUCHARÍSTICO NACIONAL

Pai Santo,/criador do Universo e fonte da vida,/ com Jesus e por Jesus te rendemos graças./ Na Festa da Eucaristia,/ tomamos presente a nova e eterna aliança,/ realizada na Missão de teu Filho,/ Jesus./ Nele toda a criatura foi reconciliada e salva./ Senhor Jesus,/ hóstia viva do Pai,/ nós cremos na Tua divina presença e,/ em cada Eucaristia,/ acolhemos o teu ardente convite:/"**Venham para a Ceia do Senhor!**"/, e formamos a Tua Igreja!/ Como outrora,/ revelamos as Escrituras/ e partes o Pão para nós./ Ó Jesus,/ na Eucaristia nós Te adoramos/ e aprendemos que o sonho de Deus/ é que todos comam do mesmo Pão/ e bebam do mesmo Cálice,/ partilhando o pão da vida com nossos irmãos e irmãs./ Sobre qualquer forma de vida e esperança que germina,/ recordamos tua divina palavra:/ "**Isto é meu Corpo!**"/, e sobre qualquer forma de morte que fere a fraternidade,/ nós nos lembramos:/ "**Isto é o meu Sangue!**"!/ Assim,/ com todas as pessoas de boa vontade/ e no empenho por uma vida mais solidária,/ Teu Mistério Pascal se cumpra em nós:/ "**Fazei isto em memória de mim!**"!/ Espírito Santo,/ memória do Pai e do Filho,/ infunde-nos a coragem de recriar a prática de Jesus./ Anima Tua Igreja a dar bom testemunho do Teu nome/ e a servir o mundo com mais zelo na prática da justiça./ Toca os nossos corações/ para sermos sensíveis/ aos sofrimentos de nossos irmãos e irmãs./ Que a mesa da Eucaristia seja,/ sempre mais,/ **Fonte de nossa Missão e vida solidária.**/ .. Congrega-nos na tua comunhão,/ e envia-nos para construir uma sociedade justa e fraterna./ Ó Maria, mãe Aparecida/ protege o povo brasileiro. Conserva-nos fiéis na Missão de teu Filho, / o Divino Salvador! / Amém.

***APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido***

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**Instituto de Artes****Programa de Pós-Graduação em Música****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, _____, RG: _____ aceito participar da pesquisa, “A educação musical e o idoso”, realizada pela mestrandia Carolina Giordano Bergmann e orientada pela Profa. Dra. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, ambas do Programa de pós-graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP. O objetivo principal desse estudo é constatar a influência da educação musical em alguns aspectos da vida do idoso, bem como compreender a relação deles com a música e o seu significado em suas vidas, através do resgate de suas memórias.

Concordo em participar da pesquisa por meio de entrevista que abordará questões sobre a influência das aulas de música na minha vida (em aspectos físicos e sociais), minha relação com a música e seu significado para mim.

Minha participação contribuirá para a compreensão (a) da relevância da educação musical para outras faixas etárias que não a infância (b) do significado da música para os idosos, o que pode levar ao desenvolvimento de atividades musicais mais adequadas a esta população. Declaro ciência de que minha participação é voluntária e que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem que isso acarrete algum tipo de ônus para mim. Gostaria que meus dados pessoais:

- () fossem mantidos em sigilo.
- () fossem divulgados na pesquisa.

Os dados poderão ser divulgados em reuniões e trabalhos científicos e utilizados para a realização da dissertação de mestrado de Carolina Giordano Bergmann. Tenho ciência que esta é uma pesquisa acadêmica, sem fins lucrativos. Receberei uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar minhas dúvidas sobre o projeto e minha participação neste, agora ou a qualquer momento. Também receberei uma devolutiva sobre os principais resultados do estudo.

São Paulo, XX de xxxxx de 2011.

Assinatura do Participante

Carolina Giordano Bergmann
Pesquisadora Responsável
Fone: +11 8440 0321

Marisa Trench de Oliveira Fonterrada
Orientadora

Rua: Dr. Antônio Augusto de Almeida, 171
13083-755 – Campinas – SP

APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas

Roteiro de Entrevista

DADOS PESSOAIS

Nome completo:
Idade:
Estado Civil:
Escolaridade:
Profissão:
Local de Nascimento:
Endereço:
Com quem reside:

1. Desde quando você faz aulas no CEMULC?
2. Por que decidiu fazer o curso?
3. Por que escolheu fazer o curso no CEMULC?
4. Faz aula de instrumento/canto optativa?
 - Se faz, qual instrumento e por quê?
 - Se não, por quê?
 - Se parou de fazer, por quê?
5. Qual seu estilo de música, cantor, compositor preferidos?
6. Que tipo de música mais gosta de cantar/tocar?
7. Já tinha estudado música anteriormente?
 - Em caso afirmativo, com que idade começou? Por quanto tempo? Por que parou?
 - Se não, por quê?
8. Tocava algum instrumento ou cantava anteriormente? Qual instrumento?
 - Em caso afirmativo, tocou/cantou por quanto tempo? Por que parou? Com que idade começou?
 - Se não, por quê?
9. Costuma tocar/cantar fora das aulas? Com que frequência?
10. De que maneira toca/canta: sozinho ou em grupo?
11. Em quais situações costuma tocar/cantar (triste, alegre, sozinho, acompanhado)?
12. As pessoas que moram com você se interessam por música?
13. As pessoas que moram com você gostam quando você toca/canta?
14. Considera a música importante? Por quê?

15. O que as aulas de música representam hoje na sua vida?
16. Como imagina sua vida sem as aulas de música?
17. Que sentimentos surgem quando está fazendo aula?
18. Que sentimentos surgem quando está tocando/cantando?
19. Encontra dificuldades nas aulas? Quais?
20. Tem dificuldade para participar das aulas (física, emocional, financeira)?
21. Tem dificuldades para tocar/cantar?
22. As aulas de música lhe trouxeram algum benefício (físico ou social: memória, coordenação motora, concentração, disposição, socialização)?
23. O que mudou na sua percepção, sensibilidade depois de começar as aulas (ouve melhor, memória mais ativa)? Ou, então, é capaz de se lembrar melhor das coisas do que anteriormente?
24. Você lembra em que momento da sua vida surgiu o interesse pela música?
25. Você se lembra de músicas/canções da sua infância (que a mãe cantava, que aprendeu na escola)?
26. Lembra-se de algum fato importante de sua vida que esteja relacionado com a música?
27. Quais sons estavam presentes na sua infância?
28. Quais sons que estavam presentes na sua infância e que hoje você não escuta mais?
29. O que acha do ambiente sonoro da cidade atualmente?
30. Quais os sons que mais o (a) agradam? Por quê?
31. Quais os sons que mais o (a) desagradam? Por quê?
32. Por que optou pela música como atividade?
33. Relate algum fato ilustrativo importante sobre a música em sua vida após os 60 anos.
34. Registre aqui um pensamento breve a respeito de “envelhecer aprendendo música”.

APÊNDICE C – Entrevistas na íntegra

C.1 Nivaldo Monteiro Filho

Carolina: Desde quando você faz aulas no CEMULC?

Nivaldo: Desde o início de 2008.

C: Por que você decidiu fazer o curso?

N: Desde criança sempre me identifiquei, eu sempre gostei de música. Meus pais eram lavradores e eu também cresci como lavrador até vinte anos. Meu primeiro violão ganhei quando tinha uns oito anos e foi meu pai que trouxe. Há uns vinte anos eu me aproximei da igreja e de sua música. E, apesar de ter um violão, de vez em quando eu parava, passava anos sem pegar e depois voltava a tocar. Embora não tenha sido um executante de violão, eu tinha vontade de fazer o curso para aprender liturgia e aprender um pouco mais de música também.

C: Mas por que você escolheu o CEMULC? Você podia ter escolhido outra instituição, uma escola de música, por exemplo.

N: Eu escolhi o CEMULC porque era mais acessível. A escola de música eu acho que seria mais cara. Optei por causa do custo, mas não só por ele. O CEMULC está ligado à igreja. Foram dois fatores muito importantes: o custo e a ligação com a igreja, que foi determinante.

C: Você faz algum trabalho na igreja ou só frequenta as reuniões?

N: Não quero ser pretensioso, mas na igreja eu presto um serviço até certo ponto singular. Porque eu vejo que as igrejas, em geral, sofrem muito por não contarem com assistência técnica de um sonoplasta e, aqui na minha comunidade, eu presto esse serviço. Eu conserto equipamento; quando não está na minha alçada, mando consertar, compro, opero, ensino alguém a operar. Faço esse trabalho e também participo da liturgia. As igrejas sofrem. Eu sei, e você pode perguntar para qualquer padre como é o som da igreja de Campinas. Se for um padre que circula bastante vai dizer que é precário. Tem muita microfonia e às vezes o microfone funciona, às vezes não, e isso é geral.

C: No CEMULC você faz alguma disciplina optativa?

N: Faço canto e tinha em meta fazer 3 coisas: canto, violão e teclado. Aí comecei a pensar que se eu fizesse canto, violão e teclado, quando chegasse na aula seguinte geralmente não teria feito nada e me apresentaria para o professor do mesmo jeito. Então dispensei o teclado e o violão e faço só aula de canto.

C: Desde quando você faz as disciplinas optativas?

N: Depois do primeiro ano. Eu acho que foi já no segundo semestre de 2008 que comecei a fazer aula de canto. É, foi.

C: É norma ter que concluir o primeiro semestre do curso para fazer as disciplinas optativas?

N: Agora não mais. Acho que agora já pode cursar desde o começo, mas eu comecei em agosto de 2008.

C: Por que você escolheu a disciplina Canto?

N: Porque uma vez eu vi aqui na vizinhança uma placa grande que dizia assim: aulas de canto. Isso foi há cinco anos e eu me lembro porque falei para o cidadão que minha idade era cinquenta e nove. Ele me respondeu que não, com cinquenta e nove não dava e me dispensou. Ele não falou nesses termos, mas deu a entender que com cinquenta e nove anos a gente não serve mais, não canta mais, não dá para aprender, não tem condição. Em resumo, ele me passou isso. Aula de teclado, aula de violão eu sei que consigo em qualquer lugar, a qualquer hora. Canto eu não vou conseguir em qualquer lugar e criei esse conceito por causa dessa resposta. Quando o CEMULC abriu essa possibilidade eu peguei. Selecionei canto em detrimento do violão e teclado porque o canto era mais difícil.

C: Você acha que esse professor tem razão?

N: Não tem, não. Ele me respondeu assim e a resposta dele não me abateu. E aí, por sorte, veio a possibilidade do CEMULC. Então acabou confirmando minha expectativa: ele era alguém pretensioso, que tinha feito aulas na Itália, estava disponível para dar aulas aqui e me respondeu assim.

C: Qual é o seu estilo de música, cantor e compositor preferidos?

N: [*Nesse momento o entrevistado faz uma pausa para pensar.*] Eu gosto de todos os estilos de música. Desde a música de raiz, de viola até música clássica. Cantor eu diria alguns: Roberto Carlos, o falecido Altemar Dutra, Ataulfo Alves, Vicente Celestino, os antigos. E compositor seria o Tom Jobim.

C: Antes de fazer aulas no CEMULC, você já tinha estudado música?

N: Não, só tinha estudado sozinho; na escola, não. Eu estudava, fiz até curso de violão por correspondência. Tem toda sequência de apostilas e eu as tenho guardadas. No CEMULC aprendi bastante, mas eu já sabia bastante também. Então, é uma porção de coisas assim que engrenam. Eu sabia umas coisas e aprendi outras que vieram junto e enriqueceram um pouco mais o aprendizado.

C: Por que você nunca fez aula?

N: Acho que por uma questão de prioridade. Eu vim para Campinas já casado, tinha vinte anos e uma filha. Eu tinha só o curso primário – quatro anos do fundamental – e tive que lutar com a vida, buscar aprender um pouco mais profissionalmente. Depois que consegui fazer o nível técnico junto com o curso profissionalizante de eletrotécnica, ainda tinha necessidade de ganhar mais recursos. Eu cometi um erro porque não fui fazer faculdade, fui dar aulas em escola profissionalizante para profissões voltadas à indústria, como curso de eletrônica industrial e de eletricidade industrial. Fui ensinar os outros e deixei de fazer o meu curso superior. E, enquanto isso, não sobrava espaço pra música.

C: Mas você veio de Ubiraçara para Campinas?

N: Não, eu saí de Ubiraçaba com quatro anos e fui para Tupã, uma cidade que fica para lá de Marília, a setenta quilômetros. Marília fica bem no interior do estado de São Paulo. De Marília a Tupã são setenta quilômetros e de Tupã até a divisa do Mato Grosso, mais uns trezentos. Então, como estava dizendo, durante essa luta não sobrava espaço para a música. E eu vim da Bahia com meus pais, fui para Tupã, cresci lá, na zona rural. E quando tinha vinte anos, em 1967, vim para Campinas e até agora estou aqui.

C: Você ganhou seu violão com nove anos?

N: É, com oito ou nove anos, por aí.

C: E desde sempre tocou, mesmo parando e voltando?

N: Sempre tive um violão. Às vezes ficava lá guardado um tempão, um ano, dois, daí resolvia retomar.

C: Por que o violão?

N: Porque os recursos dos meus pais eram muito pequenos. A gente sempre teve dificuldade na luta e meu pai, apesar disso, me deu um violãozinho simples, aquele que não tinha nem engrenagem. As chaves eram de madeira e quando acabava de afinar ele voltava sozinho. Foi o instrumento que eles tiveram condição de fazer uma aquisição mais barata [sic].

C: Eles deram porque você pediu?

N: Olha, acredito que sim. Devo ter pedido, porque senão eu acho que eles não teriam dado. Eu não lembro, mas acho que devo ter pedido.

C: Hoje você ainda toca?

N: Sim, aliás, acho que já faz mais de um ano que eu não pego. Mas está guardadinho.

C: Com que frequência você costuma tocar? Você toca na igreja?

N: Não, na igreja tem tanto instrumentista que eu não disputo espaço com eles, entendeu? Eu cheguei a começar a tocar em alguma comunidade¹, depois chamei alguém para tocar junto e acabei saindo e deixando ele lá no lugar. Aconteceu bastante isso aí. Aconteceu na igreja, aconteceu numa outra comunidade que fica no bairro São Bernardo, chamada Curso de Liderança Cristã², que tem reuniões todas as segundas-feiras à noite – e que agora não está mais lá. Não tinha ninguém para tocar nas reuniões e eu comecei. Levei duas pessoas para lá depois que eu comecei e tocávamos os três juntos. Acabei deixando os dois e, dos dois, acabou ficando um. Tem só um e é aquele um que eu levei e que ainda está lá.

C: O senhor canta?

N: Também. Atualmente eu participo no canto. Aqui na igreja tem três grupos. Não pertencço a nenhum deles, mas canto com os três. Só que não me aproximo do microfone deles – eu fico próximo e canto sem microfone. Aprendi no CEMULC que o microfone não é muito saudável porque enquanto a minha musculatura deveria estar se exercitando, eu divido essa atividade com o microfone. Quer dizer que estou levando prejuízo. Eu prefiro não usar, ficar mais longe e usar um pouco mais a musculatura para me exercitar.

C: Tirando as aulas, o senhor canta só na igreja ou em algum outro lugar, como em casa?

N: No CEMULC eu canto no coral, participo do Coral da Arquidiocese. Esse coral se reúne todas as segundas-feiras das 19h às 22h para ensaio. E agora, neste semestre está acontecendo um ensaio de quarta-feira, quinzenal.

C: É por causa da missa de Corpus Christi?

N: Não, é porque o regente escolheu umas peças mais complexas. Então, o grupo todo acaba cantando e a música não fica muito... , tem que limpar. Para isso precisamos de mais encontros, mais ensaios.

¹ O termo “comunidade” é usado para designar um grupo de pessoas que frequentam determinada igreja.

²CLC.

C: É que eu vi o pessoal ensaiar bastante para a missa de Corpus Christi. Pensei que fosse por causa disso.

N: A missa de Corpus Christi é dada não só para o coral do curso, mas para todos os alunos.

C: Agora vou puxar pela sua memória: em que situações você pega o violão para tocar? Você está triste, alegre, sozinho, acompanhado ou nenhuma destas opções? O que faz você pegar o violão e tocar? [*Nessa pergunta tive que dar um exemplo porque ela não foi compreendida.*]

N: Eu não consigo associar nenhuma destas coisas e apontá-las como motivadoras. Acho o violão um instrumento que, dependendo da maneira como você toca, é um grande tradutor da sua condição emocional. Às vezes, pensando assim, eu me aproximo dele e começo a estudar. É uma forma de expressão. Mas, eu não sei se sou muito guloso, porque quero fazer um monte de coisa ao mesmo tempo e depois, de repente, percebo que faz quinze dias que não pego no violão, faz um mês. Aí embala e você percebe que faz seis meses, faz um ano. Apesar de aposentado, eu levanto cedo e não vou dormir muito cedo, o tempo voa. Não sei o que acontece: eu que quero fazer muitas coisas e aí não faço direito nenhuma, sempre fico em déficit. Quando alguém escolhe uma coisa só e fica só com aquilo, tem a chance de aprimorar e fazer muito bem feito.

C: Quais são as outras coisas que ocupam seu dia? Quais são seus outros interesses?

N: A música. O coral me toma um tempo muito grande. Eu não sei receber uma partitura sem reescrevê-la se ela estiver suja, se estiver difícil de ler.

C: Você faz à mão ou no computador?

N: Eu faço no computador. Como não sou músico, não sei ler a partitura, então aproveito para passar a limpo e, ao mesmo tempo o computador vai poder tocar com precisão pra mim.

C: E qual programa você usa?

N: Uso o Sibelius. Estava usando o Encore, mas depois a professora das disciplinas de Estruturação Musical I e Teclado falou que o Sibelius é muito melhor e aí eu fui atrás. Fui até São Paulo, na Santa Ifigênia³, porque é muito caro você comprar o oficial⁴. Lá eu consegui o programa pirata. Mas, quando puder, quero comprar um com licença, direitinho. Acho um pouco desleal pegar um *software* pirata e fazer uso. Ele é tão rico, tão poderoso e você está se apropriando de uma intelectualidade, está desfrutando de algo pelo qual você não pagou nada. Eu acho que devo comprar. Mas eu não tenho muita paciência. Dia desses recebi uma partitura em que as notinhas não tinham haste. Todas estavam sem haste e eu fiquei um dia inteiro

³Região da cidade de São Paulo, famosa por vender produtos eletroeletrônicos e de informática.

⁴No dia 24/8/2011, o programa estava sendo vendido a \$599,99 (dólares) na internet.

procurando como é que faz isso no programa e não consegui. A nota era preta, sem haste e o dia inteiro eu não consegui. Eu imprimi e apaguei manualmente todas as hastes. [*Nesse momento o entrevistado dá uma gargalhada.*] Eu tenho a partitura sem haste, mas não fiz do jeito normal.

C: Isso toma muito tempo mesmo, né?

N: É, toma muito tempo. A gente pega um material bastante complexo, e por quê? Eu interpreto o seguinte: o regente do coral é músico profissional e ele tem esse coral. Ele, assim como o atleta, se não fizer exercício, acaba atrofiando. Eu acho que com a música é a mesma coisa. Ele é bacharel em música e regente; se não fizer isso com um certo grau de dificuldade, não vai progredir profissionalmente. O problema é que ele não tem músicos profissionais para montar um coral, então tem que fazer isso com a gente. Nós sofremos porque somos amadores, mas somos beneficiados porque estamos lidando com um profissional de competência. Só que para ganhar esse benefício, perdemos um tempo muito grande. É por isso que, às vezes, penso em parar: “Vou parar, aí sobrar bastante tempo para fazer outras coisas”. Mas, se parar, vou perder todo esse tempo que já investi. É uma tentação. . . , tem tanta coisa boa para fazer, né? [*E aqui o Sr. Nivaldo dá mais uma risada.*]

C: O pessoal da sua casa, sua esposa, seu neto, eles se interessam por música?

N: Ela gosta como ouvinte. Neste último domingo nós fomos para Piracicaba e eu acho que foi a primeira vez que ela saiu para ver o coral de perto. Ela participou da missa e ouviu o coral. Eu andava um pouco cabisbaixo, já pensando em parar, e a manifestação dela fez crescer meu interesse em continuar. E aquela combinação de vozes está muito bonita. A gente no coral não percebe, não consegue ouvir porque está preocupado em cantar a sua linha. Se você não tem um preparo muito grande, a sua preocupação não deixa você ouvir os outros. Então, eu recebi uma força para continuar no coral por causa da manifestação dela.

C: Eles costumam ouvir você cantar ou tocar?

N: Não, aqui em casa esse tipo de coisa praticamente não existe porque, na escola, conversando com o professor de Técnica Vocal I, que tem muita competência, aprendi o seguinte: que, dependendo do tipo de música, dependendo do tipo de interpretação ou de estudo que você está fazendo, você pode incomodar o vizinho. O canto nem tanto, porque não é um negócio muito forte. Mas o ideal seria que não deixasse vazar o som através das paredes da casa para não incomodar ninguém. Aqui em casa eu tenho um porão que fica embaixo desta sala onde estamos, sem janela e apenas com um tubo para saída de água. Então, eu faço meu barulho lá para ninguém ouvir, para não incomodar os outros. Por isso, não existe essa prática de cantar e

os outros apreciarem. Na igreja minha esposa acompanha. No coral, como eu já lhe disse, foi a primeira vez que ela foi, depois de três anos. Então, ela tem me visto cantar na igreja. Está participando da mesma celebração que eu e lá ela me vê cantar.

C: O senhor considera a música importante? Por quê?

N: Muito, muito importante. Porque na música você está rezando duas vezes. Caiu minha ficha: quando alguém diz que “cantar é rezar duas vezes”, então isso significa que cantar é duas vezes mais importante do que rezar. Eu posso resumir tudo isso que estou pensando em: a música penetra o nosso ser e nos modifica. Daí vem a sua importância.

C: E a respeito da importância das aulas de música? O que elas representam hoje pra você?

N: Estudar sozinho, como até pouco tempo eu tinha feito, é bom, a gente aprende. Já as aulas de música na escola, como tenho tido nestes últimos três anos, têm sido excelentes porque elas chegam de uma forma oficial. Você pode dizer para alguém ou você pode sentir “eu ouvi alguém falar isso dessa matéria musical”. Outra coisa é que quando se estuda sozinho você aprende determinadas coisas e, na escola, o professor preenche as lacunas daquilo que você não aprendeu. Agora eu não sei o que acontece quando alguém não estudou sozinho e estuda só na escola. Se ele não captar tudo o que o professor ensinar, também ficarão lacunas.

C: Como você imagina sua vida sem as aulas de música?

N: Olha, com as aulas de música a gente já tem dificuldade. A gente sofre a ação do mundo e isso cria, de certa forma, algum atrito – que pode ser traduzido como estresse. Eu acho que, se não estivesse ligado à música, o estresse seria grande, o quadro poderia ser totalmente outro, talvez até doenças. Eu não sei, é difícil de responder.

C: Que sentimentos você tem quando está nas aulas? Por exemplo: o senhor se sente feliz, frustrado por não conseguir acompanhar as aulas, como se estivesse realizando um sonho?

[Esta pergunta eu também tive que explicar e exemplificar, pois o entrevistado não estava compreendendo.]

N: Frustrado eu não me sinto, jamais. Graças a Deus, sempre tive uma saúde suficiente para acompanhar todas as explicações em sala ou ter um controle para aguardar o momento certo de entender determinada coisa que eu tenha mais dificuldade. Enfim, isso eu tenho administrado muito bem. Triste dentro da sala de aula, nunca, porque o que eu poderia fazer de melhor do que estar lá? Não sei, talvez nada. Então, lá na sala de aula eu sempre me senti no lugar correto, num lugar onde estou fazendo aquilo que gosto de fazer. Eu acho que, naquele momento, não teria nada melhor pra fazer.

C: Quando você está cantando ou tocando, quais sentimentos são despertados? [*Nesse ponto da entrevista tivemos que fazer uma pequena pausa porque o entrevistado se emocionou, seus olhos se encheram de lágrimas. Depois de alguns minutos de silêncio, ele me pediu desculpas e retomamos a conversa com ele ainda muito emocionado.*]

N: Eu me lembro bem de uma que vez o regente disse assim: “É muito gostoso a gente se assemelhar aos querubins e poder cantar a pleno pulmão ‘Santo, Santo é o Senhor’”. Talvez pela minha condição de pecador é que eu não consegui falar com você sem chorar.

C: Você encontra alguma dificuldade nas aulas e quais seriam elas?

N: Não, não tenho não. Às vezes eu gostaria de falar alguma coisa para tentar facilitar o entendimento de alguém, mas tenho conseguido me segurar porque isso é uma interferência e cabe ao professor, não a mim. Quer dizer, eu não sei se em alguns momentos deixo escapar e acabo interferindo. Mas não é por deficiência do professor e nem por dificuldade minha. É claro que a gente tem algumas dificuldades, mas elas nunca se estenderam muito. Elas existem, depois vão diminuindo e aí a gente entende a matéria. Isso não quer dizer que elas sumam de uma vez por todas só porque você compreendeu. Você não assumiu o controle total, mas senti que sabe como é. Ao fazer exercícios, se prestar bem atenção, você faz tudo certinho, mas, se não tomar cuidado, erra. Essa é a forma como eu sinto a coisa.

C: Você sente alguma dificuldade para tocar ou cantar?

N: A grande dificuldade da música não é a teoria. Entender a teoria musical é simples. A grande dificuldade da música é fazer a música. É colocar todas as notas, todas as pausas em seus devidos lugares, e isso significa dentro do seu tempo. E só consegue fazer música se você treinar bastante. Essa dificuldade eu tenho e muita: pego a partitura, tenho que prestar muita atenção para errar o mínimo e erro bastante. Lembro que em 2005 eu peguei a partitura da Cantata 147, de Bach, para tocar no violão. Eu cheguei até o meio depois de uns três meses de estudo e eu acho que por causa desse monte de coisa que gosto de fazer, acabei deixando e, quando percebi, estava parada. Mas, de vez em quando olho a partitura lá, olho o violão e dá vontade de retomar, porque é muito legal.

C: As aulas de música lhe trouxeram algum benefício? Por exemplo: melhora na memória, na coordenação motora, na socialização, concentração, na sua disposição?

N: Eu quero crer que, do ponto de vista físico, de saúde, fez um bem muito grande. Do ponto de vista social também. Porque, por exemplo, ainda hoje alguém me telefonou pedindo para eu participar de uma vigília no próximo sábado, orando e cantando com instrumento. Quer dizer, alguém sabe que faço isso e estou incluso na sociedade para fazer esse tipo de coisa.

Então, tanto físico como social, com certeza gerou um bem muito grande.

C: Na sua percepção, na sua sensibilidade, você percebeu alguma mudança? Você ouve melhor, sente a música de forma diferente quando ouve ou toca? O fato de você fazer aulas contribuiu para mudar alguma coisa na forma como você ouve a música ou sente a música?

[Esta pergunta foi difícil de explicar em todas as entrevistas que fiz. Tive que dar exemplos e explicar mais de uma vez para que os entrevistados entendessem.]

N: É difícil de responder, porque como seria se não tivesse feito as aulas? Como eu seria? Eu não consigo imaginar isso, dentro dessa análise que você está pedindo. Mas, não tenho dúvida, que hoje posso ouvir as músicas de uma forma diferente de como eu ouvia. Alguém que não conhece, quando ouve uma peça, não percebe que há uma organização de notas e pausas e que está dentro de um tom, de uma altura. Quer dizer, com o pouco que a gente aprendeu, já conseguimos saber que determinada peça está dentro de um contexto e escala; outra está numa diferente. São coisas que a gente já consegue ouvir e saber que existe dessa forma. Eu não sei mais o objetivo da sua pergunta, o que ela quer, o que ela enxerga como resposta para ser completa.

C: Isso também, mas a forma como você escuta, não só analisando a questão da teoria, como isso lhe toca? É na questão do sentimento. Antes você escutava de um jeito, e hoje, você escuta de outro? As aulas ajudaram a perceber a música de outra forma? Ou você sempre sentiu desse jeito?

N: Provavelmente as aulas devem ter tido muita influência, sim. Eu diria que as aulas devem ter tido influência até para ouvir o canto dos pássaros, afinal também é um canto. Não está escrito nas partituras a forma como eles devem cantar, mas é algo da mesma natureza. Eu diria que até nesse aspecto as aulas devem ter me influenciado, só que eu não sei qual a nuance de interferência.

C: Você lembra quando começou o seu interesse pela música?

N: Ah, com certeza meu interesse por música deve ter surgido antes dos oito anos. Foi o que motivou meu pai a me dar um violãozinho, apesar da dificuldade dele. Naquela época – 1955 –, na zona rural, praticamente ninguém tinha rádio. A música era algo quase que ausente naquele local, naquela época. Aos poucos foi chegando o rádio. Eu me lembro da primeira vitrola que um vizinho trouxe: era de manivela e se dava corda para rodar um disco de 78 rotações que talvez você nem conheça. *[Nesse momento o entrevistado dá uma gargalhada.]*

N: O som daquilo era esquisito. Eu acho que a modulação que a ranhura tinha era ampliada por um cone e aí saía uma voz. Para a época era razoavelmente boa. Isso começou a trazer

música. Já havia discos e na época eu ouvia muito os do Luiz Gonzaga, do Nordeste. Nos anos sessenta aparecerem os rádios de pilha e a partir daí a música começou a chegar mais ao campo. A influência dela nos primeiros tempos da minha vida foi através do radinho de pilha. Depois, quando eu vim para Campinas, já comecei a estudar eletrônica, rádio, televisão, e ficou mais próxima.

C: Você se lembra de alguma canção ou de músicas que você aprendeu na escola ou que a sua família cantava quando você era pequeno?

N: Eu estou tentando lembrar de uma que a gente aprendeu na escola: “Canta soldado, cabeça de papel, se não cantar direito vai preso no quartel”. Mas tinha uma outra. [*Nesse momento ficamos algum tempo em silêncio para ver se o entrevistado conseguia lembrar de mais alguma coisa.*] Eu não estou conseguindo lembrar a outra: “Dó, ré, mi,...; Dó, ré, mi, fá...”. Não, não recordo.

C: Você se lembra de algum fato importante da sua vida que esteja relacionado com a música?

N: Nessa época dos anos sessenta, eu lembro de duas pessoas. Eles eram pernambucanos e tocavam muito bem violão. Um deles também tocava acordeão; ambos tocavam muito bem. Aquelas eram as pessoas próximas que eu admirava como músicos. Atribuo isso como fato importante: ter conhecido estas pessoas naquela época e ter visto de perto eles tocarem. Eles não eram músicos; ganhavam a vida também trabalhando na zona rural e eu não sei por que razão eles tocavam muito bem. Moravam perto da minha casa e nos eventos musicais daquela pobre comunidade, eram eles que animavam, que tocavam. Eu digo “pobre” porque era uma região de lavouras de amendoim, a 30 quilômetros da cidade mais importante, que era Tupã. Era um distrito e tinha uma grande população de lavradores. E estas duas pessoas eram o destaque da música naquela comunidade onde eu os conheci.

C: Que sons estavam presentes na sua infância? Não estou falando especificamente de música, mas dos sons que você lembra de escutar. E, destes sons, quais que hoje você não escuta mais? [*Foi muito difícil conseguir respostas para esta pergunta em todas as entrevistas. Ficamos alguns minutos em silêncio para que o entrevistado pudesse lembrar de algum som.*]

N: Dos sons que eu escutava na época e hoje não escuto mais? Olha, não vou saber te responder que som que eu ouvia e que hoje eu não ouço mais.

C: [*Nesse momento percebi que seria necessário explicar melhor a pergunta para que o entrevistado entendesse o que eu estava querendo dizer.*] Quais sons existiam naquela época, na sua infância? Você vivia no campo?

N: No campo tinha o canto dos pássaros, mas hoje eu continuo ouvindo mais do que naquela época. Possivelmente naquela época eu os ouvia e talvez não desse tanto valor. Hoje tenho a felicidade de a cada quinze dias ficar dois ou três dias no campo. Eu tenho um pequeno sítio em Caconde⁵ e, de vez em quando, vou para lá. Lá tem seriema, tem tucano, canário-da-terra e, com certeza, ouço todos com muito gosto. Porém, dos sons que eu ouvia e que hoje não ouço mais, tenho que falar do ponto de vista técnico. No início dos anos setenta eu comecei a consertar televisão. Nela existe uma frequência que é audível para os ouvidos que têm certa acuidade, certa precisão no ouvir e que, como a curva auditiva cai com os anos, sei que não ouço mais. Recentemente, comprei um instrumento para afugentar morcegos para colocar na casinha do sítio. Ele gera uma frequência de, aproximadamente, uns trinta quilo-hertz, que o nosso ouvido não ouve. Ouvido bom consegue ouvir até próximo dos vinte. Um dia meu neto e uma amiguinha dele foram para lá, junto com os pais. O meu neto perguntou o que era “esse negócio que estava fazendo barulho” e todos ficaram sem entender. Eu sabia do que ele estava falando, afinal o ouvido dele é de jovem. Falei para ele desligar o aparelho da tomada e ele quis saber qual era a sua finalidade. Expliquei que era um aparelho para afugentar morcegos e que só os dois estavam ouvindo porque os adultos não conseguiam. Eu consigo falar de algo do ponto de vista técnico, mas do ponto de vista sentimental, vou ficar lhe devendo.

C: Algum som de casa, do trabalho ou da escola, que você lembra? [*E voltamos a ficar alguns minutos em silêncio, pensando.*]

N: Puxa vida, eu não consigo. Não consegui até agora. Tenho uns sons que ouvi na época, numa fazenda vizinha, num determinado dia, mas nada recomendável para reproduzir para você. Já faz uns cinquenta e cinco anos que isso aconteceu. Sons que eu ouvi naquela época. Não deve caber na sua pesquisa, mas também não há prejuízo. [*Nesse momento eu desliguei o gravador. O senhor Nivaldo me contou um fato do qual ele nunca se esqueceu por causa dos sons que ouviu.*]

C: O que você acha do ambiente sonoro da cidade atualmente, dos sons que escutamos hoje?

N: Os ruídos são inevitáveis porque eu, com certeza, produzo os meus e tenho necessidade de produzi-los. Todas as pessoas têm essa mesma necessidade. A somatória desses ruídos não é saudável e, se a gente pudesse eliminar, todo mundo iria assinar embaixo. Em alguns aspectos, em alguns momentos eles incomodam.

C: Destes sons que ouvimos hoje no nosso ambiente sonoro, quais são os que mais lhe agradam?

⁵Município do estado de São Paulo, a cerca de 200 quilômetros de Campinas.

N: A música.

C: E quais são os que mais desagradam?

N: Embora não sejam propriamente ruídos, são as notícias de coisas ruins que chegam através da informação auditiva. São as más notícias.

C: Por que isso desagrada?

N: Por causa do meu sentimento de salvação. Fico triste com a história da salvação porque, se eu me salvar, como ficam os outros? Então, se você recebe má notícia é porque não há felicidade total, e isso atinge a gente e desagrada.

C: Por que você optou pela música como atividade? Poderia ter escolhido fazer outra coisa.

N: Não quero que você interprete isso com maldade, que esteja respondendo com maldade. Eu quero crer que já disse: acho que a minha escolha pela música, feita talvez até pelo subconsciente, que estava buscando uma resposta completa, se deva ao fato de ela, quando penetra em nosso ser, causar benfeitorias, causar o bem.

C: Eu queria que você me contasse algum fato ilustrativo ou importante da sua vida que esteja relacionado com a música, mas que tenha acontecido depois dos sessenta anos de idade.

N: Depois dos sessenta? Deixa eu pensar. [*E mais alguns segundos de silêncio.*] Eu não sei se é esta a resposta que você espera: como participo do coral, apesar de sentir que os trabalhos tomam muito tempo, sinto uma satisfação muito grande. Eu não sei se isso é uma falha, porque todo nós temos um pouco de vaidade – receber aplausos causa uma satisfação muito grande e isso tem ocorrido em várias apresentações. Sentir que o público fica de pé para aplaudir você é o máximo.

C.2 Maria Helena Garcia de Sales

Carolina: Desde quando que você faz aulas no CEMULC?

Maria Helena: Entrei este ano, é o primeiro ano.

C: Por que você decidiu fazer o curso?

M: Eu faço parte da Pastoral Afro, na Paróquia de São Benedito. A gente teve uma reunião na Cúria, sabe onde fica? É na quadra de cima do Pio XII⁶. É numa casa rosa, então a gente chama de Casa Rosa. No intervalo da reunião da Pastoral Afro, eu estava vendo uns pôlderes que ficam num balcão. Aí, olhando um, olhando outro, vi o pôlder do CEMULC que, até então, eu não conhecia, não tinha nem noção do que se tratava. Eu me interessei e trouxe para casa e pensei: “Puxa, isso daí está parecendo comigo, está meio familiar”. Mostrei para as meninas, falei que havia me interessado e me inscrevi. Daí fiquei naquela ansiedade, porque acho que tudo isso foi uns dois meses antes de começar o curso, que teve início com uma missa na Catedral. Eu estava contando os dias. Porém, não comentei com o pessoal da comunidade⁷, não, porque tem muitas pessoas que se dizem amigas da gente, mas não querem que a gente faça alguma coisa além daquilo que a paróquia oferece. Então, só comentei com algumas pessoas. Eu me inscrevi, chegou o dia da missa e convidei algumas pessoas da comunidade, mas infelizmente ninguém compareceu. Eu acho legal fazer parte de uma comunidade, ter oportunidade de fazer um curso como este!

C: Você foi fazer o curso porque já tinha interesse por música?

M: Já. Eu tinha feito parte de um coral há 5 anos e o regente era formado em música pela UNICAMP. Porém, ele ganhou uma bolsa de estudos e saiu do Brasil. Eu não me lembro o país certo. Às vezes falo um e as meninas falam que não, que é outro. [*A entrevistada já tinha me contado essa história em uma de nossas conversas no intervalo das aulas no CEMULC.*]

Eu continuei a participar do grupo, mas ficou sendo, como diz o professor de Técnica Vocal I, cantar por cantar, sem técnica, sem ter preparo vocal, postura, todas essas coisas.

C: Por que você entrou nestes grupos de coral, antes do CEMULC? O que motivou você?

M: Ah, sempre gostei de cantar, sempre. Eu sempre trabalhei com criança, e na catequese a gente cantava muito com elas. E, por eu ser babá, tenho que cantar para dormir, cantar para brincar, então... Mas, independente disso, sempre gostei de cantar.

⁶Colégio onde são realizadas as aulas do CEMULC.

⁷“Comunidade” se refere à comunidade paroquial (grupo de canto, grupo de leitores) da qual a entrevistada faz parte.

C: Por que você escolheu o CEMULC? Você poderia, por exemplo, ter escolhido uma escola de música, um conservatório.

M: Optei pelo CEMULC por causa do custo. Com tudo isso que eles oferecem, acho o custo ótimo. Qualquer pessoa, independentemente da classe social, tem condições de fazer. Eu me deparei com o curso e achei uma coisa bem preparada. Eu sempre tive oportunidade de fazer escola de música. Cheguei até a fazer técnica vocal, um trabalho de fonoaudiologia na UNICAMP, porque estava em três grupos de canto na comunidade e estava forçando a voz, não estava tendo postura, e isso estava me prejudicando. Aí eu consegui uma vaga na fonoaudiologia da UNICAMP e comecei a fazer. Foi o que melhorou um pouco, mas lá é só a parte de fono, o que já ajudou bastante. Depois eu fui saindo dos grupos e fiquei só em um. Não adianta estar em três grupos e não estar bem em nenhum deles, então optei por um só, em que eu continuo até hoje. Também estou lá no CEMULC agora e, se Deus quiser, a gente vai ter um grupo futuramente.

C: No CEMULC você faz alguma disciplina optativa?

M: Não, ainda não. Eu creio que agora no segundo semestre é que a gente vai ter oportunidade de escolher o instrumento. É no segundo semestre.

C: Você já pensou em alguma coisa?

M: O Centro Comunitário da Padre Anchieta oferecia curso de violão – era um projeto da Prefeitura – há um bom tempo, uns 4 anos, e eu e minha neta íamos para essas aulas gratuitas. Mas a prefeitura não continuou mandando verba, e tinham os professores, que faziam um trabalho mais voluntário do que profissional. Infelizmente terminou o curso e eu parei. Estou pensando em optar este ano não pelo violão, mas pelo teclado. Vamos ver, né? Como diz a professora de Estruturação Musical I e Teclado, “está pensando o quê? que vocês vão optar por teclado e não vão ter que estudar? Vocês vão ter que estudar a mesma coisa!” Mas eu acho que o manuseio do teclado é mais fácil que o do violão.

C: Se você não gostar, você muda.

M: Exatamente, mas estou animada, estou muito animada. Eu acho que a gente, depois que passa dos 50, tem que fazer uma coisa que goste [*sic*], com a qual se identifique, e eu estou amando. Agora eu já falo para as pessoas que estou fazendo as aulas no CEMULC. Para me matricular no curso, o padre da nossa comunidade teve que escrever uma carta para que eu levasse ao CEMULC⁸. Ele falou: “Maria Helena, espero que você conclua este ano, este primeiro ano”. Eu falei: “Padre, o senhor sabe, o senhor me conhece já há quase 20 anos. A

⁸Esta é uma exigência do curso: o aluno deve ser indicado pela paróquia que frequenta.

única coisa que eu interrompi na minha vida foi por causa da doença do meu marido. Só vou parar se acontecer alguma coisa que me impeça de continuar, mas, independente disso, vou cansada, mas vou.” Eu estou gostando. Nossa, como é bom!

C: Qual é o seu estilo de música, cantor e compositor preferidos?

M: São tantos, né? Cantor que eu amo de paixão desde a minha adolescência é o Jair Rodrigues, mas não sei se ele é compositor. Como eu gosto! Eu já tive oportunidade de conhecê-lo na livraria FNAC. Fui também para uma outra apresentação dele na praça de alimentação e em outra no teatro, ambas no Shopping Dom Pedro. Além disso, ele participou de uma peça. Como as meninas também gostam, elas me levaram e nós conversamos com ele, pedimos autógrafa, tiramos fotos, enfim, uma série de coisas. Sempre gostei. Eu sou mais assim, do lado MPB: Elis Regina, Caetano, Gil, essas coisas. Isso não quer dizer que não goste dos internacionais, mas o meu estilo é MPB. Lógico, às vezes eu aprecio um sertanejo de raiz. Tem os outros que são bons também, que não são de raiz, mas a raiz é... Assisto muito a Inezita Barroso. Como eu gosto daquele programa! É aos sábados, e domingo repete, ou é de domingo e sábado repete, sei lá... Termina a missa de Aparecida, logo já é o “Viola Minha Viola”. Rolando Boldrin, também. Adoro aquele programa dele, como eu gosto do “Sr. Brasil”. No programa dele vem aquele pessoal que eu não vejo há muito tempo e, daí, fico viajando. Com relação a música, são tantas! Da Elis Regina então... lindo, lindo. Inclusive uma das minhas meninas é fanática pela Elis. Ela tem uns CDs e, além disso, também tem um pouco a linha musical, esse gosto pela música. Começou a aprender violão e começou a fazer um trabalho na área de música – se apresentava em barzinhos, mas agora ela não tem mais tempo. Tinha um menino da UNICAMP, na época em que ela estudava lá, que a acompanhava no violão. Ela fazia apresentações em barzinhos, na escola e no cursinho onde dava aula. É o Herbert de Souza, você já ouviu falar? Fica lá na Vila União. É que tem um pessoal da UNICAMP que dá aula nesse cursinho e teve apresentação no dia da formatura. Ela ia para o barzinho e a família ia também. Era só a família, mas a gente ia! Sobrinhos, irmãs, cunhados. Foi uma época boa, superlegal! Mas, com relação à música, nossa, são tantas. Eu gosto de uma da Elis Regina que se chama *Como os nossos pais*. Mas tem tantas... *Disparada*, do Jair Rodrigues. Eu gosto muito da Maria Rita!

C: Ela fará um *show* na sexta-feira⁹.

M: Nós vamos. Já compraram o ingresso para mim, então nós vamos. Será em Souza¹⁰. Eu perguntei se não poderia levar um banquinho e minha filha respondeu que não podia: “Não, mãe, não pode nem que a senhora queira levar banquinho. Nós vamos mais cedo e a senhora

⁹Maria Rita fez um *show* em Campinas, na semana em que a entrevista foi feita.

¹⁰Bairro de Campinas.

fica sentadinha no chão porque nós vamos ficar na galera. A senhora vai ao banheiro se tiver que ir, porque, depois, quando começar...” E você não vê o tempo passar.

C: O que você mais gosta de cantar? Que tipo de música você gosta de cantar?

M: Eu canto tudo. Às vezes fico aqui em casa cantando, apesar de não ter tempo agora. O que eu tenho cantado mais, acho que por causa do curso, por causa do grupo de canto de sexta-feira, é música litúrgica. Não tenho tempo de cantar outra coisa. Música de criança também, porque eu fico com as crianças. Elas estão com quatro meses, a mãe coloca vídeo, CDs e eu canto aquelas musiquinhas.

C: Mas o que você gosta de cantar? Qual é o seu gosto?

M: Eu gosto mesmo é de MPB, mas ultimamente o que tenho cantado muito na igreja são os Salmos. Por exemplo: a menina¹¹ faz a programação das músicas, desde a música de entrada até o canto final¹². Na comunidade, nesse grupo, sou a salmista oficial, então eu canto o salmo. Adoro. Ela fala para mim que sou eu quem vai cantar o Salmo em determinada missa e eu fico a semana toda cantando, vendo a melodia, o que mais encaixa na letra...

C: É você que cria a melodia?

M: Não, essa melodia que eu canto, até então, não conhecia. Em 2002, na Chácara Diamantina (BA), aconteceu um projeto missionário e nós fomos para lá, de ônibus, em cinquenta e duas pessoas. Saímos da paróquia. Nossa, que experiência incrível! Nessa época o meu marido ainda estava bem. Eles retornaram lá mais duas vezes, mas depois eu não pude ir. Eles foram em 2004 e 2006. Foi lá que conheci essa melodia e me apaixonei por ela, achei uma coisa que...
[Nesta hora a entrevistada dá um grande suspiro.]

C: Mas pra cada salmo é uma melodia diferente?

M: É, tem pessoas que mudam a melodia. Eu só mudo a minha melodia quando é a Missa Afro. Isso porque tem outros tipos de instrumento, de percussão. Então, não pode usar, por exemplo, o teclado. Até usam, mas na Missa Afro é mais percussão.

C: Essa missa é aberta?

M: A todos. Inclusive a gente teve uma agora, dia 13 de maio. Eu acho que talvez tenha uma em novembro. Ela acontece de vez em quando. A Pastoral Afro existe na comunidade e é vinculada à Cúria. A gente se encontra todo dia cinco de cada mês, em louvor a São Benedito, que é o padroeiro da paróquia aqui da Vila Costa e Silva, do nosso bairro. Às vezes tem uma

¹¹A responsável pelo grupo de canto.

¹²É a responsável que define as músicas que serão cantadas nas missas. Para cada tipo de missa há um repertório adequado.

palestrinha. Sábado a gente teve palestra com uma menina da UNICAMP. A Pastoral Afro aqui é muito pobre, você entendeu? Eu acho que a gente teria que se aprofundar mais, ter mais estudos, porque é meio superficial, meio nata. Então, agora, a coordenadora está propondo que se chame pessoas [*sic*] de fora para que falem mais sobre a causa do negro, as suas origens. Está muito assim: o negro é negro, veio num navio, essas coisinhas, você entendeu? Mas tem muita coisa rica atrás disso daí.

C: Tem uma professora da UNICAMP que estuda sobre a questão dos negros.

M: Minhas filhas a conhecem e eu acho que ela foi professora delas quando fizeram UNICAMP.

C: Elas eram da área de Educação?

M: É, elas são da área da Educação: duas pedagogas e a outra fez Letras, Licenciatura em Línguas. Então, elas conhecem essa professora. Inclusive, uma das minhas filhas que está em Brasília tinha muita amizade com ela, ia na casa dela. Não sei se ela ainda mora em Barão. Só sei que ela é bem famosa.

C: Você já tinha estudado música antes de estudar no CEMULC?

M: Não. Estudar música, não. Eu tinha tido oportunidade de fazer esse trabalho da técnica vocal no coral, mas estudar partitura e instrumento, não.

C: Por que você não estudou música antes?

M: Pelo custo. Como eu falei pra você, o CEMULC abriu espaço, para milhões de pessoas. Não digo milhões, mas mil pessoas. Campinas tem os seus problemas, suas coisas, mas só da Arquidiocese ter tido a ideia de dar esse curso, que não tem em todo lugar, é muito bom. Eu não sei ao certo há quanto tempo existe o CEMULC. Até então, eu ainda não tive oportunidade de falar com os professores, de perguntar como foi fundado, como que [*sic*] aconteceu.

C: Você tocava violão?

M: É, arranhava.

C: Quando você começou a tocar?

M: Acho que faz uns 4 anos, mas o curso não demorou nem um ano. A gente começou, por exemplo, em março e em outubro, foi o encerramento do ano letivo, porque a professora tinha outras atividades. Ela é cantora e se apresenta nessas casas de *shows*, além de ser professora de cavaquinho e violão. Então eu parei. Terminou esse ano, a gente teve a apresentação e depois retomariamos no ano seguinte, mas, como falei, a prefeitura não deu força.

C: Você costuma cantar fora das aulas?

M: Quando tenho tempo, eu canto. Canto com outras pessoas que não entendem muito. Porque é como o professor de Técnica Vocal I fala: cantar, todo mundo canta, mas com postura de voz e com técnica, poucas pessoas cantam. Eu não sou formada em Música ainda, mas tenho, mais ou menos, uma noção da música. Fica claro, e você percebe, se está cantando a melodia certa, se está desafinando. Muitas vezes, no grupo de sexta-feira, vejo que a melodia não está certa e falo para a coordenadora que não é assim. Ela responde que o correto é do jeito que ela está fazendo e fala: “Não é assim, no CD está assim”. Às vezes é música que a gente canta há muito tempo, mas ela acha que não está certo. Ela fala: “Não, não é assim, está errado”. Eu acho chato ficar corrigindo, porque ela é a coordenadora, então eu peço que Deus me ajude e fico na minha. Mas é complicado...

C: Em que situações você costuma cantar?

M: No grupo e com as crianças que eu cuido. E tenho cantado menos em casa.

C: O que leva você a cantar? Quando resolve cantar em casa, por exemplo, como você está? Você canta porque você está triste e quer se alegrar, você canta porque está alegre?

M: É mais quando estou alegre. Esse negócio de tristeza... O meu patrão perguntou se não tem nada que me tira do sério. Eu respondi que não adianta me aborrecer, já me aborreci tanto, já passei tanta coisa. Então, dificilmente me aborreço. Eu tenho sempre esse bom humor, mesmo que não esteja bem, esteja com problema. Acho que quando você vai para o trabalho, para sua faculdade ou para o seu grupo de canto, você tem que deixar seus problemas em casa. Ninguém é obrigado a ficar com mau humor. É uma observação que tenho feito e eu já percebi, não julgando, porque quem sou eu para julgar... – tem pessoas lá no curso, principalmente uma das minhas colegas, que são mal-humoradas. No caso dela, o mau humor é constante. Eu não a conheço a fundo, não sei qual o tipo de vida dela, os problemas, mas acho que não é assim. Coitada... como falei, quem sou eu para julgar? Mas acho que a pessoa tem que ir de alma aberta, de coração aberto. A gente tem dificuldade? Tem, assim como ela tem também. Mas eu acho que a pessoa não pode ser assim. Quando a pessoa se propõe a fazer uma coisa, ela tem que se dedicar. É difícil, para mim não é fácil. Você trabalha a semana toda e, se eu quero pegar a apostila, abrir, dar uma olhada, não dá tempo. Então eu procuro prestar atenção na aula, para ver se capto alguma coisa nesta cabecinha. Estou gostando, estou indo.

C: O pessoal que mora com você se interessa por música?

M: Sim, bastante. Eles me dão muito apoio. Eu comento muito o que acontece nas aulas. O primeiro trabalho que tivemos que fazer foi o do padre. Eu estava com dificuldade para resumir

o trabalho – tinha que resumir o primeiro capítulo. Nossa, eu fiquei, fiquei, pegava caderno e não saía nada. Então pedi para minha menina me ajudar um pouco. Falei para o padre que eu tinha as minhas filhas e que elas poderiam me ajudar. Ele respondeu que elas não poderiam “dar mastigado”, mas apenas uma ajuda. Ela me explicou como eu deveria fazer o trabalho e foi grifando o texto que eu deveria resumir. Porque eu resumia, resumia, resumia e ficava maior, resumia e ia aumentando. Desse jeito deu certo. Ela me ajudou e eu falei para o padre, que disse que estava tudo bem. A gente já não é mais adolescente e é puxado mesmo, não é qualquer cursinho de música, não. É uma faculdade de Música, se for levar em conta o nível das aulas que eles dão. Não teve vestibular, mas não deixa de ser. É um curso sério, não é cursinho de final de semana. Não menosprezando, né? Porque às vezes tem muita coisa que você aprende, muita coisa que eu fiz na comunidade, que aprendi nos finais de semana. Eu guardo essas informações até hoje e elas me ajudam.

C: As pessoas da sua casa costumam ver você cantar?

M: Costumam. Eles não vão com muita frequência, mas eles tiveram oportunidade de me ver cantar sim, na missa.

C: Eles gostam quando você canta?

M: Gostam. Duas coisas que minhas filhas falam: que eu tenho paciência com criança e que eu gosto de cantar. Quando era mais jovem, não tive oportunidade de fazer um curso de música. Eu falo “Poxa, se tivesse feito um curso...”. Elas já tiveram essa oportunidade. Eu participava das atividades na comunidade até a época em que meu marido ficou doente. Nesse período, então, eu não participei de mais nada. Mas eu participava da festa junina na igreja, trabalhava nas barracas e cantava. Participava de tudo.

C: O que a música representa para você? Você a considera importante? Por quê?

M: Muito importante. Eu acho que através da música você viaja, volta ao passado. Dependendo da música, da época, você volta lá para traz. Eu vim a saber, há muitos anos, que quando minha mãe me teve ela era solteira. Naquela época, numa cidadezinha pequena, a moça ter um filho assim, tudo mundo comentava. Hoje não, né? Hoje um tem o filho aqui, outra ali... Minha avó nunca comentou nada, muito menos minha mãe, que eu perdi quando tinha nove anos. Com nove anos fui trabalhar numa família, onde fiquei por cerca de dez anos, saindo de lá com quase vinte e vindo para Campinas. Quando estava na adolescência descobri que essa família tinha amizade com a família do meu pai, com a minha avó paterna e eles eram de igreja, cantavam. Essa minha avó tocava órgão e meu avô cantava. Eu ia, participava de tudo e falava que estava na veia, estava no sangue esse negócio de cantar. Lógico, eu não tive oportunidade,

na minha adolescência, de fazer curso, de me aperfeiçoar. Se tivesse, já estaria me aposentando na música. Mas nunca é tarde para a gente, né? Eu sempre gostei de música, sempre gostei. Na escola mesmo, lá em São José do Rio Pardo, quando eu estava no quarto ano, participava das festas cantando. Tinha um menino bem mais velho que me acompanhava tocando bongô. “Segura assim.” [*Nesse momento a entrevistada mostra, com o corpo, como ele segurava o instrumento.*] Lembrei-me disso um dia destes. Às vezes eu fico na minha cama lembrando daquelas coisas antigas e penso que faz tempo. Sabe, eu cantava muito na escola. Tudo quanto era festa eu cantava, fazia homenagem para a professora.

C: Você se lembra de canções da sua infância, que aprendeu na escola ou que a sua mãe ou avó cantavam?

M: Minha avó era muito católica, então ela cantava muito música de igreja. Aquelas músicas antigas que nem se cantam mais, como a “Louvando a Maria, o povo fiel”. [*A entrevistada canta parte da música.*] Muitas comunidades preservam ainda aquelas músicas, mas muitas não. Eu me lembro dessas musiquinhas que se cantava na Semana Santa, essa época. Eles cantavam muito, mas no Natal não tanto. Era mais na Semana Santa, na Páscoa, porque o pessoal no interior era muito devoto e eles guardavam essa prática. No dia de Nossa Senhora Aparecida, também cantavam. Interior era aquela coisa. Eu me lembro de que era pequena e ia para as procissões com a minha avó. A gente ficava dormindo na igreja, mas tinha que ir.

C: O que as aulas de música representam hoje para você?

M: Elas são muito importantes na minha vida. Representam muito. Não digo tudo. Mas representam uma boa parcela.

C: Como você imagina sua vida sem as aulas de música?

M: Eu acho que não conseguiria viver sem estas aulas. Como falei para você: só vou interromper se acontecer alguma coisa “meio assim”. Eu não consigo me ver fora do CEMULC, não consigo.

C: Que sentimentos surgem quando você está na aula? Você se sente feliz, frustrada, impotente, sente que está realizando um sonho? Quais sentimentos você tem quando está assistindo aula?

M: Eu me sinto realizando um sonho, me sinto superbem. Valorizo muito os professores e acho que esse dom deles é fora de série: de eles poderem passar tudo isso para nós. Então, me sinto superbem. Nossa, cada coisa que os professores falam... Acho todas as aulas importantes, mas o professor de Apreciação Musical, o que ele nos proporciona... Não que os outros também não proporcionem coisas boas, mas a aula dele é uma viagem. Na aula dele você vai

lá no Beethoven, no Bach. As minhas meninas têm muitos CDs, têm aqueles livrinhos. Elas compravam a coleção, mas até então eu não tinha tido oportunidade de aproveitar. Às vezes elas falam que tem bastante material com o qual eu posso trabalhar. Cada coisa que você nunca tinha ouvido falar até então... Ele estava dando aula sobre instrumentos de corda, mas terminou. Agora está dando sobre instrumentos de sopro. Eu até perguntei para ele na aula passada em que “linha” entraria o órgão, já que ele é muito antigo. E ele disse que é um instrumento de sopro. Eu não sabia!

C: Porque é o ar que faz o som.

M: Exatamente! O regente que montou aquele coral do qual eu participava e que foi aluno da UNICAMP tocava órgão. E era só ele que tocava. Agora eu nem sei se ainda existe órgão ou se eles se desfizeram. É uma coisa incrível, uma coisa dos deuses, muito legal. Eu valorizo muito todos os professores. Acho as aulas de Estruturação Musical I meio complicadinhas porque você tem que decorar todas aquelas coisinhas, as notas: mínima, semínima, colcheia. E vai ter prova no sábado. Então, é meio complicado. Mas o que eu acho mais complicado, até por estar ligada à igreja, são as aulas do padre, porque são muitos assuntos. A gente conhece a liturgia na igreja por cima, mas na aula dele o assunto é bem aprofundado. Vamos ver o que ele vai passar. Um dia desses perguntamos para a professora de Estruturação Musical I se a gente repete de ano, se tem reprovação, se tem recuperação. Ela respondeu dizendo que não, nós vamos ter todas as oportunidades, que não era para nos preocuparmos, que deveríamos ficar tranquilos.

C: Quais sentimentos você tem quando está cantando?

M: Eu me emociono tanto! Principalmente agora que estamos ensaiando para Corpus Christi. Você está viajando com a música e acho que é por causa da técnica, você sente muito isso na técnica. Lógico que eu me emociono cantando no grupo da sexta-feira, mas com técnica é outra coisa. Você vê a diferença do instrumento e das vozes quando elas se dividem: contralto, baixo, tenor, soprano. Parece que vai dar tudo errado, mas depois dá tudo certo, dá uma harmonia das vozes e é muito bonito! Estas músicas me emocionam, eu fico me segurando. Agora estamos ensaiando com os outros anos para montar o coral para Corpus Christi. A primeira que vez que a gente ensaiou foi com o professor de Técnica Vocal I. A segunda foi com o professor de Percepção Musical I, numa outra sala. Misturou tudo: primeiro, terceiro e quarto anos. O professor de Percepção Musical I pediu para as meninas do terceiro e quarto anos darem uma força para as que estavam chegando agora, pois muita gente ficaria perdida. Percebi que havia pessoas que estavam querendo, entre aspas, aparecer, mas não me senti intimidada, não. Eu fiquei na minha e pensei: “Vou fazer a minha parte”. Estou começando e, lógico, não sou assim

“bambambam”, mas eu entendo mais ou menos. Então, o que ele passava para nós fazermos, eu fazia direitinho. Percebi que isso incomodou não só a mim, mas também as outras pessoas, as outras meninas. Isso tem em todo lugar. Quando você chega, o pessoal fala: “Ah, esses daí não vão saber nem abrir a boca para cantar”. Não é assim? Aí você incomoda. É igual à musiquinha do elefante: um elefante incomoda muita gente, não é, Carol?

C: Você tem alguma dificuldade nas aulas?

M: Não, mas é como eu falei: tenho dificuldade na aula do padre porque você tem que ler, decorar, guardar muita coisa. Agora, as aulas em que eu me encontro mesmo, em que eu me acho, são a de Técnica Vocal I, de Estruturação Musical I e de Apreciação Musical.

C: Então a dificuldade nas aulas é, na verdade, de acompanhar o conteúdo?

M: Acompanhar o conteúdo pesa um pouquinho. É como eu falei para você: procuro prestar atenção na aula porque é importante. Porque, se for para ler, aí eu não consigo.

C: Você tem alguma dificuldade para cantar?

M: Não, agora com esse curso eu estou me encontrando.

C: Nem por causa da idade?

M: Não.

C: Não sente nenhuma diferença de quando você cantava antes e cantava agora?

M: Não.

C: Você acha que as aulas de música trouxeram algum benefício, seja ele físico ou social? Por exemplo, melhorou sua postura, memória, coordenação motora, socialização, disposição? Você percebe se mudou alguma coisa?

M: Mudou. Até então, eu estava sem atividade nenhuma. A minha atividade era cuidar do meu marido, ir ao médico, fazer todas estas coisas com ele, voltar, dar remédio, dar banho e ir pra comunidade quando eu tinha tempo. Mas nesse espaço de tempo eu não deixei de participar, mesmo com estas condições, da Pastoral Afro. Você acredita? Eu não deixei porque não me cobrava muito. Lembra que falei para você? As reuniões acontecem uma vez por mês e as missas, cerca de três vezes ao ano. De vez em quando a gente ia para outra comunidade participar das missas, mas não era uma coisa que exigia muito, não me ocupava a semana toda. Às vezes eu deixava ele com as meninas. Eu cheguei a participar da comunidade São Francisco, no CAP¹³ – a paróquia é São Benedito, mas a comunidade é São Francisco – e ficou mais de

¹³Escola perto da casa da entrevistada.

20 anos aqui. Depois eu parei um pouco, fui deixando, não tinha mais condições. E não só eu, como muitas pessoas também foram deixando. Eu estava falando para minha filha no sábado que da Pastoral Afro não deixei de participar mesmo nesse tempo em que ele ficou doente. Deixei de ir em uma missa ou outra e deixei os grupos de canto porque não dava, eu participava de três. Tinha ensaio, por exemplo, na segunda, na quarta e na sexta para cantar no domingo. Ou às vezes coincidia do grupo cantar no mesmo dia. Aí eu precisava escolher, você entendeu? Então, decidi deixar para lá, não dava mais. Mas a Pastoral Afro eu amo de paixão, gosto mesmo.

C: Você não sente nenhuma diferença com relação ao seu corpo, sua voz, na hora de cantar?

M: Não.

C: Depois que começou a participar das aulas, você percebeu alguma mudança na sua memória, na concentração?

M: Melhoraram, estão melhorando e parece que a cabeça está clareando mais. Você vai lá, conversa com um, com outro, tem as aulas, comenta. O único lugar que eu não comento muito é na comunidade, porque tem muita gente que torce contra, que se espanta por eu estar no curso e fala que é muito difícil. . . Então eu não falo.

C: Fazendo as aulas você nota alguma mudança na sua sensibilidade, na sua percepção, se você ouve melhor, presta mais atenção nas coisas, se sua memória melhorou, se você ouve a música de forma diferente?

M: Eu estou mais atenta. Por exemplo, vou ao ensaio e a menina passa uma música. Às vezes, apesar de saber, eu achava que a música era estranha. Agora não. Na semana passada aconteceu o seguinte: na quinta-feira teve o ensaio para a gente cantar na sexta. Fui ao ensaio, mas falei que não poderia cantar na sexta porque iria trabalhar o dia todo. Na sexta não teve missa, mas celebração, e eu não pude ir mesmo. Mas só não fui porque sabia que havia as outras meninas que iam dar conta do recado. Porque se eu achasse que elas não conseguiriam. . . A gente já tinha ensaiado e eram as mesmas músicas, então pensei: “Elas dão conta”. Porém, quando são músicas novas. . . novas para as meninas que estão entrando agora, são quatro adolescentes. E adolescente você já viu, é complicado. Elas vão, começam a dispersar, a falar uma coisa, a falar outra, sei lá. Mas naquela sexta deu tudo certo, elas disseram que deu tudo certo. Para mim é uma beleza e, quanto mais eu cantar, mais quero me aprofundar no curso. Vou ver agora no final do semestre o que vai dar. Porque, para mim, isso é uma coisa nova. Até então eu nunca tinha participado de um curso assim, bem puxado, que você tem que se dedicar. As minhas filhas falam que tenho que me dedicar, que tenho que procurar fazer as minhas coisas.

Elas sempre estão falando. A mãe do namorado da minha neta também faz o curso, só que ela faz de terça-feira à noite. No sábado passado a gente se reencontrou porque ela foi repor aula. Eu procuro não faltar também, mas às vezes não dá para ir no sábado, então vou na terça-feira. Procuro estar com tudo em dia, tudo atualizado, porque eu acho que uma aula, um sábado que você deixa de ir, faz muita falta. Por isso procuro não faltar, só em último caso. Mas é muito legal, é bom demais! Muita coisa na cabeça.

C: Em que momento da sua vida surgiu o interesse pela música?

M: Eu acho que desde pequena, como já falei para você. Lá em mil novecentos e bolinha, na escola. Eu sempre gostei, desde a infância.

C: Há algum fato importante da sua vida que esteja relacionado com a música?

M: Na escola. Eu participava das festas, cantava, fazia homenagem para a professora. Porque tinha muito isso de homenagem para professor, para escola, para diretor. Então a professora parava para fazer homenagem: poesia ou música. Mas teve outros momentos também. Agora é com as crianças do meu trabalho. Eu canto muito porque a minha vida toda trabalhei como babá. Cantava com as crianças lá em São José do Rio Pardo, com a Ana, que hoje está com onze anos. Quando fui trabalhar na casa dela, ela era bem pequena e a gente cantava muito, contava historinha, cantava para dormir e brincava de roda com as músicas de ciranda. Foi sempre assim, só que começou há muitos anos.

C: Eu queria que você tentasse lembrar que sons estavam presentes na sua infância. Eu não estou falando especificamente de música, mas dos sons do local onde você morava, da sua casa. . . Que sons você escutava?

M: Entendi. Sabe qual era um som que ficou muito na minha cabeça? Hoje não são as mesmas pessoas da minha época, mas é um trabalho que teve continuidade desde aquele tempo: um grupo folclórico chamado Caiapós. Eles fazem um trabalho do qual me lembro bem porque marcou muito a minha infância. Naquela época, era um grupo folclórico de negros, mas agora, quando eles estiveram na UNICAMP, havia brancos também. Não que não pudesse, mas aqueles antigos foram sumindo. . . Era um som de instrumentos de percussão. Quando entrei na Pastoral Afro reparei que eles faziam um som parecido, de tambor. Além disso, no Caiapós eles cantavam e também tinha viola. Era um grupo parecido com os de Folia de Reis.

C: Mas em que situação você viu esse grupo? Eles se apresentavam?

M: Se apresentavam. Eles saíam pelo local onde eu morava, uma vila lá em São José do Rio Pardo. Nessa época tinha a Semana Euclidiana, devido ao fato de Euclides da Cunha ter escrito uma parte de *Os sertões* lá na cidade. Ele foi um engenheiro que estava construindo

uma ponte metálica que tem na cidade e que foi construída lá no outro século. Eu era pequena, mas lembro muito o que falavam. Nessa Semana Euclidiana tinha muitos desses grupos que se apresentavam. Eu era criança e tinha medo, pavor, porque eles usavam aquelas roupas com capim e faziam aquele barulho. Eu morria de medo daquilo lá, mas eles tinham a viola e o tambor que tocavam. *[A entrevistada pergunta para a filha se ela lembra de algum instrumento do grupo “Caiapós” além da viola e do tambor. A Maria Helena me explica que quando a sua filha estava na faculdade (UNICAMP), elas foram assistir a uma apresentação deles. A entrevistada pergunta se era esse grupo mesmo que esteve na Universidade, mas a filha diz não se lembrar.]* Foi a minha filha que falou que eles iriam se apresentar no Espaço Casa do Lago¹⁴. Ela disse que viria um pessoal de São José do Rio Pardo, do grupo “Caiapós”. Ela lembrou de me convidar porque eu falava muito deles para ela. Então, nós fomos lá e ela até tirou foto com o pessoal. *[A filha diz que não sabe onde está a foto.]* Eu também não sei onde está. Eu sei que está comigo, mas não sei onde. Qualquer hora eu acho e mostro para você. *[A filha comenta que a sua memória já não é mais a mesma, e a Maria Helena ri e responde que a sua memória está mais clara que a da filha, que concorda com a colocação.]* A Folia de Reis, o Caiapós são coisas de que eu me lembro, daquela época. Lembro-me muito disso aí. Quando vim para a Pastoral Afro ou quando eu assistia na televisão alguma coisa assim, eu me lembrava da minha infância lá no passado. Eu não participava, tinha medo, mas eu lembro daquilo.

C: Você lembra de algum som daquela época que hoje você não escuta mais? Por exemplo: o som do bonde.

M: Com certeza. No interior não tinha bonde, mas quando eu vim para Campinas, em 1969, ainda existiam algumas linhas. Eu morava no Castelo¹⁵, então tinha que tomar o bonde pra vir até a Estação. E tinha o trem: quanto que eu andei de trem, de Campinas até São José do Rio Pardo! Hoje não tem mais nada disso. De trem tem a Maria Fumaça, saindo perto do Shopping Dom Pedro, que vai para Jaguariúna. *[A entrevistada confirma essa informação com a filha e a neta, que estavam na cozinha nesse momento.]* É para Jaguariúna, sim, mas até hoje nunca ouvi. Eu a via só parada, mas o som do trem era um som que a gente ouvia. Eu ia muito para Araraquara com uma das minhas filhas, para ir até a faculdade. Naquela época as minhas filhas estavam saindo do primário e a gente ia até a faculdade atrás de dentista. E essa viagem era feita de trem.

C: Você se lembra, por exemplo, de algum som da sua casa? O som de alguma comida sendo feita? Eu gostava do som da batedeira porque isso significava que minha mãe estava fazendo bolo.

¹⁴Espaço na UNICAMP que realizava diversas apresentações e atividades artísticas.

¹⁵Bairro de Campinas.

M: Eu nunca tive batedeira, então era manual. *[A filha lembra do som do liquidificador.]* Dependendo do bolo, a gente usava o liquidificador. Eu costumava fazer muito pão em casa.

C: Quando você era pequena tinha algum som que chamava sua atenção?

M: Lembro-me da minha avó amassando pão, do forno de barro.

C: São coisas que hoje não você não escuta mais?

M: Do fogão de lenha e daquele barulhinho de brasa. Sabe, essas coisinhas de infância, como a roupa lavada e batida na pedra. Para você ver quanto tempo faz! Eu ia para o mato com a minha avó, que tinha fogão de lenha, para pegar lenha e gravetos. Lembro-me daquele barulho de quebrar o gravetinho para levar para casa. Nossa, eu lembro tanto! Hoje não tem nada disso, tudo está tão moderno agora, né?

C: O que você acha dos sons que a gente escuta, hoje, na cidade?

M: Eu não sou muito amante desses sons, não. Buzina, os sons altos de carro que o pessoal adapta. Esse carro aí é um. *[A entrevistada me mostra um carro que está estacionado na frente da sua casa, do outro lado da rua.]* Tem finais de semana que a gente não consegue descansar, não se consegue ouvir uma TV, né, filha? *[A filha dá uma risada e responde que as músicas não são muito boas.]* E umas músicas que não são dessas que eu falei para você que eu gosto, que nós gostamos. *[A filha ri e comenta que fala para os seus alunos: música boa ninguém ouve alto.]* Exatamente. E isso incomoda muito. Eu sou assim: às vezes vou para o centro da cidade e me sinto mal. Eu vou, tomo a condução aqui perto de casa, desço e no centro tem aquele pessoal andando, aquele barulho e tudo aquilo me faz mal. A poluição sonora me irrita, é ensurdecador.

C: Destes sons, quais que mais desagradam você?

M: Estes sons “tum-tum-tum”.

C: Dos carros?

M: Tem hora que passam uns carros que me irritam.

C: Tem algum destes sons que você ouve que lhe agrada?

M: Como eu gosto quando as minhas filhas ligam o rádio... Tem aquele sonzinho! *[Maria Helena comenta com a filha que ela já falou que gosta de MPB, Elis, Maria Rita e outros, como o Jair Rodrigues. A filha me pergunta se estou querendo saber a respeito das músicas que as pessoas ouvem ou dos sons que elas ouvem no dia a dia. Eu respondo que já perguntei sobre as músicas que eles ouviam e que agora eu estava perguntado sobre os sons, no geral, que a*

Maria Helena ouve e que a agradam. Expliquei que não precisa ser música, pode ser apenas um som.] O som do verdureiro, né filha? Hoje ele passou, mas não precisava de nada.

[A entrevistada fica algum tempo pensando e encontra dificuldade em responder. A filha diz que não vai falar nada porque não quer interferir e deixar a resposta da mãe tendenciosa, porém ela fala que a mãe tem que pensar em sons, qualquer coisa que ela escuta o dia inteiro. Depois disso, a entrevistada responde prontamente.] Adoro miado de gato, um cachorrinho latindo, um pássaro. Olha lá um pássaro! Como aqui em casa nós somos franciscanos, gostamos muito da natureza e dos animais. Eu costumo colocar laranja, banana e maçã na cerca de casa, para os pássaros. Você pode ver a hora que sair. *[Quando eu cheguei na casa da entrevistada reparei que havia frutas cortadas e espetadas na grade do portão para os pássaros comerem.]* Eles vêm, o beija-flor, os pássaros com aquele “piu, piu, piu, piu”. Mesmo o pássaro da vizinha, que eu acho que é uma calopsita, não me incomoda. Tem gente que não gosta. Às vezes a vizinha pergunta se a calopsita está incomodando e fala que vai dar o pássaro porque sabe que o barulho incomoda. Mas eu repondo que não, que é da natureza. Você quer ver eu ficar contente é ouvir os passarinhos “piu, piu, piu”. Eu coloco a banana na cerca e fico olhando pela janela para ver os passarinhos comerem. E os gatinhos miando! Quando chego é uma coisa. Agora, de manhã, estou tendo mais tempo para eles porque fico em casa, mas quando eu saía de manhã e voltava à noite, quando já estava escurecendo, você precisava ver: “miau, miau, miau”. Eles ouvem a minha voz e é incrível, eles começam a miar! Você precisa de ver, incrível! Gosto também de som de bebê chorando, bebê “fazendo angu”. *[A entrevistada ri e a filha comenta que não é fã desse tipo de som.]* Eu chego no trabalho e converso com a menininha. E ela também conversa e conversa. Adoro estas coisas. Mas os sons que eu observo mesmo são: os dos pássaros, dos gatinhos, do cachorro da vizinha latindo. Fico preocupada e pensando por que o cachorro está latindo. É um som que me agrada, não me aborrece, não. Gosto também do som das minhas filhas quando estão em casa, falando. Costumava me irritar, mas eu me acostumei: às vezes elas se juntam com o pessoal da época da faculdade, vem o namorado de uma, de outra, vem o meu genro, a minha filha que mora em Brasília, a minha outra filha casada, seu marido, meus netos, a vizinha e todos se reúnem aqui, compram uma *pizza* e ficam conversando. Aquilo me irritava, mas acho que era devido ao fato de eu estar muito atribulada, afinal, passava o dia todo cuidando do meu marido. Agora não, já acostumei. Eles ficam aqui, eu vou deitar, fico lá no quarto. *[A filha comenta que acha que a mãe se irritava porque na época o seu pai estava doente.]* Naquela época da doença do meu marido eu estava de um jeito que tudo me irritava. Agora não. Graças a Deus estou podendo respirar melhor. Aí eles ficam aqui e às vezes eu fico junto com eles, conversando. Eles também são muito meus amigos e eu deles. Sempre procurei, a minha vida toda, me identificar com elas e com os amigos delas

porque acho importante. Então, agora, às vezes eu entro na conversa, às vezes eu falo “tchau”, digo para ficarem conversando e vou para o quarto. Lá eu vejo minha televisão ou fico lendo alguma coisinha.

C: Por que que você optou pela música como atividade? Você poderia ter escolhido dançar, fazer qualquer outra coisa, mas foi fazer música. Por quê?

M: Eu queria retomar os meus estudos e até tinha pensado em tentar novamente o cursinho. Já tinha feito na Moradia¹⁶ e depois fiz um no Rezende¹⁷, que foi o último que fiz, mas não lembro o nome. O cursinho com o pessoal da UNICAMP é superlegal. Inclusive um dos fundadores do cursinho era conhecido de uma das minhas filhas, que fez graduação em Letras. Eu fiz o cursinho, mas era aquela dificuldade, pois nesse período o meu marido estava doente. Aí eu larguei. Optei pela música porque descobri o CEMULC. Resolvi fazer, não tentar mais nada, apenas o CEMULC, e avisei minhas filhas. Eu tinha ido procurar a faculdade da Terceira Idade numa instituição de Campinas, mas não me interessei porque lá era mais passeio, culinária. . . [*Filha ri e comenta que a mãe é louca porque quer escrever, ler, fazer trabalhos.*] É, eu não me identifiquei com esse cursinho da Terceira Idade. Não sei como funciona agora, porque isso já faz tempo. Eu queria voltar a estudar, ir para a sala de aula, ter trabalho para fazer em casa, ver professor passando matéria, fazer trabalho em grupo, essas coisas. Uma senhora falou para mim que eu era louca por querer isso. Todo mundo com quem eu conversava falava isso, menos as minhas filhas. Foram poucas pessoas de fora da família que me incentivaram. A médica para quem eu trabalhei por último, mãe da Ana, me incentivou muito a fazer o cursinho quando eu me formei, quando terminei o colégio. As minhas filhas, o pessoal aqui de casa foram os que me incentivaram mais. Muita gente falou que era loucura fazer cursinho, que eu era velha e onde já se viu velho fazer isso? Mas, como eu gostava, decidi fazer. Porém, quando decidi voltar a estudar, achei que estava muito desgastada para esse tipo de atividade, para entrar numa sala de aula assim. Hoje, estou em sala de aula, mas é completamente diferente. Não que as aulas de música não sejam puxadas, mas quando eu decidi o que iria estudar, pensei em ir para a música e ver o resultado.

C: Há algum fato mais recente, relacionado com a música, que seja ilustrativo, importante para você? Você falou de quando era pequena, que viu aquela apresentação do “Caiapós”. Hoje, tem alguma coisa significativa para você em relação à música?

M: Foi aquela apresentação da Orquestra Sinfônica que a gente foi assistir no Centro de Convivência. Antes do curso eu já tinha tido oportunidade de, lá mesmo, no Centro de Convi-

¹⁶Na moradia da UNICAMP, alguns alunos dão aulas gratuitas, como voluntários, para pessoas que desejam prestar vestibular. É uma espécie de curso pré-vestibular.

¹⁷Bairro de Campinas.

vência, assistir com as minhas filhas, que me incentivavam muito, um concerto de três solistas. Não me lembro agora o nome deles, mas eu amei.

C: Por que esse concerto da Orquestra foi importante para você?

M: Foi importante porque eu pude ver como funcionam os instrumentos. Porque tem uma separação: corda, percussão... O professor de Apreciação Musical explicou. Ele até fez um círculo na lousa mostrando onde ficam os violinos, violoncelos, os outros instrumentos. Tem uma ordem. Eu achei gozado porque sempre olhava a Orquestra Sinfônica e via todo mundo tocando a mesma coisa, mas nesse concerto eu pude observar como funciona a orquestra. A Orquestra Sinfônica de Campinas se apresentava nos bairros e também ao ar livre, na Concha Acústica da Lagoa do Taquaral¹⁸. Lá foi a primeira vez que vi uma orquestra e também assistíamos a peças de teatro e teatro musical infantil quando as minhas filhas eram pequenas. Eu fui uma ou duas vezes nesse teatro infantil musical, em que se canta e os personagens são “porquinho”, a Branca de Neve. Mas nesse último concerto que a gente foi com o pessoal do curso deu para diferenciar bem quando tocava cada instrumento e qual era a importância dele porque o professor explicou antes, para toda a turma, as peças que seriam apresentadas. Foi o *Carnaval dos animais*, não foi? Ele também falou um pouco sobre os compositores campineiros, e eu achei muito legal porque você vai tendo uma noção do que é importante e quais são os instrumentos mais tocados em cada momento. Na aula seguinte o professor perguntou o que mais chamou a nossa atenção. Para mim, foi a harpa, porque eu nunca tinha visto uma assim de perto. Os pianistas também chamaram minha atenção, foi uma coisa de louco. A menina que tocava aquela flauta, com um nome que eu não lembro. Devo ter anotado no caderno. Ela fazia o som do... não sei se era do pato.

C: O oboé?

M: É, o oboé. O triângulo foi pouco tocado lá na parte de cima do palco, o pandeiro... Você vai observando e vendo que cada instrumento é importante e faz falta. O violino, o piano, o contrabaixo, é tudo lindo. E a aquela minha colega mal-humorada estava sentada dizendo que não aguentava mais e que iria embora. Coitada, mas o importante é você, né? Lógico que a gente gostaria que todo mundo se interessasse, mas cada um é um. Eu amei. Não toco nada assim, mas, quem sabe, futuramente...

C: Para encerrar, gostaria que você pensasse numa frase que mostrasse sua ideia a respeito do tema “envelhecer aprendendo música”. Não precisa me dizer agora, pode ser em outro dia para que você tenha tempo de pensar.

¹⁸Parque da cidade de Campinas.

M: Eu estava lendo um livro muito interessante, que nem terminei, chamado *Quem tem medo de envelhecer?* Há muitas pessoas com medo de envelhecer, mas eu não tenho, não. Lógico, temos problemas de saúde e a gente repara, dá para perceber, mas eu não tenho medo, quero envelhecer numa boa.

C.3 Alice Maria Marques

Carolina: Desde quando que você faz aulas no CEMULC?

Alice: Estou no terceiro ano. Nós estamos em 2011, então eu faço aulas desde 2009.

C: Por que você decidiu fazer o curso?

A: Eu decidi fazer o curso porque tinha interesse em saber um pouco mais sobre liturgia e também em saber um pouco sobre música. Porque eu tenho a impressão de que na música litúrgica, que é mais suave, geralmente mais lenta, eu ia me adaptar melhor com o pouco que sabia, com a bagagem que trouxe lá do fim do mundo.

C: Por que você optou por fazer as aulas no CEMULC? Você poderia ter escolhido estudar música num conservatório ou numa escola de música.

A: Por causa da liturgia, da igreja. É a indicação da igreja, por causa dela a gente fica sabendo um pouco o que é o curso. Quando entrei no CEMULC já tinham iniciado duas turmas antes da minha, se não me engano. Então, eu já tinha notícia de como era o curso, como as aulas se desenvolviam. Achei que esse curso daria certo para mim, seria mais maneiro no aprendizado, não seria tão difícil. Num conservatório é sempre mais puxado. Eu não queria recomençar o curso do início e também não tenho condição de terminar. Entendeu como é que é a história? Peguei outra linha de música que espero que dê certo.

C: Na igreja você trabalha com música?

A: Não, eu nem canto. Estou fazendo aula de canto e teclado.

C: Você está fazendo disciplinas optativas?

A: Canto e Teclado, além das aulas obrigatórias do curso.

C: Por que você escolheu essas disciplinas?

A: Bom, o teclado porque estudei um pouco de piano antigamente, e o canto por causa da igreja. Apesar de eu não cantar no coral da igreja, é uma coisa que me encanta, que acho muito bonita. O coral da igreja, apesar de ser a uma só voz, já acho bonito. Quando a gente canta no CEMULC, a quatro vozes, porque nós já estamos ensaiando para a missa de Corpus Christi, eu acho maravilhoso, é muito lindo. Você ouve o soprano, ouve o contralto, o tenor, o baixo. O regente manda cada um cantar uma vez para ver se está certo e depois junta tudo. Nossa, é de arrepiar, é muito bonito.

C: Qual é o seu estilo de música, cantor e compositor preferidos?

A: Eu gosto muito de música romântica, mas também de alguma música agitada. Aqui no Brasil a gente ouve muito samba, então é muito familiar. Qualquer lugar que você vá está tocando um samba e você aprecia. Porém meu gosto é pela música mais suave, mais lenta. É esse tipo que aprecio mais. Por falar em música popular, de compositor eu gosto do Roberto Carlos, do Chico Buarque e outros aí. Na música clássica, gosto muito de Chopin. Estudei alguma coisa do Bach, também, o suficiente para começar a entender alguma coisa, mas tocar uma música inteira dele não foi possível. [*Nesse momento a entrevistada ri.*]

A: Compositor brasileiro tem o Francisco Mignone. Eu toquei uma pecinha dele chamada *Minha valsinha*. Toquei alguma coisa, mas não conheço todas as peças. E tem muitos outros compositores que ouço. Eu gosto mais de música que consiga entender. Quando é uma coisa muito elevada, muito sofisticada, que a gente não sabe por que aquilo foi escrito, então não dá. Estudei uma peça de Villa-Lobos chamada *A lenda do caboclo*. Eu achava aquilo uma penitência. Só que a professora um dia me perguntou se eu sabia o que era *A lenda do caboclo* e me explicou que a peça era sobre um lugar indígena onde eles tinham a crença de que um espírito vinha aparecer. A professora ainda falou que esse “ta-tã-tã-tã-tã” é como se fosse o barulho da onda do mar batendo nas pedras. Aí eu comecei a gostar e pensei: “É isso mesmo, é isso aí”, você começa a ouvir o barulho da onda. Se explicarem o significado de outra peça, o que o compositor queria com aquilo, a gente começa a apreciar mais. E o CEMULC também contribui para a gente começar a apreciar. No primeiro e no segundo anos um dos nossos professores mandava a gente ir ao Centro de Convivência duas, três vezes por ano para ouvir concertos, para assistir alguma coisa e escrever sobre o que a gente ouviu. Depois ele “caía em cima”. Falava: “Não, isso aqui não é assim, não”. A gente tinha que colocar as impressões e às vezes a impressão da gente era só “gostei, estava bonito...” Porém, ele queria mais explicações. Quando se conhece o conteúdo, aí é diferente, entende? A gente aprecia muito mais a música.

C: Por quanto tempo você estudou piano?

A: Mal e mal cheguei ao quinto ano.

C: Você começou a estudar com quantos anos?

A: Eu tinha 18. Mal e mal cheguei ao quinto ano e tem uma coisa que acho importante mencionar: como eu era uma boa aluna, fazia tudo direitinho, a professora falava “Que maravilha!” e pulava umas partes importantes. E eu, como não sabia do que se tratava, fui indo. Só que esse “vou indo, vou indo” fez que eu, em determinado momento, empacasse. Fiquei sem base e, aí, empaquei na música. Caminhei um pouco, toquei umas pecinhas aqui, umas pecinhas ali, mas fiquei sem base. Faltou técnica, faltou muita coisa, faltou estudar mesmo. O Bach, por exemplo: não se pode pegar um método qualquer sem ter feito aquele primeiro, a duas vezes,

bem feito, para você entender bem. Eu sofri essa consequência. E depois a aula desanima e aí você não vai nem para lá, nem para cá.

C: Por que você parou?

A: Parei porque casei com 23 anos. Casei em abril e fiz 23 anos em maio, e aí a vida começa a modificar. Não demorou muito, eu tive minha primeira filha, morava longe e não tinha muito tempo para estudar, então não adiantava. O piano, ou você estuda ou você não estuda. Eu fui levando conforme dava. Na verdade, eu precisaria ter feito um estudo de piano que pegasse mais suave. Coisa que eu pudesse tocar, mas também um pouco de técnica para poder acompanhar. E deveria tocar músicas que fossem mais simples, mas possíveis de serem interpretadas. Isso estimularia, já que faltava muito estímulo.

C: Por que você escolheu o piano?

A: Ah, uma paixão. Eu adoro piano. Quando vou assistir alguma orquestra ou algum intérprete, mesmo pianista, não me conformo de ficar lá longe. Eu quero ver! Aliás, em termos de orquestra, pode ser violão, eu quero ver o artista tocando, fazendo, quero ver! Parece que vibro também de ver ele mexer nas cordas, nas teclas. É que eu gosto muito de piano, viu? Gosto muito!

C: Então, antes do CEMULC, o seu estudo de música foi com o piano?

A: Foi com o piano. Depois tentei violão também, há uns anos, mas vi que aquilo não era minha praia. Então, não aprendi nada porque falei: “Ah não, isso não é para mim”. O que eu sei de música é por conta do que estudei de piano.

C: Você costuma tocar fora das aulas, em casa ou em algum outro lugar?

A: Por enquanto toco só em casa.

C: Com que frequência?

A: Ah, é pouca. Se fosse ver mesmo, precisaria pegar no teclado pelo menos por uma hora, todo dia. Voltar a fazer um pouco de piano, também, para melhorar a leitura, porque a gente perde! Eu leio, razoavelmente bem, clave de fá e clave de sol. Mas não tão rápido, às vezes, como a música exige: com acorde, com mais de uma nota... Precisaria estudar todo dia e ir desenvolvendo cada vez mais.

C: Você toca sozinha ou em grupo?

A: Em casa, sozinha; e em grupo, só no CEMULC.

C: Em casa não tem ninguém que acompanha?

A: Não, e eu fico perdida se tiver alguém para acompanhar. Sabe o que acontece? Quando aprendi piano era assim: você errou, pode parar e retomar. No teclado estou vendo que não é assim. A proposta é acompanhar uma missa, um cantor. Se você por acaso errar, deve seguir em frente; mas eu não tenho esse hábito. Isso daí me atrapalha. É uma coisa que vou ter que acostumar a fazer. Por mais simples que seja, terei que vencer a timidez, o nervosismo e, se por acaso enganchou alguma coisa, seguir em frente. Eu não tenho esse aprendizado.

C: Em que situações você costuma tocar? Quando está triste, alegre, com vontade de ouvir uma música... Qual a sua motivação para tocar?

A: O desejo de estudar, de tocar alguma coisa. Não está ligado à tristeza, nem alegria, nem nada.

C: Seu marido se interessa por música?

A: Ah, sim, ele gosta e me incentiva bastante. No CEMULC, além desses três anos tem mais dois de complementar ou intermediário, não sei como se chama. Outro dia ele me disse: “Você gosta bastante do CEMULC” e eu respondi que gosto, “é uma delícia”. Os professores são muito bons. Você assiste uma aula com o professor da disciplina Música na Liturgia e não fica sem aprender e sem dar risada, porque ele sai com cada coisa, mas tudo que tem relação. Muito bom! O professor de Liturgia, tanto do ano passado como deste ano, são bons [*sic*]. O professor de Apreciação Musical, então, é fora de série. O regente do coral também. A professora que dá aquela aula da terça-feira, de Estruturação Musical I... Ela vai na lousa e esmiúça aquilo lá para você entender. E muita coisa que eu pensei que soubesse, estou reaprendendo aqui. Eu realmente já vi, mas isso estava morto. Com o ensino dela recuperei bem os conteúdos de tonalidade, escala maior, menor. Eu tenho tocado minhas escalas lá em casa e está saindo.

C: Seu marido gosta quando você toca?

A: Gosta. Ele gosta, sim. Falei para ele que gostava do CEMULC e aí ele falou assim: “É, se você gosta, é bom, faz bem”. Falei que nós teremos mais dois anos de curso e ele respondeu dizendo para eu fazer. Não é legal? Outro dia minha colega da turma de teclado me falou: “Alice, vamos continuar no ano que vem?”. Eu perguntei: “Você está falando só do teclado e do canto, né?” Ela respondeu que não, que estava falando de todo o curso. Eu falei: “Ah, tá bom”. Essa colega tocou bastante no grupo de oração, e me disse que procurou o CEMULC porque tocava com acompanhamento muito primário e queria colocar algum acorde, alguma coisa mais condizente com a melodia, e que ela não sabia. Procurou o curso por isso. Mas como ela tocava no grupo de oração, já é desinibida. E um fator muito importante é estar desinibido, não é? É igual quando você vai aprender um idioma e não solta uma palavra de jeito nenhum. O outro

que fala mesmo errando, que se engasga no verbo e na pronúncia, o professor corrige e daí ele acerta. O meu marido é assim. Quando a gente viaja, ele se enrola todo no inglês, no francês, no italiano e as pessoas acabam entendendo. Ele não sabe muito e eu acho que sei, mais ou menos, o mesmo tanto que ele, mas eu não me arrisco. Nem pensar! Ele tem essa dinâmica e eu já não tenho, mas muita gente tem. Então a pessoa usa aquele pouco que sabe e “tóin”, pronto. Se for comparar a música com o idoso, vamos ver que tem de todo jeito. Tem aquele que é meio tímido e fica com medo e tem aquele que não tem medo: vai e pronto. Eu e meu marido fizemos, por conta do SESC, dois estágios de espanhol. O professor também queria ter a experiência de ensinar espanhol. Já tinha ensinado criança, jovem, e queria ensinar terceira idade. Então nós fizemos dois estágios. E a gente pensa que o espanhol é fácil. Não é. A hora de usar um pronome, um verbo, uma concordância, Ave Maria! Buscar vocabulário não é tão simples. Quando a gente viaja e precisamos do espanhol, eu fico tímida, mas o meu marido mete a cara e faz. Depois nós fomos estudar um pouco de italiano. Eu pensei que o italiano seria fácil porque sou descendente de italianos e meu marido morou, em São Paulo, num bairro de italiano, na Bela Vista, que o pessoal chama de Bexiga. Então ele teve muito contato com italiano. Como a minha avó era italiana e a tia também, pensei que ia ser fácil. Também não é. O meu problema é na hora de usar. Agora estamos fazendo francês, e aí a gente já sabia como ia ser. Ah, Jesus! Mas com isso a gente mexe um pouco com a cabeça, sabe? A gente começa a ficar esquecido, distraído, desligado das coisas. Muita coisa eu não vejo, não lembro porque não estava prestando atenção ou porque não interessa. Mas como é que aquilo que me interessa eu lembro? Se me interessa, eu lembro. Outro dia, falei: “Nossa, estou ruim da memória”. Não sabia onde havia deixado o celular e depois lembrei que ele estava no móvel. Como é que isso vem à cabeça e outra coisa não vem de jeito nenhum? O meu marido tem memória melhor, mas ele diz que também já está fracassando. A gente faz essas atividades para ativar a memória, para ficar funcionando com alguma coisa.

C: Você considera a música importante? Por quê?

A: Importantíssima. Eu acho que a música enobrece. No meu tempo, quando fiz até a oitava série, da quinta à oitava tinha o orfeão: a gente cantava. Hoje não tem mais curso de música nas escolas, então tenho a impressão de que quem fez ou faz música fica com maior sensibilidade. Enobrece e dá mais sensibilidade, além do benefício que gera no sentido de alegrar, acalmar, de agitar. Enfim, conforme a música você tem um sentimento relativo a ela. Você escolhe o que gosta, ouve sempre aquele estilo, mas abre o leque. Eu acho que a música enobrece e sensibiliza.

C: O que as aulas de música representam, hoje, para você?

A: Representam um recomeçar, uma nova esperança. Uma esperança de recomeço e, nesse recomeço, uma esperança de vencer as minhas barreiras e conquistar alguma coisa, por mais simples que seja, mas com tranquilidade e com firmeza. Eu espero isso.

C: Como que você imagina sua vida sem estas aulas? [*Nessa hora a entrevistada dá uma risada e responde.*]

A: Muito chocha, seria diferente. Com as aulas está bom. Sem elas talvez estivesse bom também, mas estaria faltando alguma coisa.

C: Que sentimentos você tem quando está na aula? Por exemplo: você se sente feliz, se sente realizando um sonho, frustrada, desafiada?

A: Eu sempre tenho muito interesse e sinto que é um desafio. Fico contente porque, além de ter o interesse, estou conseguindo entender o que está acontecendo. E, quando não entendo, fico massacrando a professora.

C: Que sentimentos que você tem quando está tocando ou cantando?

A: Ah, como é que posso descrever... É um sentimento bom. Será que é um sentimento de paz? Um sentimento de bem-estar e de felicidade. Acho que é isso.

C: Você tem alguma dificuldade nas aulas, seja ela física, financeira ou emocional?

A: A dificuldade é que não tenho mais aquela facilidade que eu tinha para entender. Entender a gente até entende, mas na hora de fazer uma prova, só o entender não é suficiente. Você tem que lembrar de alguma coisa e eu tenho dificuldade para decorar. Até que na prova da disciplina Música na Liturgia eu acho que fui razoavelmente bem, porque ela era em forma de teste¹⁹, o que acaba puxando pela memória. Li bastante sobre o assunto, mas se ele mandasse dissertar, iria me atrapalhar. Como ele deu em forma de teste, me facilitou. Mas, se tiver que decorar alguma coisa, tenho dificuldade.

C: Você tem alguma dificuldade para tocar?

A: Eu tenho uns enroscos, não tenho muita facilidade, não. Não sei dizer que dificuldade tenho, se é na leitura ou no movimento dos dedos ou no dedilhado, mas tenho dificuldade.

C: Na sua opinião, as aulas trouxeram algum benefício físico ou social? Por exemplo: de coordenação motora, de memória, de concentração, de disposição, de socialização. Você percebe se isso melhorou, mudou, piorou?

A: Piorar, não piorou. Com relação a melhora, a gente melhora em todos os aspectos. Por-

¹⁹A entrevistada estava se referindo à prova com questões de múltipla escolha.

que a gente, fazendo uma coisa que gosta [*sic*], isso acaba repercutindo na nossa vida. Agora, se repercutiu na coordenação motora, eu não sei dizer. Memória está “no vício”, acho que ela até melhorou um pouco. Na disposição, socialização, concentração, também ajudou e tem ajudado.

C: Com as aulas você percebe alguma mudança na sua percepção, na sua sensibilidade, na forma como você ouve a música ou ouve as coisas?

A: Ah, mudou. É como eu falei, a música em si já inspira, sem a gente saber do que se trata, um sentimento. Então isso daí já é um ponto favorável. Quando a gente sabe do que se trata e se familiariza com a música, acaba gostando muito mais, né? Como é que é a pergunta que você fez?

C: O que mudou na sua percepção, sensibilidade, depois de começar as aulas? Ouve melhor, tem a memória mais ativa? É capaz de se lembrar melhor das coisas?

A: Minha memória está mais ativa, assim como a socialização.

C: Você lembra em que momento da sua vida surgiu o interesse pela música?

A: [*A entrevistada fica algum tempo em silêncio e em seguida responde.*] Você fala do interesse em estudar música?

C: Não precisa ser para estudar, porque tem muita gente que tem interesse por música, que gosta, que aprecia, mas nunca estudou. Quando você percebeu que a música era importante para você?

A: Meu interesse por música surgiu quando eu já tinha perto dos 18 anos. Trabalhei como ajudante de costura com uma senhora do bairro vizinho da minha casa, lá em São Paulo. A filha dela tocava piano e estudava todo dia. Então, todo dia a gente ouvia a menina tocando e isso despertou meu interesse. Eu falava: “Tenho que aprender um pouco de música.” Era um anseio muito grande. Então, foi nesse momento, nessa oportunidade.

C: Você se lembra de músicas e canções da sua infância? Canções que você aprendeu na escola ou que a sua mãe ou alguém cantavam?

A: Não sei se vou saber dizer agora, mas eu lembro, sim. Precisa dizer do que que a gente lembra?

C: Se você lembrar, seria bom! [*A entrevistada fica algum tempo em silêncio.*] Você tem lembranças desse contato com canções?

A: Tenho.

C: Você falou do canto orfeônico na escola. . .

A: É, eu cantava música, os hinos pátrios, músicas de Natal e tinha algumas peças também. Eu sabia tudo de música infantil, música de ciranda, coisa de criança e ainda lembro de muita coisa. Agora não mais, porque as netas estão grandes, mas eu brincava com elas de “Ciranda, cirandinha”, “Senhora Viúva”, “Atirei o pau no gato”. Depois, na juventude, eu ouvia bastante rádio. Hoje, não suporto mais ficar escutando rádio, porque tem muita repetição. Se eu for ouvir uma música e ao chegar no final o cantor repetir aquele final mais de duas ou três vezes, não tolero, não suporto. Eu falo: “Não, acabou, acabou. Vai cantar outra coisa”. [*Nesse momento a entrevistada dá uma gargalhada.*] Hoje em dia tem muita música com os refrões muito repetitivos, então eu não aprecio. Além disso, a música repete muito no rádio e, às vezes, tem algumas letras que não interessam nem um pouco. O que eu andei ouvindo ultimamente foi o Andrea Bocelli, o Toquinho e o Toquinho em italiano, pois temos um CD dele. A gente ouve alguma coisa assim, mas nada que eu saiba cantar. Da época de jovem, o que a gente lembra é muita música de carnaval. Vira e mexe vem uma à memória, e de música popular a gente acaba lembrando de uma coisa ou outra. Tinha a Isaurinha Garcia, aquele povo da antiga. Tem muita música antiga que a gente lembra e quando alguém canta uma regravação, eu ouço e falo: “Nossa, essa daí é velha, é mais velha que andar para frente”.

C: Você se lembra de algum fato importante, significativo, da sua vida que esteja relacionado com a música?

A: Não, não lembro, não. O que eu tenho é das minhas filhas – as duas estudaram piano. A mais velha até se formou... Elas participavam das audições e era muito gostoso de ver. A mais velha foi progredindo até se formar, então ela sempre se apresentou. Todo ano tinha audição e ela sempre se dava muito bem. A mais nova tocou aquelas musiquinhas bem infantis e depois não quis saber mais. Cada vez que ela ia para a aula tinha dor de barriga, dor de cabeça, mal-estar... Até que um dia falei para ela não ir mais para a aula de piano. Ela me respondeu: “Ah, mas você briga”, e eu disse: “Não vou brigar. Tem tanta coisa para fazer: tem inglês, enfermagem, pintura, uma infinidade de coisas. Veja do que você gosta e o que realmente quer e deixa o piano. O que você aprendeu até agora não é perdido, afinal, conhecer um pouco de música é bom”. Aí ela deixou e foi fazer um pouco de pintura e depois um curso de inglês, que é o que favorece o trabalho dela hoje. Mas eram momentos muito bonitos e que me marcaram. [*Nesse momento da entrevista a Alice me pede para desligar o gravador e me conta a respeito de um momento da sua vida no qual ela passou por uma grande dificuldade.*]

C: Você se lembra dos sons da sua infância, os sons que você ouvia naquela época? Não estou falando especificamente de música, mas dos sons. Pode ser som de casa, som da escola, som da cidade, do trabalho.

A: Você sabe, que engraçado, agora estou voltando à minha infância, em Ourinhos, onde nasci e morei, acho que ainda tem uma cerâmica que não era muito longe de casa. A gente sempre ouvia aquele apito dos horários. Isso daí eu tenho bem na minha memória e de vez em quando vem aquele apito na minha cabeça. Outras coisas eu não sei dizer.

C: Você se lembra de algum som que hoje não se escuta mais? Por exemplo: meu pai falava do som do bonde.

A: O bonde é um exemplo para mim. Nossa, até minha filha mais velha andou um pouquinho de bonde, mas ela nem lembra, pois era pequena. O som do bonde e o que mais? [*A entrevistada fica algum tempo em silêncio.*] O que que acontecia lá naquele tempo que a gente não ouve mais? [*Depois de ficar mais um tempo em silêncio, Alice conclui seu pensamento.*] Eu não lembro, não.

C: O que você acha do ambiente sonoro da cidade, dos sons que a gente escuta hoje?

A: É poluído. [*E, apontando para a janela, ela complementa.*] É ônibus, é carro, às vezes carro com som alto. Enfim, eu acho a cidade muito barulhenta.

C: E isso incomoda?

A: Ah, incomoda e muito. Eu acho que em certas circunstâncias poderia ser bem menos. Inclusive, acho que tem gente que fala muito alto por conta disso. Não sei, pode ser por isso ou é costume de casa. Esses sons, essa barulheira de carro, de ônibus, de... não de trem... O trem também é uma coisa que quase a gente não ouve mais, mas era um som que eu tinha muito na infância. Então, é som que é muito alto e incomoda.

C: Desses sons que estão hoje presentes, quais lhe agradam e quais não agradam?

A: [*Nesse momento a entrevistada fica algum tempo em silêncio, pensando.*] Bom, o que não agrada é esse barulho de trânsito. O som que agrada é o som da fala, de uma conversa, o som da música, do aparelho elétrico, desde que colocado num volume suportável. Então, isso me agrada. O som da música tocada, de uma orquestra, tudo isso agrada. Agora eu não sei dizer mais nada, você tem algum... algum modelo aí?

C: Onde você mora é muito barulhento? Tem som de escola, som de animal?

A: Cachorro.

C: E incomoda você?

A: Incomoda. O cachorro e o papagaio do vizinho, que nem é tão perto, é do outro lado da rua, duas casas para frente. Eu não sei se é papagaio, porque ele só grita “uuuu, uuuu”

e a cachorrada late que muito. Então esse barulho incomoda. Outra coisa que incomoda é barulho de ar-condicionado e de ventilador. Às vezes a gente passa um calorão para não ligar o ventilador, porque aquele “brrrr, brrrr” direto na cabeça não dá. O ar-condicionado, se você tiver ele na sua casa, ainda é suportável, mas o do vizinho grudado na parede do seu quarto é terrível. O barulho do ar-condicionado e de cachorro incomodam bastante.

C: Por que você optou por ter a música como atividade? Você poderia ter feito dança, ginástica, mas optou pela música, por quê?

A: É o que dá mais certo para mim. Primeiro porque gosto, e segundo porque já tenho um começo, mas não sei tudo.

C: Há algum fato significativo, importante, da sua vida, após os sessenta anos da idade, que tenha alguma relação com a música?

A: [*Depois de ficar algum tempo em silêncio, a entrevistada responde.*] Eu não lembro de nada, não.

C.4 Edson Flávio Mariano

Carolina: Desde quando que você faz aulas no CEMULC?

Edson: Tenho que fazer a conta. Estou no quarto ano, então eu comecei em 2008, exatamente.

C: Por que você decidiu fazer o curso de música?

E: Eu sempre gostei de música. Sou do tempo em que música, no ginásio, era matéria obrigatória e coisa séria. Quando entrei no que na época a gente chamava primeira série, e que hoje é a quinta, tinha a disciplina de Música e a gente aprendia, era coisa séria mesmo. A professora ensinava notas, pauta e a gente aprendia toda essa parte de teoria musical. E tinha provas parecidas com estas provas de solfejo que o professor de Percepção Musical I dá. A gente aprendia canto: a professora fazia as pautas na lousa, a gente tinha que copiar tudo no caderno e depois ela levava a gente para o auditório, tocava piano e a gente aprendia a música. A prova era individual: você tinha que comparecer perante a professora para cantar a música marcando o compasso e cantando as notas. A primeira música que eu aprendi foi “Dó, dó, sol, ritmando. A canção da terra vamos entoando”. [*Nessa hora o entrevistado canta um trecho da música para mim, marcando o compasso com batidas de mão na mesa.*] Tinha mais três versos e você tinha que cantar as notas: “dó, dó, sol, mi, dó, sol, dó, ré, mi, fá, sol, sol, sol, fá, mi, ré, dó” [*Solfejando.*] Nunca esqueci. Acho que a primeira coisa a gente não esquece. Eu acho que isso acontece com tudo que é “primeiro”. Estou mostrando para você ver como era. Tivemos essas aulas e aprendemos outros cantos e toda a parte de teoria, que na época eu não dei muita bola e, por isso, esqueci. Hoje a gente fala: “Por que eu não aprendi... não aproveitei melhor, sabendo que no futuro...” Mas, eu não sabia que no futuro ia se desenvolver esse gosto. Essa foi a base, mas eu sempre gostei de música, mesmo sendo muito desafinado. E ainda sou. Todo ano a professora iniciava as aulas com a classificação para cantar no orfeão. A gente ia lá na frente e cantava, fazia a declamação rítmica do hino nacional. [*Nessa hora o Edson canta um trecho do Hino Nacional, marcando a pulsação com batidas de mão na mesa.*] “Um, dois, três... Ouviram do Ipiranga as margens plácidas...”. Depois disso você cantava. Quando chegava na minha vez, a professor falava: “Você não precisa, você pode ir embora”. Eu era ruim mesmo, mas sempre gostei de cantar. Por que sempre gostei? Não sei. É um gosto, mas tinha esta frustração: eu chegava lá e a professora me liberava. Acho que isso foi me marcando. Um dia eu participava da celebração²⁰ da missa perto da minha casa, numa capela do colégio, e houve uma mudança de párocos na cidade. O frade que fazia a celebração disse

²⁰É o mesmo que missa, conforme explicado pelo entrevistado.

que iria assumir a paróquia e que não poderia mais celebrar. Ele pediu para que a gente fosse à igreja matriz. Eu fui, a contragosto, no domingo de manhã, um domingo de verão, participar da celebração. Só que essa celebração durante a manhã atrapalhava a minha piscina, pois essa era a hora que eu gostava de ir para a piscina. Lá fiquei sabendo que tinha uma missa no sábado à noite, às 19h30, e decidi começar a frequentar nesse horário porque daí no domingo poderia ir para a piscina. Na semana seguinte fui nessa celebração de sábado, e nela, até hoje, cantava o Coral Santa. A regente tinha sido minha professora na escola, aquela que dizia que eu era desafinado. Comecei a frequentar essa missa, apesar de ter implicância com o Coral. Eu via eles cantarem em celebrações e não gostava. Mas comecei a participar daquela celebração e os ouvi cantar. Lá no meu lugar, humildemente, eu cantava “para dentro”. Um dia eu perguntei para uma das participantes – não falei com a regente porque ela era sisuda, passava a ideia de ser uma pessoa brava – onde eles ensaiavam. Ela respondeu que os ensaios aconteciam na casa dela e na casa da regente. Perguntei se poderia participar, prometendo que não iria atrapalhar e nem abrir a boca. Expliquei que só queria ouvi-los cantar. A aversão que eu tinha a coral começou a mudar exatamente para o sentido contrário. Expliquei que o meu desejo era participar do ensaio para ouvir, e talvez assim eu conseguisse aprender alguma coisa. Avisei que não iria abrir a boca porque sou desafinado. Ela consultou a regente, perguntou se eu poderia participar e ela autorizou. Então fui participar dos ensaios. Chegava lá, ficava os ouvindo cantar [*sic*]; comecei a ver que materiais eles tinham. As partituras estavam estragadas, tinham cerca de trinta anos. O coral tem cerca de noventa anos e as partituras estavam todas estragadas! Eu comecei a levar para casa, passava a limpo ou procurava uma partitura daquela música em condições melhores. Quando havia partes pequenas, eu ampliava. Eles começaram a gostar do trabalho e passaram esse serviço para mim. Então eu passei a ser, como dizia um falecido amigo, o “parteiro”. Eu fazia o “parto” do coral, era o “parteiro”. Eu comecei a cuidar dessa parte e assumi esse serviço. Comecei a cuidar do arquivo e ensaiava com eles, com o material que recuperava, mas no meu cantinho, sem interferir. Como eu tinha tido, apesar de pouca, uma boa base com a minha professora na escola, aqueles conteúdos começaram a retornar. Não tudo, mas começou a retornar. Percebi que tinha menos dificuldade do que muita gente que cantava ali no coral, embora continuasse sendo desafinado. A regente tinha uma irmã que era freira e foi até diretora de um colégio. Ela faleceu quando era diretora. Numa das celebrações eu estava sentado no banco e essa freira estava sentada ao meu lado. Durante a celebração eu cantei, sentado no meio do povo e não percebi que ela estava me observando. Eu sempre costumava chegar um pouco antes nas celebrações para abrir o órgão, deixar tudo arrumadinho, colocar as partituras e em seguida sentava no meu lugar para acompanhar a celebração. No sábado seguinte, quando cheguei, logo depois a regente chegou e me pediu para sentar do lado dela

porque queria falar comigo. Como eu trabalhava aqui em Campinas, ela sempre me pedia para comprar partituras e pensei que era sobre isso que ela queria conversar. Porém ela me disse que sua irmã havia perguntado por que eu não estava cantando no coral. Expliquei que não servia para cantar no coral e a regente argumentou que sua irmã havia dito que minha voz era forte e que eu estava afinado. Insisti dizendo que era desafinado, mas ela me convidou para cantar no coral. Respondi que não iria, que iria atrapalhar. Apesar de ela insistir muito, não fui, fiquei firme no lugar. Mas, um determinado dia, coincidiu de ter pouca gente. Todo mundo viajou porque era feriado prolongado e a regente falou: “Hoje não tem ninguém para cantar, você vai ter que cantar junto”. Aí eu subi para cantar e nunca mais desci, fiquei lá.

C: Você ainda participa?

E: Não, eu parei por causa de uma questão: quando você começa a aprender mais, começa a entrar em choque. Havia poucos homens e a regente colocava todos para cantarem em quarta voz. Eu não conseguia e não sabia por quê. Começava a cantar e não conseguia acompanhá-los, escorregava para a primeira voz. E na disposição do coral eu ficava exatamente no limite entre a primeira voz e os homens. Eu pensei: “Continuo desafinado, não está dando certo”. Um dia nós fomos cantar em um casamento e uma das músicas era a “Ave Maria”, que eu não acertava cantar, era um martírio.

C: A primeira voz são as sopranos?

E: Sim. Depois vou dizer por que não falo “soprano”, “tenor” e nada disso.

C: Então a regente colocava todos os homens para cantar o baixo?

E: Isso. O que aconteceu: durante a apresentação eu escorreguei e comecei a cantar junto com sopranos. Percebi que estava errado e pensei: “Vai atrapalhar”. Parei de cantar e deveria ter ficado de boca fechada. O rapaz que sustentava os baixos estava na minha frente. Eu me aproximei dele para ouvi-lo cantar e quando ele começou a cantar tentei pegar o que ele estava cantando. Peguei errado. Eu errei, ele errou, o coral inteiro errou. Nunca mais cantei “Ave Maria”, tenho ojeriza. Passado um tempo, a regente ficou muito doente, se afastou e a prima dela, também professora de Música, assumiu temporariamente. Ela quis classificar as vozes, disse que eu era tenor e me ensaiou como tenor, juntamente com outro rapaz. Aí foi uma maravilha, e eu descobri por que não me encaixava: estava cantando a voz errada. Fazendo um parênteses [*sic*]: quando descobri isso, eu falava para as pessoas que minha voz era tenor. Aí, numa reunião, num grupo, ouvi um rapaz falar – não diretamente para mim –, tirando sarro: “Convida o tenor para cantar”. Percebi o tom como a frase foi colocada. A partir desse dia não falei mais que sou tenor: sou terceira voz. Sabe, é aquela ideia que se tem de que tenor

são aqueles famosos, que não é qualquer um que canta. No grupo do CEMULC, aqui entre nós, num grupo seletivo, eu falo e tudo bem. Mas essa foi a história de como cheguei a cantar no coral, como isso foi se desenvolvendo. Depois disso tive um problema: fui estudar liturgia e comecei a ver que as coisas não estavam batendo. E comecei a malhar em ferro frio. Levei muita bronca do padre porque ele ensaiava uma coisa e chegava na hora eles queriam cantar outra coisa, e eu falava: “Não, isso não pode cantar”. A gente ensaiava na quarta-feira, preparava toda a celebração. Quando chegava no sábado, de manhã já começava a tomar calmante. Eu preparava vinte e poucas pastas – elas serviam para facilitar a vida de todo mundo – e ficava esperando. A regente levantava de manhã, assistia a missa em Aparecida pela televisão e via que naquela missa eles cantavam determinadas músicas. Logo em seguida ela me ligava e dizia: “Eu vi cantar tal música na missa em Aparecida. Vamos cantá-las hoje à noite. Pode?” Eu já estava com o saco cheio e respondia para cantar²¹. Aí eu tinha que procurar a música, trocar nas vinte pastas e, chegar de noite, levar bronca do padre. Cansei de falar que a missa da manhã não era a mesma da tarde: a missa da manhã era sábado, a da tarde era domingo. Aí desisti. Numa quinta-feira eu estava trabalhando aqui em Campinas quando o telefone tocou e era minha colega perguntando: “Edson, a regente quer tocar tal música que ela ouviu na missa de Aparecida e achou bonita. Você tem? Pode?” Eu respondi: “Bonito por bonito, toca o hino do Corinthians ou do Palmeiras, que dá na mesma. Estou fora, a partir de hoje estou saindo do coral”. Já estava há 10 anos. Esperei um sábado, essa amiga cantava numa missa à tarde, na Igreja do Carmo, lá em Mogi, às três horas. Fui esperá-la na porta da igreja e quando ela saiu entreguei todas as partituras. Depois disso nunca mais fui e parei de cantar. O tempo passou e segui sempre gostando de música. Há uma grande compositora religiosa, que viaja pelo Brasil fazendo encontros de canto pastoral. Em agosto ela vem para Campinas, ficando um final de semana. O curso é aberto e se paga uma inscrição. Em julho esse mesmo encontro acontece em Santos, há quase quarenta anos, pois foi onde ele começou. Ontem eu recebi a carta de divulgação do curso de Santos e vou tentar participar, mas não sei se vai dar, porque farei uma cirurgia e não sei se estarei bem. Será de quinze a dezessete de julho. Se der, vou em julho para Santos e depois participo também aqui em Campinas. Porém, comecei participando aqui para depois ir a Santos. Nestes encontros aprendia mais músicas e trazia tudo para o coral. Por que eu falei dessa compositora? No encontro que houve aqui em 2008... não... foi 2008? Não, estive com ela em julho de 2007, em Santos, mas foi rapidamente, porque minha mãe estava internada em São Paulo. Fui para o curso em Santos na sexta à noite, e no sábado fui embora para Mogi, porque no domingo teria um encontro de Liturgia ministrado por uma irmã que vinha de São Paulo – eu fiz Liturgia com ela. Então fui lá, inclusive para prestigiá-los. No

²¹Para cada tipo de missa há um tipo de repertório que pode ser tocado/cantado. Porém nem todos os párocos respeitam isso, o que acaba gerando alguns desentendimentos, como este, relatado pelo entrevistado.

dia 13 de agosto minha mãe faleceu. No final do mês teve o encontro aqui em Campinas e eu encontrei novamente com a compositora. Conversei com ela, que me disse: “Você saiu de lá e eu não vi, você nem se despediu. Depois me falaram que sua mãe estava internada e aí eu entendi”. E, nesse encontro aqui em Campinas, foram falar do CEMULC e explicar como era o curso.

C: Eu ia mesmo perguntar por que você escolheu o CEMULC.

E: Quando eles apresentaram o programa, pensei: “Meu Deus, é o que estou precisando”. E o preço? Esse curso é praticamente de graça: a mensalidade é sessenta reais. Para o que você recebe aqui, isso é de graça! Você vai gastar quase isso se pegar só uma hora de aula de música. Eu pensei: “Não posso perder essa oportunidade”, e decidi que ia fazer o curso, porém acabei não fazendo a inscrição porque passou do tempo. Por exemplo: eu lembrei que deixei o papel da inscrição na gaveta, achei hoje e o prazo tinha encerrado ontem. Passou. No início de 2008 foi feito o lançamento do Hinário Litúrgico e me convidaram para participar. E mais uma vez havia um pessoal para falar do curso. Eu disse para uma das divulgadoras: “Cada vez que olho para vocês, eu sinto um arrependimento muito grande”. Ela me perguntou por quê, e respondi que ia fazer minha inscrição no ano passado, mas perdi o prazo. Ela me disse que ainda havia vagas no curso, que era isso que eles tinham ido divulgar e que, se eu quisesse, poderia fazer minha inscrição. Fiz minha inscrição na hora e comecei a fazer o curso. Toda essa história que contei foi para chegar nisso daqui. Escolhi o curso porque ele foi apresentado e estava de acordo com aquilo que eu esperava.

C: Você vem sempre de Mogi para fazer o curso?

E: Venho. Comecei fazendo de sábado, e no segundo ano passei a fazer, também, disciplinas optativas de teclado e canto. Mas, como ficava muito complicado para mim, pois eu tinha que trazer teclado e vir de Mogi para cá, resolvi parar. O professor de teclado saiu e não gosto de ficar mudando muito, sabe? Sou muito conservador nisso. A professora de canto foi fazer mestrado nos Estados Unidos e retornou agora. É uma cantora que você precisa ver. É uma mocinha assim que nem você, magrinha, assim do seu tipo, mas formidável. Ela foi embora, eu também não quis mudar de professor e estava ficando difícil, não estava me adaptando com o grupo porque havia mudado para o horário noturno²², e resolvi voltar para a turma da manhã, que era a minha turma.

C: Você não faz mais as disciplinas optativas de teclado e canto?

E: Não faço mais porque estava ficando difícil. Pretendo, futuramente, continuar.

²²As disciplinas optativas acontecem durante a semana, no período noturno.

C: Qual é o seu estilo de música, cantor e compositor preferidos?

E: Você não vai dar risada? Sabe por quê? Os meus gostos são estranhos. Eu não gosto de música popular. Música popular que gosto é samba-enredo. Adoro carnaval, adoro ver escola de samba e adoro samba-enredo. Tem duas cantoras populares que gosto: a Beth Carvalho e a Clara Nunes. São a mesma coisa, só que um pouquinho diferente. O resto, nem ouço. Ligo o rádio em casa para fazer barulho porque estou sozinho. Gosto muito de música folclórica e música oriental. Sou apaixonado pela música japonesa: cantada ou instrumental. Gosto de ver aqueles programas japoneses. Eu assino TV a cabo, e a pré-condição para mim é que pegue canal japonês para assistir os programas de música que tem lá. Gosto demais da música japonesa.

C: Quando você fala música folclórica, seria o quê? Você tem um exemplo?

E: A música folclórica é aquela música que eles chamam hoje de “música de raiz”, mas eu acho que não é bem isso. Na minha opinião, isso daí é música caipira, e não folclórica. Música folclórica, para mim, é o boi-bumbá, por exemplo. Como que chama aquele que tem lá no Maranhão? Já, já eu me lembro. É uma dança, e eles carregam uma bonequinha na mão... Então, é desse tipo de música que gosto. Em relação à música japonesa, tem o *min'yō*.

[*Nesse momento o entrevistado canta um trecho para mim.*] Ela parece que está desafinada, mas não está. E eu gosto daquilo lá. Ela é mais ritmada quando é acompanhada do bailado. Gosto da música romântica que os japoneses chamam de *enka* e gosto da música clássica também.

C: Tem algum compositor que você prefere?

E: Não tenho... Gosto do Tchaikovsky por ser mais alegre. Os compositores que parecem alegres me agradam mais. Tem uns que é meio difícil de a gente engolir, não bate muito comigo não. Mas eu gosto do clássico.

C: O que você gosta de cantar e de tocar?

E: Música religiosa, só. Tanto é que lá em Mogi Mirim começou um coral popular e eles me convidaram. Eu fui lá, me inscrevi, comecei, fiz um esforço, mas não consegui ficar. O coral não tinha relação com a igreja. Era de um maestro que trabalha na UNICAMP também.

C: Você já tinha estudado música anteriormente? Por quê?

E: Não, só no Ginásio, na época da escola, que foi a minha base. Eu não havia estudado música porque até começar a trabalhar, aos 20 anos, dependia do meu pai. Aí você pode considerar a questão financeira. Meu pai era um operário, ganhava um salário mínimo que mal dava

para pôr comida dentro de casa. Toda a minha formação, o que eu sou hoje, saiu do tanque de lavar roupa da minha mãe. A minha formação e a dos meus irmãos, que não quiseram ir para frente. Mas, até onde eles foram, saiu do tanque de lavar roupa. Com essa formação que me foi dada eu passei no concurso público, trabalhei na saúde, depois saí da saúde e fui trabalhar no banco. Tudo é consequência do tanque de lavar roupa. Se não tivesse tido o tanque lá para me dar a base, eu não teria chegado onde estou hoje.

C: Você já tinha estudado ou tocado algum instrumento antes de fazer as aulas no CEMULC?

E: Não, e pelo mesmo motivo. Acho que, com o tempo, essa coisa foi despertando. Eu tinha muita admiração por piano, achava muito bonito tocar esse instrumento. Depois que fui ver que a regente do coral tocava órgão lá na nossa igreja. E órgão é órgão, não é teclado. Eu a via tocando, e nos ensaios do coral que aconteciam em sua casa ela tocava piano. Esses instrumentos sempre me atraíram. Tanto é que eu comprei uma coleção de discos daquele pianista francês, Richard Clayderman. Como ele é francês, eu não sei a pronúncia correta do seu nome. Comprei a coleção dele para ficar ouvindo, mas o piano, o teclado, sempre me atraíram. Porém só agora surgiu a oportunidade e eu pretendo continuar, mas não farei as aulas aqui no CEMULC, porque é muito complicado. Devo fazer lá em Mogi mesmo.

C: Você costuma tocar ou cantar fora das aulas?

E: Eu não participo mais do coral, deixei. Estou me preparando para voltar, quero voltar, mas ainda não chegou a hora.

C: Agora você não está em nenhum grupo?

E: Não, não estou em nada.

C: Em quais situações você costuma cantar? Quando está triste ou alegre, por exemplo.

E: Canto nos ensaios do coral.

C: Em casa você não canta?

E: Não, não canto. Eu canto só quando tem que ensaiar para os exercícios daqui.

C: Você considera a música importante? Por quê?

E: Eu considero a música importante, sim. Por quê? Como dizia a professora que substituiu a regente do coral: a música é uma arte que não admite erros. Eu fiz desenho e pintura também. Quando você pinta ou desenha, se errou é só apagar, consertar. Você está pintando e, se não gostou, raspa a tinta. A mulher está costurando. Errou? Ela conserta. O escultor errou, ele

modifica. O construtor errou, ele vai lá e acerta. A música, se você errou, não tem jeito de voltar, ela é perfeita. Ou você faz certo, ou, se erra, ela fica errada. Não tem jeito. Então, eu acho que ela é perfeita, ela exige de você a perfeição, além de trazer um bem-estar muito grande, pois acho gostoso e bonito cantar. Você deu um tom fora... Haja vista o erro que cometi no coral aquela vez com a música “Ave Maria”: estragou tudo.

C: O que as aulas de música representam na sua vida, hoje?

E: Ah, eu fico esperando a semana inteira passar para vir aqui. É um encontro muito bom, fiz várias amizades, criei uma nova família, um novo grupo de relacionamento. Um grupo seletivo, embora a maioria seja muito simples. E isso eu vejo quando ponho o DVD da nossa formatura, da celebração: vejo aquele povo todo cantando, aquela coisa bonita. Um rapaz, o meu vizinho, viu o DVD e falou que se sentiu no Vaticano. Então a música e o curso proporcionam uma autoestima muito grande.

C: Como é que você vê sua vida sem essas aulas?

E: Estou pensando como é que vai ser quando terminar o curso e não tiver mais. É uma coisa que estou pensando. Às vezes eu falo para o coordenador do curso: “Vocês não vão ficar livres de mim muito cedo, não. Enquanto puder vir aqui, eu virei”.

C: Que sentimentos você tem quando está na sala de aula?

E: Como assim?

C: Por exemplo: você fica alegre por estar aqui, sente que está realizando um sonho, fica frustrado por não conseguir acompanhar... O que você sente quando está aqui?

E: Fico realmente contente. Eu estava pensando o que você iria perguntar para mim se tenho algumas coisas na vida que foram difíceis para mim. Primeiro: queria aprender a andar de bicicleta. Eu não sabia e aí fui aprender. Aprendi e depois não andei mais. Tinha pavor de água, de nadar. Aprendi a nadar e de vez em quando vou à piscina. E cantar era a minha frustração, porque eu gostava mas a professora falava que eu não cantava porque era desafinado. Então decidi que tinha que vencer isso. Fazer o curso, aprender cantar, é vencer mais um degrau de uma dificuldade muito grande que eu tinha. Hoje falo para os outros irem, principalmente os que se acham desafinados. Falo que também não sou afinado, mas que aprendi. Não solto muito a voz, a não ser que tenha certeza. E lá no curso a gente aprende. Tem gente simples, que tem dificuldade, mas está caminhando. Então olho para eles e vou sentindo força para caminhar, apesar de encontrar dificuldades.

C: O que você sente quando está cantando?

E: Ah, principalmente nas apresentações, eu sinto que venci. Eu falei: quando vejo o DVD da turma cantando na celebração, e apesar de não estar muito bem com a garganta naquele dia, não pude soltar muito, senti que aquele ali era o momento, realmente a formatura, a coroação de tudo aquilo. Cheguei lá!

C: Você encontra alguma dificuldade nas aulas, como, por exemplo, física, financeira, emocional, cognitiva?

E: Veja bem, há dificuldade financeira: o curso, para mim, não fica só nos sessenta reais. Cada vez que venho, por semana, são mais vinte reais. Cada trecho custa cerca de onze reais, mas eu não tomo ônibus na rodoviária, tomo fora. Então, são mais vinte reais por semana. De Mogi até Campinas demora cerca de uma hora. Mas, para mim, isso é o de menos, porque trabalhei em Campinas vinte e dois anos. É como você tomar um ônibus lá num bairro distante e vir até a cidade. Então essa não é a dificuldade. Há dificuldade financeira, pois o curso, para mim, encarece um pouco, já que meus gastos não ficam apenas nos sessenta reais mensais. Esse foi um dos motivos pelos quais parei com as aulas de instrumento: eu teria que vir duas vezes na semana, ao invés de uma. Na época em que eu trabalhava era diferente, pois tinha ajuda de custo nessa parte, mas agora não. Na parte de música, da técnica, por exemplo, houve uma época em que fiquei meio desanimado, não soltava a voz porque estava bloqueado. Porém o professor de Percepção Musical I me ajudou muito. Eu bati um papo e ele me deu uma força muito grande, um incentivo, e aí eu soltei mais. Eu vou conseguir eliminar essa dificuldade que surgiu por causa de uma palavra errada que me bloqueou. Ele conseguiu desbloquear. Hoje, por exemplo, como ainda não me considero afinado, tenho dificuldade. Demoro um pouco para pegar as músicas: pegar no sentido de “vamos cantar”. Tenho um pouco de dificuldade em relação a todo o processo e ainda tem alguma coisa que está me segurando.

C: Você percebe se as aulas de música lhe trouxeram algum benefício? Por exemplo, questão de memória, de concentração, coordenação motora, de disposição, de socialização?

E: Principalmente na socialização. A memória, para mim, é... [*Nesse momento o entrevistado ri.*] Se eu falar a verdade, até hoje tem certos lugares na pauta que não sei que nota é. Preciso pegar uma de referência e contar. Você sabe que em toda aula de Canto Gregoriano, quando a professora está tocando, eu fico olhando, acompanhando, e me pergunto se ela está tocando seguindo a partitura do gregoriano ou se ela está tocando a transcrição. Tenho vontade de levantar e ver a partitura que ela segue.

C: Pelo que vi, ela faz a transcrição na hora: quando ela toca, está lendo a partitura gregoriana.

E: Eu acho que é mais difícil. Fico pensando: “Será que a partitura dela é em gregoriano ou é em notação moderna?”

C: Eu acho que está em gregoriano.

E: Tenho vontade de levantar e ir lá olhar. Eu ainda tenho essa dificuldade e acho que falta estudar um pouco mais, pegar isso aí e falar: “Vou fazer exercício e gravar”.

C: No seu dia a dia você não percebe se alterou alguma coisa?

E: [*Nesse momento o Edson para um momento para pensar.*] Nunca parei para pensar sobre isso.

C: Talvez não tenha chamado sua atenção.

E: É, pode ser. Como já faz três anos que o curso está acontecendo, nós estamos no quarto ano, as coisas podem até ter mudado e talvez eu não tenha percebido.

C: Depois que você começou as aulas, mudou alguma coisa na forma como você percebe a música, na sua sensibilidade? Você ouve de forma diferente?

E: Olha, depois que comecei a fazer o curso, as celebrações passaram a ter outro sentido.

C: Celebração é a missa?

E: É a missa. Elas tomaram um outro sentido. A música na celebração, por exemplo, não é um enfeite como a gente pensa. O pessoal fala: “Vamos cantar isso porque é bonito”. Como já falei: “Bonito por bonito, toca o hino do Corinthians”. Eu falo, brigo muito com as pessoas e ontem mesmo discuti com uma colega. Foi discussão, e não briga. Encontrei com ela na rua, que me perguntou se eu não ia mesmo voltar para o coral. Respondi que ainda não era hora. Depois ela me perguntou o que eu estava achando do novo padre – estávamos com um novo padre. Respondi que ainda não tinha conversado com ele, que o tinha conhecido rapidamente e que sabia que ele era muito rigoroso nessa parte de liturgia. Essa colega me respondeu que “a igreja precisa mudar porque os jovens não querem isso”. Aí respondi: “O jovem não tem que querer, ele tem que fazer o que vier, tem que aprender”. Eu briguei muito comigo mesmo quando descobri que estava fazendo “coisa errada”. Fazendo um parênteses [*sic*], fui participar de um curso de atualização em Liturgia que acontece todo ano, no mês de janeiro, em São Paulo. Descobri por acaso, fiz a inscrição e fui. O curso tem duração de dois meses – dois janeiros – e eu imaginava que veria coisas que já sabia, mas era tudo diferente. Nesse curso conheci um negócio chamado Ofício Divino das Comunidades, que é diferente do Ofício Divino da versão popular. Olha, eu fui tão resistente, mas tão resistente... Sabe aquela pessoa birrenta? Quando terminou a primeira etapa, a segunda etapa seria no ano seguinte, eu vim para casa, passei um

ano ruminando aquilo, fui digerindo e quando voltei no ano seguinte, já tinha mudado. Por que isso? Porque durante cinquenta anos me foi ensinado que era assim, de determinado jeito. Cheguei nesse curso, em trinta dias tiraram tudo aquilo da minha cabeça. Eu tive que renunciar a uma vida de conhecimento, de formação, para uma coisa nova. Não é fácil, sabe? Então tive que brigar muito comigo para mudar e ainda brigo por causa de certas coisas. Mudei, aceitei e acho as informações do professor de canto gregoriano muito bacanas, ótimas. Não estou desprezando os outros, mas estou aprendendo que é assim porque é assim. Por que este papel você tem que pôr deste jeito? [*Nesse momento o entrevistado pega uma folha de papel que está em cima da mesa.*] Você põe deste jeito porque tem um fundamento. Você não põe assim simplesmente por colocar. Eu não vou cantar isso simplesmente porque vai encaixar, vai ficar bem. Não. Vou cantar porque tem uma ligação, uma necessidade. Aí eu quero que o outro faça também. Entendo que é difícil para eles, porque sei que não é fácil abrir mão daquilo que você tem como certo há tantos anos. Eu passei por isso e ainda passo. Não significa que estou aberto a tudo. Tem coisa que vem e ainda fico “meio assim” em aceitar.

C: Qual é a sua relação com a igreja além de participar das missas? Você participa de alguma outra atividade?

E: Não. Quando vim estudar Filosofia, na época estava cursando Pedagogia. Nesse curso havia um grupo que estava convidando: “Vamos ser padres?” Sabe aquela fase religiosa da gente? Eu estava nessa fase e então resolvi aceitar o convite. Estava quase pensando em ir e aí vim estudar Filosofia junto com um colega meu. Nós viemos como leigos e pensando em ir para o seminário. Com o tempo eu vi que a minha questão era ficar na igreja, mas não assim. Eu nunca fui para nenhum trabalho em nenhuma pastoral. Foi nesse meio tempo que comecei a participar do coral. Eu tinha um colega – hoje ele é padre na Diocese de Limeira – que falava assim: “Eu vim ser padre porque gostava da liturgia, era isso que me atraía”. O que me atrai também é a liturgia, é a cerimônia. E como a música está encaixada na liturgia, as duas coisas se completam. Até o momento não desenvolvo nenhum trabalho na igreja. Pode-se falar: “Ah, você tem que ir lá e fazer”, mas eu acho que não, não tenho que fazer. Quem tem que convidar é o padre: se ele não convidar, não vou. Por isso que não desenvolvo nenhum trabalho. Eu participava dessa parte no coral, fazia essa parte da liturgia²³. Mas nada mais, além disso.

C: Você lembra quando surgiu seu interesse pela música?

E: Ah, não. Isso é realmente muito difícil de lembrar. Aí eu deveria fazer aquele trabalho de regressão, que eu não acredito. [*Risos.*] Então, brincando, eu acho que deveria fazer um trabalho de regressão para ver se conseguiria achar alguma coisa. Talvez com um trabalho com

²³Escolhendo e organizando as músicas que seriam cantadas nas missas.

psicólogo eu chegasse a isso aí, mas só por mim, nem vou me atrever.

C: Você se lembra de canções da sua infância? Canções que você aprendeu na escola ou que sua mãe ou alguém cantavam?

E: A minha mãe não cantava. Na escola a gente aprendeu muitos hinos pátrios. Quando entrei no Grupo Escolar tinha uma coisa que até hoje eu sinto quando vejo meu sobrinho indo para a escola: naquele tempo a gente entrava e a aula começava meio dia e trinta. A gente chegava meio dia no Grupo, entrava e ficava no galpão, lá fora. Quando era meio dia e vinte e cinco, mais ou menos, tocava o sino, os alunos formavam as filas duplas com as meninas na frente e os meninos atrás, por ordem de tamanho. Então, todas as turmas subiam as escadas. Tocava o sinal, a gente ficava em pé, quarta posição, com a mão segurando a bolsa aqui. [*O entrevistado coloca as mão nas frente do corpo como se estivesse segurando uma bolsa.*] Cada professora ficava na frente da sua turma e a cada dia uma classe começava a cantar um hino ou uma canção. Eram sempre canções patrióticas que a gente aprendia. A turma cantava, puxava o canto e todos cantavam. Depois que acabavam de cantar, as turmas subiam. Esse ritual acontecia na hora da entrada na escola e após o recreio. Para aprendermos a cantar e puxar o canto quando chegasse a nossa vez, a professora tinha que ensinar, mas com o tempo isso se perdeu. Ela ensinava a turma uma vez por semana e a gente cantava para se preparar para quando chegasse nossa vez de puxar o canto. Isso acontecia desde o primeiro ano de Grupo, a primeira série de hoje. Depois que eu saí, isso mudou, pois começaram a aumentar os horários. Naquele tempo era uma turma de manhã e uma à tarde, aí começou a triplicar, quadruplicar e acho que não dava mais tempo, as professoras mudaram também e isso se perdeu. Nos feriados, como 7 de Setembro, 15 de Novembro, você não ficava em casa, tinha que ir à escola, pois havia comemoração daquela data. A gente ia lá, cantava o Hino Nacional e aqueles cantos que tínhamos ensaiado. Tudo isso a gente fazia e a música era desenvolvida assim, desde o Grupo Escolar.

C: Você se lembra de algum fato importante da sua vida que esteja relacionado com a música?

E: Fato importante relacionado com a música? O que será, não? De momento, assim, eu não me lembro.

C: Você lembra que sons estavam presentes na sua infância? Não estou falando especificamente de música, mas de sons, no geral?

E: [*Nesse instante o Edson para por um tempo para pensar.*] Sons? O rádio. Na minha infância não existia televisão, mas na pré-adolescência ela veio. Minha mãe ouvia muito rádio.

Ela gostava de novela, e o rádio tinha a TV Globo da época, que era a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Ela ficava com o rádio ligado: levantava às oito horas, ligava o rádio e só desligava às seis da tarde. Eu conservo isso até hoje. Ela ouvia todas as novelas do dia e em alguns dias da semana tinha uns programas de auditório. Era na quinta, no sábado e no domingo e participavam aquelas cantoras antigas: Marlene, Emilinha Borba, Linda Batista, Dalva de Oliveira. Esse pessoal cantava nestes programas e minha mãe era fã. Naquele tempo ela era mocinha e, como ela ouvia, a gente acabava ouvindo. Talvez isso que tenha desenvolvido, também, um pouco o gosto pela música. Aí vinha meu pai e mudava: colocava nas músicas caipiras. Eu ficava com raiva e peguei ojeriza da música caipira. Hoje eu gosto dela, mas não da sertaneja.

C: Você se lembra de alguns sons da sua infância que hoje você não escuta mais? Exemplo: o som do bonde.

E: Na infância da gente quase não existia som. Não tinham estes carros que fazem propaganda na rua, os carros eram muito poucos. O que quase não ouço mais, que naquele tempo eu ouvia mesmo, era o trem. Eu não morava perto, mas a uma distância pequena e, como não havia outros barulhos, conseguia ouvir o trem. Ele passava a cerca de trezentos metros de casa e descia. Então você ouvia quando ele descia, subia e também o seu apito. Outra coisa que eu escutava era o sino da igreja que tocava. Ele continua tocando hoje, mas a gente não ouve porque o resto cobre.

C: O que você acha do ambiente sonoro das cidades, hoje?

E: Muito barulhento, muito poluído.

C: Isso incomoda você?

E: Incomoda, incomoda sim.

C: Nesse emaranhado de sons que a gente ouve hoje, quais sons lhe agradam? Tem algum som que é agradável? Por quê?

E: [*O entrevistado pensa por alguns instantes.*] Olha, eu não sei se tem algum, porque as coisas ruins é que marcam mais. Quando passam os carros com som alto... Ontem mesmo passou um fazendo “tum, tum, tum” e fez disparar os alarmes dos carros que estavam parados. Você sente tremer o peito, o vidro da janela... Como eu gosto muito de ficção científica, falei que queria ter uma arma de raio gama para queimar o aparelho de som desse rapaz e ele aprenderia a não fazer mais isso. Daria uma descarga de raio gama e queimaria tudo, toda a parte elétrica do carro. Isso aí me irrita, mas “agradável” é meio difícil, viu? Difícil mesmo. [*O entrevistado fica mais um tempo em silêncio, mas não consegue se lembrar de nenhum som*

agradável.]

C: Por que você optou pela música como atividade? Você poderia ter escolhido pintura, dança ou qualquer outra atividade.

E: Eu já fiz desenho e pintura. Escolhi música porque chegou a hora. Por que digo que chegou a hora? Eu estudava, fiz ginásio, o curso normal. Quando estava terminando, uma colega disse que iria fazer um curso de desenho em Campinas. E, naquela época, no curso normal, os professores davam desenhos para fazermos em casa e ganhávamos nota. Certo dia o pessoal da sala viu meu caderno de desenho, gostou e começaram a me pedir para fazer os desenhos para eles. Fiz para um, depois outro pediu e aí comecei a fazer o caderno para uma boa parte da sala. Para fazer os desenhos deles eu tinha que estudar e fui pegando prática. O meu caderno ficava sempre o pior de todos porque eu deixava para fazer no final e acabava ficando feio. Mas, quando chegava nas provas, o professor chamava para desenhar na lousa: eu tinha prática porque tinha feito muitos desenhos. Tirava boa nota na prova, mas no caderno era o contrário. Com os meus colegas acontecia o inverso: tiravam boas notas no caderno e na prova, não. Então vim fazer um curso de desenho aqui em Campinas a duras penas, porque era difícil de vir. Fazendo esse curso na Escola de Desenho e Pintura de Campinas, lá fiquei sabendo de um concurso que iria acontecer. Prestei o concurso, entrei no serviço público, fui trabalhar. Trabalhei oito anos nesse serviço e aí uma colega minha disse que iria abrir concurso para trabalhar no banco e me convidou para fazer. Respondi que não, pois não gostava de trabalhar em banco, não iria de jeito nenhum, que só ia em banco para pegar dinheiro. Mas meus colegas me encheram tanto a paciência que para ficar livre deles fiz minha inscrição. E já que tinha feito a inscrição e pagado, resolvi ao menos tentar. Resultado: passei. Entrei no banco e fui trabalhar em Poços de Caldas. Fiquei dois anos lá e depois pedi transferência: saí para Campinas. Trabalhando em banco conseguia me manter. Eu estava cuidando da casa, pois meu pai já tinha falecido e nestas condições podia fazer uma faculdade. Como a Faculdade de Mogi Mirim já estava funcionando, resolvi estudar. Mas que curso fazer? Comecei a fazer Matemática, mas não era aquilo que queria, então mudei para Pedagogia. Nesse período que surgiu aquela história de ir para o seminário, mas para isso eu tinha que fazer Filosofia na PUC-Campinas. Como eu já estava trabalhando em Campinas, resolvi fazer e me formei. A fase do desenho que me propiciou tudo isso. Depois me aposentei, voltei para casa em Mogi e não precisei mais viajar todo dia para Campinas. Fiquei três anos colado, curtindo a minha mãe. Ao final dos três anos minha mãe faleceu: foram três anos que fiquei com ela. No ano em que ela faleceu fiquei sabendo do CEMULC. Então, por que optei por ele? Porque as coisas foram se encaixando. Amanhã, de repente, pode surgir uma outra coisa depois que eu terminar isso aqui, uma outra coisa que se encaixe e aí você vai me perguntar por que optei por aquilo? Não é que

eu optei, é que as coisas foram acontecendo. Se tivesse sabido do curso no ano anterior, eu não poderia ter feito, porque seria justamente no ano em que minha mãe ficou doente, internada no Hospital das Clínicas por três meses. Nesse período eu ia todo dia para São Paulo e não poderia fazer o curso.

C: Eu queria que você relatasse algum fato recente da sua vida que tenha relação com a música e que seja significativo para você.

E: [*O entrevistado fica algum tempo em silêncio e depois responde.*] Um fato importante que aconteceu comigo, relacionado com a música, foi no ano passado. Nos dois anos anteriores, primeiro e segundo anos do curso, não participei da missa de Corpus Christi. No ano passado eu resolvi participar e convidei umas colegas de Mogi para assistir. Elas aceitaram e nós viemos. A missa foi na estação da Fepasa porque o Centro de Convivência estava decorado por causa da Copa do Mundo e não poderia ser lá. As minhas colegas vieram participar e tiveram a oportunidade de conhecer o grupo e de ver a minha professora de canto cantar. Elas ficaram apaixonadas pelo trabalho e gostaram do resultado, que foi ver o grupo cantar na missa. Isso, para mim, foi muito importante. Eu falei: “Puxa vida, o pessoal gosta mesmo disso que a gente faz”. Eu me senti importante. A formatura foi realmente o fato que significou “eu chegar lá”. A missa não, a missa foi uma coisa que aconteceu e que [*sic*] poucas pessoas vieram, apenas duas, e puderam ver o resultado do trabalho.

***APÊNDICE D – Fotos da Missa de Corpus Christi
realizada em 25/6/2011***





